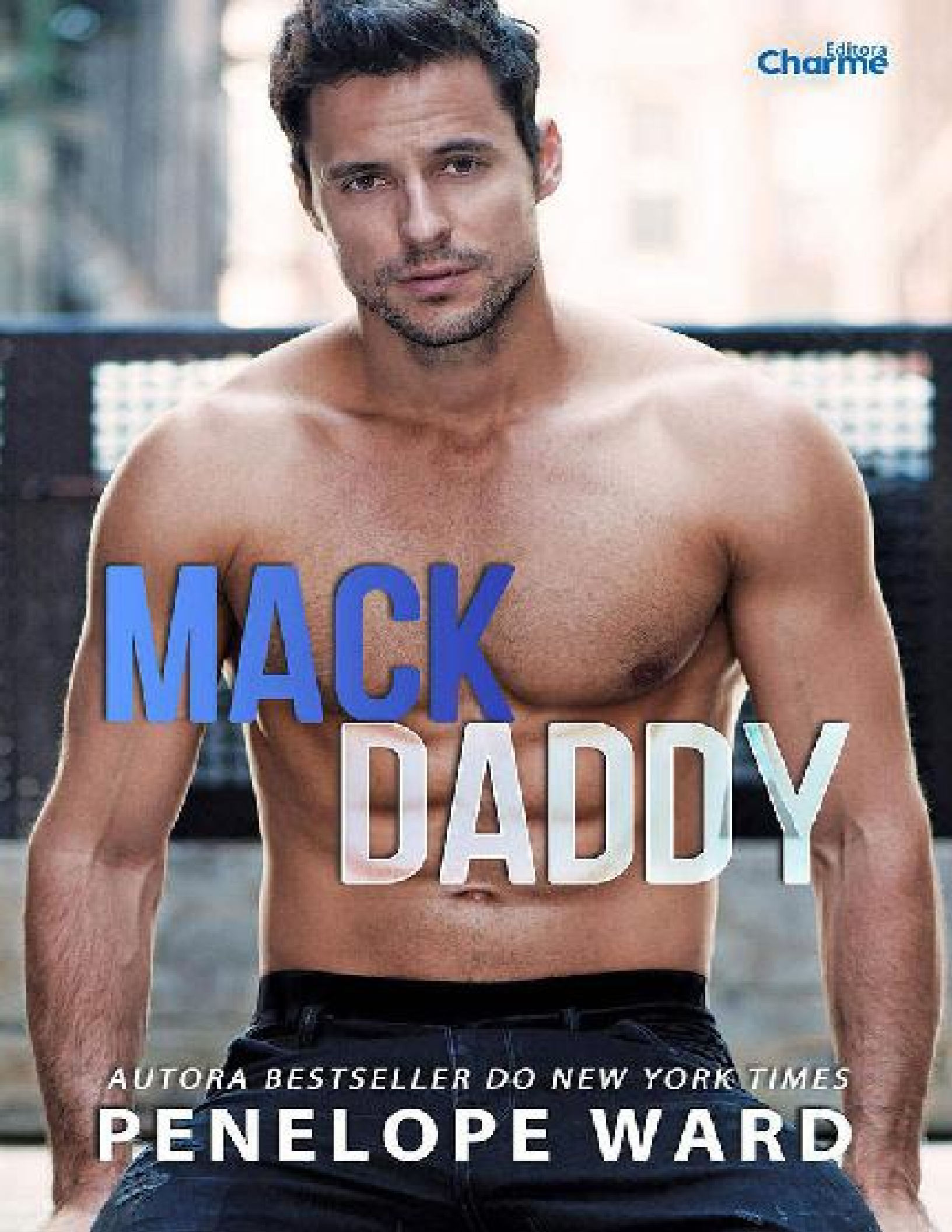


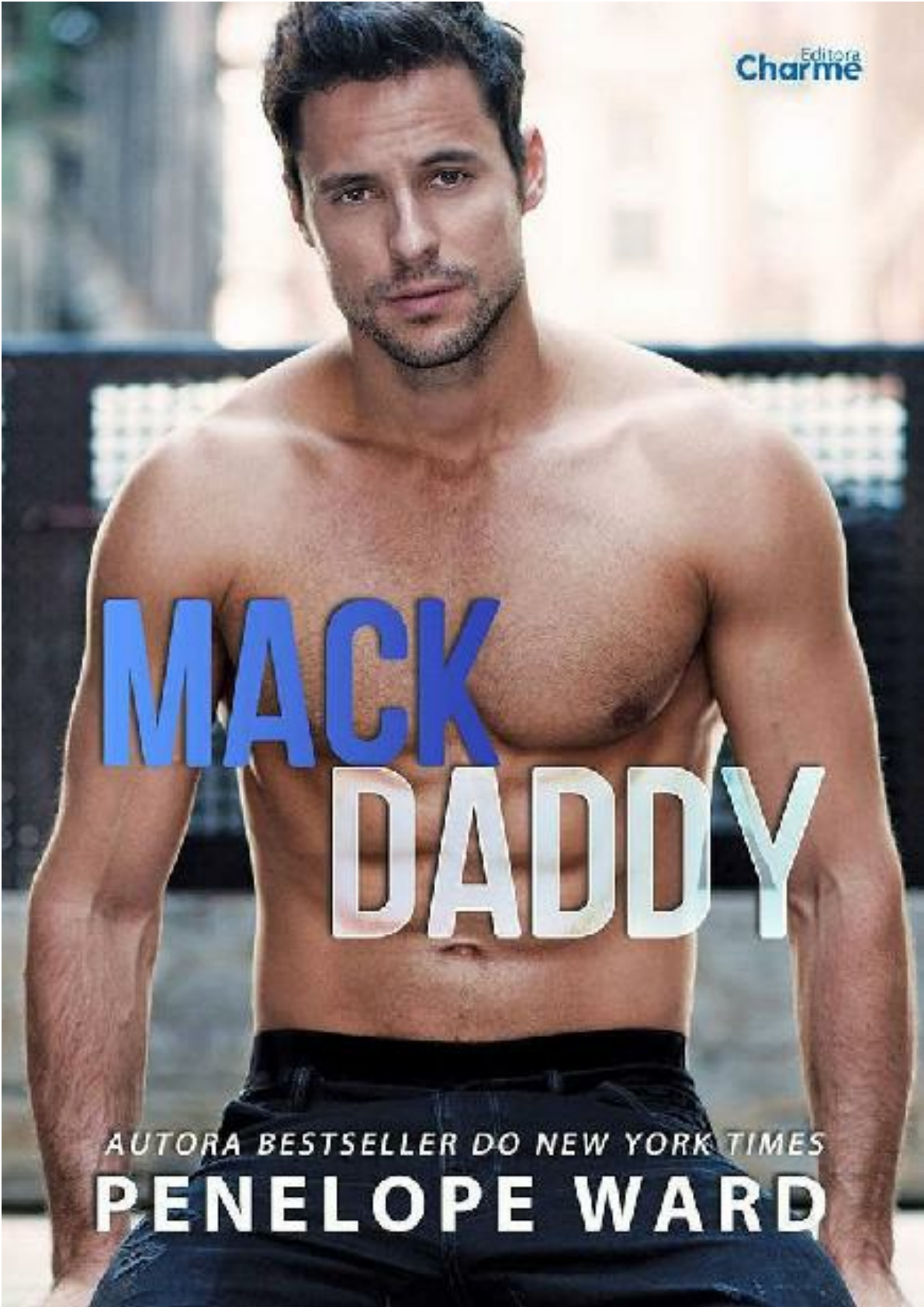


Editora
Charme

MACK DADDY

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPE WARD

The book cover features a shirtless, muscular man with dark hair and a light beard, looking directly at the camera. He is wearing dark jeans. The background is a blurred outdoor setting with a black fence and buildings. The title 'MACK DADDY' is prominently displayed in the center, with 'MACK' in blue and 'DADDY' in white. Below the title, the author's name 'PENELOPE WARD' is written in white, preceded by the text 'AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES'. In the top right corner, the publisher's logo 'Editores Charmé' is visible.

Editores
Charmé

MACK DADDY

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES
PENELOPE WARD



Copyright © 2017. Mack Daddy by Penelope Ward
Direitos adquiridos por intermédio de
Bookcase Literary Agency e Brower Literary & Management.
Os direitos morais do autor foram declarados.

Copyright © 2019 por Editora Charme
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópias, gravação ou outros métodos mecânicos ou eletrônicos, sem a permissão prévia por escrito da editora, exceto no caso de breves citações consubstanciadas em resenhas críticas e outros usos não comerciais permitido pela lei de direitos autorais.

Este livro é um trabalho de ficção.

Todos os nomes, personagens, locais e incidentes são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com pessoas reais, coisas, vivas ou mortas,
locais ou eventos é mera coincidência.

1ª Impressão 2019

Produção Editorial - Editora Charme

Modelo da capa - Anthony Gomez/anthonygomez.net

Designer da capa - Letitia Hasser, RBA Designs

Fotógrafo - Duc Nguyen/ducphotography.com

Adaptação da capa e Produção Gráfica - Verônica Góes

Tradução - Alline Salles

Revisão - Equipe Charme

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR

Bibliotecária: Priscila Gomes Cruz CRB-8/8207

W256m Ward, Penelope

Mack Daddy / Penelope Ward

Capa: Anthony Gomez; Tradutor: Alline Salles; Revisor: Equipe Charme;

– Campinas, SP: Editora Charme, 2019.

272 p. il.

ISBN: 978-85-68056-98-1

1. Ficção norte-americana | 2. Romance Estrangeiro

I. Ward, Penelope. II. Gomez, Anthony. III. Alline Salles. IV. Equipe Charme. V. Título.

1. Ficção norte-americana 2. Romance Estrangeiro

CDD 813

CDU 821.111(73)3



Francesca

— Você tem que dar uma olhada no PCQT na recepção — Lorelai sussurrou ao entrar na minha sala de aula. — O pai mais gostoso que já vi em cinco anos trabalhando aqui.

Eu a amava pra caramba, mas minha assistente era muito pervertida. Ela falava muito o termo “PCQT”, que significava *Pai com quem transaria*. Às vezes, eu me perguntava se ela estava ali para moldar a vida das crianças ensinando-as ou para influenciar a vida delas roubando o pai de alguém. Sem contar que aquela era para ser uma instituição rígida e religiosa. Padres e freiras sempre estavam perambulando pelos corredores, mas ela não dava a mínima.

— Tenho coisas melhores para fazer do que bajular homens casados hoje, Lor. Nenhuma dessas mesas está arrumada corretamente. Temos dez minutos até a abertura das portas.

Era o primeiro dia de aula na escola católica particular onde eu trabalhava como professora do primeiro ano. Localizada nos arredores de Boston, St. Matthews era uma instituição educacional exclusiva que recebia meninos e meninas de todo o estado se seus pais pudessem pagar vinte mil dólares por ano. Diferente de uma certa colega de trabalho, eu levava meu trabalho muito a sério.

Enquanto a maioria dos meus amigos professores abominavam o fim do verão, eu amava tudo relacionado ao primeiro dia de aula: o ar frio do outono, o cheiro de roupas novas, voltar à rotina.

— Sério, esse pai é um nível diferente de gostoso — Lorelai disse, empurrando as cadeiras na posição certa. — Sabe aquele cabelo perfeito que

algumas estrelas de cinema têm? Grosso, lustroso, brilhante em que você quer enfiar os dedos? Tipo o cara de *White Collar*. Qual é o nome dele?

Deslizando uma cadeira para o lugar correto, respondi:

— Matt Bomer.

— Isso! Esse tipo de cabelo. Esse cara não se parecia tanto com ele, mas tinha exatamente esse tipo de beleza. Alto, musculoso e cheirava bem. E tem um menininho fofo também. A criança usa óculos e tem cabelo enrolado. Pode até estar nesta classe, porque parece bem novo.

Ainda não tinha conhecido nenhum dos meus alunos novos. Tive que faltar em uma reunião por causa de uma viagem pré-programada para o casamento da minha mãe, em Antigua, e uma colega me substituiu. Então, me sentia mais excluída do que o normal.

Tentando fazer Lorelai se concentrar na tarefa do momento, pedi:

— Pode colocar esses pacotes de boas-vindas em todas as mesas, por favor?

Nada parecia estar saindo do jeito que eu queria hoje. Logo de cara, derramara tinta branca na minha saia preta ao arrumar os potinhos individuais em cada estação. Tive a brilhante ideia de começarmos o dia colocando as crianças para brincar com tinta e pintar um porta-retrato de um novo amigo. Pensei que seria um jeito legal de eles quebrarem o gelo e se conhecerem. Tudo isso aconteceria depois da oração matinal, claro, que era obrigatória ser a primeira atividade antes de o dia começar.

Quando abri as portas, os pais começaram a entrar com seus filhos. Demorei mais tempo do que o normal nas apresentações, já que não tivera a oportunidade de conhecê-los na reunião.

Saber das necessidades de cada aluno e conhecer suas personalidades demoraria um tempo, mas eu sempre estava ansiosa para me familiarizar com cada um o mais rápido possível.

Quando finalmente tive minha primeira chance de respirar depois de os pais e as crianças se dispersarem, estava prestes a ir até minha mesa para beber um rápido gole de água quando uma voz familiar pareceu vibrar nas minhas costas.

— Frankie.

Os pelos do meu pescoço se eriçaram, e meu corpo congelou. Essa voz

grave familiar me fez tremer inteira. Havia apenas uma pessoa no mundo todo que me chamava por esse apelido — um nome que não era proferido há anos.

Não havia explicação possível do porquê ele poderia estar ali. Ele morava em D.C., ou talvez fosse Virginia agora.

Ele não pode estar aqui.

Me preparei para o pior, me obrigando a virar e encará-lo.

Um ataque repentino de calor tomou meu rosto, e parecia que minhas pernas iam ceder.

Mack.

Não apenas era Mackenzie Morrison ali parado, mas ele estava mais maravilhoso ainda. Ele era tudo de que me lembrava, simplesmente magnífico. Seus músculos estavam mais definidos, e a barba por fazer salpicava em seu maxilar anguloso.

Seus olhos brilhantes estavam travados nos meus com um olhar determinado que me deixou um pouco incomodada. Claramente, esse reencontro não estava causando o mesmo efeito nele. Enquanto minha boca ficou adormecida, incapaz de formar palavras, ele parecia pronto para aquele momento.

— Parece que acabou de ver um fantasma.

— Você pode muito bem ser um — murmurei.

— Eu esperava essa reação.

— Jesus — sussurrei.

Não era para usarmos o nome do Senhor em vão ali. Mas não conseguia me lembrar nem do meu próprio nome no momento, que dirá de um dos Dez Mandamentos.

Optando por não olhá-lo nos olhos por mais tempo, mirei suas mãos enormes e as veias saltando delas. A lembrança de como era entrelaçar meus dedos com os deles estava clara em minha mente.

De repente, percebi que Mack era o PCQT a que Lorelai estava se referindo. Pela primeira e única vez, ela não estava exagerando sobre como alguém era incrivelmente bonito.

— Olhe para mim, Frankie. — Seu tom era exigente.

Quando não ouvi, ele repetiu:

— Olhe para mim.

Ergui a cabeça. Olhá-lo no rosto era realmente doloroso, provocando ataques de lembranças que eu preferia manter guardadas. Uma coisa era certeza: o homem adulto diante de mim era bem mais confiante do que o cara que vi com lágrimas nos olhos da última vez.

— Não entendo. Como isso é possível? O que está fazendo aqui na minha escola?

Ele se aproximou lentamente, fazendo minha pele aquecer.

— Nós moramos aqui agora... em Massachusetts.

Nós moramos aqui.

Quem seria “nós” exatamente?

Meu coração estava martelando no peito em um misto de medo e uma empolgação estranhamente desconcertante que eu não entendia muito bem.

As engrenagens estavam trabalhando em minha mente. Lembrei de olhar a lista de alunos e ver um Jonah Morrison. O sobrenome me fez surtar um pouco, mas nunca poderia ter imaginado, nem em um milhão de anos, que era o filho de Mack.

— Moses nunca me contou que você estava morando aqui em Boston.

— Eu sei. Disse a ele que eu que queria contar da mudança a você.

Dei um passinho para trás, chocada demais com a proximidade do seu corpo e a percepção de que ele ainda tinha o cheiro terroso fazia meu corpo ter a mesma reação de sempre.

Meus olhos se desviaram para o canto da sala, onde, com um processo de eliminação, identifiquei o filhinho de Mack.

O filho dele.

Oh, meu Deus.

Mack pareceu notar para onde eu estava olhando e me permitiu um instante para absorver tudo. Podia sentir que ele estava me observando olhar seu filho.

Jonah era meio magricela. Através dos seus óculos grossos, eu conseguia ver que ele tinha os olhos cor de mel do pai, mas o formato era mais parecido com os da mãe. Seus cachos cheios eram de um tom mais escuro do que o

castanho de Mack.

Meus olhos voltaram a encontrar os dele quando perguntei:

— Como seu filho veio parar na minha sala?

— Se te dissesse que foi uma coincidência, acreditaria em mim?

— Não.

— Bom, não foi — ele admitiu rápido.

— Por quê? Por que está fazendo isso? Por que não me avisou?

— Teria sido mais fácil?

— Não — sussurrei.

— Nós viemos à primeira reunião. Você não estava. Esperava que isso acontecesse depois, não no primeiro dia de aula.

Não sabia se com “nós” ele queria dizer ele e Jonah ou ele e a esposa. Ou era namorada? Será que ainda estavam juntos? Eu não fazia ideia.

Meu coração estava batendo ainda mais forte ao pensar em ter que conhecer a mãe de Jonah, Torrie.

— Cadê a mãe dele?

— Ela precisa estar no trabalho bem cedo. Eu vou pegá-lo e trazê-lo à escola todos os dias, já que trabalho em casa.

Era coisa demais. Comecei a me afastar.

— Você vai ter que me dar licença. Preciso falar com meus alunos.

As crianças estavam conversando entre elas, fazendo uma barulheira, e alheias ao que estava acontecendo entre Mack e mim.

Ele me seguiu de perto.

— Sei que é uma surpresa.

— Você acha? — ironizei, depois me virei para encará-lo de novo.

— Deixe-me só apresentar você a Jonah. Então vou embora.

Ele foi até o garoto, que estava sentado mexendo na lancheira. Embora não conhecesse Torrie pessoalmente, tinha visto fotos e sabia que ela era mulata, uma mistura linda de preto e branco. A pele de Jonah era de um tom bronzeado, misturando a cor de Torrie e Mack.

— Jonah, esta é sua professora, Frankie.

— Senhorita O’Hara — rapidamente o corrigi. — Francesca O’Hara. É

um prazer conhecê-lo, Jonah.

O garoto não me olhou nos olhos e começou a ficar inquieto.

Parecendo envergonhado com o comportamento do filho, Mack aumentou a voz.

— Jonah! Frankie está falando com você — ele disse, claramente ignorando meu pedido de ser apresentada mais formalmente.

O rosto do garoto ficou vermelho.

— Oi — ele finalmente falou, enquanto relutava a erguer a cabeça para me olhar.

— É ótimo conhecê-lo. Bem-vindo ao St. Matthew.

Na verdade, estou aterrorizada em conhecê-lo.

Mack era o único pai ainda na sala, e já estávamos atrasados na programação.

Os olhos de Lorelai estavam grudados em nós dois. Um sorriso presunçoso se abriu em seu rosto quando ela falou sem emitir som “PCQT”, como se eu não soubesse que ela se referia a Mack mais cedo. Então, seus olhos pousaram na bunda de Mack, depois ela me fez sinal de joia. Ele estava de costas para ela, então não percebeu nada.

Me direcionei a ela:

— Srta. Brown, pode liderar a oração matinal, por favor, enquanto acompanho o sr. Morrison?

— Claro. — Ela piscou e sinalizou um “Putá merda”.

Meu coração estava martelando conforme Mack me seguiu para fora.

Quando me virei para ele, vi que um olhar preocupado em sua expressão tinha substituído a confiança de antes.

— Então... meu filho... ele fica... ansioso... realmente nervoso com facilidade. Me preocupo com ele.

Deixei-o continuar.

— Você é a única que confio com ele, Frankie. A mãe dele trabalha o tempo todo. E eu não sei que porra estou fazendo, em geral. Sei que pode parecer que se passaram décadas da nossa proximidade, e sei que está confusa no momento. Sei que fodi com tudo entre a gente, mas nunca te esqueci. Nem um único dia. Quando Torrie foi transferida para Boston, eu

sabia que era um sinal. Moses me contou onde você estava dando aula e, quando descobri que era para o primeiro ano, entendi isso como o sinal *maior*. Fiz de tudo para conseguir colocá-lo nesta sala.

Soltando um suspiro trêmulo e comprido, apenas continuei olhando-o sem dizer nada.

Mack olhou em volta para garantir que ninguém estivesse nos observando, então prosseguiu:

— Sei que não podemos falar tudo que precisamos agora. Não é a hora nem o lugar. Minha intenção certamente não é te meter em encrenca. — Seus olhos baixaram para minha saia lápis preta, onde eu tinha derramado tinta branca mais cedo. Ele sorriu. — Vejo que ainda está derramando substâncias brancas suspeitas em si mesma.

Olhei para baixo, lembrando-me de como ele zombara de mim quanto à mesma coisa quando nos conhecemos. Meu rosto ficou quente.

— Vejo que foi um pouco menos bruto em sua terminologia agora. Deve ser a idade.

— Não, na verdade. Meu humor ainda é bem imaturo e grosseiro. Mas aqui não é exatamente o lugar para demonstrar isso.

— Não é, não. — Abri um sorriso relutante.

Ele deu uma piscadinha.

Era maravilhoso como um simples movimento de sua pálpebra poderia causar inúmeras coisas no meu corpo inteiro. Minha reação física a ele era certamente uma coisa que não tinha mudado nada. Eu não fazia ideia de como sobreviveria a este ano.

— Tenho que ir — anunciei.

Ignorando minha necessidade de ir, ele perguntou:

— O que aconteceu com seus óculos?

— Cirurgia a laser. Não preciso mais deles.

— Uau. Nunca pensei que teria coragem.

— É. Na verdade, foi bem tranquilo. Eu, ãh, percebi que os óculos de Jonah são bem grossos.

— Ele tem uma visão de merda igual você tinha, então precisa deles. Claro que não usa armações turquesa ou roxas como você usava. Mas, quando olho

para os óculos dele, lembro de você. — Mack sorriu. — Mas muitas coisas me lembram você.

Seu olhar de novo estava me deixando desconfortável, então me virei para abrir a porta, parando quando ele falou atrás de mim com uma voz grossa.

— Foi muito bom te rever, Frankie.



— Me conte sobre seu dia, querida — Victor falou de boca cheia.

Eu morava com meu namorado, Victor, no Beacon Hill de Boston. Seu sobrado de pedras tinha mais espaço do que sabíamos o que fazer com ele.

Vic era professor de Antropologia na Universidade de Boston, minha *alma mater*. Nos conhecemos dois anos antes por meio de amigos em comum da UB. Com dezessete anos a mais, ele era o único homem mais velho com quem já namorei. Cuidava bem de mim, me fazia sentir segura e me ajudava com qualquer coisa que eu precisasse. Olhando de fora, eu realmente vivia a vida perfeita.

Havia uma brisa leve de outono entrando pela janela conforme o sol se punha. Os barulhos baixos do trânsito da Cambridge Street eram os únicos sons. Olhei para cima, para a madeira escura que rodeava as prateleiras embutidas na parede da sala de jantar, e finalmente respondi sua pergunta.

— Sinceramente, me senti muito sobrecarregada hoje. Perder aquela reunião foi um erro. Eles me colocaram com vinte e seis crianças, e algumas delas têm necessidades bem significativas.

— Sinto muito. É bem injusto eles fazerem isso.

Victor pegou a couve-flor de sua mistura de vegetais e deu outra mordida. Ele sempre comia seus vegetais mistos um por vez.

— Bom, você sabe, cada aluno extra é mensalidade adicional para a escola. Mas eles não pagam mais aos professores pelo aumento de trabalho.

— Você sabe que não precisa se preocupar com dinheiro, certo? Então, não deixe isso te estressar.

— Eu sei. Não é isso. Só sei que será um ano desafiador.

Ele analisou minha expressão.

— Tem mais alguma coisa te incomodando.

Não podia contar a ele. Simplesmente não podia contar sobre Mack. Nunca havia mencionado Mack para Victor. Por que o faria? Estive tentando esquecer o que aconteceu, e fazia muitos anos, de qualquer forma. Apesar da vontade de desabafar “Oh, e o homem que partiu meu coração apareceu lá aleatoriamente”, escolhi continuar sem falar nisso.

— Tem um aluno com uma ansiedade bem significativa. Evita as outras crianças, em geral, e surta um pouco quando fica nervoso, tenta sair da sala.

Meu dia todo tinha sido consumido por minha observação obsessiva do filho de Mack. Já que suas necessidades não eram consideradas de desenvolvimento, ele não era qualificado para serviços especiais. A escola não era especializada em transtornos de ansiedade, nem eu, além da minha própria experiência lutando contra eles. Entendi, então, por que Mack sentiu que eu seria boa para Jonah. Ele tinha me visto sofrer com os mesmos problemas quando nos conhecemos.

Passei o restante do jantar silenciosamente obcecada. Ver Mack foi um choque, ainda assim, não conseguia parar de pensar nele.

Victor subira com um copo de conhaque para relaxar e corrigir uns trabalhos dos seus alunos, e eu planejava me juntar a ele para assistir ao jornal das onze mais tarde. Era a mesma rotina toda noite, na maioria das vezes.

Quando meu celular tocou às nove e meia, meu coração disparou. Ninguém costumava me ligar à noite durante a semana naquela hora. Apesar de não reconhecer o número, meu instinto me dizia que era ele.



Mack

— Alô?

Fechei os olhos ao som da sua voz, lutando contra o desejo que ela provocava em mim com cada restante de energia que tinha hoje.

— Frankie, é o Mack.

— Você não pode me ligar em casa assim.

Meu estômago afundou.

Ótimo. *Ela me odeia pra caralho.*

— Esse é seu celular, não é? Estava no e-mail que você enviou para os pais. Dizia para te ligar a qualquer hora, se precisássemos de você.

Eu preciso de você.

— Eu sei, mas... está tarde.

— Precisava ouvir sua voz, saber que não te assustei totalmente hoje.

Ela riu um pouco.

— Bom, desculpe, não posso falar isso, porque me assustou, sim.

— Eu sei. — Depois de um longo momento de silêncio, eu disse: — Não consigo parar de pensar em você.

Uau.

Volte um pouco.

Imediatamente me arrependi da admissão, complementando:

— Quero dizer... Deus, Frankie, ver você depois de todos esses anos. Para mim, foi como se o tempo não tivesse passado. Estou orgulhoso pra caramba de você. Sempre disse que queria ser professora. Conseguiu. O que faz todos

os dias é o trabalho mais difícil do mundo.

— Do que precisa exatamente em relação a Jonah, Mack?

Ai.

— Como ele foi hoje?

— Pareceu bem nervoso. Minha assistente o tirou da sala para uma breve caminhada quando ele ficou ansioso durante uma discussão em grupo. Mas aparentou estar mais calmo quando voltaram.

Eu ficava com os sentimentos à flor da pele quando se tratava do meu filho. Eu o amava muito, mas sua ansiedade não era algo com que eu lidava muito bem. Não era tão fácil quanto falar para ele parar com isso, com certeza.

— Quando ele era mais novo, não tinha nada. Lá pelos cinco anos, começou a ter ataques de pânico, ansiedade, tudo. Minha saída de casa também não ajudou a situação.

— Como assim? Não mora com ele?

— Não. Torrie e eu não estamos mais juntos.

Na sala dela hoje, eu tinha mencionado o fato de pegá-lo de manhã, mas ela não deve ter somado dois mais dois.

Ela não respondeu logo de cara. Ouvindo o som da sua respiração, deixei-a processar. Eu *sabia* que ela precisava processar a informação.

— Quando isso aconteceu?

— Há um ano, mais ou menos. Tentei ficar o máximo que pude por Jonah, mas nunca iria dar certo. Não foi uma decisão fácil, mas fui infeliz por muito tempo. Não consegui mais aguentar.

— Moses nunca mencionou nada.

— É, bom, ele e eu não tivemos muita chance de falar sobre isso. Ele sabe que estou de volta, mas não sabe todos os detalhes.

Moses Vasco era nosso único amigo em comum. Nós três já moramos juntos em um apartamento acima de uma galeria de lojas na Kenmore Square. Depois que fui embora, mantive contato com Moses, principalmente para conseguir informação sobre Frankie, mas ele e eu nunca fomos particularmente próximos.

— Onde está morando? — ela perguntou.

— Comprei uma casa em Framingham, bem na saída da Route Nine. Queria garantir que Jonah sentisse que tem uma casa de verdade quando está comigo, uma com jardim e um quarto bonito.

— Onde a mãe dele mora?

— Não muito longe da escola, em Newton. Ela viaja diariamente para Boston a trabalho. Jonah mora com ela durante a semana, mas fica com uma babá depois da escola, enquanto estou trabalhando. Trabalho em casa.

— Vou conhecê-la?

Pensar no fato de a minha ex e Frankie se conhecerem me assustava. Mas sabia que era inevitável.

— Ela está planejando te conhecer em breve.

— Ela sabe sobre nós?

— Não. Não faz ideia de que nos conhecemos.

— Ok. Prefiro assim.

— Claro. — Deitando a cabeça na cabeceira, suspirei e fiz a pergunta que estava me corroendo. — Está feliz, Frankie?

Depois de um tempo, ela respondeu:

— Estou.

— Me conte sobre o velho com quem você mora.

— Ele não é velho.

— Tem cinquenta anos?

— Quarenta e cinco.

— Velho o bastante. As bolas dele ainda estão em boa forma? O quanto estão penduradas?

— Ah, meu Deus!

Quase tinha me esquecido do quanto adorava deixá-la com vergonha.

— Quanto? — Eu estava rindo e aliviado por perceber que ela também estava.

— Vejo que ainda não tem tato.

— Vejo que ainda não consegue evitar se divertir com isso. — Soltei a respiração. — Sério, ele te trata bem?

— Sim. Me trata como ouro.

Por que ouvir isso machucava meu peito?

Queria que ela fosse feliz. Não deveria doer tanto ouvir isso.

— Que bom. É isso que você merece.

— Tem mais alguma coisa que gostaria de falar?

Ainda raspa sua boceta?

Tentando ignorar as besteiras dos meus pensamentos superexcitados, respondi:

— Na verdade, queria falar com você sobre ser voluntário. O que posso fazer para ajudar neste ano?

Assim está melhor.

— Bom, os pais às vezes vêm e leem um livro para a sala ou falam sobre seus empregos. Ensinam alguma coisa. Você pode escolher o que quiser.

— Que tal na próxima quarta?

— O que tem em mente?

— Gostaria de ler uma história. — Acabei de inventar isso. Mas pensaria em alguma coisa.

— Ok. Vou marcar para uma da tarde.

Ela tão formal comigo era estranho. Me aborrecia um pouco. Estava agindo como se não soubéssemos tudo que há para saber sobre o outro. Eu só queria virtualmente chacoalhá-la e dizer “Ei, lembra daquela vez que ficamos bêbados e você me implorou para te foder?”. Ao mesmo tempo, sua interpretação era um desafio a ser superado, um desafio que eu aceitaria de bom grado.

— Certo. Talvez te veja pela manhã, de qualquer forma, quando for deixá-lo — eu disse.

— Ok. — Depois de uma longa pausa, ela chamou: — Mack?

— Sim?

— Ele ficará bem. Vamos cuidar dele. Mesmo quando ele estiver tendo um dia ruim, faremos o nosso melhor para fazê-lo se sentir seguro.

— Obrigado, Frankie. Eu sabia que o fariam. Por isso estou aqui.

Por ele.

E por mim.

Por você.

Estou aqui por você.

Quero você na minha vida de novo.

Mesmo que tudo que me dê seja sua amizade.

Foda-se. Nunca será suficiente para mim.

Não com você.

Tinha tanta coisa que eu queria falar para ela, mas não consegui. Ela desligou sem dizer mais nada.

Embora a mudança para Boston tenha sido uma adaptação enorme para o meu filho, pela primeira vez, em anos, *eu tinha* me sentido eu mesmo de novo. Passara apenas alguns anos aqui nos meus vinte e poucos anos, mas foram os melhores da minha vida. Sentia que finalmente estava em casa de novo. Se ao menos não parecesse que meus sentimentos por Frankie estavam em uma maldita máquina do tempo... Não me senti diferente em relação a ela hoje do que quando saí do nosso apartamento em Kenmore Square e nunca mais olhei para trás.

Ela disse que estava feliz com aquele cara, mas eu conhecia Frankie. Ela me diria isso se não estivesse feliz. Eu precisava realmente saber que havia uma chance definitiva de não ficarmos juntos de novo. O único jeito de fazer isso era ganhar sua confiança novamente, mostrar-lhe que tipo de homem eu era agora, desde que virei pai de Jonah. Ser amigo dela. Então, ela me contaria a verdade. Eu só não sabia se conseguiria suportar. Não sabia se conseguiria aguentar voltar a ser apenas amigo se ela acabasse se casando com o cara.

Eu a amava

Ela apenas nunca soube disso.



— Oi, sra. Migillicutty! — cumprimentei, acenando enquanto rolava meu tambor de lixo pela calçada.

Minha vizinha era uma viúva de oitenta anos que morava sozinha há cinquenta anos. Ela tinha passado a maior parte do mês anterior tentando me convencer a me encontrar com sua neta divorciada, apesar da minha recusa

repetida às suas propostas para ajudar a nos unir.

— Mack, por que não vem comer um bolo de rum italiano?

— Obrigado, mas é melhor eu voltar ao trabalho.

— Venha. Você trabalha em casa. É seu próprio chefe. Dê um tempo a si mesmo e venha comer a porra do bolo.

Rindo, cedi.

— Bom, ok, então. Acho que sempre há tempo para bolo.

Eu a segui para dentro da casa, cuja decoração era toda moderna.

— Posso guardar um pedaço para Jonah para quando ele vier no fim de semana. Não tem tanto rum nele.

— Ele adoraria. Obrigado.

Não consegui evitar o breve pensamento de que um pouco de rum poderia fazer bem para o humor do meu filho.

— Como ele está se adaptando à nova escola?

— Quando pergunto, ele fala que teve um dia bom, mas não me contaria se não tivesse sido.

— Cada dia será um pouco melhor.

— Obrigado. Espero que sim.

— No que você trabalha mesmo?

— Sou analista de inteligência de negócios.

— Parece chique.

— É. Bom, é só um jeito chique de descrever alguém que reúne dados. Me permite que eu não tenha que trabalhar em um escritório e, já que trabalho para mim mesmo, posso estar presente quando meu filho precisa. A mãe dele tem um tipo diferente de trabalho. Ela viaja muito. Então, é mais importante, para mim, ter flexibilidade para ele nunca ter ambos os pais ausentes de uma vez.

— O que ela faz?

— Antes de nos mudarmos para cá, ela era consultora política em D.C. Começou trabalhando como assessora do meu pai.

— Quem é o seu pai?

— Michael Morrison, o senador de Virginia.

— Uau.

A última coisa que eu queria era falar sobre o meu pai.

— Não vamos começar a falar dele — pedi. — Enfim, Torrie meio que subiu de nível ao longo dos anos e acabou de ser recrutada por uma firma de advocacia e assuntos públicos em Boston, e foi por isso que nos mudamos.

— Uau. Vocês são espertos.

— Não muito. Pode parecer que somos, mas não. Estamos longe disso. Cometemos muitos erros — falei, brincando com o chantilly do meu bolo.

— O que há de errado, Mack?

Sua pergunta me pegou de surpresa.

— O que quer dizer?

— Parece que tem alguma coisa te preocupando.

— Por que diz isso?

— Tenho essa sensação.

— Não é nada, sra. M.

Ela soltou o garfo, que bateu na mesa.

— Eu tenho tempo, Mack. Parece que tenho algo melhor para fazer? Sou muito mais barata do que um terapeuta. Não tenho ninguém para quem contar seus segredos. Aproveite-se de mim. O Senhor sabe que, se eu fosse mais jovem, essas palavras poderiam significar outra coisa. Mas sou velha o bastante para ser sua avó. — Deslizando um copo de leite na minha direção, ela disse: — Posso ouvir um pouco de drama.

Ela estava me fazendo rir.

— Tudo bem. Está pronta para um bom?

— Manda.

Você que pediu.

— Estou apaixonado pela professora do meu filho.

— Já? Você é rápido.

— Não é como você está pensando. É muito mais complicado.

— Me conte. Eu aguento.

— Frankie era minha colega de quarto quando estávamos na faculdade em Boston há muitos anos. Eu fazia mestrado em Ciências Políticas. Ela estava

na graduação para ser professora. Temos um longo histórico.

— Você já traçou ela.

Joguei a cabeça para trás, rindo.

Ela pareceu surpresa com minha reação à sua franqueza.

— O que foi?

— Só não espero que certas coisas saiam da sua boca.

— Assim? — Ela levou a mão à boca, tirou os dentes e gargalhou.

Dei mais risada ainda.

Essa mulher era uma figura.

Ela colocou a dentadura de volta e disse:

— Olha... Tenho netos e TV a cabo. Conheço as gírias.

Enxuguei as lágrimas de risos dos meus olhos e respondi:

— Entendi.

— Então, você traçou a professora do seu filho.

— Na realidade, não.

— Não?

— Não.

— Fomos apenas amigos por bastante tempo. Então as coisas começaram a mudar gradativamente. Nunca esperei que fosse para a frente o que aconteceu entre nós. Mas nunca chegou a esse ponto com Frankie.

— Por que não?

— Essa é uma história para outro dia, sra. M.

— Talvez com rum de verdade em vez de bolo de rum?

Dando uma garfada grande no meu bolo, respondi:

— Sem dúvida.



Francesca

Eu não estava conseguindo me concentrar. Mack viria naquela tarde para ler para a classe, e isso estava me impedindo de focar.

Os alunos estavam fazendo uns trabalhos de Matemática, e eu olhei para Jonah, que tinha terminado antes de todo mundo. Era típico; ele era uma das crianças mais inteligentes da sala. Sua ansiedade social certamente não atrapalhava seu progresso acadêmico.

Fui até ele.

— Seu pai te disse que virá hoje, certo?

— Disse.

— Vai ser divertido. — Sorri.

Ele deu de ombros.

— Isso te deixa nervoso?

Ele assentiu, afirmando.

— Não fique.

Bem raramente, Jonah dizia algo sem perguntar, então fiquei surpresa quando ele falou:

— Ele vai me envergonhar.

Dei risada internamente com o fato de eu estar esperando que ele ficasse calmo quanto à vinda de Mack, quando eu mesma estava uma pilha de nervos — por motivos totalmente diferentes, claro.

A batida firme na porta me fez pular.

Mack sorriu e acenou pela janela estreita da porta da sala de aula.

Lorelai ficou inquieta quando o viu, o que me fez revirar os olhos para ela.

Hora do show.

Quando o deixei entrar, o sorriso amplo que se abriu em seu rosto trouxe um sentimento repentino de nostalgia. Tanta coisa tinha mudado em nossas vidas, mas os sentimentos intensos que me esmurravam quando olhava para ele eram praticamente os mesmos. Só que também estavam misturados com tristeza agora.

— Desculpe por chegar alguns minutos atrasado. Peguei o trânsito da hora do almoço na Route Nine.

— Está tudo bem.

— Não está, não — ele insistiu.

Seus olhos se demoraram em mim e, de repente, eu estava de volta à faculdade, olhando nos olhos do primeiro cara que quebrou minhas barreiras, que me deixou confortável com meu corpo, e depois partiu meu coração. Mack ainda tinha a capacidade de tirar meu fôlego. Eu tinha sentido falta de olhar naqueles olhos cor de mel lindos que eram um misto de verde, dourado e caramelo com bordas castanhas. Precisei desviar o olhar porque senti que ele não seria o primeiro a desviar.

Aquele seria o ano mais longo da minha vida.

Voltando a atenção para os alunos, pigarreei.

— Classe, este é o sr. Morrison, pai de Jonah. Ele vai ler para nós hoje.

Sabendo que Jonah estava envergonhado, Mack sorriu timidamente para o filho.

— Oi, Jonah.

O garoto simplesmente ficou vermelho, mas não disse nada.

— O que vai ler? — perguntei.

— É uma história para crianças que eu mesmo escrevi, na verdade.

— Não sabia que escrevia livros infantis.

— Nem eu, até a semana passada. — Ele deu uma piscadinha.

O quê?

Mack se sentou na cadeira que eu tinha colocado no meio de um tapete redondo. As crianças se amontoaram no chão em volta dele. Lorelai sorriu para mim. Ela ainda não sabia nada sobre nós; só o achava gostoso.

— Então, hoje, vou contar para vocês uma historinha que eu mesmo escrevi e illustrei. O nome é *Frankie Quatro Olhos e a varinha mágica*.

Parei de respirar por um instante.

Frankie Quatro Olhos.

Ótimo.

Ele tinha me transformado em um personagem de livro.

Mack começou.

— Era uma vez, uma menininha chamada Frankie Jane, mas as pessoas a chamavam de Frankie Quatro Olhos por causa dos seus gigantescos óculos roxos.

Pude ouvir risadinhas por toda a sala enquanto eu começava a suar frio. Claro que as crianças não tinham noção de que era baseado em mim.

Mack continuou.

— Frankie tinha medo de outras pessoas e se escondia atrás dos óculos com frequência. Certa noite, ela decidiu caminhar no escuro sem suas lupas.

— O que são lupas? — uma das meninas interrompeu.

— Lupa é tipo um óculos. Só outra palavra para eles. — Ele voltou a ler. — Mas Frankie era cega como um morcego. Não conseguia ver nada. Na escuridão da noite, era ainda pior. De repente, um estranho cruzou seu caminho. Primeiro, ela ficou com medo do homem. Quando ele viu o quanto estava assustada, garantiu a ela que não era perigoso. Até ofereceu sua varinha para protegê-la.

Varinha. Só uma vez me lembrava de Mack ter usado esse termo. Essa história soava estranhamente familiar — vagamente como nosso primeiro encontro. Me ocorreu que essa era sua versão dela — uma apropriada para crianças. *Tenho que admitir, Mack. Muito esperto.* Não consegui evitar rir de mim mesma.

— O homem disse que a varinha era mágica e falou que tinha o poder de protegê-la de tudo que tivesse medo. A única coisa era que... ela precisava segurá-la e não podia soltar quando sentisse que precisava dela.

Ele olhou para mim. Meu rosto deve ter ficado vermelho. Balancei a cabeça para ele.

Parecendo se divertir, ele continuou contando a história.

— Frankie acreditou na história do homem e, depois daquele dia, carregou a varinha para cima e para baixo para quase todo lugar que ia. Quer dizer, até ela ver o homem de novo à luz do dia, vendendo as varinhas na esquina da rua por praticamente um centavo a dúzia. Foi então que ela percebeu que sua varinha não era nada mágica. Tudo tinha sido uma ilusão. Frankie percebeu que nunca precisou de nada para se proteger, além de um novo ponto de vista. Ela acreditou em algo, portanto, aconteceu.

Uau.

Mack virou a página.

— Frankie foi até o homem e lhe devolveu a varinha. Ela não estava brava. Só não a queria mais. No mínimo, estava grata. Ele tinha lhe dado um presente: a percepção de que ela não precisava de nada além da sua própria força interior para ser a pessoa que queria ser. Agora Frankie entendia o poder que seus pensamentos exerciam sobre ela. A magia não vinha da varinha. Estava dentro dela o tempo todo. Fim.

De certa forma, eu queria bater nele, mas, sinceramente, foi brilhante. Ele tinha misturado pedacinhos da nossa história com a situação de Jonah. E as crianças, que estavam aplaudindo, adoraram a história e as ilustrações engraçadas que ele tinha feito com giz de cera. Não eram tão ruins, embora ele tenha me feito parecer um pouco com Peg, de *Peg e o gato*.

Mack passou os minutos seguintes respondendo algumas perguntas e interagindo com as crianças sobre o significado da história. Jonah permaneceu quieto o tempo inteiro, mas parecia calmo, em geral.

Quando acabou seu tempo, Mack fechou o livro e veio até mim.

— Foi *muito* interessante — eu disse. — Tenho que te dar os créditos. Varinha? Bem esperto.

— Gostou, não é? — Ele sorriu maliciosamente. — Bom, pensei que pudesse me divertir um pouco também com você enquanto estivesse aqui. As crianças não perceberam a diferença, de qualquer forma. Gostaram da história. Pelo menos, acho que gostaram.

— Gostaram sim. Quanto tempo você demorou para criá-la?

— Praticamente a semana inteira. — Ele deu risada.

— Você não trabalha? — brinquei.

— Trabalho, mas encontro tempo para coisas que são importantes para

mim.

— Me provocar de maneira enigmática é importante para você?

— No geral, a mensagem foi positiva. Ninguém sabe que você é a minha Frankie.

Sua Frankie.

— Seu filho sabe que você me chama assim.

— É verdade, mas ele não conhece a história. Nunca perguntou sobre ela.

Mack estava me olhando de forma intensa. Eu precisava tirá-lo dali antes que ele conseguisse enxergar o efeito que estava causando em mim. Estava muito sexy em seus jeans e com uma blusa justa de malha que abraçava seu peito. Cheirava muito bem também. Acho que era exatamente a mesma mistura de colônia e sabonete da qual eu me lembrava. O que quer que fosse emitia os mesmos feromônios que sempre conseguiram me deixar totalmente maluca. Fazia muito tempo que eu não sentia esse tipo de atração física por alguém.

— Bom, obrigada por vir.

Parecendo ignorar minha deixa de que ele deveria partir, continuou encarando meus olhos com aquele olhar determinado e disse:

— Tome um café comigo alguma tarde desta semana.

— Não sei se é uma boa ideia, Mack.

— Por quê?

— Não sei muito bem.

— Sei que está com uma pessoa. Não estou pedindo um encontro. Só quero conversar com você cara a cara... sem crianças por perto.

Eu queria dizer sim, mas as palavras simplesmente não saíam. Havia motivos demais para ser uma má ideia sair com ele, mesmo que fosse apenas para um café.

— Não sei. É que parece inapropriado.

— Você está fazendo parecer que é. Seria apenas um café. Talvez um cookie, se quiser. — Ele deu uma piscadinha.

Lá estava de novo. Aquele calafrio idiota que me percorria toda vez que ele piscava.

Me encolhi quando ele esticou o braço para tirar uma mecha de cabelo dos

meus olhos. Só o toque simples do seu dedo em minha testa fez minha pulsação aumentar.

— Só um café, Frankie. Tivemos um início estranho, e sinto que te devo mais do que uma explicação sobre como chegamos aqui.

Por mais que eu sentisse que era errado me encontrar com ele, uma parte de mim não conseguiu resistir.

— Quando?

— Você que sabe.

— Na quinta às quatro. No Gourmet Bean, em Chestnut Hill — disse rapidamente antes de poder mudar de ideia.

Ele estava sorrindo.

— Estarei lá.

Depois que concordei, Mack foi até Jonah e bagunçou o cabelo do filho antes de se despedir. Jonah não pareceu gostar, embora tivesse ouvido a história de Mack sem precisar sair correndo da sala, e eu estava muito orgulhosa dele por isso.

Mais tarde, assim que os alunos foram embora, Lorelai se aproximou enquanto eu guardava tudo para ir embora.

Ela cruzou os braços.

— Pode desembuchar. Agora mesmo.

— O quê?

— O que está havendo entre você e o Papai Mack? Eu estava observando vocês dois interagirem. Quase tive um orgasmo.

— O que disse? Papai Mack?

— É. Papai Mack. É assim que todos o chamam por aqui. Não sabia disso?

— Acho que combina.

— Todas as mães falam dele na hora de deixar os filhos. Tem umas que parecem querer enfiar as unhas indecentes de gel nele, inclusive eu, para ser sincera. Só a voz dele já me faz gozar. Juro, se tivesse um daqueles gravadores que jornalistas usam, eu o teria gravado lendo e tocaria à noite. — Ela inclinou a cabeça, examinando minha expressão. — Isso te incomoda.

Balançando a cabeça, desdenhando, eu disse:

— Não incomoda, não.

— Incomoda, sim. Você está escondendo alguma coisa. — Ela apertou os olhos. — Está saindo com ele?

— Não.

— Mas tem alguma coisa acontecendo. Vocês se conhecem.

— Sim.

— Eu sabia! Você costumava sair com ele?

— Éramos colegas de quarto há alguns anos.

— Você transou com ele.

— Não.

— Droga. Não? Sério?

— Sério.

— É uma pena. Mas aconteceu alguma coisa...

— Nosso relacionamento era muito complexo. Quando nos conhecemos, não poderíamos ser mais o oposto um do outro.

— Mas você sabe o que dizem sobre opostos? — Ela deu um sorriso largo, mostrando os dentes.

— Que se atraem?

— Que têm um sexo incrível. E com ele... aposto que teria sido mais do que incrível.

— É. Tenho certeza de que teria.

— Bom, como já falei, eu não saberia. E você precisa baixar a voz.

— Acho que está mentindo sobre não ter feito sexo.

— Por quê?

— Porque seu rosto está completamente vermelho agora, Francesca. Você parece culpada.

— Te falei, temos uma história. Mas não foi exatamente como um conto de fadas.

— Então, não se importaria se eu desse em cima dele? Porque acho que ele é bem gostoso e gentil, e soube que não está mais com a mãe.

— Não me importo com o que você faz — menti, apesar da queimação com o ciúme desesperado. Parecia que eu estava em pânico.

— Ótimo. Agora seu olho está tremendo. Você é muito mentirosa.

— Só foi estressante revê-lo. O que quer que eu diga?

— Quero saber o que aconteceu. Era apaixonada por ele?

Me sentei e coloquei as mãos na testa.

— Pensei que fosse. Mas não importa, porque ele não me amava. E, sinceramente, eu deveria ser madura o suficiente agora para aceitar vê-lo de novo. Estou muito irritada comigo mesma. Pensei que tivesse feito um bom trabalho ao longo dos anos para virar essa página, mas os sentimentos voltaram com tudo. Sem contar que estou em um relacionamento sério.

— Talvez você tenha pensado que virou a página, mas pode ser que estivesse só bloqueando tudo.

— Você não está ajudando, Lor.

Lorelai deu alguns passos na minha direção.

— Todos temos essa pessoa. Não é necessariamente a pessoa com quem acabamos juntos. Mas é essa pessoa que, por algum motivo, te envolve e permanece ali. Você pode virar a página, mas partes dela sempre estarão com você. Às vezes, se as coisas nunca tiveram uma chance de evoluir, se os sentimentos ainda não estão resolvidos, essa pessoa se torna uma força ainda mais poderosa em sua vida, mesmo ausente.

— Então está dizendo que, porque Mack e eu temos assuntos não resolvidos, não consigo esquecê-lo?

— Sim. Assuntos não resolvidos entre duas pessoas que estão claramente atraídas uma pela outra é como um caso eterno de dor nas bolas.

— Ah, as coisas que se aprende dentro das paredes de uma escola religiosa.

— Vai me contar a história ou não?

— Agora?

— Bom, está quase na hora do happy hour naquele bar da Brookline.

Depois de hoje, com certeza eu precisava de uma bebida.

Peguei minha bolsa.

— Que se dane. Vamos.

— Não fale assim. É uma escola católica — Lorelai zombou.



Francesca

Passado

— Não sabe o quanto isso significa para mim. Tem certeza de que seu colega de quarto não vai se importar de eu ficar com vocês?

— Não. Falei com Mack sobre isso. Ele aceitou tudo. Precisávamos de mais uma pessoa, de qualquer forma. Nos poupou do trabalho de ter que anunciar o quarto on-line.

Moses me mostrou o apartamento de três quartos. Pela janela que dava para a rua, eu conseguia ver o letreiro famoso da empresa CITGO ao longe.

Ele e eu estudávamos na Universidade de Boston, que era no fim da Commonwealth Avenue. Moses era um frequentador assíduo do centro acadêmico. Como eu trabalhava em uma das lojas de celular perto dali, acabamos nos conhecendo.

Estávamos batendo um papo e, quando contei a ele que meu senhorio ia me expulsar do pequeno apartamento que eu estava alugando, Moses me ofereceu um quarto vazio no apartamento que dividia com outro cara.

— Este é o seu quarto.

Olhei o espaço amplo com paredes bordô.

— É legal, maior do que eu esperava.

Estava vazio, exceto por uma luminária acesa no canto.

— Luminária legal.

— É, Pat deixou isso aí. Acho que combina com você.

— Até que combina. Como um desastre quente. — Me sentei na cama e

me balancei no colchão usado. — É bastante espaço mesmo para a cidade.

— É. Você deu sorte. É o quarto maior. Nenhum de nós estava a fim de sair do quarto que estava para mudar para esse quando Pat saiu.

— Não sabe como estou grata.

— Vai ser legal ter outra nerd por aqui.

Na verdade, Moses e eu éramos muito parecidos. Nós dois usávamos óculos e gostávamos de quadrinhos, tecnologia e livros de ficção científica, entre outras coisas. Definitivamente, tínhamos muitos interesses em comum. Ele também era uma das poucas pessoas que sabiam sobre minha ansiedade social e tendências a TOC. Isso contribuiu para como nos conhecemos.

Moses tinha sido um dos visitantes azarados da loja em um dia em que um dos novos celulares da Apple foi lançado. Foi minha primeira vez lidando com aquela quantidade de pessoas, e meio que surtei depois que meu colega de trabalho foi embora. Moses salvou o dia, fingindo ser um funcionário, e assumiu a função enquanto eu me acalmava no estoque.

Quando estava fechando naquela noite, ele veio até mim e basicamente desabafou que era gay. Admitiu ter se sentido seguro para me contar porque percebera que não tinha como eu julgá-lo depois da merda que tinha acabado de passar. Foi o dia em que nos tornamos amigos.

— Então, como Mack é? Esse é o nome verdadeiro dele?

— É abreviação de Mackenzie. Mas ele atende por Mack.

— Ele é legal?

— Vai achá-lo intimidador — Moses disse com naturalidade.

— Ótimo. Por que diz isso? Ele é babaca?

— Pode ser, dependendo do humor dele. Às vezes, é legal. Mas, na maior parte do tempo, ele é só... um colírio para os olhos. E sabe disso.

— Quer dizer que ele é gostoso?

— Isso. — Ele soltou a respiração. — Lindo pra caralho.

Merda.

Vou ficar parecendo uma boba.

— Ele sabe que você gosta... dessas coisas? — perguntei.

— Se sabe que sou gay? — Moses deu risada. — Não sei. Não falamos sobre essas merdas, mas tenho quase certeza de que me flagrou olhando para

ele uma vez quando tirou o pau para mijar na minha frente.

— Isso é ruim. Quero dizer... que você foi pego olhando.

Moses deu uma piscadinha.

— Mas valeu a pena.

Senhor.

— Ele é aluno? O que faz?

— O pai dele é um político de Virginia. Mack está no mestrado na Boston College... em Ciências Políticas. Está fazendo um tipo de estágio remunerado na State House. Tem uma namorada em D.C., e volta para lá com frequência, umas duas vezes por mês.

— Entendo.

— Não fica muito aqui, o que eu gosto. Faz parecer que moro sozinho.

— Como acabou morando com ele?

— Por anúncio na internet.

— Claro.

Moses pegou suas chaves.

— Preciso correr.

O pânico se instalou.

— Aonde vai? Vai me deixar sozinha?

— Você mora aqui, Francesca.

— Eu sei, mas e se Mack voltar para casa?

— E daí se Mack voltar para casa?

— Não quero me apresentar sozinha para ele. E se achar que sou uma intrusa? Ele ao menos sabe que estou me mudando hoje?

— Sabe. Conteí hoje de manhã. Você vai ficar bem.

Massageando as têmporas, sussurrei:

— Jesus.

— Francesca... não surte enquanto eu estiver fora.

— Vou tentar.

Apesar das garantias de Moses, me escondi no meu quarto pelo resto da noite. Até onde eu sabia, Mack nem tinha voltado para casa, ou, pelo menos,

não se incomodou em se apresentar para mim.

Era de madrugada. Eu realmente tinha que fazer xixi, mas não estava a fim de sair do meu quarto. Me levantando da cama, me obriguei a ir para o corredor. Sem os óculos, não conseguia enxergar muita coisa. O corredor estava mais escuro do que eu esperava.

Depois de ir tateando o caminho até o banheiro, me sentei no vaso sanitário e respirei aliviada. Quando se tenta não acordar ninguém enquanto faz xixi, você precisa soltar o jato na velocidade certa para não tinir alto quando acertar a água. Descobri que, se fizesse mais força, o jato de urina acertaria a água de forma mais silenciosa do que um lento e alto. O único problema desse método era que sempre tinha risco de flatulência. Descobri, do jeito mais difícil, quando soltei um pum inesperado.

Foi alto.

Congelei. Ainda ficou tudo quieto, e rezei para ter conseguido controlar — para ninguém ter me ouvido peidar. Me limpei e optei por não abrir a torneira, então não lavei as mãos.

De volta ao corredor, comecei a voltar para o quarto, tateando a parede e uns móveis pelo caminho do apartamento, que estava um breu.

O som de algo se aproximando me assustou.

Então, o que pareceu o tronco duro de um homem bateu em mim.

Perdi o equilíbrio e segurei em algo para ficar em pé.

— Porra. Solta meu pau!

Foi quando percebi que tinha segurado *nele* para me apoiar e, inadvertidamente, segurado em seu pau nu.

Tirei a mão rapidamente.

— Oh, meu Deus. Desculpe! — eu disse, me endireitando.

— Você está bem?

— Estou. Não me machuquei.

— Não, você está bem da cabeça? Sempre vai segurando nas coisas das pessoas assim?

— Não! Não. Está escuro, e sou quase cega sem os óculos. Não consigo te enxergar.

— Parece uma desculpa esfarrapada, para mim.

Ainda não conseguia identificar seu rosto quando balbuciei de novo.

— Eu... eu sinto muito mesmo.

Antes de ele poder responder, corri na direção do meu quarto, tropeçando em alguma coisa até finalmente entrar e bater a porta.



Na manhã seguinte, pensei no quanto conseguiria me safar ficando no meu quarto até ser obrigada a sair.

Moses tinha checado como eu estava antes de ir para a aula, e fingi estar dormindo. Provavelmente ele não sabia o que tinha acontecido entre Mack e mim na noite anterior.

Fiquei me mexendo e me revirando a noite inteira, sem conseguir tirar isso da cabeça.

Nem tinha conhecido meu colega de quarto, mas tinha encostado no pau dele. Nem encostado — minha mão o envolveu com toda a força!

Me lembrei de como pareceu vivo, grosso e quente na minha mão. Eu já tinha encostado em outros pênis. Não era virgem nem nada. Tinha dormido com apenas dois caras, massageado alguns paus na vida, mas, sinceramente, podia dizer que nunca tinha sentido um *daquele* jeito. Parecia um braço, pelo amor de Deus.

Oh, nossa.

O pensamento de encará-lo era insuportável. Meu coração estava a mil por hora.

O relógio mostrava nove e meia. Eu ia perder minha aula, que era a dois pontos de ônibus na Commonwealth Avenue. Realmente precisava me levantar.

Com relutância, forçando meu corpo a sair da cama, esfreguei os olhos cansados e fui em busca dos meus óculos com armação roxa. Me vesti e fui para a cozinha.

A casa estava totalmente em silêncio. Eu não fazia ideia se ele já tinha saído. Com sorte, talvez ele já tivesse saído para trabalhar ou estudar.

Depois de devorar um iogurte que encontrara na geladeira, vi que havia um pouco de café feito, então resolvi tomar. Bem quando estava colocando-o

em uma caneca, a porta da cozinha se abriu de repente. Assustada, de alguma forma a garrafa escorregou das minhas mãos e se estilhaçou no chão. Espalhou vidro por toda parte.

— Merda!

— Deus, você é um desastre ambulante! — Pude ouvi-lo falar atrás de mim.

— Vou pagar por isso — disse, sem me virar para olhá-lo. — Você me assustou, me fez soltar a garrafa.

— Não sei. Ontem à noite, pareceu que você conseguia segurar bem as coisas — zombou.

Oh.

Não.

Só quero morrer.

Não posso acreditar que ele disse isso!

Me virei lentamente para encará-lo.

— Você tinha que tocar nesse... — Hesitei quando vi o rosto lindo por trás da voz... e seu corpo esguio, musculoso e alto. Meu coração começou a bater mais rápido.

Moses tinha dito que Mack era bonito, mas meu corpo inteiro realmente ficou tenso ao perceber que ele era *muito* bonito.

Pigarreei.

— Você tinha que tocar nesse assunto de novo? Foi um acidente.

Ali bem diante de mim, provavelmente ele era o cara mais atraente que eu já tinha visto tão de perto. Na vida de Francesca O'Hara, não existiam caras assim, a menos que eles estivessem estampados em uma sacola de compras de Abercrombie e Fitch.

Seu cabelo castanho lustroso estava bagunçado do travesseiro e levemente chegando às orelhas. De seus olhos cor de mel até a barba por fazer no queixo, seu rosto era simplesmente lindo. Seus músculos eram esculpidos, mas não de forma exagerada e inchada. Ele era alto — impressionante. Era perfeito pra caramba — o tipo perfeito de outdoor de Nova York — e eu estava ferrada.

Mack estava me encarando com intensidade, provavelmente percebendo

minha intensa admiração. Sua expressão era mais de diversão do que brava.

— Esses seus óculos são bem estilosos.

— Eu te disse. Sou cega igual a um morcego. Não estava com eles quando me levantei para usar o banheiro ontem à noite. Então, não percebi... você sabe... quando... — Me perdi nas palavras.

— Praticamente me masturbou?

Meu estômago revirou.

— Oh, meu Deus — murmurei.

— Francesca, acalme-se. Só estou brincando com você. — Ele olhou para o vidro quebrado, depois de volta para mim.

Após um instante de silêncio, eu disse:

— Sinto muito. Não sou muito boa com isso.

— Não é muito boa com o quê?

— Com humanos.

Foi a primeira coisa que me veio à mente. Embora soasse estranho, era tecnicamente verdade.

De repente, ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Não é boa com humanos? Você é uma macaca ou algo assim? — Ele me olhou de cima a baixo, e isso me provocou arrepios. — Estou vendo que não é peluda.

— Não sou boa com novas pessoas e novas situações — esclareci. — Me mudar para cá já foi bem difícil, e aí fui com tudo com o pé errado...

— Então você *foi com tudo* ontem à noite?

— Não quis dizer esse tipo de *ir com tudo*. — Olhando para cima, para o lustre, sussurrei para mim mesma. — Quero morrer agora.

— De novo... Só estou brincando! Jesus Cristo, você está ficando cheia de manchas no pescoço e no peito.

Por que ele estava olhando para o meu peito?

— É urticária. Tenho isso quando fico nervosa.

— Talvez seja melhor se acalmar. Estresse não faz bem à sua saúde.

Nem homens gostosos e sem camisa cuja boxer fica um pouco aparecendo acima da calça.

Mack se agachou e começou a pegar, em silêncio, os pedacinhos quebrados da garrafa. Observei seus músculos do abdome se flexionarem conforme ele se mexia. Então pegou uma pá de lixo e uma vassoura de baixo da pia. Só fiquei ali observando tudo como uma idiota.

— Obrigada por fazer isso. Não precisava.

— Bom, precisava, se não quisesse pisar descalço em estilhaços de vidro depois.

— Eu sei. Mas eu poderia ter feito.

Ele me ignorou e continuou limpando tudo. Não parou até cada pedaço sumir.

Depois de guardar tudo, levantou-se e disse:

— Vamos nos apresentar de novo, de forma que não envolva você segurando meu pau nem sofrendo um ataque nervoso. — Ele estendeu a mão.

— Mackenzie Morrison. Mas me chame de Mack.

Aceitei seu aperto de mão. Outro calafrio percorreu minhas costas pelo contato. Minha mente pode ter ficado aterrorizada em interagir com ele, mas meu corpo estava vivenciando uma excitação indesejável pelo simples toque da sua mão firme, o que, infelizmente, me lembrou de outra coisa que era firme e quente. Me encolhi ao pensar na noite anterior.

— Francesca O'Hara.

— Por que não é boa com humanos, Francesca?

— Sempre sofri um pouco de ansiedade social.

Ele ergueu a sobrancelha, como se me desafiasse.

— Um pouco?

— Bastante. É algo que é da minha natureza.

— Não nascemos com medo. Deve ter acontecido alguma coisa com você no caminho.

— Nada que eu consiga identificar.

— É filha única?

— Sou.

— Isso não pode ter ajudado. Irmãos teriam te moldado, não teriam deixado você continuar com essa merda. Controles e equilíbrios.

— Você tem... tem irmão?

— Uma irmã... Michaela.

— Michaela e Mackenzie? Soa legal.

— Ou irritante, dependendo do ponto de vista. Costumo concordar com o último. Meus pais são pessoas bem vaidosas. Meu pai é Michael, por isso Michaela, e o nome de solteira da minha mãe é Mackenzie.

— Entendi. O que Mackenzie significa?

— Como assim?

— Tipo, qual é o significado do seu nome?

— Eu te disse. Era o nome de solteira da minha mãe.

— Não. Todo nome tem um *significado*. Pode procurar. O que encontra é assustadoramente preciso, às vezes.

— Tenho quase certeza de que isso é bobagem. — Ele pegou seu celular.
— Mas vamos ver o seu.

— Mística é um — eu disse. — Para Francesca.

Ele assentiu.

— É. Aqui fala mística. Mas também fala, ouça isso, excêntrica e solitária.
— Ele deu risada. — Puta merda. Isso é bem engraçado. Mal te conheço, mas parece combinar com você. — Olhando de novo para a tela, ele adicionou: — Também diz criativa e filosófica.

— É. Acho que está certo. Olhe o seu.

Depois de digitar seu nome, ele estreitou os olhos, confuso.

— Mackenzie significa deleitante. Que porra isso quer dizer?

Pude sentir meu rosto esquentar.

— Deleitante quer dizer...

— O quê?

— Agradável de se olhar. Mas é tipicamente associado à mulher.

Sorrindo, ele perguntou:

— Sou agradável? — Ele deve ter notado meu rosto ficando cada vez mais vermelho. — Jesus. Não precisa responder.

Limpei o suor da testa.

— O que mais diz aí?

— Diz que outro significado é “filho de homem justo”. Já fui chamado de filho de alguma coisa, mas nunca disso. — Ele soltou o celular. — Então, srta. Solitária, já morou com mais gente?

— Não. Esta é a primeira vez. Eu estava morando sozinha em um apartamento pequeno na Beacon Street, em Brookline, perto do Coolidge Corner. Era no porão da casa de um cara.

Ele fez careta.

— Parece bizarro.

— Era meio bizarro, mas ninguém nunca me incomodou.

— O que aconteceu? Como acabou vindo para cá?

— O lugar foi hipotecado, e tiveram que me expulsar. Moses mencionou que vocês perderam uma colega de quarto. Então, foi assim. Não é realmente minha primeira opção ter colegas de quarto. Prefiro morar sozinha.

— Não me diga — ele disse, sarcástico. — Sente que é alérgica a outras pessoas ou algo assim?

— Acho que sim.

Ele se sentou em uma das cadeiras da cozinha e cruzou os pés um em cima do outro.

— Bom, sou alérgico a besteiras. E não existe esse tipo de alergia que acha que tem. Só é tímida, talvez um pouco insegura. É simples assim. Há apenas uma cura para essa merda, que é mandar um “foda-se” e parar de se importar com o que os outros pensam. Não dê a mínima, foda-se. Foda-se e não se contenha. Mande tudo se foder até não ter mais nada para ser fodido. — Ele parou, erguendo o dedo indicador e rindo. — Essa última parte não soou bem.

— Entendi o que quis dizer. É que é mais fácil falar do que fazer.

— Bom, sabe que não podemos morar juntos se tiver urticária sempre que eu estiver por perto.

— Vou me acostumar. Sei que acha que sou esquisitona.

— Quem disse isso?

— É óbvio que está pensando isso.

— Estaria disposto a apostar que você não faz ideia do que realmente estou pensando agora. Quer saber a verdade?

— Qual?

— É revigorante conhecer alguém que não é cheio de si. Estou rodeado por pessoas o dia todo que não dão a mínima para o que outros pensam delas. Também sou uma dessas pessoas. Então, no outro extremo... não somos melhores do que os outros. Mas sua situação é bem mais estressante no dia a dia.

— É verdade. Eu faria tudo para não me importar com o que as pessoas pensam.

Ele semicerrou os olhos e pareceu analisar minha expressão.

— Vou fazer um trato com você, Frankie.

Do que ele acabou de me chamar?

— Frankie?

— É. Você não tem cara de Francesca. Para mim, tem cara de Frankie.

— O que ia falar?

— Vou fazer um trato com você. Sou um bundão, certo?

— Ok...

— Você é uma bichana assustada.

— Sou uma bichana...

— Vou roçar meu bundão em você se roçar sua bichana em mim.

Meus olhos se arregalaram.

— Vai roçar seu bundão em mim?

— Não literalmente. Já encostou bastante em minhas partes *realmente* privadas para durar um ano.

Sorri, abafando uma risada.

— Oh, merda. Isso é um sorriso?

— Talvez.

— Ok. Deixe-me esclarecer. O que quero dizer é que... se eu te flagrar agindo com nervosismo, vou chamar sua atenção, lembrá-la de que não é necessário. Se me flagrar agindo como um babaca... igual quando gritei com você ontem à noite depois de ter tentado, sem querer, usar meu pênis como uma varinha... você chama minha atenção. Pode fazer isso?

— Acho que sim.

— Certo. E, nesse meio-tempo, apenas tentamos coexistir sem encostar acidentalmente na genitália um do outro, sem quebrar utensílios domésticos ou ficar toda empelotada.

— Não posso fazer nada quanto à urticária. É uma reação natural ao meu nervosismo.

— Mas pode ajustar o nervosismo aprendendo a não se importar.

— Ok. Vou tentar.

Ele deu risada.

— Não acredito em você.

— Não pode simplesmente desfazer anos de um hábito do dia para a noite.

— Verdade. — Ele olhou em meus olhos e, de repente, ficou desconfortável de novo. — Por que os óculos?

— Te disse que sou quase cega.

— É, mas por que não faz cirurgia a laser?

— Pensei nisso, mas tenho medo de estragarem tudo e eu ficar cega.

— Já não é praticamente cega? Diria que o risco vale a pena. Não que tenha algo errado com seus óculos, mas tenho a impressão de que se esconde atrás deles. Estou certo?

Apesar de eu nunca ter realmente pensado assim, havia certa razão nisso. Sempre tive uma sensação de conforto com os óculos. Se os olhos eram a janela para a alma de alguém, então os óculos eram um miniescudo.

Olhei para o relógio.

— Merda!

— O que foi?

— Perdi minha aula das dez e meia. Quando chegar lá, já terá passado metade.

— Então falte. Faço isso o tempo todo.

— Não tenho escolha agora. — Suspirei. Um instante de silêncio se seguiu até eu tentar descobrir mais dele. — Moses disse que você faz mestrado em Ciências Políticas.

— Faço. É a única coisa que meu pai pagaria.

— Por quê?

— Meu pai é Michael Morrison, o senador de Virginia. Está me criando para seguir seus passos.

— Planeja seguir?

— Aqui entre nós, ele pensa que planejo, mas a verdade é que não sei que porra estou fazendo. Senti que precisava ficar longe de casa por um tempo, então aproveitei a oportunidade que ele me deu quando entrei no programa da Boston College. — Ele puxou um banquinho e fez com a cabeça para eu me sentar. — Qual é a sua formação?

— Educação Fundamental.

Ele ergueu a sobrancelha.

— Educação?

— É. Por que fala assim?

— Você é alérgica a pessoas, e está estudando para ir para uma área em que ficará à frente de um monte de catarrentos o dia todo?

— Na verdade, crianças não me assustam.

— Sério? Elas assustam até a *mim*.

— É. Não sei mesmo por que elas não me incomodam. Acho que é porque acho que não vão me julgar. Ainda não foram contaminadas com falsas expectativas e falsos ideais.

— Acho que é um bom argumento.

Olhei para o relógio de novo e de volta para ele.

— Não tem que ir a nenhum lugar?

— Está tentando se livrar de mim para poder voltar a ser hermitã? — Ele deu uma piscadinha, e juro que senti entre minhas pernas.

— Só estou perguntando.

— Tenho que ir, sim, para a aula daqui a pouco, aí sairei do seu pé. Mais alguma pergunta que queira me fazer?

— Por que estava andando pela casa nu de madrugada, aliás? O que aconteceu poderia ter sido evitado se simplesmente estivesse vestido.

— Sou alérgico a roupas igual você é alérgica a pessoas.

— Duvido muito disso.

— Na verdade, é porque durmo melhor nu. Deveria tentar algum dia. Só

vista algo antes de sair do quarto, porque sua bunda nua poderia acabar perambulando pelas ruas, já que é cegueta. — Ele olhou para o meu peito. — Você tem uma substância branca misteriosa que se parece muito com gozo na camisa, aliás.

Ótimo.

Olhei para baixo. Aparentemente, tinha tomado o iogurte tão rápido que derramara um pouco.

— É iogurte.

Ele deu risada.

— Eu sei. Só estou tentando te irritar, já que é tão fácil fazer isso. É só... que parece muito deleitante. — Ele bufou.

Nós dois demos risada agora.

Por mais nervosa que ele estivesse me deixando, havia uma parte crescente de mim que estava se aquecendo por esse cara. Era uma contradição esquisita me sentir nervosa e confortável ao mesmo tempo. Acho que a ideia dele era bem mais intimidadora do que a pessoa real.

Me levantei, abri a geladeira e vi uma caixa cheia de ovos.

— De quem são esses ovos?

— Pertencem a Moses. Nada aí é meu. Nunca como aqui.

— Por que não?

— Não cozinho.

— Sua mãe sempre fez tudo para você?

— Isso é mais ou menos piada. Meus pais eram ocupados demais para jantares familiares. Acho que nem minha mãe já cozinhou algo. Mas eu tinha babás bem legais.

— Que droga.

— Não quero parecer ingrato.

— Pelo menos você tinha seus dois pais.

Mack inclinou a cabeça para o lado.

— Você não?

— Não.

— Alguém morreu?

Não quero mesmo falar disso.

— Não... bom... não sei. É possível. Nunca conheci meu pai. Ele abandonou minha mãe quando descobriu que estava grávida de mim. Eram adolescentes.

Sua expressão ficou sombria.

— Oh. Sinto muito. Que droga.

— Bom, não se pode perder algo que nunca teve, certo? Não conheço outra coisa, como é ter um pai.

— Acho que tem razão.

O silêncio preencheu o ar conforme Mack apenas continuou olhando para mim. Não desviou o olhar.

Finalmente falei.

— Comería alguns ovos se eu fizesse?

— Nossa, claro. Estou faminto.

— Acha que Moses se importaria?

— Vá fundo. Se ele ficar bravo, deixo-o tocar meu abdome.

— Então... você sabe que ele é...

— Gay. Sei. Descobri bem rápido. Foi o jeito que ele estava me observando mijar um dia. A porra das pupilas dele estavam dilatando, não paravam de olhar para minha virilha.

Não consegui evitar rir.

— Oh, meu Deus.

— Não me importo. Ele é gente boa.

— É mesmo. — O fato de eu não estar mais surtando perto de Mack não passou despercebido por mim. Ele realmente era bem fácil de conversar. — Como gosta dos seus ovos?

— Bem duros. — Ele tinha um sorrisinho no rosto ao falar isso.

— Tem uma piada sexual aí em algum lugar?

— Deixe-me pensar. — Ele coçou o queixo. — Bem duro... meio que igual à sua mão ontem à noite.

— Você é nojento.

— Você que perguntou.

Suspirei.

— Bom, gosto dos meus bem moles. Vou fazer o seu primeiro. Ovos duros para uma bunda dura.

— Bem moles. Eu te chamaria de mole, mas não acho que seja. Teria que gostar das pessoas para deixá-las chegarem perto. — Ele deu uma piscadinha.

Quando o vi olhando o celular com um sorrisinho, perguntei:

— O que está fazendo?

— Estou procurando o significado de Frankie.

— O que diz?

Pareceu que Mack estava contendo uma risada ao dizer:

— Solta vento durante a noite.

Ele estava me irritando completamente. Tinha me ouvido soltar pum! Eu queria morrer.

— Você ouviu?

— Ouvi. Foi o que me acordou. — Ele sorriu. — Não importa. Todos soltamos. Talvez não tão robusto como o seu. — Ele olhou para o celular. — Humm.

— O quê?

— Sincera. Diz aqui que Frankie significa *sincera*.

— O que acha disso?

— É assustador, na verdade.

— Como assim?

— Acho que, se tivesse uma palavra para escolher para descrevê-la com base na primeira impressão, seria essa. Você é um pouco diferente, mas se aceita como é. Tipo como nem tentou fingir que não foi você que peidou. Poderia ter culpado Moses ou negado. Mas não é da sua natureza. O que vê é o que tem. É muitas coisas, mas o fundamental é que é sincera. Viu... eu sabia que o nome Frankie combinava com você.

Mack acabou devorando seus ovos. Foi a primeira de muitas aulas matinais que eu faltava “sem querer” a fim de tomar café com ele.

E ele nunca se referiu a mim por meu nome de verdade de novo.



Mack

Ela estava atrasada. Era isso ou eu estava levando um bolo.

Era minha segunda xícara de café, e a cafeína estava começando a me deixar inquieto. Não estava tão nervoso, mas mais energizado e determinado.

Quando Frankie finalmente passou pela porta do Gourmet Bean, meu coração começou a bater mais rápido conforme me levantei para cumprimentá-la.

Ela desenrolou seu cachecol e, então, se sentou na cadeira diante de mim. Demorei um pouco observando-a, então me sentei.

Porra, ela estava linda.

A estática do frio lá fora fez alguns cabelinhos ruivos dela ficarem esticados no ar. Seu nariz rechonchudo também estava vermelho. Ela era linda, ainda a mesma Frankie, apesar de tudo que tinha acontecido. Uma dor começou no meu peito porque havia tanto que eu queria falar.

— Desculpe pelo atraso. Me empolguei conversando com o diretor depois da aula.

— Tudo bem. Só estava meditando.

Ruminando. É a mesma coisa.

— O que vai querer? — perguntei.

— Ah, só vou tomar um café. Vou lá pedir.

Ergui a mão.

— Eu insisto. Fique aqui. Relaxe. Você teve um dia longo. Ainda gosta de avelã com creme extra?

— Sim. — Seu sorriso foi hesitante. — Estou surpresa por você se lembrar.

Me lembro de muitas coisas que você provavelmente desejaria que eu esquecesse.

— Já volto.

Na fila, eu me virava de vez em quando para vê-la. Ela estava de costas para mim, mas eu podia ver que estava esfregando as mãos, nervosa. Detestava o fato de ela estar desconfortável, detestava a ideia de ela estar com receio disso.

Quando voltei à mesa com o café, ela o pegou, mas ficou olhando para a xícara fumegante. Eu não conseguia mais aguentar.

— Olhe para mim, Frankie.

— Sobre o que quer falar, Mack? — Seu tom foi ríspido.

— Tenho que explicar mais sobre o motivo de estar aqui... no seu ambiente.

— Está aqui por Jonah. Achou que eu seria boa para ele. Já disse isso.

— Não, Frankie. Não é só isso.

— Então o que é?

Respirei lentamente para tomar coragem, porque jurei não ser covarde.

— Nunca parei de pensar em você. Todos esses anos parece que foram um borrão. Olho para você sentada diante de mim agora, e estou sentindo as mesmas coisas que sentia quando estávamos juntos.

— Nunca ficamos juntos.

Ouvi-la dizer isso me fez vacilar um pouco, porque não era possível que ela negasse o que tivemos.

— Até parece que não ficamos juntos. Nunca transamos, talvez, mas ficamos conectados de todas as outras maneiras que duas pessoas podem ficar. Não pode negar isso. Eu te magoei. Sei disso. Mas, lá no fundo, sei que entende por que o fiz.

— Não me magoou menos quando partiu.

— Deus, não acha que sei disso? — Eu tinha erguido um pouco demais a voz, o que me deixou consciente do esforço para aliviar o tom quando perguntei: — Esse cara com quem você... qual é o nome dele?

— Victor.

— Ele cuida bem de você?

— Sim.

— Você o ama?

— Sim.

— Você o ama mesmo ou se sente segura com ele porque é mais velho e meio que um...

— Não diga isso.

— Bom, eu *tenho* que dizer. Você tem um complexo de pai, Frankie. Está vivendo com um homem velho o suficiente para ser seu pai porque tem questões de abandono.

— Não me lembro do meu pai me abandonando. — Ela ergueu a voz. — Mas *me lembro*, no entanto, claramente, do dia que você partiu.

Suas palavras pareceram cortar minha garganta. Mas ela tinha razão. Pela primeira vez desde que entrei em contato novamente, ela conseguiu me silenciar. Também foi a primeira vez que percebi o quanto minha partida a magoou.

Ela deve ter sentido o que eu estava pensando quando disse:

— Desculpe, Mack. Fui injusta. Não deveria ter dito isso. É que é bem difícil para mim.

— Sei que é. Por isso estou tentando falar com você. Não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós. Sinto sua falta. Não se passou um dia em que não pensei no que você estaria fazendo, no que estaria pensando e se me odiava ou não por ter partido. Quando a maioria das pessoas fala essas coisas, é um exagero. No meu caso, não é. Todo santo dia, Frankie.

— Presumi que nunca mais nos veríamos. Sua volta virou meu mundo de cabeça para baixo.

Ouvir a dor em sua voz me fez respirar fundo antes de tentar explicar as coisas para ela.

— Quando Torrie aceitou o emprego em Boston... Saber que eu poderia me mudar para perto de você de novo... fazer com que conhecesse meu filho... pareceu um presente. Tudo simplesmente se encaixou. Senti que o oxigênio tinha retornado ao meu corpo pela primeira vez em anos. Foi uma

oportunidade que não poderia deixar passar. Sei que o que fiz, colocando-o em sua sala, foi extremo.

— Você acha? — ela perguntou, sarcástica.

— Só quero te conhecer de novo, Frankie. Quero que *ele* te conheça. Juro por Deus, não quis virar seu mundo de cabeça para baixo. Se estiver feliz, juro, pela vida do meu filho, que isso *me* deixa feliz. Só não quero que passe mais um dia me odiando por partir.

— Não te odeio, Mack. Posso ter ficado chateada por um bom tempo, mas nunca te odiei.

Era um alívio ouvi-la dizer isso, porque era o que eu sempre tinha imaginado.

Estiquei o braço e segurei a mão dela. Não me importava se era uma atitude ousada. Precisava encostar nela. Então, movi sua mão e a coloquei sobre o meu coração.

— Está sentindo isso? — perguntei. — Sinta como está batendo rápido por você agora. Toda vez que me permito pensar em você, bate desse jeito. E não sei como impedir.

Ela manteve a mão ali por, pelo menos, um minuto. Meu coração continuou batendo ainda mais rápido em sua mão quanto mais ela a mantinha ali.

— O que devo fazer quanto a isso? — ela sussurrou.

Só havia uma resposta.

— Apenas acredite no que estou lhe dizendo.

Ela ficou em silêncio e, em certo momento, afastou a mão. Eu sabia que ela ainda nutria sentimentos por mim, mas também sabia que não conseguiria convencê-la com palavras a me dar uma segunda chance. Teria que ser feito com atitudes. E iria levar tempo. Mas nada era garantido.

— Não vim bagunçar sua vida, mas você perguntou por que estou aqui. Esta é a resposta honesta: estou aqui por você, Frankie. Para terminar o que comecei anos atrás. Se sinceramente o ama, então juro que vou aceitar. Vou tentar seguir em frente. Mas, até me olhar nos olhos e me dizer que não há chance, vou ter esperança.

— Não sei o que dizer.

— Não tem que dizer nada. Só beba seu café comigo. Converse comigo. Seja minha amiga de novo, mesmo que não seja mais nada. Vamos viver um instante de cada vez.

Respirando fundo, ela assentiu.

— Ok.

Pareceu que um peso enorme saiu de mim quando ela concordou.

Apesar do início tenso do nosso encontro no café, o resto do tempo foi bem sem estresse. Frankie me atualizou do progresso com Jonah na sala de aula, e eu lhe contei sobre meu emprego. Até conseguimos rir um pouco e relembrar velhas histórias. Também fizemos planos para eu me voluntariar para ir às aulas de novo em breve, já que a última vez parece ter sido um grande sucesso. O encontro que tinha começado como um desastre emotivo terminou bem tranquilo.

Em certo momento, ela foi embora para casa, para o namorado, levando uma parte ainda maior do meu coração com ela desta vez.



No domingo seguinte, eu estava levando Jonah de volta para a mãe depois do fim de semana na minha casa. Como sempre, ele tinha ficado bem quieto durante sua estada comigo, querendo ficar em casa e brincar com novos aplicativos que eu instalara em seu tablet.

Eu o tinha obrigado a sair para comer e ler comigo à noite, mas ele nunca parecia totalmente feliz com algo. Não queria convidar amigos para ir em casa, e isso dificultava ainda mais para ocupar seu tempo.

Eu me via cedendo a ele cada vez mais ultimamente para compensar o fato de não estar com ele todos os dias. Entre a minha partida e a nossa mudança de estado, foi muita coisa para ele suportar.

Parecia que não importava o quanto sempre achei que eu fosse uma pessoa confiante, quando se tratava do meu filho, me sentia perdido com frequência, como se não soubesse merda nenhuma e não conseguisse fazer nada certo.

Estávamos dirigindo pela Route Nine quando percebi que ele estava bem carrancudo conforme olhava pela janela no banco de trás.

— Jonah... está tudo bem? Não está ansioso para ver sua mãe?

Como era típico dele, quando eu perguntava qualquer coisa sobre seus sentimentos, ele apenas dava de ombros.

Olhando-o pelo espelho retrovisor, eu disse:

— Bom, sei que ela está com saudade de você. Sempre fica.

Meu peito ficou apertado durante o resto do caminho. Meu filho era uma criança bem mais sensível do que eu fui. Embora meus pais não tenham tido o melhor casamento e raramente estivessem presentes com minha irmã e eu, de alguma forma, eu simplesmente aceitava. Jonah precisava de mais, na verdade, merecia mais. Queria lhe dar uma infância melhor do que a que eu tive. Ultimamente, parecia que eu falhava miseravelmente nisso, apesar de estar me descabelando para fazê-lo feliz.

Quando chegamos à casa de tijolinhos de Torrie, vi um segundo carro na entrada.

Quando ela abriu a porta, pude sentir cheiro de vinho em sua respiração quando ela disse:

— Era para você chegar daqui a uma meia hora ainda.

— Bom, Jonah deixou o carregador do Kindle aqui. Me perguntou se podíamos vir um pouco mais cedo. Tem algum problema?

— Não, claro que não. Por que teria?

Conforme Jonah subiu correndo as escadas para seu quarto, vi um cara alto com barba. Ele estava parado no canto, segurando uma cerveja.

— Quem é esse? — perguntei ao continuar encarando-o.

Ele se aproximou de mim, estendendo a mão, que não apertei.

— Sou Gerard Lockhart. É um prazer conhecê-lo.

— Gerard trabalha comigo.

— Entendi. — Balancei a cabeça para trás na direção da porta da frente.

— Posso conversar com você lá fora um minutinho?

Ela me seguiu e perguntou:

— O que foi?

— O que está fazendo trazendo homens estranhos para perto do meu filho?

— Não pode opinar em quem convido para a *minha* casa.

— Ele não está emocionalmente pronto para ter outros homens por perto.

Ainda está superando o fato de eu não morar com ele.

— De quem é a culpa? Um dia, quando ele perguntar por que não estamos juntos, vou falar a verdade para ele, que você disse que não me amava, que nunca me amou. Não me culpe por tudo isso. Não me culpe por tentar encontrar alguém que me dê o que você nunca deu. É culpa sua estarmos aqui, e você precisa aceitar. Foi você quem partiu.

Porra. Para ser sincero, era a verdade. Sem querer que meu filho ouvisse algo, simplesmente baixei a voz e disse:

— No futuro, você realmente precisa falar comigo primeiro sobre essas coisas.

— Que seja, Mack — Torrie disse antes de fechar a porta.

Voltando ao meu carro, estava exausto demais para ligar o motor. Recostei a cabeça no banco e fechei os olhos antes de, em certo instante, criar coragem para dirigir.

Assim que cheguei em casa, fiquei um pouco no carro, encarando meu celular. Meu dedo pairou sobre o nome de Frankie. Queria muito lhe mandar mensagem, mas resolvi não fazê-lo. Com aquele meu humor, poderia passar do limite e falar algo de que me arrependeria, como o quanto, no café, queria lamber uma linha do seu peito até o pescoço e até seu lábio inferior, antes de chupá-lo. Tínhamos acabado bem o encontro, e eu precisava continuar levando devagar.

A sra. Migillicutty abriu a janela quando me viu entrando em casa.

— Boa noite, Mack.

— Boa noite, sra. M.

— Você está acabado.

Comecei a rir.

— Bom, obrigado. Me diz como você realmente se sente.

— Sabe qual é a grande vantagem de me ter como vizinha?

— Qual?

— Arraso como bartender.

— É mesmo? Gostei da ideia. Podemos chamar de Migillicutty's Pub.

— Que tal um pouco daquele rum que te prometi? Faço um ótimo rum com coca.

Deus, eu precisava de uma bebida esta noite.

Joguei as chaves no ar e as peguei.

— Me vê um!

Lá dentro, ela preparou minha bebida na mesa. A coca espumou quando ela a colocou sobre o rum. Deslizou o copo para mim.

— Obrigado.

— Está brincando? Estou me colocando em seu lugar, Mack. — Ela cruzou os braços e se inclinou. — O que houve de errado?

— O que houve *de certo* seria uma pergunta mais apropriada.

— Fale.

— Vejamos. Por onde começo? Estou bravo por minha ex levar um novo homem para casa sem me perguntar primeiro. Falando no meu filho, tenho quase certeza de que ele me odeia e me culpa por sua infelicidade. Só Deus sabe que tipo de informação falsa sua mãe lhe dá.

— Qualquer um que te veja com aquele menino nunca duvidaria do tipo de pai que você é. O fato de não estar com a mãe dele não muda isso. Quanto a esse novo homem, fique feliz que ela esteja preenchendo o tanque de amor para você não precisar mais fazê-lo.

— Acho que é um bom ponto de vista.

— Falando nisso, você não teve aquele encontro com a srta. Frankie?

— Nem foi um encontro, mas tive. Começou um pouco turbulento, mas acabou bem. Apenas conversamos.

— Nunca me contou a história de como a conheceu. Sei que ela morava com você.

— Quer mesmo saber?

— Porra, quero.

Não conseguia evitar gargalhar toda vez que ela falava algo que eu não esperava.

Ela pareceu confusa.

— O que é tão engraçado?

— Nada.

— Então me conte a história!

— Ok... bom, o negócio com Frankie não começou romântico nem nada. Ela era... por falta de palavra melhor... esquisita, até um pouco nerd. Pelo menos, essa foi minha impressão quando ela foi morar conosco. Mas havia algo bem cativante nela ao mesmo tempo. Acho que gostei do fato de não ser egoísta nem intimidadora, como a maioria das outras pessoas com quem eu convivia na época.

— Aposto que um monte de gente acha você intimidador, Mack.

— Talvez. — Sorri. — Enfim, fui rodeado a vida toda por pessoas com quem parecia que eu tinha que competir. Aprendi a enxergar valor em coisas superficiais e inúteis. Frankie, por outro lado, nunca me fez sentir desconfortável em ser eu mesmo. Nunca senti que ela me julgava. Ela costumava ter uma ansiedade social terrível. Eu dizia que ela não deveria ligar para o que as pessoas pensavam dela. Enquanto isso, era meio hipócrita porque, lá no fundo, eu também sofria um pouco com isso, particularmente, quando se tratava do meu pai. Enfim, aqueles meses conhecendo-a como uma amiga foram um ar fresco que eu não sabia que precisava. Frankie era doce e carinhosa. Cozinhou para mim... ninguém nunca tinha cozinhado para mim na vida, a menos que estivessem sendo pagos para isso. Mas, mais do que qualquer coisa, estar perto dela era... bom.

— Ela te fazia feliz. Nem sempre é fácil entender por que isso acontece com certas pessoas. É cósmico ou algo parecido.

— Certo. Nem sempre é lógico também. Foi definitivamente inesperado com ela.

— Então, qual era o problema?

— Eu estava com Torrie quando conheci Frankie.

A sra. Migillicutty bateu na mesa.

— Ah. Entendi, agora a história está ficando boa pra caralho.

Dei risada.

— Frankie tinha basicamente sido uma amiga primeiro. Mas, depois, comecei a perceber que estava saindo menos. Ficava no trabalho ou na aula pensando em como mal podia esperar para ir para casa. Pensava em algo engraçado e tinha que parar tudo que estava fazendo para lhe mandar mensagem. Ou, a pior parte, visitava Torrie em D.C. e contava os minutos para pegar meu voo de volta para Boston no domingo. Mas, ainda assim, vivi

em negação por muito tempo. Nunca sentira algo por alguém que não tivesse começado por pura atração física. Com Frankie, foi o oposto. Eu era extremamente atraído por seu cérebro, seu coração, por ela ser simplesmente ela, por como me fazia sentir. Então, com o tempo, comecei a enxergá-la diferente. Nem sei exatamente quando isso mudou, mas minha admiração por ela definitivamente se estendeu para a parte física. Comecei a perceber como ela mordia o lábio, e me via desejando ser quem mordia o lábio dela. Contava as minúsculas sardas em seu nariz e queria poder traçar uma linha nelas com a língua. Percebia quando seus mamilos estavam aparecendo através da camiseta...

Ela pegou um guardanapo e começou a se abanar.

— Isso é melhor do que pornô on-line.

Pego de surpresa, dei risada.

— Ohhhh-kay.

— Continue.

— Enfim, a parte física demorou bastante para se desenvolver, mas, quando aconteceu, foi tão forte que eu quase não conseguia aguentar. E, basicamente, eu sabia que estava encrocado porque estava envolvido profundamente nesse relacionamento com Torrie há anos.

— Quantos anos você tinha quando começou a namorar Torrie?

— Torrie é filha do assessor mais próximo do meu pai, Burton Hightower. Ela trabalhou como relações públicas para o meu pai por muito tempo. Foi por isso que ela ficou em D.C. quando me mudei para Boston para o mestrado. Ela tinha acabado de começar a trabalhar para ele na época. Desde muito jovem, meus pais ficavam me empurrando para sair com ela. Torrie é muito influenciada. Ela sempre ficou atrás de mim desde quando estávamos no Ensino Fundamental. Meu pai tinha tudo planejado. Eu seguiria seus passos na carreira e me casaria com Torrie. Parecia um acordo já fechado. Não me entenda mal... ela era linda e inteligente... o que muitos poderiam achar que era o pacote completo. Fui atraído por ela por bastante tempo e, finalmente, cedi e comecei a sair exclusivamente com ela na faculdade depois de passar o rodo no Ensino Médio. Realmente pensei que conseguiria amá-la algum dia e que as coisas dariam certo.

— Não aconteceu.

— Não, nunca aconteceu de verdade.

Ela me serviu outra bebida e disse:

— Então Frankie apareceu.

— É. Eu não esperava por isso. Acho que você não entende muito bem como é realmente se conectar com alguém até acontecer. Pensa que o que vivenciou até certo ponto é tudo que existe. Então, alguém chega e chacoalha seu mundo, e você percebe que não sabia de merda nenhuma.



CAPÍTULO SEIS

Mack

Passado

Era meu ritual de domingo à noite. O avião de D.C. para Boston pousaria às oito. Então, eu pegaria o trem e chegaria ao apartamento às nove, bem na hora de pegar Frankie lavando roupa no porão do prédio.

Ela sempre tinha medo de deixar as coisas lá, então se apoiava na máquina de lavar e lia até eu inevitavelmente me juntar a ela para lhe fazer companhia. Eu sempre trazia minha roupa suja para colocar na outra máquina, se estivesse vazia. Ficávamos até tarde até terminarmos de lavar e dobrar todas as roupas.

Parecia loucura, mas o ritual da lavanderia era uma coisa pela qual eu ansiava depois de um fim de semana conturbado. Algo no cheiro do sabão, no som tranquilizante das máquinas, na iluminação suave do cômodo e — mais importante de tudo — a companhia de Frankie me acalmava depois do estresse de D.C. Uma parte de mim também se preocupava com ela estar sozinha lá embaixo naquele porão sombrio sem mim.

— Ei — eu disse, parado na porta.

Frankie, que estivera entretida lendo, abaixou o livro e sorriu.

— Oi.

— Algum maluco veio te incomodar?

— Não até você aparecer, Morrison. — Ela deu uma piscadinha.

— Você é muito brava. — Joguei uma das minhas camisas para ela e a observei cheirá-la. — Acabou de cheirar minha camisa suja? Malhei nela.

— É uma curiosidade mórbida.

— Gosta de cheirar coisas que talvez não tenham um resultado favorável? Como aquela velha personagem de *Saturday Night Live* que amava cheirar as próprias axilas. Qual era o nome dela?

Frankie sorriu.

— Mary Katherine Gallagher.

— É. Vou começar a te chamar de Mary Katherine.

Ela deu uma risadinha.

— Mas, sério, nunca fez isso? É tipo... você sabe que algo pode cheirar mal, mas sente o cheiro mesmo assim? Meio que tenho um prazer doentio nisso.

Aposto que você é meio louca na cama.

Não conseguia evitar meus pensamentos quanto a ela ultimamente.

— Oh, certo — eu disse. — Fiz isso com sua calcinha uma vez. Primeira e última vez que cheirei. Aprendi a lição do jeito difícil.

— Está mentindo.

Joguei outra camisa para ela.

— Estou.

Embora tivesse definitivamente fantasiado sobre isso, entre outras coisas.

Ela também cheirou a segunda camisa.

— Qual é o cheiro dessa?

— Da sua colônia misturada com tacos.

Balançando a cabeça, falei:

— Você nunca para de me confundir, Frankie Jane.

— Por que me chama assim? Meu nome do meio nem é Jane.

— Não sei. Os dois nomes parecem combinar.

— Você simplesmente me chama do que quiser, não é?

— Tenho certeza de que me chama de muitas coisas baixinho. — Peguei o livro que ela estava lendo de cima da máquina de lavar. — Que merda esquisita está lendo desta vez? — Olhei para o título. — *The man who folded himself*? Que porra é essa?

— É um romance de viagem no tempo.

— Qual é o tema?

— O personagem principal encontra várias versões de si mesmo em diferentes épocas. Ele até faz sexo com algumas delas. Acabou de engravidar uma. Estou tentando descobrir se ele está carregando o próprio filho.

— Que porra é isso, Frankie? Essa merda é bem esquisita.

— Eu sei. É por isso que gosto. A imaginação do autor é infinita. Não há limites quando se trata da mente humana e do que se pode criar.

— Você acha tudo fascinante.

É uma das coisas que amo nela.

Frankie sempre achava algo interessante em tudo. Era uma prova do quanto nossas atitudes moldam nossas experiências de vida. Quanto mais eu convivia com ela, mais percebia o fodido miserável que eu fora a vida toda.

— Tenho uma imaginação bem fértil, e provavelmente é por isso que gosto de livros assim. Mas a mente criativa pode ser uma maldição.

— Como assim?

— Minha imaginação é ativa demais às vezes, e porque tenho uma mente obsessiva além de tudo, pode me causar problemas. Por exemplo, tenho um pensamento bizarro, e consigo visualizá-lo tão claramente que parece que pode ser verdade. Mas então começo a ficar obcecada com o pensamento, tentando encontrar o significado por trás dele.

— Me dê um exemplo.

— Bom, tipo, você pode estar falando comigo, e vou ter um pensamento aleatório de te esfaquear. A pessoa comum apenas ignoraria isso como um pensamento breve. Mas alguém com uma mente obsessiva como eu iria desenvolver rituais mentais a fim de determinar se há alguma validade nisso. É uma forma de TOC. Eles chamam de TOC Puro. É como se meu cérebro nunca parasse. Era pior quando era mais jovem. Aprendi a lidar com isso.

— O que fez para se sentir melhor?

— Lia alguns livros de autoajuda e me consultava com um especialista em TOC. Basicamente, tudo se resume a aceitar a incerteza. Em vez de surtar com seus pensamentos... como a possibilidade de ser uma assassina... você simplesmente tem que aceitá-los pelo que são: só pensamentos. Eu costumava tentar provar mentalmente que estavam errados, ruminando-os, mas é um ciclo sem fim. Em vez de fazer isso, você tem que falar para si mesma que a dúvida que sente é simplesmente seu TOC. A chave para aceitar

a incerteza de que *pode* ser uma assassina e seguir com sua vida. Enfim, como foi seu fim de semana de aniversário?

— Só você confessaria que talvez seja uma assassina e perguntaria sobre meu aniversário ao mesmo tempo.

— Não sou assassina. Mas não posso realmente *dizer* isso... é uma garantia. Meu TOC vai simplesmente tentar provar que estou errada. Então, vamos apenas presumir que *posso* ser uma assassina e seguir em frente.

— Por mim, tudo bem. Vou esconder as facas. — Sorri. — Estou brincando. Obrigado por compartilhar isso comigo. Aposto que é mais comum do que pensa.

Uma imagem minha fodendo-a enquanto ela me esfaqueava brilha em meus olhos, falando em pensamentos breves.

— Acha que sou maluca? — ela perguntou.

— Achava que era maluca bem antes de confessar seu TOC. Mas está tudo bem. Gosto do seu tipo de maluquice... que não é difícil de entender.

— Então... o aniversário... como foi?

Na verdade, estar lá naquele porão com ela *foi* a melhor parte do meu fim de semana de aniversário. Conseguir simplesmente relaxar... falar sobre qualquer coisa... até coisas estranhas... Eu teria escolhido lavar roupa com Frankie em vez da maioria das coisas ultimamente.

— Foi bom.

— Só bom?

— Torrie deu uma festinha para mim, me surpreendeu com alguns dos meus amigos.

— Que legal.

— É.

Eu sempre conseguia sentir seu ciúme quando o assunto da minha namorada vinha à tona. Podia sentir, mesmo que ela obviamente não expressasse. Sempre tinha desconfiado de que Frankie gostava mais de mim do que só um amigo, mas, recentemente, Moses tinha deixado escapar que ela realmente tinha falado algo para ele. Embora desejasse que ele nunca tivesse me contado, lá no fundo, aquela novidade não era algo que eu já não soubesse. Ele dissera que não estava feliz por agir pelas costas dela, mas

sentia que era necessário me avisar para que eu recuasse um pouco. Era basicamente um alerta para me prevenir de acabar magoando-a. Mas o problema era que eu não *queria* ficar longe dela. Mais ainda, não sabia *como* ficar longe dela enquanto morávamos sob o mesmo teto.

— Isso me lembrou que tenho um presente para você. — Ela enfiou a mão no cesto de roupa suja, pegando uma caixa embrulhada.

— É antraz? Afinal, você *pode* ser uma assassina.

— Não desta vez.

Olhei para ela desconfiado ao rasgar o papel.

— *Buffy, a caça-vampiros*, a série inteira... puta merda.

Seu rosto estava ficando vermelho.

— É. Trinta e nove DVDs. Temporadas um a sete.

— Você está envergonhada. Estava nervosa por me dar isso?

— Não sabia se ia gostar. Lembro que uma vez disse que costumava assistir a essa série quando era mais jovem. Na época, pensei que fosse praticamente a única coisa que tínhamos em comum. Pensei que, talvez, quisesse viajar pelas lembranças.

— Está brincando comigo? Essa série era a melhor. E quando Willow e Oz terminaram? Tipo, muito bom!

— Não é? — Ela sorriu.

— Sério. Foi muito gentil. Não precisava fazer isso. Obrigado.

Meu corpo enrijeceu, porque tive vontade de abraçá-la, mas pensei melhor. Tive medo do que aconteceria comigo se sentisse seu corpo contra o meu. Então, me contive. Ultimamente, cada vez mais, meu corpo estava reagindo a Frankie sem nem precisar tocá-la. As sensações físicas lentamente se tornaram mais fortes ao longo do último mês e, apesar de eu saber que era errado me sentir assim, não sabia como parar.

— Temos que assistir a um episódio em uma noite desta semana — ela disse.

— Sabe, provavelmente eu não teria admitido meu vício com essa série para mais ninguém.

— Mas, porque sou estranha, você sabe que não vou te julgar.

— Eu costumava te achar um pouco estranha, sim, mas comecei a gostar

das suas peculiaridades. Na verdade, coisas normais estão começando a parecer entediantes, quando comparo.

— Bem-vindo ao meu mundo.

— É um elogio.

Ela corou como frequentemente fazia quando eu falava algo legal para ela. Imaginei se conseguia sentir o quanto eu desejava beijá-la.

Frankie pigarreou.

— Então, ganhou alguma outra surpresa de aniversário?

— Meu pai decidiu aparecer na festa por uma meia hora.

— Pelo menos ele foi mais legal com você pela ocasião?

— Seria pedir demais, então, não, não mesmo. Mas me deu uma caneta com Morrison gravado nela.

— Parece meio normal.

— É. Presente típico do meu pai... frio e entediante.

— Bom, você é o único filho dele. Acho que ele sabe que você é a única chance de ele continuar o nome da família. Então, a caneta foi a representação disso.

— Infelizmente, tenho consciência de que ele me considera sua única esperança de carregar seu legado. O problema é que tenho quase certeza de que ele vai acabar seriamente decepcionado. Quanto mais o tempo passa, mais não me vejo seguindo seus passos nem trabalhando na retaguarda dele. Não tenho tido coragem de realmente contar a novidade. Só estou feliz por ter tido o bom senso de me graduar em Administração, assim, tenho alguma coisa onde me apoiar quando ele cortar os laços.

— Bom, se realmente te ama, vai acabar apoiando suas decisões, no fim.

— Você acertou na mosca. Não sei se ele realmente... me ama. Acho que se importa mais consigo mesmo e seus esforços políticos, para falar a verdade.

— Não diga isso.

— O veredito ainda está pendente. Sinceramente.

Sua expressão se enrijeceu um pouco, e percebi que ela poderia estar pensando que eu não deveria reclamar constantemente do meu pai quando ela não tinha ninguém para preencher esse cargo.

De repente, me senti um otário.

— Desculpe, Frankie. Estou reclamando do meu pai de novo quando...

— Eu disse para não se preocupar com isso.

— Você fala que não se importa, mas não acredito muito em você. Parece ficar triste quando falo do meu pai ou pergunto sobre sua infância. Não é o que fala. É o seu olhar. Consigo enxergar.

Ela ajustou os óculos roxos, depois desviou o olhar de mim.

— É assim que é. Talvez me deixe um pouco triste. Só tento não sofrer com isso. — Depois de uma longa pausa, ela complementou: — Não seria tão difícil se eu não fosse lembrada dele toda vez que me olho no espelho.

— Você se parece com ele? Nunca me contou isso. Pensei que tivesse dito que não sabia como ele se parecia.

— Por eliminação. Minha mãe tem cabelo e olhos escuros. Uma vez, ela confirmou que ele era ruivo e tinha olhos azuis como eu. Não pareço em nada com ela, então apenas sei quando me olho que, de certa forma, estou olhando para ele. Eu costumava tentar encontrá-lo no meu reflexo quando era mais jovem. Mas, agora que estou mais velha e sei que não vale a pena glorificar um homem que abandonou a própria filha... só fico ressentida pela semelhança. É um saco.

Queria que ela pudesse ver o que eu via quando olhava para seu rosto: olhos igualmente cheios de admiração e humildade e um sorriso lindo que parecia ser o único remédio de que eu precisava ultimamente.

— Como alguém que teve o prazer de te conhecer, ele que perdeu, Frankie. Ele não pode imaginar o que está perdendo.

Falei sério. Ela era uma pessoa extraordinária. Eu achava que não era muita gente, em sua vida, que lhe dizia isso.

Seus olhos estavam começando a lacrimejar.

— Ótimo. Acabou de me fazer chorar.

— Desculpe. Não foi minha intenção.

— Não é para você falar essas coisas. É para você ser um cretino, Mack Morrison.

— Ah, é. Obrigado por me lembrar. — Sequei suas lágrimas com meu polegar. — Talvez você esteja me influenciando.

— Esse era o acordo quando nos conhecemos, não era? Que eu roçasse minha bichana em você?

Porra. Por que ela teve que falar isso? A imagem se formou e fez meu pau ganhar vida.

Desviei o olhar e pensei que porra eu estava fazendo, me apaixonando por ela quando tinha uma namorada com quem não estava planejando terminar. Não poderia ter as duas coisas.

Frankie estava tirando sua primeira leva de roupa limpa da secadora e parou para enterrar o nariz em uma toalha.

— Quando eu era mais jovem, esperava minha mãe jogar a roupa quente da secadora na cama. Eu pulava na pilha e, às vezes, dormia em cima dela.

Eu adoraria dormir com você esta noite, enterrar o nariz em seu peito, enterrar meu pau em sua...

Lá vinha o breve pensamento inapropriado.

Eu me sentia um porra desprezível ultimamente. Mas como conseguiria impedir meus pensamentos? Era impossível controlar aonde minha mente ia quando se tratava de Frankie. Diferente do TOC dela, aqueles pensamentos *eram* baseados na realidade. Dizia a mim mesmo que só precisava aceitar que esses sentimentos estariam ali e que não tinha problema senti-los, contanto que não agisse com base neles.

Frankie ergueu uma camisa preta da pilha.

— O que acha dessa com uma calça escura para sexta à noite?

— O que tem sexta à noite?

— Pensei que Moses tivesse te contado.

— Me contado o quê?

— Ele e eu vamos a um encontro duplo.

Pensando que ela estivesse fazendo piada em sair com Moses, eu disse:

— Detesto acabar com sua graça, mas tenho quase certeza de que Moses não tem interesse em vaginas.

— Não é ele o meu encontro. Sabe o cara com quem ele está saindo?

— Sei, Brad ou algo parecido?

— Isso. Bom, ele tem um irmão que é hétero. Ele vai junto me encontrar.

Meu estômago revirou.

Engoli em seco.

— Aonde vocês vão?

— Não sei.

Pareceu que meu coração estava batendo tanto que sairia do peito. Não tinha percebido o quanto desejava Frankie até aquele instante. Nem sabia o que dizer, porque tinha medo do meu ciúme ficar óbvio.

— Pensei que fosse alérgica a pessoas.

— Sinceramente, não estou muito empolgada para o encontro, mas preciso começar a me forçar. Não fico com alguém há bastante tempo e, quanto mais espero, mais difícil vai ser para voltar ao jogo.

— Você sequer sabe como ele é?

— Não.

— É um encontro às cegas?

— É.

— Quando diz que não “fica com alguém”, quer dizer sair em um encontro ou transar? — Me encolhi ao pensar nela deixando algum cara se aproveitar dela.

— Ambos. Sinto falta dos dois.

Ouvi-la dizer que estava essencialmente desejando ser fodida me fez sofrer.

Incerto do que dizer, perguntei:

— Quando será esse encontro?

— Eu já disse... na sexta.

Eu tinha perdido a capacidade de pensar. Ela já tinha me falado que era na sexta.

— Vou conhecê-lo, então.

Ela pareceu alarmada.

— Não vai para D.C.?

— Este fim de semana, não.

— Ótimo.

— Está nervosa que eu vá ficar aqui ou algo assim?

— Meio que sim. Você é muito intimidador.

— Que bom. Ele tem que ficar bem preocupado se planeja brincar com você.

Ela ficou quieta por um tempo, então, me surpreendeu ao, de repente, mudar de assunto.

— Torrie sabe sobre mim?

— Como assim? — perguntei só para ganhar tempo. Realmente fiquei maravilhado por ela não ter perguntado isso antes.

— Ela sabe que você tem uma colega de quarto mulher e que somos amigos?

Hesitando, mordi o lábio inferior.

— Não exatamente. Sabe que tenho um segundo colega de quarto chamado Frankie. Meio que presumiu que você fosse homem. E eu meio que... nunca a corriji.

— Está brincando?

— Não.

— Então ela *ficaria* chateada se soubesse que você mora com uma garota?

— Chateada não é a palavra certa. Ela mais... surtaria.

— Por que nunca me contou que minha presença aqui poderia ser um problema para você? Eu teria procurado outro lugar.

— Não é um problema. Adoro sua presença aqui.

— É, mas, quando ela descobrir, vai ficar brava. — Ela refletiu. — É por isso que sempre vai para lá, e ela nunca vem para cá?

— Não. Ela não costumava vir para cá mesmo antes de você se mudar. Não gosta muito de voar, só voa quando realmente precisa. Demoraria muito para ela chegar aqui de trem. Então, eu vou para lá. É mais fácil.

— Não pode simplesmente explicar para ela que não tem com que se preocupar e que estou aqui porque Moses me acolheu? Pelas fotos que vejo dela, acho que ela não se sentiria ameaçada por mim.

— Por quê?

— Ah... olhe para ela. É alta e linda. Olhe para mim.

Me irritava ouvi-la dizer isso.

— Acha que não é atraente?

— Não posso realmente me julgar por isso. Não tenho uma compreensão clara de como as pessoas me enxergam fisicamente. Mas tenho certeza de que não me comparo a ela.

Tem razão. Não se compara.

Meu coração estava acelerado porque eu estava morrendo de vontade de lhe dizer o que eu pensava de verdade. Queria que as coisas fossem diferentes, que, pelo menos por uma noite, pudesse mostrar a Frankie o quanto eu era atraído por ela. Ela não fazia ideia do quanto queria provar seus lábios. Só provar. Como seria se eu pudesse simplesmente esquecer todas as minhas inibições? Imaginei-me empurrando-a para trás contra a máquina de lavar e pressionando minha ereção nela para que pudesse sentir o quanto eu a queria. Ela nunca mais duvidaria do meu nível de atração por ela. Queria poder fazê-la se sentir bem, levar seu corpo a lugares que aposto que nunca tinha ido.

Ouça o que está dizendo.

Precisava ser realista. Não iria trair Torrie. E terminar com ela para, de alguma forma, ficar com Frankie seria uma confusão. Minha família e a de Torrie eram unidas. Eu estava muito envolvido e tinha quase certeza de que meu pai e o pai dela tornariam minha vida um inferno — talvez até a vida de Frankie também. Não poderia deixar isso acontecer. Mais do que isso, não confiava em mim mesmo para não estragar tudo de forma monumental com Frankie, mesmo que as outras complicações não existissem. O pai dela abandonando-a quando era bebê realmente a fodeu. Eu não conseguia confiar que não iria magoá-la. Por mais que soubesse que esse dilema seria mais fácil quando acabasse meu mestrado e que não a veria todos os dias, também não conseguia imaginar nunca mais vê-la de novo. Mas era isso que iria acontecer.

Apesar de tudo, eu queria que ela percebesse o quanto era linda, por dentro e por fora.

Sua voz me tirou dos meus pensamentos.

— Está viajando?

— Deixe-me tentar uma coisa, ok? — Segurei a trança lateral que ela estava usando.

— O que vai fazer?

— Só quero que veja uma coisa. Me acompanhe.

Lentamente, desmanchei a trança de baixo para cima e pude sentir sua respiração acelerando quanto mais mexia em seu cabelo. Quando todas as mechas estavam soltas, passei os dedos repetidamente pelos fios ruivos.

Então, tirei seus óculos e os coloquei em cima da máquina de lavar.

— Você tenta se esconder. É muito mais bonita por dentro do que qualquer um que já conheci. Não sei se eu percebia o quanto isso importava até te conhecer. Mas, porra, mulher, você faz tudo que pode para esconder todo o resto... a beleza física que Deus também lhe deu por fora. Não vou mentir. Não a vi claramente de primeira.

Virei a câmera para ela poder usá-la como espelho.

— Olhe para isso. Não tem como alguém não se sentir ameaçado por você. Esta garota... ela é gostosa pra cacete, Frankie.

Ela apertou os olhos.

— Não consigo ver. Estou sem óculos.

Merda.

Tinha me esquecido do quanto ela era cega.

A tensão sexual acabou quando Frankie e eu começamos a rir. Demos uma boa gargalhada com isso.



Francesca

O momento que temi por anos estava prestes a acontecer.

Enquanto, para todo mundo, essa era só mais uma manhã em St. Matthew, hoje era o dia em que eu ia conhecer Torrie Hightower.

Lorelai tinha concordado em liderar a aula enquanto eu ia para a sala de reunião. Era difícil acreditar que, depois de todos esses anos, iria ficar cara a cara com ela. Era ainda mais difícil acreditar que ela não tinha a menor ideia do quanto impactara significativamente minha vida.

Olhei pela porta e a vi digitando no celular. Ela era quase exatamente como eu a imaginara: uma presença alta e autoritária com pele perfeita que era um pouco mais bronzeada do que a cor de caramelo. Com os cachos nos ombros, seu cabelo escuro era perfeitamente esculpido. Vestindo um vestido bege e Louboutins combinando, ela parecia vestida bem demais para essa reunião. Torrie era ainda mais linda pessoalmente do que nas fotos que vira há anos. Aquela percepção me trouxe imagens indesejadas de Mack e ela juntos. Expirando, jurei ignorar meu ciúme.

Finalmente abri bastante a porta e forcei as palavras a saírem.

— Olá, srta. Hightower. É um prazer conhecê-la.

Ela se levantou e estendeu os dedos compridos para mim.

— Srta. O'Hara. Obrigada por se reunir comigo. Sinto muito por demorar tanto a vir.

— Eu entendo. É muito ocupada.

Torrie se sentou de novo antes de colocar seu celular para vibrar.

— Vamos direto ao assunto. Jonah tem tido um ano bem difícil, por mais

motivos do que apenas nossa mudança de Virginia. As coisas em casa com ele têm sido muito complicadas, então estou curiosa para saber o que percebeu na escola.

— Bom, primeiro de tudo, seu filho é brilhante. Provavelmente é um dos alunos mais inteligente da minha classe. Mas, sim, ficou claro que ele sofre bastante com ansiedade social. Costumávamos tirá-lo das situações que pareciam lhe trazer desconforto, mas agora assumimos uma abordagem diferente.

— Como assim?

— Bom, não é muito benéfico ensiná-lo a fugir das situações que o deixam desconfortável. Então, temos tentado fazê-lo ficar um pouco mais, ensiná-lo a lidar com esses sentimentos.

— Qual é sua indicação na questão medicinal?

— Não sou médica. Então, não me sinto apta para responder isso, exceto dizer que, por experiência própria, remédios só ajudam a amenizar os sintomas. Não conseguem curar uma forma de pensar que leva a um ciclo de ansiedade.

— Então acha que só tentar ensiná-lo a lidar com isso é a solução.

— Acho. Mas também ensiná-lo que não tem problema ter medo. Quando se aceita os sentimentos, eles perdem o poder sobre você. Treinar uma maneira de pensar é mais uma ferramenta a longo prazo. Mas seu médico teria mais informação sobre os riscos e benefícios de suplementos.

— Há uma pílula para uma vida destruída em casa? — ela perguntou, sarcástica.

Eu não tinha ideia do que dizer.

— Temo que não.

Torrie cruzou as pernas e se recostou na cadeira.

— Você conheceu o pai de Jonah...

Minha garganta de repente ficou extremamente seca.

— Sr. Morrison se voluntariou algumas vezes para ler para a sala, sim.

— Ele está tentando ser o mais ativo possível, para compensar o fato de ter abandonado o filho.

Meu coração começou a bater mais rápido de raiva. Sentindo necessidade

de proteger Mack, falei:

— Ele parece bem envolvido na vida do filho, na verdade. Temos muitos alunos cujos pais moram em casas separadas, e não posso dizer que vejo o pai deles tanto quanto vejo o pai de Jonah.

— Bom, a saída dele de casa foi a gota d'água para Jonah. Mas as coisas estavam ruins há bastante tempo antes disso. Meu filho nunca soube como é ter os pais que se dão bem. Sempre penso no quanto nossa vida em casa impactou sua falta de desejo de estar entre as pessoas, em geral... se é por isso que ele se esconde de todo mundo.

— Bom, ele ainda é muito jovem para realmente entender que o divórcio não tem nada a ver com ele.

— Nós nunca fomos casados.

O quê?

— Oh... Sinto muito. Só presumi...

— Não. Nunca fui boa o suficiente para o pai de Jonah, aparentemente.

Eles nunca foram casados?

Pensando bem, Mack nunca mencionara isso mesmo. Eu só tinha presumido que Torrie tivesse escolhido manter o nome de solteira.

— Enfim, realmente gostaria que me contasse se perceber que as coisas estão piorando para Jonah.

— Bom, vamos fazer tudo que pudermos para garantir que ele fique feliz e prospere. Mas, claro, vamos notificá-la se surgir algo incomum.

— Tem todos os meus contatos?

— Tenho. Vou me certificar de atualizá-la em breve.

— Bom, estou vendo que ele está em mãos capazes. Tenho que admitir que, quando Mack insistiu em pesquisar as escolas nesta área, eu estava tão ocupada com a transição de emprego e a mudança que apenas o deixei cuidar disso. Não sabia se poderia confiar nele com essa decisão, mas parece que ele acertou.

— Obrigada. Agradeço o voto de confiança.

— Infelizmente, estou atrasada para uma reunião de trabalho. — Ela verificou o celular antes de se levantar. — Foi um prazer conhecê-la.

— Você também.

Ouvindo o som dos seus saltos ecoar no corredor, fiquei na sala de reunião vazia e suspirei de alívio. Não foi nada ruim como eu esperava. Ainda assim, o fato de ela não saber nada sobre o meu histórico com seu ex me deixou bem desconfortável.

Me lembrando que eu só tinha que lidar com essa situação até o fim do ano, me recompus e voltei à sala de aula.



Na tarde seguinte, Mack foi à escola ler outra de suas histórias para a classe e perguntou se poderia se encontrar comigo primeiro durante minha pausa para o almoço.

Suas mãos estavam nos bolsos enquanto ele me esperava em pé sob uma árvore na propriedade da escola. As folhas coloridas do outono estavam secando e caindo, um sinal de que o inverno de New England não estava muito longe.

Eu não tivera a chance de falar com ele com calma desde nosso encontro no café, mas, sinceramente, não passava uma hora do dia sem que eu pensasse nele.

Mack estava mais do que incrível com uma blusa preta canelada e um gorro de malha. Sua aparência sexy sem muito esforço contrastava com a atmosfera conservadora.

Ele ergueu a mão quando me viu me aproximando.

— Ei.

— E aí, Mack?

Indo direto ao assunto, ele disse:

— Soube que ela veio falar com você ontem.

— Veio.

Ele analisou meus olhos.

— Você está bem?

— Sim. Estou bem. A visita foi melhor do que o esperado.

— Ok, só me certificando disso.

— Falamos principalmente sobre a ansiedade de Jonah com todas as

mudanças em sua vida.

— Então ela não falou mal de mim?

— Eu não disse isso.

Seu rosto ficou vermelho.

— Porra. Eu sabia que isso ia acontecer. — Ele olhou para os sapatos e balançou a cabeça com desgosto antes de olhar para mim de novo. — Frankie...

— Mack, ouça. Não precisa se defender. Se há uma coisa que sei sobre você é que é um bom pai. Não há nada que ela possa dizer para me fazer acreditar no contrário.

Ele respirou, aquecendo momentaneamente a pele do meu rosto.

— Obrigado. Sinto que, em alguns dias, sou um fracasso. Mas juro que estou tentando pra caramba.

— Estou vendo. Não sou cega.

— Não mais, pelo menos. Fez cirurgia.

— É. — Sorri.

De repente, meu corpo também tomou consciência de que ele estava a apenas centímetros de mim. O tempo pareceu parar um pouco conforme as folhas farfalhavam ao nosso redor. Ele continuou me olhando intensamente, e eu só fiquei observando-o.

— Obrigado por sempre acreditar em mim — ele disse finalmente.

Tentando lutar contra os sentimentos de mágoa que também estavam surgindo, tive que falar.

— Não sei por que, mas presumi que vocês dois tinham se casado.

— Não. Ficamos noivos por muito tempo, mas o casamento nunca aconteceu... para desânimo do meu pai.

— Posso imaginar que você lhe tenha dado muita tristeza com isso.

— Simplesmente não consegui continuar. Terminar não foi fácil. Eu sabia que ela não iria aceitar bem. Protelei por muito tempo porque não queria que ela manchasse a visão de Jonah quanto a mim. Me preocupo com o que ela fala para ele.

— Tudo que pode fazer é o seu melhor para mostrar a ele que o ama. Conforme ele cresce, vai ver as coisas do jeito que são.

— Espero que sim. — Ele suspirou. — Ela está levando um cara novo para casa ultimamente. Não me contou nada. Sem querer, encontrei com ele quando fui deixar Jonah. — Ele levou a mão à minha testa, tirando uma mecha de cabelo. — Enfim, não quero desabafar com você desse jeito. Precisa voltar à aula.

Meu corpo estremeceu com o contato. Quando ele me tocava, sentia que o mundo parava.

Me toque de novo.

Pigarreei.

— Tudo bem. Te vejo daqui a pouco. Ainda virá à uma hora?

— Vou. Só vou dar uma caminhada, matar um pouco de tempo. Te vejo mais tarde.

Cada um de nós andou em direções diferentes. Quase na entrada, me virei para olhar para ele ao longe. Meu coração apertou ao perceber que ele também estava me olhando.



Algumas mães que também se voluntariaram na escola invadiram minha classe para a hora da história de Mack naquela tarde. Entre elas, estava Clarissa McIntyre, a mãe de um dos meus alunos. Ela era solteira, e era óbvio que estava de olho em Mack.

Com seu cabelo comprido e loiro e corpo esbelto, Clarissa provavelmente era tão atraente quanto as outras mães daquela escola. Ela estar ali por causa de Mack definitivamente me deixava agitada. A mesma coisa aconteceu da última vez que ele viera ajudar no projeto de arte para o Halloween. Mulheres aleatórias apareceram magicamente no canto da sala. Quando eu as ouvia sussurrar o apelido “Papai Mack”, ficava com vontade de socar alguém.

Mack assumiu seu lugar na cadeira no centro do tapete redondo. Tirou o livro, e eu imediatamente vi um novo desenho da minha versão em quadrinhos na capa.

— Trouxe de volta a Frankie Quatro Olhos hoje para uma nova aventura. Esta é chamada de *Frankie Quatro Olhos e o garoto da banda enigmático no banheiro*.

Oh, minha nossa.

— Era uma vez, uma menininha chamada Frankie Jane, mas as pessoas a chamavam de Frankie Quatro Olhos por causa dos seus gigantescos óculos roxos.

Aparentemente, todas as histórias dele começavam com a mesma frase.

— Um dia, Frankie estava em um show assistindo a uma de suas bandas preferidas. Ela conseguiu entrar nos bastidores e ficou tão empolgada que quase fez xixi na calça.

Todos riram com isso.

— Frankie encontrou um banheiro que era apenas para funcionários. Mas, antes de conseguir se sentar, para seu desespero, seus óculos de repente caíram no vaso sanitário.

As crianças acharam isso hilário.

— Isso era um enigma porque...

— O que é um “egui mina”? — um dos alunos interrompeu.

— Não é “egui mina”. É *enigma*. E é uma pergunta muito boa. Um enigma é um problema difícil... complicado de resolver.

Mack repetiu a frase anterior.

— Isso era um enigma... porque Frankie era germofóbica.

Mack olhou para seu público prevendo a pergunta.

Um menino chamado Cayden ergueu a mão.

— O que é germofóbica?

— Boa pergunta! Germofóbica é uma pessoa que tem medo de germes. — Mack continuou: — Frankie não sabia o que fazer. Não queria enfiar a mão no vaso sanitário para pegar os óculos, mas, se não pegasse, não conseguiria enxergar. Também estava envergonhada, então escolheu não gritar por ajuda. Frankie acabou trancada no banheiro por muitos minutos. Esse era outro enigma. Se ela abrisse a porta, alguém veria seus óculos no vaso sanitário. Se ela não abrisse, ficaria presa no banheiro sem conseguir enxergar. — Ele fechou o livro momentaneamente. — O que acham que Frankie deveria fazer?

— Pedir ajuda — alguém gritou.

— É. Vamos continuar lendo para ver o que ela faz. — Mack virou a

página. — Frankie não teve que decidir porque alguém bateu na porta. Era um dos cantores da banda que precisava usar o banheiro. De novo, ela não sabia o que fazer. Esse era outro... — Ele pausou.

— Enigma — a sala respondeu em uníssono.

— Isso mesmo. — Ele continuou: — Antes de Frankie conseguir abrir a porta, um garoto invadiu o banheiro. Frankie apertou os olhos para ver quem era. Acabou que era o Mackenzie Magic, o cantor da banda. Não apenas Frankie ficou constrangida, mas também ficou abismada. — Ele virou a página. — O garoto viu Frankie apertando os olhos e, então, olhou para baixo e viu os óculos dela no vaso. Sem pensar duas vezes, Mackenzie Magic enfiou a mão no vaso, pegou os óculos e os lavou com sabonete e água. Não só a salvou, como até fez piada disso, fazendo Frankie rir. Ela nunca esperava que alguém tão famoso quanto Mackenzie pudesse ser tão legal. Mais tarde, naquela noite, ele até acabou chamando Frankie para subir no palco durante o show. Frankie percebeu que, às vezes, a ajuda vem dos lugares menos prováveis e, às vezes, com a pessoa certa, um enigma pode se transformar em uma coisa ótima. Fim.

Conforme as crianças aplaudiam, os olhos de Mack se lançavam para mim para medir minha reação. Ele deu risada quando viu que eu estava sorrindo. Sabia que, de novo, tinha me feito lembrar de algo.

Mack passou os minutos seguintes falando sobre o tema do livro com as crianças.

Enquanto estava terminando, a mãe que eu tinha visto se aproximava dele. Clarissa estava indo para o ataque. Apurando os ouvidos por causa do barulho da sala, me esforcei para escutar o que estavam dizendo.

Ela estendeu a mão.

— Clarissa McIntyre, mãe de Ethan.

— Mack Morrison, pai de Jonah. É um prazer conhecê-la.

Só de ver a mão dela na dele minha pele se arrepiou.

— Estive querendo te encontrar na lista de pais. Ethan tem me contado o quanto gostaria de brincar com Jonah alguma hora.

— Sério? Que interessante, considerando que meu filho geralmente gosta de ficar sozinho.

— Eles têm personalidades parecidas. Acho que é o que atrai Ethan, na

verdade.

Claro que é.

Ela continuou.

— Vai ter que me dar seu telefone. Vou anotar no meu celular. Talvez no fim desta semana?

— Na verdade, só fico com Jonah nos fins de semana. A mãe dele tem uma babá que fica com ele depois da escola.

— No fim de semana, então, seria melhor para nós.

Aposto que seria. Muito melhor para seu objetivo.

— Certo, bom, talvez — Mack não se comprometeu.

— Ok, estou pronta para pegar seu número quando quiser.

Ela era muito insistente. Observei-a digitar o número dele em seu celular.

Mack, então, foi até mim sem dizer mais nada para ela.

— Desculpe por isso — ele disse.

— Não, tudo bem. Claramente, ela está ansiosa para *brincar*.

Ele tinha entendido meu sarcasmo.

— Não vou brincar na caixa de areia com Clarissa, Frankie.

— Tenho certeza de que ela adoraria que você brincasse na caixa dela.

Ele pareceu se divertir com meu ciúme óbvio.

— É, bom, não vou.

— Obrigada por vir.

Estremeci quando ele se inclinou e sussurrou no meu ouvido.

— Quando posso sair com você de novo?

— Não sei, Mack.

Apenas ficamos ali, olhando um para o outro por um tempo. O olhar dele desta vez era diferente das outras vezes em que nos conectamos em silêncio recentemente. Seus olhos estavam me dizendo que ele tinha muita luta ainda dentro de si. Na verdade, estavam me dizendo que ele nem tinha começado a lutar. Parecia que ele queria falar alguma coisa, mas, em vez disso, somente se virou, pegou seu casaco e saiu.

Por algum motivo, naquela noite, simplesmente não conseguia parar de pensar nele. Bom, mais do que o normal, pelo menos.

Enquanto Victor me abraçava conforme caía no sono, algo em meu interior me dizia que as coisas na minha vida estavam prestes a ficar bem complicadas.



Francesca

Passado

Mack estava se inclinando contra minha escrivaninha enquanto eu colocava os brincos. Estava com os braços cruzados e parecia pensativo.

— Então, o que realmente sabe sobre esse Emmett?

— Ele é vendedor de carros agora, mas costumava tocar em uma banda de Boston quando era mais jovem.

— Está brincando comigo? Ele parece misterioso. E brega.

— Você nem o conhece. Não o julgue baseado em algo que ele costumava fazer. É como se eu te julgasse por sequer pensar em entrar na política.

— Não te culparia nem um pouco se o fizesse. Políticos são os mais misteriosos... inclusive meu pai. — Mack respirou fundo. — Bom, pelo menos você estará com Moses.

— Mesmo que eu não estivesse, sei me cuidar.

Realmente não entendia o que estava acontecendo entre Mack e mim. Tudo que eu sabia era que, a cada semana que passava, me sentia mais doente cada vez que ele tinha que voltar para D.C. para ficar com Torrie. O monstro ciumento tinha se apossado completamente de mim. Ainda assim, às vezes, era mais difícil tê-lo por perto nos fins de semana, porque nos possibilitava mais tempo juntos. Meus sentimentos por ele tinham se transformado em algo que era seriamente perigoso para o meu bem-estar.

Todo o propósito desse encontro era quebrar o ciclo — um ciclo que consistia em ser obcecada por Mack, fantasiar sobre ele, desejar alguém que não poderia ter.

Ao mesmo tempo, adorava a amizade dele. Isso complicava a situação, porque eu parecia não querer deixá-lo ir.

Realmente não sabia como ele se sentia quanto a mim, mas desconfiava, com base na forma como estava agindo naquela noite, que estava com um pouco de ciúme. Isso me empolgava e me confundia ao mesmo tempo.

Moses entrou. Olhou para Mack e depois para mim. Houve um silêncio estranho. Ele sabia dos meus reais sentimentos por Mack. Era um dos motivos pelos quais ele estava insistindo para eu ir a esse encontro.

— Eles devem chegar a qualquer minuto — Moses disse, depois se virou para Mack. — Não tem que estar em outro lugar?

— Não.

Moses o olhou desafiadoramente.

— Posso conversar com você um minuto?

Ambos saíram do quarto.

Do que se tratava tudo aquilo?

Quando vi, a campainha tocou. Com Moses e Mack ainda conversando em particular, abri para nossos convidados.

Emmett era ruivo igual a mim, de olhos azuis e um sorriso bonito. Em qualquer outro mundo, ele poderia até ser bonito. Mas em *meu* mundo, ninguém se comparava a Mack Morrison.

— Você deve ser Francesca.

— Isso. É um prazer conhecê-lo.

— É um prazer conhecê-la também. Moses me contou tanta coisa sobre você.

— Igualmente. — Então me virei para seu irmão, o namorado de Moses. — É bom te ver de novo, Brad. Para onde vamos hoje?

Moses entrou e respondeu minha pergunta.

— Eu estava pensando em irmos no Dick's Last Resort.

Dick's era um restaurante enigmático na cidade conhecido por sua decoração excêntrica e funcionários propositalmente desagradáveis.

— Falando nisso... — Moses disse, olhando para Mack, que tinha acabado de sair do seu quarto.

Mack foi direto para o meu encontro.

— Emmett! E aí, cara? Como vai? — Ele girou em um estilo Justin Bieber, depois estendeu a mão.

Oh, Deus.

Em uma tentativa óbvia de zombar da antiga participação de Emmett em uma banda, Mack vestira uma calça jeans de cóis baixo que estava na metade da bunda. A boxer estava praticamente inteira à mostra. Ele também colocara uma regata branca e estava usando um boné de beisebol de lado. Apesar do meu constrangimento, não pude deixar de notar como seus músculos ficavam bem na camiseta.

Caramba.

Moses escolheu ignorar o showzinho de Mack e foi para a cozinha pegar duas cervejas para nossos encontros.

Me sentindo ansiosa, aproveitei para usar o banheiro.

Foi quando as coisas literalmente desceram pelo ralo.

De maneira burra, eu tinha dado descarga no absorvente interno, resultando no entupimento do vaso. Ele voltou rapidamente para cima junto com um dilúvio que se acumulou no topo do vaso. Sem nenhum desentupidor à vista, eu realmente não sabia o que fazer. O pensamento de enfiar a mão na privada me enojava além do limite. Mesmo assim, não tinha como eu conseguir simplesmente deixar daquele jeito e sair. Um dos homens iria ver. Eu sabia que um deles usaria o banheiro antes de sairmos, principalmente porque estavam bebendo. Pior, se não usassem, então Mack usaria e veria meu absorvente interno flutuante depois que saíssemos.

Depois de eu ficar escondida no banheiro por mais de meia hora, ouvi uma batidinha na porta.

— Frankie, o que houve? Você está bem?

Merda. Era Mack.

— Não.

— O que aconteceu? Você está estranha.

— Temos um desentupidor em algum lugar?

Ele deu risada.

— No que se meteu, Frankie Jane?

— Só... temos ou não?

— Moses é germofóbico. Ele tirou o desentupidor daí há um tempo e disse que iria colocar de volta, mas nunca colocou.

— Bom, preciso de um.

— Não temos.

— Pode ir comprar um para mim?

Alguns segundos se passaram e ele disse:

— Já volto.

Mack desapareceu por uns cinco minutos, então retornou.

— Está decente?

— Não pode entrar aqui!

Ele repetiu:

— Está decente?

— Estou, mas...

A porta se abriu.

Mack estava com luvas de borracha de lavar louça e segurava um balde.

— O que vai fazer?

— Desentupir a bagunça que você fez.

— Não pode.

— Pode apostar que posso. É tão ruim assim? — Ele teve que engolir as palavras quando olhou para o absorvente sangrento que agora tinha se expandido na água. — Oh.

Me encolhi.

— É.

— Aparentemente, não é para você dar descarga com isso.

— Não diga, Sherlock.

— Perguntaria por que está mal-humorada, mas obviamente é aquela época do mês.

Apesar da minha humilhação, não consegui evitar rir um pouco. Mack sorriu e piscou para mim, fazendo meu coração flutuar. Como esse cara conseguia me deixar tonta em uma hora daquela era realmente inacreditável.

Mack se preparou.

— Certo, aqui vai.

Sem demora, ele enfiou a mão na privada para tirar o absorvente. Depois de jogá-lo no lixo, esguichou quantidades enormes de xampu no vaso. Então, foi para a pia e encheu o balde. Depois de jogar a água escaldante no vaso sanitário, conseguiu fazer as coisas se moverem de novo. Terminou com uma descarga bem-sucedida.

— Como aprendeu a fazer isso?

— É a mágica do Mackenzie. — Deu uma piscadinha e disse: — Na verdade, foi o Google. Procurei soluções para desentupir uma privada sem desentupidor.

— Obrigada por me salvar. Foi além do seu dever como amigo.

— Tem sorte de eu gostar de você, Frankie Jane. Acho que isso é prova de que eu faria simplesmente qualquer coisa por você.

Suas palavras me causaram um frio na barriga. Ele sempre me fazia sentir que *faria* qualquer coisa por mim.

— Obrigada.

— Sabe o que acho?

— O quê?

— Que, inconscientemente, você só está tentando evitar sair com ele.

— Por que diz isso?

— Porque ninguém fica trancado em um banheiro por causa de um absorvente flutuante. — Ele tirou as luvas e as jogou no lixo. — Por que simplesmente não fala para eles que está enjoada ou algo assim? Fique em casa.

— Seria grosseria a este ponto.

— E desaparecer no banheiro não é?

— E o que foi a interpretação de cantor? Você é mesmo louco para ser o centro das atenções — mudei de assunto.

— Só quando se trata da sua atenção.

Meu coração começou a bater mais rápido. Eu era uma causa perdida.

— Bom, da próxima vez que estiver fazendo birra para conseguir minha

atenção, tente não insultar tanto outras pessoas.

— Tem razão. Foi imaturo.

— Mas me fez rir.

— Isso porque você tem o mesmo senso de humor que eu. Nenhum de nós é tão gentil, e é por isso que nos damos tão bem.

— Talvez.

Nossos olhares se encararam, e a tensão no ar ficou palpável. Seu cabelo estava bagunçado por causa do boné, mas, de certa forma, isso o deixava ainda mais lindo. Eu queria tanto passar os dedos no cabelo dele, agarrar e puxá-lo para minha boca e simplesmente sugar seus lábios. Se ao menos ele soubesse que, só de pensar nisso, eu já estava ficando molhada...

Será que ele sabia o quanto eu o queria?

Quando ele colocou a mão na minha cintura, me encolhi. Por um breve segundo, pensei que ele fosse me puxar ou algo assim. Acabou que ele só estava arrumando minha camiseta.

— Estava metade para dentro da calça — explicou. — Você é meio desastrada.

Minha pulsação ainda se recuperava daquele breve contato quando Moses entrou sem bater.

— Que porra está havendo? — ele cuspiu.

— Nada. Mack só estava me ajudando com um incidente no banheiro.

— Que seja. Você está sendo grosseira, Frankie.

— Tem razão. Já estou indo.

Moses saiu do banheiro, batendo a porta.

— Ele me odeia agora — Mack brincou. Continuamos nos encarando por alguns segundos, então ele disse: — É melhor eu deixar você ir. — Pegando o balde, começou a sair, mas parou na porta uma última vez para falar. — Realmente preciso aprender a fazer isso... te deixar ir.

Foi a primeira implicação real do seu ciúme. Por que eu me sentia tão mal que sair com Emmett o estivesse deixando chateado? Mack tinha namorada! Deus, nosso relacionamento era muito fodido.



O ano escolar estava chegando ao fim. Eu sabia que Mack iria para D.C. em breve para as férias de verão. Ele deveria chegar em casa a qualquer minuto depois da viagem do fim de semana. Porém, naquela noite de domingo em particular, resolvi não encontrá-lo na lavanderia. Em vez de descer, subi para o terraço do prédio.

Luzes do Fenway Park iluminavam o céu noturno. O jogo dos Red Sox contra os Orioles estava demorando a acabar, e dava para ouvir a multidão torcendo. Me sentindo superemotiva naquela noite, deixei os sons do estádio servirem de fundo para os inúmeros pensamentos percorrendo minha mente.

Depois de uma hora sozinha lá em cima, a voz de Mack me assustou.

— Frankie?

Merda.

Me virei.

— Oi.

— Você me enganou. Estava esperando que estivesse lá no porão. Não sei o que me fez pensar em verificar aqui em cima, mas tive um pressentimento.

— Não estava no clima de lavar roupa esta noite, por algum motivo.

Ele se sentou ao meu lado e nós dois olhamos na direção do Fenway.

— Nada como beisebol em uma noite tranquila em Boston — eu disse.

— Normalmente, você não vem aqui sozinha. Aconteceu alguma coisa. Aquele porra do Emmett fez alguma coisa?

Balancei a cabeça.

— Não. Nem estou mais saindo com ele.

— Por que não?

— Nada. Só não deu certo.

— Bem, eu achava que ele não combinava com você, de qualquer forma.

— É — sussurrei.

Seu tom se tornou mais insistente.

— Tem alguma coisa te incomodando. Fale comigo.

Olhei para as estrelas. Como poderia dizer a ele o que realmente estava me

corroendo? Que eu sentia que estava me apaixonando por ele. Que eu não sabia mais como lidar com meu ciúme. Que estava surtando em pensar nele longe por todo o verão. Que eu temia que ele pudesse decidir não voltar e que eu nunca mais o veria. Que, de certa maneira, eu temia mais ainda que ele voltasse para lá. Que eu nunca tinha ficado tão confusa na minha vida toda.

Provavelmente sentindo minha confusão interna, ele disse:

— Sabe que pode falar comigo sobre qualquer coisa, não sabe?

— Não sei como falar com você sobre *você*.

Ele simplesmente assentiu. Sabia exatamente o que estava havendo.

Mack me surpreendeu quando esticou o braço e pegou minha mão, firmemente entrelaçando meus dedos com os dele. Encarou nossas mãos por um tempo.

— Já passou da hora de termos essa conversa, não é?

— Sim.

— Não é platônico, Frankie. Eu sei que consegue sentir isso de mim, porque não escondo muito bem meu ciúme.

— Sabe, é bem patético que a melhor parte do meu fim de semana seja sempre quando você volta para cá. Você me perguntou por que eu não estava lá embaixo... estava meio que torcendo para você não me encontrar.

— Droga, chegou a esse ponto, hein? — Ele sorriu.

— Preciso quebrar a rotina, me acostumar com você não estando por perto, não apenas no verão, mas a longo prazo. Isso não é saudável.

Ele apertou mais minha mão e só ficou me olhando enquanto continuei.

— Fiquei apegada a você, Mack... bem mais do que uma amiga deveria.

— Sei que é uma merda, Frankie. Toda essa experiência em Boston era para ser apenas temporária para mim, para descobrir meu futuro, para ficar longe de casa. Não estava esperando que ficar aqui me desse mais a *sensação* de casa. É por sua causa. Você não fazia parte do plano. Não mesmo.

— Não quero ter esses sentimentos por você.

— Eu costumava falar para mim mesmo que, um dia, contaria para Torrie sobre você. Mas, quanto mais protelava, mais difícil ficava, porque meus sentimentos por você agora são mais complicados do que eram no início. Temo que ela verá o que sinto. Não é justo com ela, e não é justo com você.

Só estou confuso pra caralho em relação a tudo. Tudo que sei é que... nunca quero te magoar.

— Sei disso. — Assenti. — Este verão, separados, pode ser uma coisa boa.

— É. Acho que você está certa.

Ficamos sentados em silêncio por um tempo depois disso, encarando as luzes do Fenway e ouvindo os sons da torcida dos fãs de beisebol.

Olhei para baixo de novo para nossos dedos entrelaçados, sabendo que poderia contar em uma mão o número de dias que faltavam para ele ir embora.



Francesca

Tinha pedido para os alunos fazerem um desenho da família deles antes do recreio. Fazia parte de um trabalho sobre a diversidade da estrutura familiar nos Estados Unidos. Conforme eu olhava os trabalhos das crianças, parei sobre o de Jonah, que estava bem forte.

Havia três linhas grossas desenhadas com giz de cera preto entre as imagens da sua mãe, do seu pai e dele. Estranhamente, Jonah tinha desenhado Torrie com um sorriso no rosto, mas havia desenhado Mack e ele mesmo com um franzido na testa. O desenho claramente retratava como ele via sua situação familiar atual junto com seu estado emocional.

Por mais que não fosse meu papel analisar a interpretação artística do menino sobre sua vida, eu queria conversar com ele. Talvez fosse inapropriado dar atenção especial ao desenho dele em relação aos outros, mas eu não conseguia ignorar. A verdade era que ele me lembrava muito de mim mesma quando era mais nova.

Típico dele, Jonah estava brincando no canto do pátio da escola, chutando uma bola, separado dos outros alunos. Aproveitei para tentar conversar com ele antes de o recreio acabar.

— Ei, Jonah. Posso falar com você um minutinho?

Ele simplesmente assentiu e me seguiu para dentro e por um corredor.

De volta à sala de aula, me sentei ao lado dele.

— Então, eu estava olhando seu desenho, e meio que chamou minha atenção porque era bem diferente. Não há nada de errado com isso. Só queria conversar com você sobre ele.

Jonah continuou em silêncio, mas prestando atenção.

— Primeiro de tudo, quero me certificar de que entenda que existe todo tipo de família. Famílias com pais que estão juntos, famílias com duas mães, dois pais, famílias com um dos pais. Deixe-me te mostrar uma foto da minha família.

Fui até minha mesa e peguei um desenho que tinha feito rapidamente logo antes. Mostrava minha mãe e eu de um lado e um pedaço rasgado de papel papel-cartão preto do outro lado da folha.

— Então, esta é minha família. É diferente da sua, mas, mesmo assim, ainda é uma família. Nunca conheci meu pai. Então, ele é meio que um mistério para mim. É por isso que o representei de preto.

— Onde ele está?

— Não sei, Jonah. Ele decidiu que não queria ser pai antes de eu nascer. Mas sabe de uma coisa? Tive uma ótima mãe. E ela cuidou muito bem de mim. Mas, olha... Eu queria compartilhar minha história com você para entender que nem todo mundo tem uma família de conto de fadas. Foi esse meu objetivo com este trabalho, demonstrar isso. Se sua mãe e seu pai não moram juntos, você não está sozinho. Não tem problema ficar magoado por isso, porque sentimentos são naturais. Não podemos impedi-los. Mas você tem um pai e uma mãe que te amam. Posso te garantir isso. Vão sempre amar você, mesmo que não estejam juntos.

— Seu pai não te amava?

— Ele não me conheceu. E era muito jovem.

— Você o perdoou?

O garoto me deixou completamente perplexa, porque essa era uma pergunta que eu realmente não sabia responder.

Hesitei antes de responder.

— Essa é uma pergunta difícil. — Baguncei seus cachos. — Posso te responder depois?

— Pode — ele disse, dando um pequeno sorriso que lembrava Mack.

— Só se lembre de que não tem problema ser diferente. Isso vale para quando começar a sentir que não está se misturando com as outras crianças. Você me lembra muito de mim mesma quando era mais jovem. Eu também

costumava usar óculos exatamente como você.

Ele me surpreendeu ao revelar:

— Eu sei, você é a Frankie Quatro Olhos.

— Você sabe, não é?

— Não vou falar nada.

— Ok. — Sorri. — Sabe do que mais, Jonah? Eu também era muito tímida com as pessoas. Igual a você.

— Então como virou professora?

— Bom, costume ficar nervosa entre *adultos*. Ainda hoje, às vezes.

— O que faz quando isso acontece?

— Lido com isso até os sentimentos estranhos passarem. Sempre passam. E nunca fujo de coisas que me deixam desconfortável. Estou gostando de você ficar na sala com a gente quando pedia para sair. Percebeu que não está mais pedindo tanto para sair?

Ele assentiu.

— É porque você aguentou tantas vezes agora que viu que não tem por que temer.

Jonah pareceu refletir sobre isso.

— Enfim, a lição aqui é que não tem problema ser diferente, e não tem problema não adorar estar entre as pessoas o tempo todo. O importante é você tentar, não por eles, mas por si mesmo.

— Ok.

— Obrigada pela conversa. — Sorri. — Você ainda tem alguns minutos de recreio se quiser voltar lá para fora, ou pode ficar por aqui comigo.

Ele decidiu ficar. Eu tinha deixado o porta-retrato da família de Jonah na mesa dele. Observei-o se sentar, encará-lo por um tempo, depois pegar seu giz de cera e alterá-lo de alguma forma.

Depois percebi que ele mudou seu franzido na testa para um sorriso.



Não sei o que tomou conta de mim para, naquela noite em particular, contar a Victor sobre Mack. Mas estava na hora.

A culpa tinha finalmente acabado comigo. Embora não tivesse tecnicamente feito nada de errado, ficara muito preocupada com isso nas últimas semanas. Não é fácil esconder uma obsessão de alguém com quem você vive dia após dia. Toda noite, ele me perguntava se tinha algo me incomodando, e eu sempre falava que era algo da escola e nada mais. Provavelmente, Victor era a pessoa que eu mais respeitava no mundo todo; ele não merecia que eu mentisse.

Depois de ter lhe contado toda a minha história com Mack, a reação do meu namorado provou por que eu tinha me apaixonado por ele.

— Você ainda tem sentimentos por ele.

— Não entendo exatamente o que significam. Podem ser apenas sentimentos nostálgicos.

— Mas está confusa.

— Sim.

— Sabe que sua felicidade significa tudo para mim, certo?

— Sei que fala sério quanto a isso. Só não sei se mereço.

— Francesca, acho que nunca senti que eu realmente mereço você. Você é jovem e linda... carinhosa e inteligente. Vou dormir toda noite me sentindo o homem mais sortudo do mundo por dormir ao seu lado. — Ele sorriu. — E, quando seu humor permite, conseguir fazer amor com você. Mas acordo toda manhã em dúvida se aquele será o dia em que você vai descobrir que poderia conseguir alguém melhor. Ou que talvez preferiria estar com alguém que tenha uma idade mais parecida. A única coisa da qual *tenho* certeza é que não quero que fique aqui se não quiser. Te amo o suficiente para deixar você resolver isso, se é do que precisa.

O único homem que realmente já me fez sentir segura estava se oferecendo para se distanciar de mim. Não era exatamente muito bom.

— Não quero fazer isso, Vic.

— Sempre vou cuidar de você, se é isso que quer. Sempre vou querer você na minha vida, mas somente enquanto puder fazê-la feliz. Entende o que estou dizendo?

— Entendo. Você me faz feliz. Sempre fez.

Era verdade.

— Já que estamos sendo honestos um com o outro esta noite, realmente tenho que falar uma coisa para você.

Meu coração começou a acelerar.

— Ok...

— Lembra daquele programa que a Universidade de Boston estava tentando começar em Oxford?

— Sim.

— Então, na semana passada, me ofereceram a oportunidade de liderá-lo em Londres, no primeiro ano.

— Oh.

— Eu recusei, Francesca.

— Por que não me contou?

— Achei que não seria possível você largar seu emprego e vir comigo. Então, não era uma opção te deixar aqui. Se, por algum motivo, você não planeja estar por aqui no próximo ano, eu iria aceitar o cargo. Mas, no caso de haver alguma dúvida, eu preferiria ficar com você. Nada é mais importante para mim. Só pensei que deveria saber sobre a proposta.

Sabendo que ele desistiu prontamente de um cargo dos sonhos por mim me fez sentir horrível pelo fato de eu estar basicamente saindo com outro homem.

— Eu te amo, Francesca. Espero que seja o bastante para você.

— Eu te amo, Vic. — Realmente o amava. Meus sentimentos por ele poderiam não ser abastecidos pela mesma paixão louca que um dia senti por Mack, mas eram verdadeiros da mesma forma.

Os olhos de Victor eram sinceros.

— Obrigado por ser honesta comigo.

Nada foi resolvido naquela noite. No máximo, fiquei mais confusa quanto ao motivo de ainda estar ansiando por um homem que tinha me deixado há anos quando eu tinha um que me valorizava bem debaixo do meu nariz.



Era a noite da reunião mensal de pais e professores. A programação era

designar voluntários para várias captações de fundos que aconteceriam na primavera.

Arrumando os sucos e o café no corredor fora da sala de aula, eu mal podia esperar para acabar tudo para poder ir para casa, vestir meu pijama e relaxar. Sempre era exaustivo ter reuniões noturnas quando o dia de trabalho já ia até tão tarde.

Uma voz rouca de trás de mim me assustou.

— Um barril seria muito mais divertido, não acha?

Me virei e vi Mack ali parado, segurando uma caixa de cookies de chocolate do supermercado.

— O que está fazendo aqui?

Ele colocou os cookies na mesa.

— Essa é a reunião de pais e professores, não é?

— É, mas... — Hesitei sem saber o que dizer.

Ele terminou minha frase.

— Mas não é para eu ser incluído nesse grupo? — Mack estalou o dedo.
— Oh, desculpe. Pensei que fosse uma reunião para irritar os professores. Foi mal.

— Bom, se fosse esse o caso, você poderia estar no lugar certo.

— Este é o lugar certo para mim esta noite.

— Esta reunião é para participantes sérios.

— Falo sério quanto à professora. Vale?

— Não.

— Na verdade, gostaria de ajudar com toda a *seriedade*. É o mínimo que posso fazer depois de acabar com seu ano escolar. Realmente gostaria de estar envolvido o máximo que puder na educação de Jonah. É a verdade, ok? Passar um tempo com você é um benefício extra.

O que eu poderia dizer? Ele tinha tanto direito de estar ali quanto qualquer outra pessoa.

— Só fique sabendo que este não é o lugar certo para ficar brincando ou distraindo outros participantes, por assim dizer.

— Não planeje distrair ninguém além de você.

— É, bom, você tem meio que um fã-clube aqui. Temos uma programação bem restrita para cumprir.

Ele se aproximou e apenas me encarou por um instante. O contato fez minha pele pinicar e meus mamilos enrijecerem.

— Não se preocupe — ele disse ao olhar para baixo, parecendo perceber que meus mamilos estavam empurrando o tecido da camiseta. — Seus pontos estão anotados, srta. O'Hara. — Ele mexeu as sobrancelhas. — Te vejo lá dentro.

Detestava o fato de que ele sabia que me afetava. Se meu corpo tinha esse tipo de reação agora, o que teria acontecido se ele realmente tivesse feito mais coisa? Engravidaria espontaneamente? Certas coisas nunca mudam, e minha reação àquele homem era um exemplo disso.

Tinha uma mesa comprida no meio da sala de aula extra em que estávamos nos reunindo. Não havia um único homem na sala, com exceção de Mack. Ele era como a peça central.

Me sentei na ponta da mesa.

— Então, vamos começar? — Olhando para minha lista, eu disse: — Primeiro, na pauta, é a feira de livros. Precisamos eleger alguém para estar no comando dela e coordenar os voluntários.

Mack ergueu a mão.

— Sim? — perguntei.

— Parece que essa é bem a minha área. Gostaria de me voluntariar para administrar a feira de livros.

— O que o faz querer essa tarefa? É bastante responsabilidade.

Ele pensou por um instante, depois falou:

— Escrevo livros de criança. Acho que seria perfeito.

— Bom argumento — uma das mulheres concordou. — Ele será *perfeito*.

Tenho certeza de que está pensando que ele será perfeito, sim... para sua vagina.

— Ok... mas espero que saiba que há uma quantidade enorme de trabalho ao organizar esse evento em particular. Exige a disponibilidade de um fim de semana inteiro. Precisa fazer encomendas com livrarias, fazer o inventário, delegar tarefas e contratar um fornecedor de comida para o local porque

muitas pessoas vêm só pela comida. Ultimamente, a comida é a isca.

— Sei fisgar as pessoas. Sou um mestre da isca. — Ele pausou. — Quero dizer... Consigo lidar com isso. Vou fazer um monte de gente se inscrever para essa porra.

Uma freira participante o olhou feio por usar linguagem de baixo calão.

Ele pigarrou, parecendo se arrepender da escolha de termos.

— Vou fazer as pessoas participarem. Não se preocupe.

— Vou anotar seu nome como uma possibilidade. Vamos votar no final.

— Obrigado.

Olhando em volta, perguntei:

— Tem mais alguém interessado em assumir as rédeas da feira de livros?

Nem uma única pessoa se manifestou.

Uma mulher disse:

— Não, mas ficarei feliz em ajudar Mack com o que ele precisar.

Tenho certeza de que ficará.

Mack assentiu, depois deu um sorriso presunçoso.

— Obrigado. — Então deu uma mordida em seu cookie e piscou para mim.

Eu tinha certeza de que minhas bochechas estavam corando.

— Ok, então. Vamos continuar.

No final da reunião, os votos para Mack como líder da feira de livros foram unânimes. Aquele evento também tinha muito mais voluntários do que os outros, principalmente quando ele ofereceu fazer as reuniões de planejamento em sua casa. Uma visão de Mack em um roupão do tipo Hugh Hefner, fumando um charuto, envolvido por multidões de mães taradas passou pela minha mente. Ignorei.

Na maior parte do tempo, Mack se comportou bem no resto da reunião.

Assim que todas se dispersaram, ele se demorou até estarmos apenas nós dois sozinhos na sala de aula.

Ele estava inclinado para trás em sua cadeira, balançando para a frente e para trás enquanto apenas me olhava com um sorriso malicioso.

Comecei a arrumar minhas coisas. Sem olhá-lo nos olhos, eu disse:

— Você nunca organizou um evento escolar. Não acha que é um pouco além do seu limite?

— Não quando tenho você para me ajudar.

— O normal não é pedir antes de presumir que vá te ajudar?

— Frankie... pode me ajudar a organizar a feira de livros? — ele brincou.

— Você tem bastantes voluntárias para isso, na verdade. — Ergui um papel. — Olhe para essa lista.

— É, mas nenhuma delas é tão inteligente e engenhosa como você. Por exemplo, nenhuma daquelas mulheres saberia usar meleca como cola.

Não podia acreditar que ele se lembrava disso. Certa vez, tinha confessado a ele que, quando criança, se acabasse minha cola durante um projeto de artes, eu usava um pouco da minha própria meleca do nariz para colar os papéis. Agora era uma coisa totalmente nojenta. No entanto, não podia negar.

— Como se lembra disso?

— Sei tudo sobre você, Frankie Jane. Bom, até certo ponto.

— Enfim, há formas mais fáceis de passar tempo comigo do que estragar uma arrecadação de fundos, sabe.

— Sério? Porque você não faz parecer tão fácil. Toda vez que falo sobre nos vermos, você muda de assunto. É porque realmente não quer sair comigo ou só porque teme o que pode sentir se sair? Particularmente, acho que é a segunda opção. Acha que não consigo te interpretar, mas consigo.

— É mesmo?

— Sim. É um dos meus muitos talentos.

Erguendo a mão, eu disse:

— Pare.

— O que foi?

— Sei que vai começar a falar sobre seus outros talentos, e vai dizer alguma coisa sugestiva. Não se esqueça de onde estamos.

— Jesus... como você é sem graça.

— Não use o nome do Senhor em vão também — sussurrei. — A Irmã Theresa está ali fora na porta. Vai entrar e te bater com a varinha famosa dela.

Quando ele deu um sorrisinho, ergui o dedo indicador.

— Sei que quer falar algo agora sobre a *sua* varinha famosa.

— Deus, Frankie... que tipo de porco pensa que sou? — ele zombou.

— Não fale Deus.

— Você está colocando palavras na minha boca, tentando prever o que vou falar. Embora não sejam palavras que quero na minha boca agora.

Jesus Cristo.

Não use o nome do Senhor em vão.

Apertei os músculos entre as pernas.

— Viu? — perguntei.

— Vi o quê? Que sou o rei das insinuações sexuais que aproveita qualquer oportunidade para te fazer corar? Sim. Então sou totalmente culpado. Me perdoe, Pai, porque pequei.

— Shh. Não diga isso!

— Talvez seja do que preciso: me confessar.

— Você tem problemas.

— Está totalmente certa. Acho que vou nesta semana, na realidade. Vou contar ao Padre Louis sobre o meu desejo pela linda e jovem professora que costumava ser minha melhor amiga. Vou contar para ele como fantasiei sobre como a marca da minha mão ficaria na sua bunda. Talvez ele possa jogar um pouco de água benta em mim para me esfriar. Espero, por Deus, que ele consiga me fazer superar você, porque nada mais tem funcionado.

— Pare.

— Não está gostando nem um pouco?

Eu estava curtindo bastante... um pouco demais a ponto de a minha calcinha agora estar encharcada.

Erguendo a bolsa no ombro, eu disse:

— É melhor sairmos daqui. Eles precisam trancar o prédio.

Ele se levantou e gesticulou com a mão para a porta.

— Depois de você...

O ar estava frio lá fora, e tinha neblina. Mack me acompanhou em silêncio até meu carro.

Quando paramos diante do veículo, só nos olhamos por alguns instantes. Sua expressão ficou séria.

— Pensei ter te visto uma vez.

— O quê?

A respiração dele ficou visível conforme falou.

— Jonah tinha uns seis meses. Torrie e eu o tínhamos levado ao shopping. Ele estava em um daqueles suportes no meu peito. Ela tinha ido em uma loja, e eu fiquei em pé no meio do shopping carregando o bebê. Apareceu uma garota. Ela era igualzinha a você de costas, o mesmo cabelo liso ruivo com exatamente o mesmo comprimento de quando te vi pela última vez. A mesma postura também.

— Achou mesmo que fosse eu?

Ele assentiu, parecendo taciturno.

— Eu tinha certeza. Meu coração estava quase saindo do peito. Fiquei tão envolvido na ideia de ser você que nem consegui raciocinar que você estar em Virginia naquela época provavelmente não teria feito nenhum sentido. Acho que era porque eu queria muito acreditar que era você. E acreditei. Realmente acreditei.

— O que fez?

— Fiquei ali por muito tempo criando coragem para chegar em você. Jonah estava chorando, mas era como se eu tivesse me esquecido de que ele estava preso a mim. Nada mais importava naquele momento enquanto comecei a me preparar para te falar o quanto sentia sua falta, te falar todas as coisas que se formaram dentro de mim no tempo em que ficamos separados. Em meu estado delirante, nem duvidei por um segundo que era você. Me lembro do meu peito parecer muito pesado. Um passo de cada vez, me aproximava de você onde estava em pé na praça de alimentação, olhando um cardápio. Não sei o que estava pensando que ia acontecer. Não era como se eu pudesse fugir ou algo assim. Só me lembro de sentir que tinham me dado uma segunda chance, de que, de alguma maneira, Deus tinha me trazido você para onde eu estava naquele exato momento.

— Você foi até mim? Até ela?

— Fui. — Ele soltou uma leve risada sem humor e balançou a cabeça. — Gritei “Frankie”. Quando ela se virou, obviamente, não era você. Me senti

muito idiota.

— Você não sabia.

— Deveria saber que você não teria ido até Virginia. Mas só queria muito acreditar que era você.

— O que a garota te falou?

— Nada. Pedi desculpa e disse que pensei que fosse outra pessoa, então fui embora desanimado. Torrie voltou pouco tempo depois carregando algumas sacolas. Ela ficou me perguntando o que tinha acontecido naquela noite. Acho que eu devia estar parecendo tão arrasado quanto me sentia. De certa maneira, foi mais difícil do que qualquer coisa que tinha acontecido até então. Foi como se eu tivesse te perdido de novo. Me fez perceber simplesmente o quanto me sentia arrependido, o quanto deixei de falar.

— O que iria falar para mim? Sabe... se fosse mesmo eu naquele shopping?

— Esse é o problema... nem sei o que ia falar, mas tenho quase certeza de que teria sido um desastre, eu parado ali balbuciando com um bebê pendurado. Não era para ser naquele dia. Mas fiz um juramento, naquele instante, de que, se um dia tivesse a chance de te ver de novo, que não iria estragar tudo, que estaria preparado. Prometi a mim mesmo que deixaria minhas intenções claras para você e não desperdiçaria a oportunidade que o universo tinha me dado.

— Já ouviu aquela música *Pictures of you*, do The Cure?

— É, acho que já.

— Toda vez que a escuto, penso em você.

— Vou precisar ouvir esta noite. — Mack estendeu a mão na direção do meu pescoço e tirou meu cachecol solto, reposicionando-o. — Enfim, está frio. É melhor você entrar no carro e ligar o aquecedor.

De repente sem querer deixá-lo, não sabia o que dizer, então simplesmente respondi:

— Vou te ajudar com o negócio da feira de livros, se quiser. Já estive envolvida com isso.

— Eu agradeceria muito.



Mais tarde naquela noite, eu estava na cama quando chegou uma mensagem de texto no meu celular.

Mack: Aquela música. Uau. Nunca tinha ouvido as palavras.

Francesca: Te falei.

Mack: Agora não consigo parar de ouvir.

Não sabia o que tinha me dado mais cedo para admitir que aquela música me fazia lembrar dele. Ele tinha contado a história do shopping. Acho que queria que ele soubesse que não era só ele que se sentira arrependido e triste ao longo dos anos.

Mack: Sempre fiquei puto porque tudo que tinha de você eram as fotos que roubei. Mas como pudemos nunca tirar uma juntos?

Francesca: É verdade. Eu pensava a mesma coisa.

Mack: Enfim... Só queria te falar que adorei a música. Obrigado por compartilhar isso comigo.

Francesca: Por nada.

Mack: Aliás, comecei a olhar um catálogo de livros infantis para a feira de livros. Sei qual vou encomendar primeiro.

Francesca: Qual?

Mack: Chama Do you want to play with my balls¹?

Ele me enviou uma foto do que parecia ser um livro de criança com esse título.

Francesca: Não pode ser de verdade!

Mack: Rs. Não é, não. É para adultos. Acabei de te causar um ataque do coração?

Foi um dos muitos miniataques do coração que ele tinha me dado recentemente.

Francesca: Isso é algo que você teria me dado, com certeza, como presente na faculdade.

Mack: Na faculdade? Foi encomendado e será entregue a você. Entrega prevista para segunda.

Francesca: Está brincando?

Mack: Não. Só não deixe o velho ver. Ele pode ficar excitado e ter um ataque do coração de verdade.

Francesca: Você é louco.

Mack: Boa noite, Frankie Jane.

Francesca: Boa noite, Mack.

1 Quer brincar com minhas bolas? (tradução livre). [N.T.]



Mack

Não era um sábado nada típico. Eu tinha acordado determinado a tirar Jonah de casa e afastá-lo dos seus eletrônicos.

Fomos para a cidade e tomamos café da manhã na North End. O plano era de, depois, irmos ao Museu da Ciência. Pelo menos lá, ele não precisava falar comigo, haveria muita coisa para focarmos nossa atenção.

Decidindo matar um pouco de tempo depois do café da manhã, fomos à feira. Tinha prometido que levaria milho para a sra. Migillicutty. Entregando uma sacola a Jonah, disse a ele para escolher qualquer quantidade de fruta que quisesse.

Quase imediatamente depois disso, notei uma mão delicada e familiar apertando um abacate. Outra mão — não tão familiar — estava apertando a bunda de Frankie. Engoli em seco, observando ela e seu namorado parados na minha frente. Um coquetel de ciúme e adrenalina me percorreu.

Fale alguma coisa.

Ela ainda não tinha me visto quando me inclinei e falei a primeira coisa em que consegui pensar.

— Como se sabe se eles estão maduros?

Ela pulou ao ouvir minha voz.

— Mack. O que está fazendo aqui?

— O mesmo que você. Apertando coisas?

As bochechas de Frankie ficaram vermelhas.

Seu namorado me encarou, depois se virou para ela.

— Esse é o Mack?

Ela apenas assentiu.

Uau. Ela tinha contado sobre mim para ele.

Não sabia se isso me dava satisfação ou se me perturbava.

Ele estendeu a mão.

— Victor Owens.

— Mack Morrison — cumprimentei-o.

Era uma sensação bizarra só agora estar cara a cara com alguém que tinha sido meu adversário número um por tanto tempo.

Ele mantivera a mão firme na cintura dela com a outra mão. Muito para meu desânimo, o namorado de Frankie era, na verdade, um idoso decentemente bonito. Apesar do cabelo grisalho, ele estava em boa forma e o que a maioria das mulheres de qualquer idade provavelmente julgaria atraente.

Jonah apareceu ao meu lado com uma sacola de plástico cheia de maçãs e romãs.

Frankie forçou um sorriso.

— Oi, Jonah.

Ele pareceu desconfortável em encontrar a professora.

— Oi.

— Vamos para o Museu da Ciência daqui a pouco — eu disse.

— Ah, ele vai adorar. — Ela sorriu.

Victor se virou para o meu filho.

— Eu adorava ir lá quando era criança, apesar de estar bem melhor agora. Certifique-se de visitar o Fóssil Colossal.

— O que é isso? — Jonah perguntou.

— É um esqueleto de dinossauro de sessenta e cinco milhões de anos, descoberto em Dakota Badlands há mais ou menos uma década. É bem legal se você curte dinossauros.

Enquanto meu ego ciumento e imaturo queria poder fazer uma piada sobre *Frankie* curtir dinossauros, era difícil levar meus pensamentos a sério no momento. Na realidade, aquele cara era bem mais jovem do que eu tinha imaginado. Pela primeira vez, percebi que tinha uma concorrência séria se

um dia sonhava em roubar Frankie dele. Um sentimento de derrota se desenvolveu na boca do meu estômago quando olhei de novo para a mão dele plantada logo acima da bunda dela.

— Bom, divirtam-se — ela desejou.

Me atrapalhando com as palavras, eu disse:

— É. Vocês também. Quero dizer... tenham um bom fim de semana.

— Obrigada.

Os olhos de Frankie travaram nos meus em um reconhecimento silencioso do quanto esse encontro foi esquisito.

Victor deu um tapinha rápido no ombro do meu filho.

— Foi um prazer te conhecer, Jonah.

Meu peito apertou quando nos afastamos.

Naquela tarde, enquanto Jonah e eu olhávamos as estrelas no teto do planetário do museu, minha mente estava em outro lugar. Não conseguia tirar o encontro da cabeça. Mais do que nunca, sentia que meu tempo estava acabando.



Na noite de domingo, levei Jonah para Torrie. Estava me sentindo particularmente emotivo entre o encontro com Frankie no dia anterior e ter me esforçado demais para me conectar com meu filho o fim de semana inteiro.

Olhei para trás de mim para Jonah, que estava abraçando sua mochila.

— Espero que tenha se divertido neste fim de semana. Sei que eu me diverti com você.

Em vez de me responder, ele me destruiu com uma pergunta.

— Está triste?

Pareceu que meu coração parou de bater por um instante.

— Como assim?

— Você sorri para mim, mas, às vezes, parece triste quando acha que não estou olhando.

Meu filho, aparentemente, era mais perceptivo do que eu lhe dava crédito.

Parei para pensar em como explicar isso a ele.

— Todos nós temos nossos momentos. Gostaria de mudar algumas coisas na vida. E essas coisas me deixam triste às vezes. Mas você não é uma delas. Você é a melhor coisa que já me aconteceu. Se um dia achar que não estou feliz, não tem nada a ver com você. Você é a única coisa que me traz a maior felicidade. Você é meu lar, Jonah. Nós formamos um time. Eu vou aonde você vai. Mesmo que não esteja sob o mesmo teto à noite, ainda estou com você... só à distância de uma ligação ou de um percurso rápido de carro. Quando precisar de mim, estarei lá. Entendeu?

— Entendi.

— Que bom. — Me virei para alcançar o banco de trás. — Agora, dê um abraço no seu velho.

Depois de nos abraçarmos, eu estava quase saindo do carro quando ele disse:

— A srta. O'Hara não tem pai.

— Ela te contou isso?

— Sim. Fiquei com pena dela.

Simplemente assenti, pensando em perguntar a ela o que a levou a admitir isso para ele.

Com Jonah de volta com a mãe para dormir, a necessidade urgente de ver Frankie que tinha me seguido o fim de semana inteiro estava com força total.

Peguei meu celular e liguei para ela da rua.

Ela sabia que era eu quando atendeu.

— Mack...

— Frankie...

— E aí?

Fui direto ao ponto.

— Pode me encontrar em algum lugar? Eu te pegaria em casa, mas não sei se ele gostaria disso.

— Está tudo bem?

— Está, mas preciso mesmo te ver. Estou no carro. Só me diga para onde ir. Contanto que não seja para o inferno.

Após uma hesitação, ela concordou em me encontrar. Frankie me pediu para pegá-la do lado de fora da assembleia legislativa de Massachusetts, que não era muito longe de onde ela morava.

Aguardando na escada, ela estava vestida com um blazer bege justo e jeans. Um cachecol colorido estava em volta do seu pescoço. Sexy pra caramba, ela também estava usando botas de cano alto pretas de couro. Seu estilo tinha definitivamente evoluído ao longo dos anos.

Ela abriu a porta e entrou.

Me virei para ela.

— Aonde disse para ele que iria?

— Disse que iria te encontrar. Não quero mentir para ele.

— Ele não tem problema com isso? É maluco?

— Ele gosta da minha sinceridade.

— Fiquei surpreso por ele saber quem eu era na feira. O que ele sabe exatamente?

— Tudo. contei a história toda na semana passada.

— Bom, precisa ser bem confiante para deixar sua mulher sair com outro cara.

— Você disse que queria conversar. Não é um encontro. Ele sabe disso.

As palavras dela foram um grosseiro choque de realidade. Por mais que eu quisesse que fosse, não era um encontro.

— Claro.

Conforme me aproximava da rodovia, ela perguntou:

— Aonde vamos?

— Não sei.

— Não sabe?

— Não. Só queria ficar com você. Não sei para onde estou indo, Frankie. Não sei o que estou fazendo também. Só precisava te ver.

Ela encostou a cabeça no banco, virando-se para mim, mas ficou em silêncio.

— Já comeu? — perguntei.

Ela sorriu.

— Posso comer.

Sorri de volta para ela. Ela sabia que, quando eu fazia essa pergunta, ela sempre respondia com “posso comer”. Comer junto sempre foi um dos nossos passatempos preferidos.

Uma ideia surgiu na minha cabeça.

— Acha que o Sullivan’s está aberto nesta época do ano?

— Sei que estão abertos.

— Já voltou lá?

— Fui algumas vezes.

— Com ele ou sozinha?

— Sozinha.

Era nosso lugar.

Vinte minutos depois, estacionamos em uma vaga em nosso antigo local. Sullivan’s era uma lanchonete de delivery perto do mar em Castle Island no sul de Boston. Não era uma praia boa para banho, mas costumávamos gostar de sentar e olhar a água, observar os aviões voarem baixo conforme pousavam ali perto no Logan Airport.

O oceano, no meio de novembro, era agitado, e ficava congelante perto do mar, mas eu mal percebi essas coisas.

Olhando para um 747 pousando, falei mais alto do que o barulho do motor.

— Isso é muito bom, estar aqui com você, ver os aviões pousarem. Fantasiei muito em voltar aqui com você.

Frankie comia em silêncio seu cachorro-quente grelhado conforme olhava a água, e o vento soprava seu cabelo desesperadamente.

— Vai me contar como o conheceu?

Ela limpou a boca antes de pigarrear.

— Eu estava fazendo mestrado na Universidade de Boston. Ele é professor lá.

— Ele foi seu professor?

— Não. Mas nos conhecemos lá. Eu não sabia que ele era professor.

— Quando tempo depois de eu ir embora de Boston você começou a

namorá-lo?

— Um tempo depois. Estamos juntos há dois anos.

— Ficou com alguém antes dele?

— Saí com alguns, mas Vic foi o primeiro relacionamento sério. Tive dificuldade de me conectar com alguém por muito tempo depois que você partiu.

Isso era difícil de ouvir. Mas não me surpreendia. Eu sabia que ela gostava muito de mim e, até hoje, nossa química não era nada igual ao que eu já tinha vivenciado. Enquanto ficava, de alguma forma, satisfeito que ela se sentisse igual, também doía saber que demorou um tempo para ela seguir em frente depois da minha partida. Mas nunca esperei outra coisa.

— O que foi diferente nele?

— Tudo. Ele me respeita, gosta de todas as minhas peculiaridades, tipo como você gostava. E cuida de mim, me faz sentir segura. Nunca tive ninguém que cuidasse de mim. Sempre tive que cuidar de mim mesma. Foi uma mudança boa.

— Juro que não vou fazer piada sobre o complexo de pai.

— Olha, você não está totalmente errado quanto a isso. Ele, com certeza, conseguiu preencher esse vazio. Mas acho que não gosto de pensar assim.

Realmente não queria imaginá-lo preenchendo qualquer vazio dela.

— Ele quer se casar com você? Quero dizer, está nesse ponto?

— Ele fala que quer passar o resto da vida comigo, mas não valoriza muito a instituição do casamento. Fala que se casaria se eu quisesse. A mesma coisa com filhos. Mas também não precisa deles para ser feliz. Sei que ele gosta da liberdade.

— Ele já foi casado?

— Não.

— Você quer se casar?

— Agora? Não.

— Ainda se sente sexualmente atraída por ele?

— Meu Deus, Mack, parece que estamos na terceira série. Por que quer saber disso?

Estava cansado de enrolar.

— Preciso saber onde estão os pontos fracos.

— Porque planeja tentar me roubar dele?

— Se seu destino é ficar com ele, não vou conseguir fazer isso independente do quanto tente.

— Mas você *planeja* tentar.

Planejo tentar muito.

— Sei que posso estar bem atrasado. Não sou burro. Mas nunca me perdoaria se não tentasse pelo menos.

— O que exatamente planeja tentar?

— Não ficarei em Boston para sempre. Desconfio que o emprego de Torrie aqui não vá durar. É só um contrato de cargo. E preciso ir para onde Jonah for. Então, essa é uma oportunidade que não posso desperdiçar. Você perguntou o que planejo tentar? Tudo. Todo tipo de coisa, Frankie... até você me falar para parar. Até me olhar nos olhos e me falar que não tem mais por que continuar.

— Você tem que ir aonde seu filho vai. Entendo isso. Suas mãos estão atadas. Posso imaginar que os últimos anos não foram fáceis para você.

— Não foram. Mas meu maior arrependimento é ter te magoado. Não me arrependo do meu filho. Posso não saber o que estou fazendo o tempo todo, mas aquele garoto é o meu mundo.

— Sei que é.

— Eu costumava pensar que ficar com a mãe era a melhor coisa que eu poderia fazer por ele. Ter os pais constantemente brigando nunca melhoraria a vida dele. Finalmente percebi que, se não estou feliz, não posso realmente ser o tipo de pai que meu filho merece. Ele consegue ver o que estou sentindo.

— Ele não fala nada, mas percebe tudo.

— Você falou com ele sobre seu pai.

— Ele te contou?

— Contou.

— Falei. Tivemos uma aula sobre diversidade de famílias. Ele tinha desenhado você, Torrie e ele com linhas grossas separando cada um.

Uau. Isso partiu meu coração.

— Não acredito, sério?

— É. Eu queria que ele soubesse que muitas pessoas têm diferentes estruturas familiares e que não tem problema nisso. Foi por isso que compartilhei essa parte da minha vida com ele.

— Obrigado por fazer isso. Sei que não é fácil, para você, falar sobre isso.

— Ele me perguntou se eu perdoava meu pai... por me abandonar.

— Mesmo?

— Pensei ser uma boa pergunta e respondi com sinceridade. Disse que não sabia, mas que iria atualizá-lo. Ele pareceu aceitar. — Ela olhou para a água, depois para mim. — As coisas estão melhores com ele em casa?

— Acho que estamos chegando a um lugar melhor, lentamente. Esse fim de semana foi bom.

— Fico feliz em saber disso. E o *seu* pai? Como está seu relacionamento com ele agora?

— O mesmo de sempre. Ele não está feliz comigo... desde minha escolha de carreira até minha recusa em casar com Torrie. Mas não me importo com a opinião dele neste estágio da vida. Ele não pode mudar minhas decisões. E, mais do que isso, não permito mais que ele exerça poder sobre mim. Essa foi a maior mudança. Porém, meu pai é bom para Jonah. Admito. Com exceção disso, ele é o mesmo babaca miserável que sempre foi, preocupado mais com sua reputação do que com qualquer outra coisa.

Nossa conversa foi interrompida quando o celular de Frankie tocou. Ela olhou para ele.

— É o Victor?

— Sim. Ele só quer se certificar de que estou bem.

— Ele pensa que vou te machucar ou algo parecido?

Seria sem sentido, considerando que definitivamente eu já a tinha machucado por uma vida inteira.

— Não. Ele só está fazendo o que qualquer namorado faria em uma situação desta.

— Eu sei. Não o culpo nem um pouco.

Ela começou a tremer, e lutei contra a vontade de abraçá-la. Por mais que eu quisesse fazer isso, não era meu papel.

Seus olhos brilharam à luz da lua.

— *Está* ficando tarde. É melhor eu ir.

— Vamos levar você para casa, então.

O percurso de volta ao bairro dela passou rápido demais. Meu tempo com ela sempre foi limitado; eu nem tinha começado a sequer falar o que precisava.

Quando chegamos à esquina da casa dela, perguntei:

— Quando posso te ver de novo?

— Victor vai à Inglaterra daqui a umas duas semanas dar consultoria em um novo programa de antropologia em Oxford.

— Por quanto tempo?

— Por uma semana.

Uma semana.

Apesar de todo o planejamento diabólico em meu cérebro, tentei soar casual.

— Vamos jantar, então?

— A gente se fala — ela disse de uma forma não comprometedora.

Meu coração bateu mais rápido. Eu sabia que essa era minha única chance de realmente passar um tempo com ela, de ter minha Frankie de volta — mesmo que fosse apenas por uma semana.



Francesca

Victor fechou a mala. Ele estava incomumente quieto naquela manhã conforme se preparava para viajar. Parecendo perdido em pensamentos, em certo instante, parou e colocou a mão no meu antebraço, puxando-me para ele.

Me abraçando forte, ele sussurrou no meu ouvido:

— Queria que viesse comigo.

Respirei o cheiro de seu Givenchy característico e disse:

— Eu também, mas você não me pediu. Nem sabia que era uma opção.

— Acho que precisamos desta semana separados. Você precisa descobrir o que quer. Estou te dando o espaço para fazer isso por uma semana. Não vou questionar nada que acontecer enquanto eu estiver fora. Não quero saber. — Ele recuou para me olhar. — Mas, Francesca, não posso viver assim para sempre. Em algum momento, vou precisar saber que seu coração é meu. Posso parecer uma pessoa muito forte, mas, ultimamente, estou percebendo cada vez mais que posso não ser tão forte quanto pensava. Te amo muito. Mas não consigo suportar estar com você se seu coração não estiver comigo.

Suas palavras foram sérias. Fiquei em silêncio, e ele continuou.

— Esses dois anos com você foram os melhores da minha vida. Nunca duvidei de que ficaríamos juntos para sempre... até recentemente. E, quando descobri o motivo pelo qual você estava agindo estranho, foi a prova de que minhas preocupações estavam certas.

— Sinto muito por ter começado esse tipo de estresse em nossa vida.

— Não sinta. Você foi sincera comigo. Agradeço por isso mais do que

imagina. Mas não vou mentir. Ver que o cara por quem está confusa parece um modelo da Calvin Klein além de tudo, bom, não ajudou.

Dei risada de leve só porque não sabia como reagir ou o que dizer. Mack *realmente* parecia um modelo, mas isso não tinha nada a ver com o porquê de estarmos nesse dilema.

— Não sou uma pessoa superficial. Sabe disso. Minha conexão com ele foi mais do que a aparência, assim como minha conexão com você.

— Sei que pensa com o coração e a mente. Então, se, em algum momento, decidir que seu coração não está aqui, eu preferiria que falasse logo. É tudo que peço. Não quero te prender.

— Prometo nunca fazer isso com você, Vic. E juro que vou descobrir o que quero para podermos seguir com nossas vidas.

Ele olhou para o relógio.

— Vou me atrasar, mas, mais uma coisa antes de eu ir. — Ele segurou meu rosto com ambas as mãos. — Se decidir que vai ficar comigo, decidi que quero mergulhar de cabeça. Porque não te amo pela metade, meu amor. E não sei se percebia isso até o fato de perdê-la se tornar uma ameaça real. Quero me casar com você. Quero ter filhos com você. Quero te amar pelo resto da vida e somente te fazer feliz. Só precisa decidir qual caminho vai seguir. Se for comigo, juro que não vai se arrepender.

Lágrimas começaram a preencher meus olhos. Victor nunca tinha falado nada assim para mim.

— Eu te amo, Vic. Amo mesmo.

— Também te amo, Francesca. Cuide-se esta semana, ok?

— Ok.

Então ele se foi.



Minha cabeça estava praticamente nas nuvens quando tentei dar aula naquela manhã. Não conseguia parar de pensar em Victor. Ele nunca havia exposto sua alma para mim assim. Me fez realmente perceber o quanto eu poderia perder se deixasse que meus sentimentos por Mack atrapalhassem meu relacionamento com o único homem que já disse me amar.

Mais tarde, naquele dia, meu humor mudaria, e não para melhor. Eu estava corrigindo trabalhos enquanto os alunos completavam um ditado.

Lorelai veio atrás de mim e falou baixo.

— Eu estava falando com Clarissa esta manhã. Ela mencionou que Mack foi à casa dela ontem.

Meu estômago revirou.

— O quê?

— De acordo com ela, eles passaram o dia inteiro juntos.

Meu sangue estava fervendo. Lá estava eu, colocando toda a minha vida em risco devido aos sentimentos não resolvidos por ele, e ele estava de graça com aquela vadia?

Eu estava brava.

Estava confusa.

Estava com saudade de Victor.

— Ela disse mais alguma coisa?

— Ela não parou de falar nele, como é gostoso, como é gentil, como é um ótimo pai. Está muito interessada nele, Francesca. Só pensei que deveria saber o que ela está dizendo.

— Obrigada.

Fingi tranquilidade a tarde toda, mas, assim que a aula acabou, os sentimentos que estivera abrigando estavam prestes a explodir. Eu não tinha direito de sentir ciúme nem de ficar brava. Mas não parecia que isso fazia diferença.

Pegando meu celular, respirei fundo antes de lhe mandar mensagem.

Francesca: Soube que se divertiu com Clarissa.

Os três pontinhos sinalizando que ele estava respondendo apareceram quase que imediatamente.

Mack: Foi para Jonah brincar. Eu não ia seguir com isso, mas ele, na verdade, me pediu. Não podia falar não. Não iria simplesmente deixá-lo na casa de uma estranha, principalmente com as tendências de surto que ele tem.

Francesca: Acho que Clarissa não viu isso apenas como um dia de brincadeiras. Ela quer você.

Mack: Não importa o que ela quer.

Francesca: Talvez devesse seguir em frente.

Mack: Onde está agora?

Francesca: Ainda estou na escola.

Mack: Fique aí. Vou te buscar.

Francesca: Tenho carro.

Mack: Me encontre lá na frente em vinte minutos.



Meu coração estava acelerado enquanto esperava dentro da escola, na porta da frente. Quando vi o carro de Mack parar, olhei para trás por cima do ombro para garantir que não tivesse ninguém, depois fui em sua direção.

Abri a porta e entrei, batendo-a.

Mack parecia bravo quando disse:

— Oi.

— Oi.

Respirando fundo, ele manobrou o veículo e partiu. Devemos ter ficado quase meia hora em silêncio pela Route Nine.

De repente, ele entrou em uma rua residencial, delineada por árvores. Parecia um bairro legal, de classe média.

— Aonde vamos?

— Para minha casa.

Engoli em seco, nervosa com a ideia de ficar sozinha com ele.

— Por quê?

— Precisamos conversar. Não quero fazer isso em público.

Mack parou no que presumi ser a entrada da casa dele e acenou para uma mulher mais velha que estava do lado de fora pegando correspondências.

— Merda — ele murmurou.

— O que foi?

— Essa é a sra. Migillicutty, minha vizinha. Eu estava torcendo para ela não me ver com você.

— Por quê?

— Ela sabe sobre você. Pode ser meio estranho, ok?

Antes de eu conseguir responder, ele abriu a porta e depois deu a volta para abrir para mim.

Mack assentiu.

— Oi, sra. M.

A mulher colocou as mãos acima dos olhos a fim de bloquear o sol conforme se aproximou, arrastando os chinelos pelo concreto.

— Você deve ser Frankie.

— Sou. Como sabe?

— O cabelo vermelho.

— Bom, é um prazer conhecê-la — eu disse.

Ela deu uma piscadinha para Mack.

— Nos falamos depois, sra. M.

— Espero mesmo. — Ela riu sem emitir som. — É adorável conhecê-la, Frankie Jane.

Frankie Jane? Ela sabia desse nome também?

Poxa vida!

— O que foi tudo aquilo?

Mack pareceu se divertir.

— Ela é meio que minha vizinha-barra-bartender-barra-psicóloga.

— Ela sabe de tudo?

— Praticamente. Conversar com ela me mantém são.

Por mais estranho que fosse, achei a amizade de Mack com a idosa bem cativante.

Mack morava em um sobrado enorme. Na entrada, havia um pequeno lance de escadas que levava para cima, para a sala de estar e outro à esquerda que levava para baixo, para o porão.

Ele jogou as chaves em uma mesinha na sala.

— É isso... a casa que comprei para mim e Jonah. Com certeza é bastante espaço apenas para nós dois, mas queria dar uma casa de verdade a ele.

Ela me lembrou do tipo de casas que as famílias dos meus amigos tinham

quando era pequena. Enquanto minha mãe e eu sempre moramos em apartamentos afastados em Boston, muitos dos meus amigos moravam em casas em ruas silenciosas com jardins grandes.

Andei em silêncio, passando a ponta dos dedos pela mobília surpreendentemente aconchegante. Mack sempre estava dois passos atrás de mim enquanto me seguia.

— Você mesmo decorou?

Conseguia praticamente sentir a voz dele vibrando contra a pele das minhas costas.

— Já estava mobiliada. O casal que me vendeu tinha acabado de se divorciar. Seguiram caminhos separados e deixaram tudo aqui. Tinham dois filhos. Então, estou basicamente vivendo na lembrança da vida destruída de alguém. É bem irônico — ele brincou.

— É meio triste — eu disse, indo até a janela enorme da sacada que ficava logo atrás do sofá.

Enquanto eu olhava para fora, Mack veio para trás de mim. A proximidade do corpo dele me causou arrepios. Ele não estava me tocando, mas eu conseguia senti-lo como se estivesse.

O som da sua voz baixa me fez estremecer.

— Ele viajou esta manhã?

— Sim. Como se lembra?

— Deixei marcado no meu calendário desde que fomos a Castle Island.

Me virei e o olhar dele me queimou. Ele se inclinou, fazendo meu coração começar a bater mais rápido.

— O que foi aquela sua mensagem, hein?

— O que tem ela?

— Acha mesmo que vim para Boston te machucar de novo?

— Não tenho direito de lhe dizer quem foder. Estou com uma pessoa.

— Faz alguma ideia do que só de ouvir você falar a palavra *foder* faz comigo? — Ele se aproximou mais, fazendo meus mamilos enrijecerem. — Nunca faria nada para te machucar. Entendeu? Não tenho interesse naquela mulher. Ela teria me deixado foder com ela na despensa enquanto os meninos estavam brincando? Sim. Pensa que não sei disso? Mas acha mesmo que

estou aqui para ficar de graça com as mãos da escola? É esse o tipo de pessoa que pensa que sou? Porque, se é, então tenho uma luta muito maior nas mãos do que pensava originalmente.

Fechando os olhos para ignorar a reação do meu corpo a ele, sussurrei:

— O que você quer, Mack?

— Quero esta semana — ele disse sem hesitar.

— Esta semana...

— Quero que me conceda esta semana. Todos os dias depois da escola, eu te busco. Passamos tempo juntos, conversamos, alinhamos o que aconteceu entre a gente, talvez até nos divertiremos um pouco no processo. Usaremos esta oportunidade para nos conhecermos de novo. Sem expectativas, exceto recuperar um pouco do tempo perdido. É tudo que vou pedir de você. Só me conceda esta semana.

Mack parou de falar, mas seus olhos ainda estavam me implorando.

As palavras do meu namorado voltaram à minha mente. Victor estava me dando uma oportunidade única para descobrir o que queria, e Mack estava me oferecendo essencialmente a mesma coisa. Eu precisava fazer isso.

— Ok, Mack.

Seus olhos se arregalaram.

— Sim?

— Sim.

Ele respirou tão aliviado que senti em meus lábios. Não poderia negar que provavelmente o que eu mais desejava era prová-lo. Nunca tive a chance de fazer isso. Chegamos perto de nos beijar uma vez, pelo que eu conseguia me lembrar — na última noite em que ficamos juntos. Havíamos ficado bêbados, então minha memória daquele dia era meio enevoadada.

A voz de Mack interrompeu minha cadeia de pensamentos.

— Havia dias, Frankie, em que eu esquecia temporariamente de algumas das nossas muitas conversas. Posso até ter tido dificuldade para me lembrar exatamente de como você era às vezes. Mas, nem por um segundo, esqueci como me fazia sentir... essa conexão que tínhamos. É um sentimento que nunca consegui replicar. Sinto falta disso. Sinto falta de você. Demais.

Fechando os olhos de novo, deixei as palavras serem absorvidas.

— Por onde começamos?

— Vamos começar pela parte difícil. Começamos falando do que aconteceu na última noite que ficamos juntos. E no que aconteceu depois.



CAPÍTULO DOZE

Mack

Passado

Os últimos dias do fim do semestre chegaram rápido demais.

Era sexta-feira, e meu voo de volta para D.C. para passar o verão estava marcado para sábado à tarde. Frankie e eu tínhamos decidido não comparecer aos compromissos, já que seria meu último dia inteiro em Boston, e só nos veríamos de novo no outono. Embora não estivéssemos falando sobre nossa iminente separação, havia uma certa melancolia no ar. Nós dois ficamos bem quietos durante o café da manhã.

Moses já tinha saído bem cedo para voltar para Ohio. Aquela noite seria a primeira em que ele deixaria Frankie e eu sozinhos. Eu estava ansioso, tipo, precisávamos mesmo sair do apartamento antes que eu fizesse ou dissesse algo idiota.

— Acho que deveríamos sair e curtir a cidade, ficar fora até tarde. Foda-se tudo que é para estarmos fazendo. É meu último dia, e meu voo é só no meio da tarde amanhã.

— O que quer fazer?

— Podemos descer até a Newbury Street, pegar algo para comer e passear ali. Talvez ir a algumas das baladas na Lansdowne depois.

— Geralmente, você é caseiro. Estou surpresa por querer ir à balada.

— Eu costumava sair toda hora até começar a conviver com minha colega de quarto caseira.

Ela jogou o guardanapo em mim.

— Não me culpe por sua fraqueza.

— Lembra quando você tinha acabado de se mudar? Acho que nunca tinha feito uma refeição no apartamento até você começar a cozinhar para mim.

— Cozinho tão bem assim?

— Cozinha, mas fico pela companhia.

Frankie corou como normalmente fazia quando eu a elogiava.

— Bom, a economia vai amar você de novo quando eu não estiver mais por perto.

Tudo ficou em silêncio de repente. *Quando eu não estiver mais por perto.* A suposição de Frankie era válida. Eu nunca tinha lhe dado nenhuma indicação de que deixaria Torrie. Mas muita coisa tinha mudado recentemente e, para ser sincero, não conseguia mais imaginar um cenário em que Frankie desaparecesse para sempre da minha vida. Também não conseguia suportar pensar nela saindo com outros caras. Eu tivera sorte depois que Emmett desapareceu, porque não tinha surgido mais ninguém. Se eu mal conseguia esconder meu ciúme naquela época, agora teria sido impossível.

Bati a caneca na mesa.

— Vamos... é meu último dia. Não quero desperdiçá-lo em casa. Estou a fim de fazer alguma maluquice.

Sua expressão se animou.

— Sabe o que quero fazer há muito tempo?

— O quê?

— Uma tatuagem.

Dei risada.

— Quer uma tattoo? Onde?

— Bom, seria pequena e algo que eu conseguisse esconder com facilidade. Estava pensando no tornozelo ou na lombar.

Porra. Na lombar. Pensar nisso era tão sexy para mim que podia me sentir ficando duro só de pensar. Ela parecia tão inocente, mas Frankie definitivamente tinha um lado selvagem.

— Na lombar?

— É. Por quê?

Mordendo o lábio inferior, sorri.

— Vai fazer uma tribal, Frankie Jane?

— Acha que é vulgar fazer na lombar?

— Acho que é excitante, na verdade. Acho que algo sutil ficaria legal na sua pele.

— Talvez eu faça uma quando sairmos. Estou me sentindo estranhamente impulsiva hoje.

— Por que será?

— Talvez seja porque você está indo embora — ela disse. — Isso me deixou com um humor esquisito.

— Eu também. Fiquei bem triste a semana inteira.

Pareceu que ela ia falar algo, mas hesitou.

— O que foi, Frankie?

— Vai ser bem estranho não ter você aqui.

— Eu sei.

— É muito estranho quando lembro do dia em que me mudei. Eu costumava preferir morar sozinha. Agora não sei como vou voltar a isso.

— São só dois meses. Vai passar voando — prometi, embora provavelmente estivesse surtando mais com minha partida do que ela.

— Muita coisa pode acontecer em dois meses.

Ela tinha razão. Um pensamento desagradável entrou na minha mente. E se Frankie conhecesse alguém neste verão? Ela não queria ficar sozinha; provavelmente procuraria companhia para não ter que ficar. E se eu voltasse e tivesse que vê-la com outro cara? E se nada mais fosse igual? Um verão tinha apenas dois meses, mas dois meses poderiam mudar o destino de uma vida inteira. E se fosse o último dia em que as coisas seriam assim entre nós? Minha pulsação começou a acelerar.

Acabamos indo para a Newbury Street e ficamos em um bar a céu aberto. O sol estava iluminando o cabelo de Frankie na medida certa, fazendo-o parecer mais da cor do fogo do que o normal. Eu não sabia o que era naquele momento, mas algo me dizia que me lembraria daquilo para sempre, apenas de estar sentado ali observando a luz do sol iluminar o cabelo dela.

Frankie estava comendo seu hambúrguer e suas batatas fritas, parecendo alheia ao fato de eu estar encarando-a. Estava feliz de sair com ela, mas triste

ao mesmo tempo, porque não conseguia parar de pensar em ter que deixá-la no verão. O fato de ela ficar totalmente sozinha me preocupava, principalmente sabendo que ela lavaria as roupas sozinha naquele porão imundo.

Alheia aos pensamentos circulando em minha mente, ela olhou para mim.

— Estou alegrinha. Talvez agora fosse uma boa hora para eu fazer aquela tatuagem antes de mudar de ideia.

Cocei o queixo.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Tenho.

Meneando a cabeça na direção da rua, eu disse:

— Vamos, então.

A alguns quarteirões dali, passamos por um lugar subterrâneo que era tanto estúdio de tatuagem quanto bar. O nome era apropriado, DrINK¹. Frankie precisou colocar o nome em uma lista de espera, o que era bom também, já que ela ainda não tinha a mínima ideia do que fazer.

Fui pegar duas bebidas para nós enquanto ela olhava as pastas de desenhos. Quando voltei com Long Island Iced Teas, ela ainda parecia em dúvida de qual tatuagem escolher.

Ela me entregou a pasta.

— Escolha uma para mim. Me surpreenda.

— Está falando sério? Confia tanto em mim a ponto de me deixar fazer isso? E se eu escolher algo que você odeia, e ficar com ela pelo resto da vida?

— Não vai.

— E se eu decidir que você deveria fazer uma bunda grande e peluda nas costas? Como pode ter tanta certeza de que eu não faria isso?

Ela sorveu sua bebida e sorriu com o canudo na boca.

— Porque, em todo o tempo que te conheço, você nunca disse nem fez algo intencional para me magoar. Acho que não faria isso aleatoriamente começando por esta noite. Passa a imagem de um casca grossa primeiro, mas, na realidade, é muito atencioso e protetor. Você se importa com a minha felicidade. E acho que sabe que me tatuar com uma bunda peluda *não* me faria feliz.

— Você é sem graça — zombei.

— Escolha alguma coisa da qual eu me orgulhe, Morrison.

Passei por uma aba de tatuagens significativas e uma delas me chamou atenção. Decidi que seria aquela porque seu suposto significado me lembrava dela. E eu tinha praticamente certeza de que ela amaria. Não apenas porque estava longe de ser uma bunda peluda, mas porque era muito linda.

Assim como ela.

Não havia mais como negar o que eu sentia.

Um cara extremamente tatuado vestido inteiro de preto nos levou para uma salinha nos fundos que cheirava a incenso. Frankie disse que queria que fosse surpresa, então mostrei discretamente ao tatuador o desenho que eu tinha selecionado da pasta. Ela me olhou curiosa e sorriu.

Prendi um pouco a respiração quando ela começou a desabotoar a calça para baixá-la um pouco. Senti meu pau enrijecer. Só precisou de um olhar para sua pele cremosa e a lombar que levava à sua bundinha dura.

Deitando-se de bruços, Frankie se encolheu quando a agulha começou a perfurá-la. Sua pele era como porcelana. Não conseguia nem me lembrar se já tinha visto sua lombar. Se a calça dela ficasse meio centímetro mais baixa, mostraria sua bunda. Era bem fácil imaginar como ela era nua.

O tatuador colocou a mão que não estava usando no quadril dela. Eu estava sentindo palpitações. Flexionando os dedos, esmaguei o desejo de tirar a mão dele do corpo dela.

O que há de errado comigo?

Eu estava com ciúme por ele encostar nela; só estava fazendo seu trabalho dele. Minha reação a isso era bem reveladora.

Bem mais de uma hora depois, ele finalmente terminou.

— Pronto. Quer dar uma olhada?

Ela olhou para mim e sorriu.

— Quero que seja surpresa. Gosto do mistério.

O tatuador deu risada.

— Não posso dizer que isso já aconteceu.

Dei risada.

— Só ela.

O cara colocou uma faixa branca na área antes de Frankie descer da maca.

— E você, Mack? Vai me deixar escolher uma para você também?

— Vou deixar isso para depois. Você está muito alegrinha para tomar decisões inteligentes. Não quero acabar com um monte de pelo em mim.

Ela se virou para o tatuador.

— Ele não faria, de qualquer forma. Não quer arruinar o corpo lindo e a pele perfeita.

Frankie estava totalmente embriagada e solta com as palavras. Eu sabia que ela se sentia atraída por mim, mas nunca falava essas coisas. Ela falar sobre o meu corpo não estava exatamente ajudando meu dilema.

Nós dois saímos do estúdio de tatuagem um pouco mais bêbados do que entramos. Depois de andar pelas ruas de Copley Square por um tempo, chegamos às baladas na Lansdowne Street ao cair da noite.

Resolvemos ir ao Club Punk, e foi ali que o clima da noite entrou em um território no qual eu nunca tinha me aventurado com ela. Era devido principalmente ao fato de continuarmos nos embebedando. Por mais que Frankie e eu bebêssemos juntos ocasionalmente, nunca tínhamos ficado bêbados até aquela noite. Eu deveria ter limitado o álcool dela, mas, sinceramente, estávamos nos divertindo pra caramba. Parecia um fim adequado para um semestre agitado. E, mais do que isso, me impedia de estressar por ir embora no dia seguinte.

Apesar de Frankie estar com seus óculos roxos, ela estava mais sexy do que eu já a tinha visto. Estava com um cropped preto e sem sutiã, que mostrava com facilidade a silhueta exata dos seus seios em formato de pera. Seus mamilos estavam aparecendo no tecido. Também significava que meus olhos ficaram focando na direção deles a noite toda.

A caminho da balada, ela tinha parado na farmácia e comprado um glitter corporal que tinha esfregado em todo o peito e nos braços. Sob as luzes, dava para ver o brilho.

— Você está brilhando.

— Era esse o objetivo. Estou tentando me destacar.

— Tenho certeza de que é a única mulher aqui com óculos roxos. Acredite em mim, Frankie. Você se destaca.

Ela fechou os olhos momentaneamente e disse:

— Preciso transar.

Seu comentário foi inesperado. Mas ela estava bêbada, então não deveria ter me surpreendido. Mesmo assim, ouvi-la dizer aquilo doeu. Talvez ela tivesse feito isso propositalmente para testar minha reação porque sabia que eu estava confuso, mas, de qualquer maneira, doeu pra caralho. Acho que era uma coisa normal para uma mulher admitir para seu “amigo”. O problema era que eu não me via mais só como amigo. Mas ela tinha todo direito de querer algo mais. Também não fazia ideia do quanto as coisas tinham mudado para mim quando se tratava dela, porque eu não tinha lhe contado.

Dei um gole na minha bebida e mudei de assunto, escolhendo não querer me aprofundar na questão de Frankie querer ser fodida por outra pessoa que não eu.

— Quando vai olhar sua tatuagem?

— Não sei. Ainda estou curtindo a empolgação de não saber o que é — ela gritou acima da música.

— Você é louca. Essa curiosidade estaria me matando.

— Foi bom não ter me deixado escolher sua tatuagem, aliás.

— Por quê?

— Eu ia escolher uma que dizia *Ator Pornô*.

— Eu faria jus — brinquei.

Cutucando sua costela, brincando, fiz cócegas nela. Depois, peguei sua mão e a arrastei para a pista de dança.

Depois de mais algumas bebidas, dava para ver que minhas inibições tinham praticamente desaparecido. Apesar de saber que eu não poderia deixar as coisas passarem de um certo ponto, estava gostando demais do contato íntimo. Meu pau estava apertado na calça enquanto dançávamos próximos. Eu não fazia ideia se ela conseguia senti-lo contra seu corpo. O cheiro de álcool em sua respiração se misturando com o cheiro doce do seu corpo estava me deixando completamente louco. Minha consciência continuava a ser a barreira. Mas o Senhor sabe que eu queria sugar cada gota de álcool da sua língua.

Eu não queria deixá-la sozinha, mas ia mijar nas calças.

— Vai ficar bem se eu for ao banheiro? — falei em seu ouvido.

Ela assentiu, e a deixei na pista de dança, apesar da minha preocupação. Me desviando da multidão, segui para o banheiro. Depois de dar uma mijada extremamente longa, verifiquei meu celular e vi que havia algumas chamadas perdidas de Torrie.

Pensar em falar com ela no momento enquanto eu estava com uma ereção por causa de outra mulher me deixava mal. A culpa estava me consumindo, porque o que eu precisava fazer quando voltasse para D.C. estava se tornando cada vez mais claro a cada minuto que passava.

Minha constante queda pela garota que tinha se tornado minha amiga não era justa com minha *atual* namorada. Torrie e eu tínhamos uma longa história, e eu gostava muito dela — o suficiente para não querer traí-la, apesar desses desejos intensos. Sem contar que Frankie merecia muito mais do que ficar presa em um limbo. Eu sabia que precisava terminar tudo com Torrie antes de avançar com Frankie. Passar por aquela noite sem estragar tudo seria um desafio. Mas eu nunca tinha traído ninguém e não queria começar agora.

Qualquer rastro remanescente de normalidade naquela noite sumiu no minuto em que voltei à pista de dança.

Um cara com o suor pingando por sua camiseta branca estava atrás de Frankie, esfregando-se na bunda dela. Ela estava bêbada. Eu não deveria tê-la deixado beber tanto, e definitivamente não deveria tê-la deixado sozinha nem por um segundo.

A pior parte? Ela estava sem a porra dos óculos. Dado que ela não conseguia ver merda nenhuma sem eles, era obviamente um enorme problema.

Eu queria matar o cara por se aproveitar dela.

— Saia de cima dela, porra — briguei, puxando Frankie para longe dele.

— O que aconteceu com seus óculos?

— Caíram. Não consigo encontrar.

Alguns segundos depois, senti pedacinhos de plástico sob meu sapato. Seus óculos roxos característicos foram esmagados em migalhas.

Ótimo.

Apesar de eu saber que ela tinha alguns óculos extras em casa, aqueles tinham custado uma fortuna, sem contar que eu teria que levá-la cega para casa.

— É melhor a gente ir — eu disse, guiando-a para fora da pista de dança.

Ela mal conseguia andar. Eu não fazia ideia de que ela não conseguia mesmo lidar com o álcool. Tínhamos bebido praticamente a mesma coisa, mas, claramente, meu limite era um pouco mais alto. Me senti culpado por não cuidar melhor dela.

— Por que estava deixando o cara se esfregar em você daquele jeito?

— Eu estava de costas. Achei que fosse você.

Nossa, merda.

Eu não sabia se isso me deixava feliz ou bravo.

Frankie estava praticamente tropeçando nos próprios pés. Não morávamos longe da balada, então optei por voltar andando até o apartamento. Conseguiríamos chegar em casa mais rápido do que um táxi, de qualquer forma.

Já que suas pernas estavam tão moles, resolvi carregá-la. Seus braços ficaram em volta do meu pescoço conforme seguimos para Kenmore Square. Deve ter chovido enquanto estávamos na balada porque os carros que estavam passando pelas poças espirravam água na gente de vez em quando.

Frankie ficou quieta por um tempo durante nossa caminhada, até falar de repente.

— Não volte.

— O quê?

— Não consigo mais morar com você.

— Por que está falando isso?

Bêbada ou não, sua franqueza me chocou.

— Dói — ela disse.

— O que dói?

— Saber que nunca poderei ter você. Nunca vai terminar com ela. Só está ganhando tempo aqui.

Ela podia estar bêbada pra caramba, mas eu sabia que suas palavras eram a absoluta verdade.

Ela olhou para mim. Suas pálpebras estavam pesadas.

— Deus, se não tivesse namorada agora, eu... — Ela hesitou.

Eu precisava saber o que ela ia dizer. Precisava de mais daquela Frankie embriagada.

— Você faria o quê? — incentivei.

— Esqueça.

O resto da caminhada foi silenciosa. Meus braços estavam exaustos quando chegamos ao apartamento.

Quando a coloquei no chão, ela se desequilibrou, então a levei até o sofá.

Nos sentamos, e Frankie acabou deitando no meu colo. A sala estava girando um pouco, mas eu não estava nem perto de estar tão bêbado quanto ela.

Automaticamente, passei os dedos em seu cabelo várias vezes, então joguei a cabeça para trás e encarei o teto. Uma parte de mim desejava que ela apenas dormisse enquanto uma parte maior queria que ela conversasse comigo, para terminar a frase que começou, para me dizer o que faria se eu não tivesse namorada. Olhei para baixo e vi que seus olhos estavam arregalados.

— Está tudo bem, Frankie Jane?

— Não. — Foi menos que um sussurro.

Parecia que ela estava prestes a chorar. Eu a aconcheguei, principalmente para tirar seu rosto de perto do meu pau. Movê-la foi um erro porque, de alguma forma, ela acabou em cima de mim. Olhei em seus lindos olhos azuis e pensei que porra eu estava fazendo tentando negar meus sentimentos. Sua máscara de cílios preta estava borrada. Seu cabelo estava despenteado e, mesmo assim, ela ainda era a mulher mais linda do mundo. Eu queria de verdade saber o que ela estava pensando.

— Me conte tudo que está na sua cabeça — pedi.

— Estou bêbada. Não dá para confiar.

— Somos dois. Não vamos nos lembrar de nada amanhã. Me diga o que está pensando, e vou te falar o que estou pensando. Ninguém nunca vai saber.

Ela inclinou a testa contra a minha, e foi muito bom sentir sua respiração em minha boca enquanto ela estava ofegante. Eu queria beijá-la mais do que

já quis beijar alguém, mas consegui me conter. Meu pau estava inchado debaixo dela. Ela poderia estar bêbada demais para perceber.

— Eu quero você, e isso dói muito — ela finalmente sussurrou.

Isso estava me matando. Ouvi-la dizer que me queria me fez perder o controle.

— Quero devorar você agora, Frankie.

Sua respiração ficou mais difícil.

— Devore. — Ela riu um pouco, depois disse: — Não, não devore. Estou muito bêbada. Nem sei o que estou falando.

Gemi entre os dentes cerrados.

— Eu quero. Acredite em mim.

Eu sabia que não iria deixar as coisas passarem dessa conversa, mas queria ouvi-la dizer. O desgraçado safado e maldito em mim simplesmente não conseguia se conter.

— Se não houvesse consequências, me diga o que queria que eu fizesse com você — pedi.

Ela deitou o rosto na base do meu pescoço e não falou nada. Eu estava esperando que caísse no sono, até que ela disse:

— Queria que me fodesse tão forte que eu te sentiria por dias.

Putá merda.

Meu pau estava latejando agora. Doendo.

Segurando seu cabelo, puxei sua cabeça para trás a fim de olhá-la.

— Eu *adoraria* te foder agora.

Embora estivesse encorajando-a a falar o que queria, ouvir aquelas palavras saírem da minha boca foi um choque de realidade na névoa da bebedeira. Eu a queria, mas não iria acontecer desse jeito.

Precisando de um alívio, de repente, saí de baixo dela, reposicionando-a no canto do sofá.

Colocando algo sob sua cabeça, avisei:

— Já volto.

Frankie se aconchegou no travesseiro sem falar mais nada.

Fui direto para o banheiro e fechei a porta, depois abri a calça. Minha

boxer estava molhada do pré-goço que tinha escorrido do meu pau. Meu pau estava excruciantemente duro conforme o massageei rápido em uma tentativa desesperada de alívio. Era bem mais seguro do que ceder à Frankie bêbada. Repassando suas palavras, fingi que estava fodendo-a e não à minha mão.

“— Queria que me fodesse tão forte que eu te sentiria por dias.”

Após menos de um minuto, bati a cabeça na porta ao gozar forte. Minha mão mal conseguiu conter o gozo. Arfando, fiquei na porta e fechei os olhos, jurando nunca mais beber assim.

Mas gozar não fez merda nenhuma para amenizar o desejo. Eu sabia que ainda seria uma noite longa e não importava o que acontecesse nesse ponto, seria uma manhã bizarra.

Depois de me limpar e voltar à sala, vi que Frankie estava desmaiada no sofá. Resolvi carregá-la até a cama. Estava esperando que ela não acordasse, mas, quando a ergui do sofá, ela olhou para mim meio tonta.

— Não me sinto muito bem.

— Vai vomitar?

— Acho que sim.

Assim que passamos pela soleira da porta do banheiro, ela teve ânsia e o vômito quente que parecia um jato se espalhou por todo o lugar.

Olhei para baixo.

— Merda!

Estava em todo o cabelo dela, em meu peito e em sua blusinha. Ela estava bêbada demais para se limpar. Coberto de vômito, congelei, sem saber como lidar com isso.

Colocando-a com cuidado de pé, eu disse a última coisa que esperava realmente sugerir naquela noite.

— Precisamos tirar sua roupa.

Ela simplesmente assentiu.

Ao abrir o chuveiro para deixar a água esquentar, eu conseguia sentir meu coração batendo e quase saindo do peito. Tinha me virado de volta e vi que ela havia tirado totalmente a calça e a calcinha, mas ainda estava de blusa.

Isso não é bom.

Frankie entrou na banheira e se desequilibrou. Acabei entrando com ela

para segurá-la.

Tentei muito não olhar para sua boceta; realmente tentei. Permitindo apenas uma olhadinha, descobri que estava totalmente depilada.

Porra.

Parecia uma punição cruel e incomum.

Conforme a água caía sobre nós, eu disse:

— Tenho que tirar sua blusa, ok?

Ela fechou os olhos e assentiu.

Essa não era a hora de eu ficar sóbrio, mas estava. Depois de arrancar a blusa encharcada dela na tentativa de tirá-la pela cabeça, fingi não perceber a forma como seus seios balançaram ao se libertarem do tecido. Tentei não olhar para baixo, mas simplesmente não consegui. Ela tinha os seios mais maravilhosos. Não eram enormes, mas não eram pequenos — bem mais do que uma mão cada, como gotas lindas. E aréolas cor-de-rosa claro do tamanho de moedas de cinquenta centavos perfeitamente centradas em sua pele cremosa. Seus mamilos estavam extremamente eretos, assim como o meu pau, que estava explodindo na minha calça molhada. Eu ainda estava totalmente vestido sob a água e ela, completamente nua.

Virando-a para não ficar tentado em devorar seus seios, coloquei sabonete em uma bucha e entreguei a ela.

— Lave-se, Frankie.

Ela a pegou de mim e fez um trabalho meia-boca esfregando todo o corpo.

Eu tinha quase me esquecido da tatuagem até ela estar me encarando pela faixa clara.

Caralho.

A bunda dela.

Sua bunda era quase tão maravilhosa quanto seus seios e boceta. Era redonda e, ainda assim, dura e sem manchas. Eu iria cair morto com as bolas duras no piso do banheiro.

Ensaboando o xampu, lavei o vômito do seu cabelo, percebendo o quanto tinha crescido desde que nos conhecemos. Era o tom mais lindo de ruivo, brilhante e liso como seda. Posso ter lavado por mais tempo do que o necessário.

Ela estava limpa, mas eu ainda estava horrível. As costas de Frankie ainda estavam viradas para mim quando tirei a polo por cima da cabeça, deixando-a cair no chão da banheira. Esfreguei a bucha em meu peito e pescoço e lavei meu cabelo rapidamente.

De repente, Frankie se virou e caiu em mim, pressionando o corpo contra o meu. Isso me fez quase cair para trás contra a parede de azulejos. Com seus seios esparramados no meu peito, ela fechou os olhos conforme a segurei. Eu tinha certeza de que ela estava dormindo em mim.

A água continuou a escorrer na gente. Fiquei ali parado, segurando-a, incapaz de acreditar no que estava acontecendo comigo naquela noite. Mas estar sob a água com ela, naquele lugar íntimo — com Frankie totalmente nua contra mim —, me fez perceber, mais claramente do que nunca, que não havia como negar.

Ela era a certa.

Nosso tempo juntos pareceu passar diante dos meus olhos, todas as nossas muitas conversas, desde os temas e pensamentos mais profundos até as estranhas e engraçadas.

Era ela.

Sempre foi ela.

¹ O nome é um trocadilho entre “drink”, que significa beber, e “ink”, que significa tinta. (N.T.)



Francesca

Passado

O quarto estava girando quando abri os olhos na manhã seguinte e peguei um dos óculos na gaveta do meu criado-mudo.

Só conseguia me lembrar de que tinha feito uma tatuagem e bebido demais na balada na Lansdowne Street. Todo o resto era um borrão.

Meu coração quase parou de bater quando vi que Mack estava deitado ao meu lado na cama. Ele estava sem camisa, embora costumasse dormir sem camisa mesmo. Mas não costumava dormir *na minha cama*.

Putá merda. Mack estava na minha cama. Ao meu lado.

Estava com um braço acima da cabeça, mostrando a axila. Não sabia que poderia achar os pelos da axila de um homem tão sexy até olhar bem de perto para os de Mack. Era só outro exemplo da minha atração inabalável por sua beleza viril.

Olhei para mim mesma e vi que estava vestida com uma camiseta enorme que raramente usava. Onde ele a encontrou? Pelo menos cobria minhas coxas, já que não estava usando calça.

Onde está minha calça?

Fiquei aliviada ao ver que estava de calcinha, mas não era a que tinha usado no dia anterior.

O que aconteceu ontem à noite?

Cutuquei o ombro dele.

— Mack?

— Humm — ele gemeu antes de se virar. Sua voz estava sonolenta. — Como está se sentindo?

Meu estômago doía e minha boca estava sem saliva.

— Um lixo.

— Imaginei.

— O que está fazendo na minha cama?

— Não se lembra?

— Não.

— Qual é a última coisa de que se lembra de ontem à noite?

— De estar na balada com você.

Mack se sentou e encostou na cabeceira.

— Estou na sua cama porque, depois do banho, você me implorou para deitar ao seu lado. Disse que estava com medo de ficar sozinha.

Meu estômago revirou.

— Banho?

Ele esfregou os olhos e deu uma risada curta.

— Nada aconteceu, Frankie. Nós dois ficamos bem bêbados ontem à noite. Dançamos muito. Carreguei você da balada para casa, conversamos com franqueza quando chegamos, e então você vomitou em nós dois. Aí tive que te lavar no chuveiro.

— O que significa exatamente “conversamos com franqueza”?

— Não importa. Você estava bêbada. Tudo que falou... tudo que nós dois falamos... não pode ser levado em conta.

Minha mente agora estava analisando o que ele tinha me contado.

— Espere. Eu estava nua no chuveiro? Tirei a roupa?

— Meio que teve que tirar, porque estava coberta de vômito. Nós dois estávamos. Você precisava da minha ajuda. Não conseguia ficar em pé. Eu estava com medo de que escorregasse no chuveiro e batesse a cabeça.

— Você me viu nua?

Mack hesitou.

— Vi.

Cobrindo o rosto, eu disse:

— Ah, meu Deus. Estou com muita vergonha.

— Acredite em mim, não tem *por que* ficar com vergonha.

— Não é assim que eu queria que fosse nosso último dia, nós dois de ressaca.

— Ontem foi o melhor dia que já tive. Foi uma bagunça que nunca vou esquecer. — Suas palavras pareceram sinceras.

— Sério?

— Sim.

— Não quero que vá embora.

— Acredite, não quero ir. Dormi demais. Agora, só tenho, tipo, duas horas até ter que ir para o aeroporto.

Olhei para o relógio.

— Merda. Queria fazer seu café da manhã, mas acho que não tenho estômago para sentir o cheiro da comida.

— Não estou com muita fome, de qualquer forma. Pego algo para comer no aeroporto. — Os olhos de Mack pousaram na parte inferior do meu corpo. — Precisa ver sua tatuagem. Ainda nem sabe o que é.

— Acho que tenho que ver mesmo, não é? — Dei risada, saindo da cama conforme uma nova onda de náusea me atingia.

Mack me seguiu quando fui até o espelho oval que chegava ao chão no canto do quarto. Ele veio atrás de mim e, lentamente, ergueu minha camiseta logo acima do umbigo. Ele tomar a iniciativa de me despir parcialmente pareceu uma ação ousada para mim. Mas certamente era um indicativo de mudança no nosso relacionamento após a noite anterior.

A proximidade do seu corpo provocou calafrios na minha espinha. Por um instante, tive consciência de que ele me vira de calcinha, mas então percebi que ele tinha visto muito mais de mim na noite anterior.

Lentamente tirando a bandagem, ele disse:

— Espero que goste.

A ponta dos seus dedos roçou na minha lombar, fazendo-me fechar os olhos momentaneamente.

Com relutância, virei a cabeça para olhar no espelho. Minha boca se curvou em um sorriso com a visão de uma flor azul linda do tamanho de uma

bola de golfe, mais ou menos. Era melhor do que qualquer coisa que eu mesma teria escolhido.

— Que linda. Que flor é essa?

— É uma flor de lótus.

— Tenho quase certeza de que já a vi. Só não sabia como era o nome. O que o fez escolher essa para mim?

— Bom, aquela pasta que eu estava olhando dizia que lótus é uma flor que nasce em águas lamacentas e viscosas.

Ergui as sobrancelhas.

— A parte viscosa o fez lembrar de mim?

— Não. Basicamente, a flor é considerada pura por causa de sua capacidade de emergir perfeitamente ilesa das águas escuras pela manhã. O que me fez lembrar de você foi o fato de ter florescido lindamente da água sombria. Você costumava me falar que sentia que uma parte de você vinha de um buraco negro por causa do seu pai. E sei que sente que está faltando uma parte sua todos os dias. Mas, percebendo ou não, você é luz para aqueles que a conhecem... para mim. Exatamente como a lótus, você se ergueu da escuridão para se tornar linda... uma humana linda.

Meus olhos começaram a lacrimejar. Ninguém nunca tinha falado nada tão emocionante para mim.

— Uau. Não sei o que dizer. Obrigada. — Sequei os olhos e perguntei: — O que o fez escolher azul?

— Na verdade, isso é engraçado. Há diferentes cores de lótus. E li sobre cada uma. Quando cheguei à azul... bom, foi bem simbólico em relação às minhas experiências com você.

— Como assim?

— O livro dizia que a flor azul também representa mente acima da matéria, em particular, o controle do espírito sobre as sensações físicas ou compulsões... que leva a espiritualidade de alguém a superar as tentações carnavais.

Oh.

Nós dois sabíamos exatamente aonde ele queria chegar. Não precisava explicar mais. Mesmo assim, explicou.

— O azul é o distintivo particular de honra que basicamente estampeei em você, Frankie.

— O quê?

— Fiz tudo que pensei ter que fazer quando se tratava de você. Lutando contra tudo que parece natural por muito tempo. Então, realmente significa bastante esse mantra de mente acima da matéria. Mas o que eles não levam em consideração é o que acontece quando você *enlouquece*. Tenho quase certeza de que acabei de enlouquecer. Tenho tentado fazer a coisa certa, mas é difícil pra cacete. E percebi, ontem à noite, que não quero mais ir contra o que parece natural. — Ele colocou as mãos em minhas bochechas. — O que acharia de eu voltar antes do fim do verão, mas para ficar para sempre?

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que tenho que resolver as coisas com Torrie e com meu pai quando chegar em casa. Vai levar um tempo, mas não quero ficar longe de você o verão inteiro. Não quero ficar longe de você... nunca, na verdade.

Isso está realmente acontecendo?

— Também não quero ficar longe de você.

— As coisas poderiam facilmente ter saído do controle ontem à noite. Tenho quase certeza de que teríamos transado se eu permitisse. Mas não queria seguir por esse caminho... sexo embriagado. Quando eu finalmente te beijar, Frankie, quando finalmente fizer amor com você... quero que consiga saber que sou totalmente seu sem nada nos segurando. E quero que sinta e se lembre de tudo. Você merece isso e muito mais.

Envolvi os braços em seu pescoço para abraçá-lo. Seu coração estava batendo ainda mais rápido do que o meu.

— Seu coração está batendo muito rápido agora, Mack.

— Só acredite no que estou te dizendo. Tudo bem?



Os dias após Mack partir foram difíceis. Suas palavras promissoras e o som da batida do seu coração estavam se apagando a cada dia que passava, e a preocupação começava a me consumir.

Sozinha no apartamento, passei meus dias esperando. Esperando suas

ligações. Esperando que ele aparecesse na porta.

Tinha me ligado algumas vezes de D.C., mas não precisava ser gênio para saber que havia algo diferente de como tínhamos deixado as coisas. O tom taciturno de sua voz quando ele ligava e a brevidade das nossas conversas me diziam que algo tinha mudado. Alguma coisa tinha acontecido em D.C.; eu só não sabia o que era. E, sinceramente, estava com medo de perguntar.

Uma visita surpresa em uma tarde de terça-feira confirmou minhas suspeitas.

Nunca me esqueceria daquele dia. Começara a correr para controlar meus nervos com Mack fora, e tinha chegado de uma corridinha na Beacon Street quando alguém bateu à porta.

Quando abri, Mack estava ali parado carregando só uma mala de mão e nenhuma bagagem.

— Mack. O que está fazendo aqui?

Quando o abracei, seu corpo ficou rígido. Seus olhos estavam fundos e cansados. O que aconteceu com o cara carismático e confiante que tinha me deixado com tanta esperança? Ele estava mais triste do que já o tinha visto, como se a morte estivesse chegando.

Um sentimento estarrecedor de pavor me tomou.

Mack se sentou e apenas balançou a cabeça sem falar nada.

Meu peito apertou.

Quando ele finalmente olhou para mim, o sinal de umidade se formando em seus olhos confirmou meus piores medos.



Mack

— Me lembro de nem querer que encostasse em mim naquele dia. Você me abraçou, e eu não conseguia suportar me deixar sentir o abraço. Era doloroso demais.

Frankie não tinha saído do lugar perto da minha janela. Inclinando-se sobre a saliência abaixo dela, ela parecia perdida em pensamentos antes de falar.

— Juro por Deus, Mack. Aquela foi a última coisa que esperava que me dissesse quando entrou pela porta naquele dia.

Meu peito se contraiu só de pensar.

— Eu também. Não aceitei muito bem. Ainda estava em choque quando fui até você. Era impossível expressar o quanto estava devastado. Parecia um pesadelo. Eu estava simplesmente... entorpecido.

— Eu lembro. Nunca tinha te visto assim.

— Torrie e eu não transávamos há uns dois meses quando voltei para D.C. naquele verão. Eu tinha inventado desculpas nas últimas duas viagens antes daquela. Era patético, mas chegou ao ponto de parecer errado. Eu sabia, em meu coração, que iria terminar com ela, porque meus sentimentos por você eram fortes demais para me conter. Só não tinha reunido a coragem até o fim do semestre chegar. Naquela época, eu tinha mais certeza do que nunca do que queria.

— Para ser sincera, nem me lembro claramente do que falou para mim naquele dia. Assim que a palavra *grávida* saiu da sua boca, todo o resto parece só um borrão.

— Quando ela me contou que estava de três meses... parecia simplesmente impossível, embora tecnicamente não fosse. Ela usava pílula, mas nunca deveria ter confiado nisso.

— Não acha que ela planejou, acha?

Balançando a cabeça ao encarar meu tapete, respondi:

— Sinceramente, não sei. Sei que ela sentiu que eu estava mudando. Provavelmente sentiu que eu iria terminar. Não gosto de pensar que ela teria feito algo assim de propósito, mas, para ser honesto, Frankie, nunca vou saber, porque ela nunca vai admitir.

— Espero que não tenha feito isso. — Frankie olhou de forma vazia para algumas crianças andando de bicicleta na minha rua, então disse: — Nem consigo imaginar como foram as coisas para você durante aqueles meses, Mack.

O fato de ela estar pensando nos meus sentimentos naquele instante, apesar do quanto eu a magoara, realmente mostrava o tipo de pessoa que ela era.

Depois de ter contado a Frankie sobre a gravidez naquele dia fatídico, voltei a D.C. e pedi para mandarem o resto das minhas coisas. Também transferei o programa de mestrado para a American University logo depois.

— Eu estava basicamente apenas existindo. Não estava pronto para um filho. Não estava apaixonado por Torrie. Sentia que toda a felicidade tinha sido drenada da minha vida. Tudo que eu queria era voltar para Boston para ficar com você. Mas não via como isso poderia dar certo. Sabia que meu pai tornaria minha vida um inferno. Aos olhos dele, eu ter um filho ilegítimo já era ruim o suficiente, que dirá abandonar a mãe por outra mulher. Sua preciosa reputação seria ameaçada, e Michael Morrison não é uma boa pessoa, principalmente quando seus interesses estão na reta. Não queria que ele chegasse perto de você. Porém, mesmo sabendo de tudo isso, ainda pensava constantemente na minha decisão de te abandonar.

Frankie pareceu envolvida em pensamentos, depois disse:

— Eu não teria conseguido ficar com você na época. Não era forte o suficiente. Não conseguiria ter lidado com isso. Você tomou a decisão certa.

Ouvi-la dizer isso significava mais para mim do que ela poderia imaginar.

— Também fiquei preocupado que você nunca me respeitaria se eu fizesse

outra coisa que não fosse assumir as responsabilidades, principalmente devido ao que aconteceu com seu pai. Então, senti que só tinha uma opção, que era te deixar.

Ela finalmente saiu de perto da janela e foi para o sofá. Apoiou a cabeça nas mãos, mas não estava chorando. Estava processando. Essa conversa estava cobrando oito anos de emoção da gente. Mas precisava acontecer.

— O que exatamente aconteceu naquela última noite que ficamos juntos, quando ficamos bêbados? Quero dizer, você me falou umas coisas vagas, mas o que exatamente eu te disse?

— Quer mesmo saber? — Dei risada. — Vamos colocar assim, se dissesse as mesmas coisas para mim agora, não estaríamos desperdiçando tempo conversando.

Seu rosto ficou rosado.

— Talvez não queira saber. Não nos beijamos?

Isso era algo que nunca tinha lhe contado.

— Quando estava te ajudando a se trocar depois do banho, você colocou a mão na minha nuca e tentou me beijar. Eu desviei... não porque não queria te beijar... porque Deus sabe que era o que mais queria provar naquela noite. Impedi porque não queria que nosso primeiro beijo fosse embriagado e do qual você não se lembraria. Na época, eu tinha certeza de que teria muitas oportunidades de fazer do jeito certo. Mas tenho que admitir que, se tem um pensamento que me assombrou mais do que qualquer outro nesses últimos sete anos, foi que eu desejava ter dado aquele maldito beijo quando tive a chance.

— Você não sabia.

— Perdi todos aqueles anos, só para acabar no mesmo lugar, querendo você e desejando nunca ter te deixado. Pensando bem, duvido da minha decisão com frequência, na verdade. Mas não posso controlar o passado. Tudo que posso controlar é a minha vida daqui para a frente. Estou tentando recuperar o máximo possível enquanto ainda sou o tipo de pai de que Jonah precisa. Ter você aqui na minha casa é surreal. Ainda é minha Frankie de muitas formas, e de outras você mudou.

— De que formas vê que mudei?

— Não é ruim. Não sei nem se sei como explicar. Parece que um pouco da

sua estranheza foi engolida por uma maturidade sofisticada.

Ela deu risada.

— Acredite, a estranheza ainda existe. Mas tem razão. Estou meio diferente do que era na época, mais cautelosa, talvez. O que aconteceu conosco realmente causou um impacto enorme na minha vida.

— Preciso que me conte o que aconteceu depois que voltei para D.C.

Frankie pareceu triste ao se lembrar com relutância.

— Fiquei depressiva e solitária por muito tempo. Mas ainda era uma pessoa melhor por ter vivido nosso relacionamento. Você sempre me fez sentir especial, e me ajudou a sair da minha concha. Não me arrependo de você, Mack. É importante que saiba disso. Se havia uma escolha entre apagar ou viver tudo de novo, eu escolheria a segunda opção.

Era um alívio ouvir isso.

— Nunca apagaria nem um segundo — eu disse.

— Acho que nunca realmente superei perder você. Mas aprendi a colocar isso em algum lugar dentro de mim porque não tinha escolha. Sabia que lamentar o que tinha perdido com você... o que nunca teve uma chance de acontecer... não iria mudar nada. Não me entenda mal, sempre pensava em você, independente do quanto tentasse, principalmente nas férias e todo ano quando eu sabia que seu filho faria aniversário. Pensava em como você estaria lidando com tudo e, às vezes, também me sentia culpada.

— Você se sentia culpada? Por quê?

— Porque, primeiro e mais importante, eu era sua amiga. Porque não consegui lidar com meus sentimentos, não estava lá quando precisou de mim. Sabia que a gravidez tinha pego você de surpresa. Sabia que não estava preparado. Sabia que precisava de apoio, e que provavelmente não estava recebendo da sua família. Mesmo assim, não consegui estar lá para você, porque não era forte o suficiente para lidar com o que aquilo significava para mim.

— Nunca pensei que fosse se sentir culpada.

— Me senti.

— No momento em que Jonah nasceu, foi a primeira vez que realmente desabafei. Me lembro de explodir em lágrimas, e era uma mistura esquisita de

emoções. Era maravilhoso poder sentir o amor instantâneo por aquele ser que eu nunca tinha encontrado. Antes de ele nascer, eu tinha medo de que nunca sentiria isso. Estava aterrorizado pelo que ele pensaria conforme crescesse se sentisse que eu não o queria. Então, saber que o amor vinha naturalmente foi um alívio. Mas também pensei no que tinha perdido naquele dia. Em todo instante, eu pensava em você, e não conseguia evitar. Uma parte de mim queria te ligar e te contar.

— Eu teria ouvido se tivesse ligado.

Estava cansado da conversa tensa.

— Olha, acho que chega de conversar por hoje. Está escurecendo. Você deve estar faminta.

— Eu poderia comer.

Quando ela sorriu, sorri de volta. O clima tinha oficialmente ficado mais leve. *Ainda bem.*

Ela me seguiu para a cozinha.

— O que vai fazer, Morrison?

Não precisava pensar muito na resposta.

— Espaguete — eu disse, orgulhoso.

— Sério?

— É. Espaguete. Adoraria fazer para você.

— Desde quando você cozinha?

— Desde que fiquei responsável por alimentar outro ser humano nos fins de semana.

— Suponho que isso justifique aprender como fazer.

— Bom, aprendi a ferver água, pelo menos. E sei usar o micro-ondas. Sei fazer bacon no micro-ondas. Basicamente, se dá para fazer no micro-ondas, eu sei fazer.

— É bem triste, mas melhor do que nada.

— Bom, não tenho mais Frankie O'Hara para cozinhar para mim. Minha cozinha é triste.

— Torrie nunca cozinhou?

— Ela cozinha melhor do que eu, mas não significa nada. Também não é a

praia dela. Seu forte é trabalhar, não cozinhar. Jonah já comeu bastante comida pronta. Então, estou tentando mudar isso.

— Com espaguete.

— Que tipo de espaguete você faz?

— Tem mais de um tipo?

— Quero dizer, como serve?

— Com molho picante. Espaguete com ragu.

Sua risada ecoou pela cozinha.

— O que acha disso? Vamos cozinhar juntos. Você pode ferver a água, e eu faço o molho de verdade.

— É maravilhoso, mas não sei se tenho os ingredientes de que precisa para fazer seu molho chique.

— Deve ter um mercado aqui perto, certo?

Acabamos indo rapidinho ao supermercado do fim da avenida. Conforme andávamos pelos corredores com nosso carrinho, as pessoas devem ter presumido que éramos casados. No meio do que a maioria consideraria uma tarefa comum, eu me sentia abençoado em passar o tempo no mercado com ela. Era fácil de imaginar como seria uma vida com ela. As pessoas não dão valor a muitas coisas, como dormir ao lado do corpo quente da pessoa que amam à noite. Por alguns momentos no mercado, fingi que ela era minha.

De volta à casa, estávamos descarregando os itens quando Frankie disse:

— Merda. Faltou a coisa mais importante.

Suas palavras foram irônicas. Meio que parecesse minha vida em geral, naquele momento.

Faltou a coisa mais importante.

— O que é?

— Esquecemos o alho. Não estava nem pensando nisso, já que é algo que sempre tenho em casa.

— Aposto que a sra. M tem. Ela está sempre cozinhando. — Pegando meu celular, falei: — Deixe-me ligar para ela.

Minha vizinha louca, mas adorável, atendeu.

— Mack! Frankie ainda está aí? Estou morrendo de vontade de saber o

que está acontecendo.

— Sim, ela ainda está aqui.

Frankie corou quando percebeu que estávamos falando dela.

— Muito bom — a sra. M disse.

— Estamos fazendo o jantar, e precisamos de alho. A senhora tem?

— Claro.

— Vou aí.

— Mande Frankie — ela pediu.

— Não.

— Essa é a condição. Quero dar uma boa olhada nela. É Frankie ou nada de alho.

Droga.

Suspirei.

— Está certo.

Desliguei e olhei para Frankie.

— Ela insiste que seja você a ir pegar. Só está sendo xereta. É inofensiva. Você se importa?

— Não, nem um pouco.

Depois que Frankie saiu pela porta, não voltou imediatamente. Então percebi que enviá-la para minha vizinha louca poderia ter sido um erro enorme.



Francesca

A sra. Migillicutty fechou sua blusa comprida para bloquear o frio ao abrir a porta para mim.

— Não estava a fim de colocar sutiã só para dar alho para Mack. Não queria chocar o pobrezinho com meus aquecedores de cintura.

Dei risada.

— Ah, então foi por isso que insistiu que eu viesse?

— Não só por isso. — Ela gesticulou para mim. — Não quero abusar. Sei que ele valoriza esse tempo com você, mas preciso falar uma coisa bem rápida, Frankie.

— Ok... — eu disse, entrando em sua casa.

— Só porque ele parece ser forte por fora, não significa que seu coração seja indestrutível.

Não estava esperando que ela falasse isso, então engoli em seco.

— Eu sei.

— Agora, não sei nada sobre esse homem com quem você está, mas aquele cara na casa ao lado da minha pensa que você é a mulher certa.

— Ele disse isso?

— Dá para saber muito sobre alguém pelo que dizem quando bebem e baixam a guarda. Dá para chegar no fundo da sua mente. Ele só fala de você. E tenho praticamente certeza de que, se ele fosse respirar pela última vez, você seria a última coisa em que ele pensaria também. Agora, faça o que quiser com a informação. Fiz minha parte.

Não sabia o que dizer.

— Obrigada pela dica.

Ela apontou para uma foto antiga de um homem sorridente que parecia ter uns setenta anos.

— Está vendo esse homem lindo? Ele me chamou de a mulher certa por cinquenta e um anos. E, graças a Deus, não preciso viver com nenhum arrependimento, porque, quando ele morreu, não teve que pensar se a pessoa para a qual escolhera dar seu coração a vida inteira o amava também.

— Sinto muito por sua perda.

— Não sinta. Não tenho arrependimentos. Trata-se somente disso, viver sem arrependimentos. Se realmente ama esse homem com quem está, apenas esqueça Mack. Ele vai seguir em frente em algum momento. O Senhor sabe que há uma fila de mulheres esperando esse dia. Mas... agora ele não consegue seguir em frente até saber que não tem absolutamente nenhuma chance com você. Sabendo ou não, está carregando o coração desse homem com você todos os dias. Em algum momento, precisa devolvê-lo e libertá-lo... ou lhe dar o seu. Se é ele que você quer, não deixe o medo atrapalhar uma coisa boa.

Suas palavras me atingiram com força.

— Ok, sra. M. Entendi.

— Tenha uma boa noite, Frankie Jane. Posso ver por que ele acha que você é linda.

Não pude evitar sorrir conforme voltava para a casa de Mack.

Ele estava me esperando na porta e deve ter percebido meu olhar.

— Porra. O que ela falou para você?

— Nada. Tivemos uma boa conversinha.

— Claro. Conhecendo a sra. M, isso significa que ela aplicou um questionário em você.

Apontando para a cabeça de alho, eu disse:

— Peguei o ingrediente mágico.

— Boa mudança de assunto. Sério, ela disse algo para te assustar?

Decidindo manter privado o conselho dela, balancei a cabeça.

— Não, nada disso. Vamos, temos um espaguete para fazer.

Mack já estava com a água fervendo quando comecei a cortar o

manjeriço fresco.

O som de uma rolha estourando me fez olhá-lo. Ele tinha pego duas taças e estava servindo vinho tinto. Havia algo sexy em assisti-lo fazer isso. Bom, talvez fosse só ele que era sexy, e não o processo de servir vinho. Foi quando percebi que ele tinha tirado os sapatos e ficado à vontade. Também tinha tirado a blusa, e agora eu podia ver o desenho do seu peito musculoso através da camiseta.

Me entregando uma das taças, ele disse:

— Não se preocupe. Não vou abrir mais de uma garrafa. Até parece que vou desperdiçar meu tempo precioso bêbado demais para me lembrar das coisas.

— Dado nosso histórico, acho que é sábio.

— Enfim, não preciso mais do álcool para te falar como realmente me sinto. Espero que não se importe de eu ser direto de vez em quando. Não precisa responder nada, mas vou falar o que estou pensando se chegar o momento certo. Não acho que tenha algo a perder.

— Obrigada pelo alerta sincero. — Dando um gole, falei: — Pensei que você não bebesse vinho.

— É meio que uma coisa recente, talvez um gosto adquirido que vem com a idade. Tenho bebido uma ou duas taças de vinho toda noite para relaxar após um longo dia, ultimamente.

— É difícil imaginar você sozinho nesta casa durante a semana.

— Nem me fale. Não gosto muito, mas ficar sozinho é melhor do que viver com alguém que te faz infeliz. Aprendi isso do jeito difícil. Estou bem em paz aqui, com exceção de ter que morar longe de Jonah.

Mack estava ali parado, mexendo sua bebida, enquanto me observava preparar o molho. Meu corpo estava formigando, não pelo vinho, mas por causa da consciência de que os olhos dele estavam em mim.

— Está observando a massa ou a mim, Morrison?

— Merda — ele disse ao perceber que estava prestes a deixar o espaguete cozinhar por tempo demais.

— Você tinha *uma* função — brinquei. — *Uma* função...

— Desculpe, fiquei distraído. Gosto demais de ver você na minha cozinha.

Acabamos tendo um jantar muito gostoso. Eu estava aliviada por termos superado a conversa difícil de mais cedo. Me sentia bem confortável em sua casa, e isso me deixava um pouco nervosa. Era muito fácil me perder no magnetismo de Mack. A culpa me consumia quando o rosto de Victor vinha à mente, mas não era suficiente para me impedir de gostar de estar ali.

— Ficamos tão entretidos na conversa que nem te mostrei o resto da casa. Vou ter que te dar o tour após o jantar.

— Será ótimo.

— Então prometo te levar para casa em uma hora decente. Sei que precisa acordar cedo, assim como eu, para levar Jonah à escola. Você não estava exatamente esperando que eu a sequestrasse.

— Fiquei feliz que o fez. Precisávamos mesmo daquela conversa e, para ser sincera, adorei esta casa. Estar aqui agora... compartilhando esta refeição... é muito bom.

— Adoro ter você aqui.

Durante a segunda metade do jantar, a conversa girou em torno de assuntos ainda mais leves, como o fato de Mack se voluntariar para o festival de inverno da escola no fim de semana seguinte. Era um festival dentro da escola, e o tema era verão no inverno. Mack tinha se voluntariado para se molhar na cabine do mergulho para ajudar a escola a arrecadar dinheiro. Eu mal podia esperar para tentar esse jogo.

Depois que terminamos nossa massa, Mack insistiu em limpar tudo enquanto eu finalizava minha taça de vinho. Me lembrou dos velhos tempos quando eu cozinhava, e ele lavava a louça enquanto conversávamos. Muito da segunda metade do período em que passei em sua casa naquela noite me lembrou dos velhos tempos. Essa sensação ficou ainda mais forte quando fomos ao porão.

— Que lugar masculino — comentei ao entrarmos no espaço.

Um sofá de canto preto, enorme e de couro ocupava a maior parte do cômodo. Havia uma TV gigante e uma iluminação embutida bem moderna. Uma arte abstrata decorava a parede. A decoração era moderna, mas, ainda assim, aconchegante.

— Gostou?

— Teríamos aproveitado este cômodo antigamente.

— É aqui que Jonah e eu assistimos a filmes quando consigo tirá-lo dos videogames. E é onde passo a maior parte do tempo quando estou sozinho.

Fui até uma estante de livros no canto do cômodo. Havia alguns livros que eu reconhecia. Um, em particular, me chocou.

— *The man who folded himself?* Não zombou de mim por ler exatamente este livro?

— Não pensei que fosse te trazer aqui hoje, então não tive tempo de esconder minha coleção de ficção científica.

— Você realmente lê todos?

— Já li todos. É meio que meu segredinho. Primeiro, era só uma forma de me conectar com você todos esses anos quando não conseguia fazê-lo de outra maneira. Porém, com o tempo, vi que realmente gostava deles. Acho que eu era um nerd adormecido o tempo todo.

O fato de ele ter usado livros para se lembrar de mim era bem emocionante.

— Ainda leio coisas estranhas — admiti.

— Adorei saber disso. Pensei que ainda lesse mesmo.

No canto da mesma prateleira, havia a coleção de *Buffy, a caça-vampiros* que eu tinha comprado para ele há anos.

— Ainda tem isso também?

— Claro. É meu presente preferido de todos.

Sorri, lembrando de como eu ficara empolgada e nervosa ao lhe dar aquele presente.

— Nos divertimos bastante naquela época.

— É verdade. — Seu olhar baixou para o meu pescoço, depois encontrou meus olhos de novo. — Venha. Vou te mostrar o restante lá em cima.

Um pequeno corredor no segundo andar continha o banheiro e três quartos. O primeiro quarto à esquerda era onde Mack trabalhava.

— Este é meu escritório.

Havia uma escrivaninha de madeira no canto. A maçãzinha atrás do seu laptop da Mac estava iluminada. Um pequeno abajur de mesa fornecia a única outra luz.

— Laptop legal.

— Bom, quando começa a usar Mac, nunca volta atrás. — Ele deu uma piscadinha.

— Isso foi clichê, até para você, Morrison.

Ele riu sem emitir som.

Passando os dedos por sua mesa, eu disse:

— É legal você poder trabalhar em casa.

— Geralmente, fico confinado aqui a maior parte do dia. Fico agoniado para tomar um ar às vezes, então saio para comprar almoço e trago para a casa da sra. M.

— Adoro isso.

Ele me levou de volta para o corredor.

— Vou te mostrar o quarto do Jonah.

O quarto do seu filho era azul da cor do céu com uma parede vermelha. Havia brinquedos por todo lugar, além de vários fios e consoles de jogos. Estava amontoado, mas parecia ser uma bagunça organizada.

— Uau. Este quarto parece bem habitado.

— É. Ele passa bastante tempo aqui quando está em casa. Enchi o quarto com tudo que ele tinha em Virginia e mais um pouco.

— Você o mima, não é?

— Sim, mas ele não age como um garoto mimado, se é que faz sentido.

— Ah, faz sim. Vejo isso em primeira mão. É um bom menino.

— Queria poder fazer mais para deixá-lo feliz. Mas só posso fazer até certo ponto. Tem coisas que, simplesmente, não consigo mudar.

Uma foto na escrivaninha chamou minha atenção. Era de Mack e Torrie com Jonah, parecendo uma grande família feliz no Natal. Um sentimento indesejado de ciúme começou a se instalar dentro de mim. Mack percebeu que eu estava olhando para a foto antes de eu ter a chance de falar qualquer coisa.

— Foi tirada há uns dois anos. Sinto que é importante manter coisas assim ao redor dele, para ele não pensar que seus pais sempre foram infelizes junto ou um com o outro.

— Tem razão. É importante.

— Desculpe. Se eu estivesse mais preparado, teria escondido essa foto. Você não precisa ver isso.

— Mack, por favor. Não seja bobo. Esconder uma foto não muda nada.

Ele assentiu, parecendo em dúvida se meu comentário era simplesmente concretizando um fato ou levemente amargo. Acho que nem eu sabia.

— Deixe-me te mostrar meu quarto.

Meu coração bateu um pouco mais rápido quando ele me levou para o outro lado do corredor, até seu quarto.

O quarto de Mack era tudo que eu teria imaginado que seria. Olhei em volta, silenciosamente absorvendo sua masculinidade subestimada. Seu cheiro maravilhoso preenchia o ar. Havia um edredom azul-marinho cobrindo a cama de cerejeira king-size, adequada para um homem do tamanho dele.

Me sentando na beirada, balancei um pouco na cama e passei as mãos no tecido macio. Estar sozinha com ele ali me deixava definitivamente tensa.

Ele se apoiou na mesa, cruzando os braços e me observando em silêncio.

Um pensamento passou por minha mente. Imaginei se ele tinha ficado com mais alguém além de Torrie. Mack era definitivamente uma pessoa sexual. Me perguntei como ele poderia ter conseguido ficar em celibato mesmo no curto tempo em que estava em Boston. Sinceramente, não queria saber e escolhi não deixar minha mente seguir por esse caminho.

— Este quarto é bem legal.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Sério? Então por que parece que você quer sair correndo?

— Fico meio nervosa de estar no seu quarto.

— Quer que te leve para casa?

— Não.

— Ok. — Ele se sentou ao meu lado, deixando apenas alguns centímetros de distância entre nós. Meu corpo ficou tenso na tentativa de lutar contra minha atração por ele.

Ele encostou o dedo indicador em um ponto na parte de baixo do meu pescoço, provocando arrepios na minha coluna.

— O que aconteceu com a verruginha que ficava aqui?

— Tirei anos atrás. Estava com medo de que fosse câncer. Não era. Sabe

como posso ficar paranoica com as coisas. Estou surpresa por você se lembrar que eu a tinha.

Ele ficou olhando nos meus olhos por um tempo, depois falou:

— Me lembro de tudo, Frankie. Me lembro que você usava uma camiseta de *Punky, a Levada da Breca* no dia em que nos conhecemos. Lembro do cheiro do seu cabelo. Uso a porra do mesmo xampu, Finesse, só para poder sentir seu cheiro todos os dias. Cheirei todos os frascos no mercado até conseguir me lembrar da marca. Lembro da última série a que assistimos juntos... uma reprise de *Friends*, aquele episódio em que Phoebe achou um dedo humano flutuando em sua lata de refrigerante. Você estava rindo do programa, e eu estava olhando só para você, pensando em como iria suportar não te ver por um verão inteiro. Lembro do jeito como o sol iluminou o ruivo do seu cabelo naquele bar a céu aberto durante nosso último dia juntos. E nunca vou me esquecer do olhar triste em seu rosto quando soube que eu iria embora de Boston e não voltaria. Lembro de tudo e, dependendo do dia, isso é uma maldição ou uma benção.

Parecia que meu coração ia explodir.

Ele colocou a mão sobre a minha.

— Lembro de tudo, das coisas boas e ruins, e não trocaria por nada. — Olhando para nossos dedos agora entrelaçados, ele perguntou: — Não tem problema eu segurar sua mão?

Tocá-lo era muito bom. Embora devesse ter parecido um gesto inocente, o contato foi desconcertantemente excitante.

— Tudo bem.

Ficamos quietos por um bom tempo até ele falar.

— Não importa o que aconteça, todas essas lembranças vão permanecer comigo até o dia em que eu morrer. Mas preferiria criar novas. É esquisito, mas não pensei que conseguisse te querer mais do que queria naquela época. Mas agora que está com outra pessoa, agora que posso te perder a qualquer segundo, para sempre, é um nível diferente de desejo.

Quebrei o contato das nossas mãos, me levantei e fui até a janela. Estava com neblina, me impedindo de ver o lado de fora.

— Antes de partir, Victor disse que quer se casar comigo — de repente soltei a bomba. — E ter filhos. Ele nunca tinha falado essas palavras, mas

acho que se sente ameaçado por você.

— Sente, não é? Os sentimentos dele são correspondidos?

Será que Victor tinha motivo para se preocupar? A forma como meu coração estava batendo, o fato de a minha calcinha estar molhada com o simples toque da mão de Mack, significava que Victor tinha *todo* motivo para se preocupar. Eu ainda reagia a Mack do mesmo jeito que reagia há oito anos. Nada tinha mudado a respeito disso. Cada parte de mim que não era lógica queria Mack e somente Mack. Mas não era apenas uma decisão do meu corpo e coração. Minha mente continuava me lembrando de que havia uma criança e uma ex amarga envolvidas. Sem contar o medo que vinha junto com dar uma segunda chance a alguém quando esse alguém já tinha partido seu coração.

Mas respondi com honestidade.

— Os sentimentos dele são correspondidos, sim. Mas estou bem confusa.

Ele se levantou e andou lentamente até mim.

— É estranho como os papéis se inverteram. Antes, era eu que queria ficar com você, mas impedia que acontecesse o que parecia natural porque não queria magoar Torrie. Nada nem ninguém está me segurando agora. Não me importo com ele, mas respeito que se importe, porque me importo com *você*. Consigo me identificar com o que está passando. Farei o que você realmente quiser. Sua felicidade é tudo que importa. Está com todas as cartas, Frankie... cada uma delas. Mas, só para saber, não tenho nenhum problema em te mostrar exatamente o quanto te quero neste instante. — Ele se aproximou mais, a ponto de eu poder sentir o calor do seu corpo. — Da próxima vez que me pedir para te beijar, vou te beijar, porra. — Apontou para a cama. — Na verdade, o que eu adoraria era fazer você revirar os olhos agora mesmo.

Suspirei audivelmente. Os músculos entre minhas pernas se contraíram instintivamente.

— Bom, você falou que não ia se conter. Acho que não estava brincando.

— Não, não vou fingir. Não vou mentir para você quanto aos meus sentimentos. Não vou esconder o fato de querer fazer amor com você mais do que qualquer coisa. — Seu celular vibrou, quebrando a tensão. Ele olhou para baixo. — Merda. É Torrie. É melhor atender no caso de ter a ver com Jonah.

— Sem problemas.

Ouvi conforme ele falou com ela. Sua ex ligando no meio do nosso momento foi um lembrete oportuno de que estar com Mack sempre significaria ter que lidar com Torrie.

Ele guardou o celular de volta no bolso.

— Desculpe por isso.

— Está tudo bem?

— Está. Não tinha nada a ver com Jonah. Ela queria confirmar que horas começa o festival de inverno neste fim de semana.

Engoli o nó na garganta.

— Ela estará lá?

— Sim. Aparentemente, ela quer ir.

Tentei zombar disso.

— Bom, com certeza você vai cair no tanque, pelo menos, uma vez.

Ele deu risada.

— Pode apostar.



Na tarde da quinta-feira seguinte, Mack estacionou o carro do lado de fora da escola para me aguardar às cinco; minha reunião de professores tinha acabado tarde.

Ele tivera que cancelar comigo nos dois dias anteriores porque Torrie tinha sido chamada, inesperadamente, para viajar por causa de emergências no trabalho. Como Jonah tinha que ficar com ele, não podíamos ficar juntos depois da aula. Ele havia pedido mil desculpas, apesar de eu ter lhe falado que não era realmente necessário se desculpar por algo que ele não podia controlar.

Quando entrei no carro, ele parecia melancólico.

— Me desculpe mesmo, Frankie.

— Já falei que está tudo bem.

Ele olhou em volta para garantir que ninguém tinha nos visto e saiu com o carro.

— Não está tudo bem, não. Só temos esta semana. Este tempo foi dado

como um presente, e acabei de perder dois dias inteiros com você. Agora, só temos esta noite.

O fim de semana de Jonah com Mack começava nas tardes de sexta e ia até a noite de domingo. Então, apesar do fato de que iria vê-lo no festival de inverno no sábado, seria só aquela noite.

— Vamos fazer valer a pena. — Sorri.

— Eu estava morrendo de vontade de te ver.

As palavras estavam na ponta da minha língua. Eu queria dizer que só tinha pensado nele nos últimos dois dias, mas precisava ter cuidado. Não queria lhe dar falsas esperanças, porque, sinceramente, ainda estava confusa com o que aconteceria quando Victor voltasse. Aquele limbo não era realmente justo para nenhum deles, mas jurei não deixar minha confusão arruinar aquela noite. Era minha única noite com Mack, e precisava me concentrar no presente.

— Também estive pensando em você. Bastante — finalmente respondi.

Mack estava vestido com perfeição, com camisa de colarinho e calça formal.

Olhando-o de cima a baixo, eu disse:

— Você está muito arrumado.

— Tenho uma surpresa para você. Mas precisa parar em casa e vestir algo mais chique.

— Está me levando para minha casa?

Ele sentiu meu receio.

— Estou, mas vou te esperar no carro.

Quando chegamos, eu não queria perder tempo, então nunca me troquei tão rápido na vida. Minha pulsação acelerou com empolgação conforme pus um vestido vermelho e saltos combinando. Olhando para uma foto de Victor e eu em nosso quarto, tentei não deixar a culpa se instalar. Me lembrei de que até Victor queria que eu usasse esse tempo longe para me decidir. Sair com Mack naquela noite fazia parte do processo.

Mack arregalou os olhos quando retornei ao carro.

— Caralho, que linda. Sempre gostei de você em vermelho. Destaca seu cabelo.

— Obrigada. — Minha pele ficou quente com o elogio. — Então, não vai me contar aonde estamos indo?

— Como eu disse, é surpresa.

Vinte minutos depois, paramos no hotel Hyatt Regency, que tinha vista para o Charles River.

— Vamos ao The Spinnaker. — Ele sorriu.

The Spinnaker era um restaurante situado no último andar do hotel. Era conhecido por seu piso rotativo, que girava bem devagar enquanto clientes tinham diferentes vistas da cidade. Na época da faculdade, tínhamos ido lá uma vez para comemorar ter passado nas provas finais. Mack tinha pagado a conta enorme no cartão de crédito do pai e jurado lidar com as repercussões depois. Tínhamos nos divertido muito naquela noite.

Subimos para o último andar do hotel, mas então, para nossa surpresa, não havia mais nada lá. Uma pessoa da limpeza estava passando aspirador em um tapete, porém as portas, que antes levavam para o famoso restaurante, estavam trancadas.

— O que aconteceu com The Spinnaker? — Mack perguntou.

— Fechou há muitos anos — a mulher disse. — Agora só alugam o espaço para festas particulares.

— Eu não sabia — sussurrei para ele.

— Obrigado — ele agradeceu, depois se virou para mim. — Me sinto um idiota.

Colocando a mão sobre seu ombro, falei:

— Está tudo bem.

— Não está tudo bem. Não está. — Ele repetiu: — Nada disso está bem. — Eu sabia que ele estava se referindo a mais do que apenas o restaurante estar fechado.

Mack ficou extremamente quieto durante a descida de elevador ao térreo. Quando saímos do hotel, em vez de voltar para o carro, ele parou de andar e encarou o rio.

O vento, por estarmos tão perto da água, soprou meu cabelo quando perguntei:

— Mack, o que houve?

Ele olhou para o céu, depois para mim.

— Estou me iludindo?

— Como assim?

— Seja sincera. Estou me segurando em algo que não está mais aí? — Virou-se para mim. — Acordo de manhã com esperança de que todo dia estou, de alguma forma, mais perto de ficar com você. Ainda sinto esta conexão entre nós. Sinto muito forte. Mas esta noite é um exemplo de como, aparentemente, sou sem noção. Simplesmente presumi... que estaria aqui, exatamente como presumi que poderia voltar à sua vida e, de alguma maneira, te conquistar de novo depois de oito malditos anos. A única chance que realmente tinha de ficar com você, esta semana, e minha vida atrapalha, de novo demonstrando como nunca consigo te tratar com a prioridade que merece. Porra, nem eu acho que me escolheria se fosse você. — Ele olhou para cima, depois voltou-se para mim. — Não tenho todo o tempo do mundo para te dar. Não poderia te dar a vida perfeita nem se quisesse, porque carrego muita bagagem. Alguns dias, nem sei mais quem sou... pai de Jonah, ex de Torrie, filho afastado de Michael Morrison. Mas, quando estou com você... sou *Mack*. Me sinto eu mesmo. Quando olha para mim, você me lembra de quem eu sou, de quem quero ser. Quero voltar a ser aquele homem que ficava mais feliz do que pinto no lixo por simplesmente ficar perto de você todos os dias. Mas não é justo roubar nem um milímetro da sua felicidade só para poder ter a minha.

Por mais que eu quisesse evitar tocá-lo, não consegui evitar e puxei-o para um abraço forte.

Apenas ficamos ali por um bom tempo. Sua respiração estava trêmula. Podia sentir seu coração batendo mais rápido do que conseguia me lembrar. Pela primeira vez, percebi como Mack estava realmente vulnerável. Apesar de ele sempre parecer bem confiante e forte, estava baixando a guarda totalmente naquele instante. Eu ainda não fazia ideia de qual era a escolha certa para mim, mas de uma coisa eu tinha certeza: queria passar cada minuto daquela noite com ele. A noite não seria perdida.

Afastando-se do nosso abraço, perguntei:

— Me leva de volta para a sua casa?

Ele pareceu surpreso.

— Para a minha casa?

— É. Quero cozinhar para você e assistir a um filme em sua televisão enorme. É assim que quero passar esta noite, não em um restaurante chique.

— Mas era para jantarmos e nos divertirmos.

— O que me deixaria mais feliz seria cozinhar uma boa comida para nós e apenas ficar com você. Podemos ir para sua casa?

— Claro. Minha casa é sua casa. Adoraria fazer isso.

— Ok... então está combinado.



Mack

Frankie quis voltar para sua casa para vestir roupas confortáveis e pegar um pouco de comida que ela tinha na geladeira para poder preparar tudo na minha casa.

Saber que entraria na casa *dele* me deixava um pouco apreensivo, mas ele não estava lá, então não tinha tanto problema. Eu estava, definitivamente, empolgado pela rara oportunidade de xeretar onde ela morava.

Aquela construção de pedras deve ter custado milhões.

— Como ele conseguiu pagar por este lugar?

— Está na família dele há anos.

— Imaginei. Somente um salário de professor não conseguiria comprar isto.

— Certamente não.

A decoração era uma combinação de madeira escura e tijolinhos à mostra na parte de dentro, com várias prateleiras embutidas na parede e móveis de couro escuro. Havia livros por todo lugar. O teto era alto e havia vários cômodos; era quase espaço demais para duas pessoas.

Eu a segui para a cozinha de estilo rústico. Os armários eram pintados de um tom claro de verde e a ilha tinha uma bancada para cortar carnes. Havia uma pequena despensa aberta no canto cheia de comida.

Frankie pegou uma sacola firme e começou a pegar o conteúdo da geladeira e colocar dentro. Em certo momento, colocou-a no chão com um estrondo e disse:

— Já volto. Só vou vestir algo mais confortável e, então, podemos ir.

Sinta-se à vontade.

Fui para a sala de estar. Meus olhos pousaram em uma foto de Frankie com Victor. Me inclinei para analisá-la. Parecia que tinha sido tirada em um daqueles barcos de cisne de Boston Common. O braço dele a envolvia. Mas não foi isso que me encheu de ciúme. Ele a estava beijando gentilmente na testa enquanto ela olhava, tímida, para a câmera. Os olhos dele estavam fechados. Não precisava imaginar os pensamentos que passavam pela mente dele naquele instante porque eu sabia muito bem no que ele estava pensando: que era um desgraçado sortudo. E que não precisava de mais nada além do que estava diante do seu nariz. Eu não iria mentir; ver a foto me chateou por mais de um motivo. Me chateou porque fiquei com ciúme, mas também porque me fez sentir que Victor realmente valorizava Frankie. E eu sabia que ela merecia.

Ela apareceu na porta e me viu olhando a foto. Estava de moletom. Me lembrou de algo que ela teria usado em nosso apartamento antigamente. Desde que nos reconectamos, ela nunca estivera mais parecida com a antiga Frankie do que naquele instante. Lá estava ela, bem na minha frente, e mesmo assim tão longe.

— Essa é a Frankie de que me lembro.

— Desculpe se estou um bagaço, mas foi um longo dia. Só queria ficar confortável.

Minha boca se curvou em um sorriso conforme a analisei.

— Nunca estive tão bonita.

Suas bochechas coraram.

— Seu mentiroso.

— Nunca menti para você, Frankie. Nenhuma vez.

Ela pareceu refletir por um instante.

— Isso é verdade. Você nunca mentiu... que eu saiba.

Tinha perdido um pouco da vontade de lutar mais cedo. Porém, ela estava de volta. De repente, por mais que me sentisse mal por Victor depois de ver o que aquela foto trazia, voltei ao modo luta. Uma voz dentro de mim parecia dizer “Lute mais”.

No amor e na guerra vale tudo, Vic. Desculpe, mas também a amo.



Frankie tinha feito um frango suculento e alcachofra com tomate seco em minha cozinha. Também me mostrou como fazer arroz em uma panela elétrica que eu nem sabia que tinha. Deve ter sido deixada pelos moradores anteriores.

Após o jantar, descemos para o porão. Acendi o aquecedor, e o fogo deixou o espaço gostoso e quentinho.

Tê-la ali comigo era o paraíso e o inferno ao mesmo tempo. Não era difícil imaginar aquela sendo nossa vida, fazer aquilo toda noite. Mas ainda havia o duro conhecimento de que poderia ser nossa última noite juntos assim. Ela não tinha me dado nenhuma indicação real do que estava pensando. E eu sabia que era porque ela não tinha total certeza.

Frankie se aconchegou no canto do sofá. Usando meias felpudas, ela parecia confortável. Em certo momento, peguei seus pés e os coloquei no meu colo, começando a massageá-los. Em êxtase, ela fechou os olhos e me deixou fazer o que quisesse com eles. Poderia ter feito isso a noite toda. Os sons de satisfação saindo da sua boca eram dolorosos de ouvir porque me lembravam do que eu queria poder realmente fazer para lhe dar prazer naquela noite. Fechei os olhos e imaginei como seria estar dentro dela. Era algo que eu tinha imaginado bastante ao longo dos anos, mas era bem mais frustrante fazer isso enquanto ouvia seus gemidos.

A televisão estava ligada em um dos canais de filme da TV a cabo, mas nenhum de nós estava prestando atenção. Ficamos em silêncio por um tempo até uma ideia surgir em minha cabeça.

— Então, eu estava pensando...

— Isso pode ser perigoso — ela brincou, de olhos fechados.

Apertei seu pé mais forte por isso.

— Ai. — Ela deu risada.

— Como estava falando... Acho que precisamos escrever uma lista de prós e contras.

— De quê?

— Eu *versus* ele.

Ela tirou os pés de cima de mim e se sentou.

— Está falando sério?

— Estou. Sei que ainda está confusa com o que é melhor para você a longo prazo. Às vezes, ajuda escrever as coisas. — Me levantei para procurar papel. — Já volto.

Eu tinha certeza de que ela pensava que eu estava brincando; mas não estava. Não tínhamos muito tempo, e eu precisava saber melhor para onde as coisas iriam.

Voltando ao sofá, me sentei mais perto dela, apreciando o cheiro do seu cabelo.

— Ok, vamos começar com ele.

Ela balançou a cabeça.

— Não posso fazer isso.

— Claro que pode. — Desenhei uma linha dividindo a página amarela de caderno. — Eu primeiro. — Comecei a escrever. — Prós de Victor... ele dá segurança. Te adora. Tem um ótimo emprego. Casa incrível. Não tem filhos. Não tem ex-esposa. Não tem bagagem. — Olhei para ela. — Quer adicionar alguma coisa?

— Bom, parece que você sabe tudo sobre Victor... — respondeu com sarcasmo.

— Sou parcial, então não dá para confiar. Estou prestes a arrasar na minha parte, então é melhor você ajudar seu amigo.

Ela pegou a caneta e escreveu.

— Sincero. Carinhoso. Protetor. Ridiculamente inteligente.

Engolindo meu orgulho, tossi.

— Essas são as características boas. — Peguei a caneta de volta. — Contras do Victor... velho pra caralho.

Ela deu risada.

— Ele não é tão velho.

Continuei a listar as coisas.

— Deixa você sair com homens estranhos.

— Isso não é um contra. Significa que ele confia em mim.

— Até parece que não é um contra. Se fosse minha mulher, não sairia com minha permissão com um cara que está tentando transar com você.

— Então esse é um contra para você, Morrison. Está tentando transar comigo?

— Frankie Jane, quero transar com você desde a noite em que me fez ficar acordado para assistir à maratona de *Doctor Who*.

Ela deu risada.

— Foi quando decidiu que queria dormir comigo?

— Não sei se foi esse exato instante, mas definitivamente me lembro de querer demais chupar seu pescoço naquela noite. Houve muitas noites assim, mas, por algum motivo, essa se destaca. — Aponte para o papel. — Concentre-se. Quais são os contras de Victor?

Dando de ombros, ela disse:

— Sinceramente, não consigo mesmo pensar em nenhum.

— Está brincando comigo?

— Nada me vem à mente.

— Todo mundo tem defeitos. Até não ter defeitos pode ser considerado um contra, porque o torna entediante pra caralho. — Escrevi. — Entediante.

Ela deu risada.

— Nesse caso, você é bem empolgante, Morrison.

— Ai.

— Só estou te zoando. — Em uma tentativa de me mostrar que estava brincando, ela passou a mão rapidamente no meu cabelo. Era a primeira vez que ela iniciava qualquer contato físico, e fez minha pulsação acelerar. Queria poder deitá-la e demonstrar o que eu tinha certeza de ser um pró enorme para mim.

Ignorando o desejo intenso de fazer exatamente isso, eu disse:

— Ok, bom, já que, aparentemente, não há pontos negativos para Victor, vamos para os contras do Mack. Gostaria de escrever esses primeiro. — Respirando fundo, comecei a escrever, mas minha mão congelou. Puta merda, havia uma tonelada de merdas contra. Eu simplesmente não conseguia escrever.

Engravidou outra mulher.

Te abandonou.

Muita bagagem.

Família corrupta.

Sem tempo para você nos fins de semana.

A lista era infinita na minha cabeça. Deixei a caneta cair e cerrei os punhos.

— O que aconteceu?

— Não consigo. Tem muita coisa. Vou perder.

— Talvez seja melhor começar com os prós, então. — Ela me entregou a caneta e sorriu, o que me motivou a continuar.

Coloquei a caneta no papel de novo.

— Engraçado... bonito... bem-dotado...

— Posso confirmar esse último. — Ela deu risada. — Pelo breve e não intencional contato que tivemos na noite em que nos conhecemos.

— Não intencional é discutível. — Dei uma piscadinha. — Estou brincando. Fico feliz que tenha dado uma boa primeira impressão.

Quando continuei a enrolar, ela pegou a caneta de mim e escreveu.

— Ótimo pai.

— Obrigado.

Não havia muitas coisas que me definiam; realmente não sentia que poderia continuar falando de mim mesmo. Mas tinha uma coisa — um pró importante — que precisava ser adicionada. Era o que mais importava acima de todo o resto quando se tratava dela.

Minha mão tremia um pouco quando peguei a caneta de volta dela e escrevi: *Te ama mais do que você pensa.*

Ela simplesmente encarou as palavras, absorvendo-as. Eu sabia que ela não estava esperando que elas viessem naquele instante, mas algo me disse que agora era a hora mais importante para falar isso.

Peguei sua mão na minha.

— Você disse, mais cedo, que nunca menti para você. E é verdade. Nunca amei ninguém como te amo. Desde quando nos conhecemos, a vida simplesmente ficou diferente. Você trouxe cor à minha existência cinzenta e

desanimada, me fez ver o que significa ter alguém que muda toda a sua visão de mundo, muda seu motivo para viver. Lentamente, me apaixonei por minha melhor amiga. Você foi meu *primeiro* e único amor. Deveria ter te falado como realmente me sentia na época. Embora a vida tenha atrapalhado e tudo como conhecíamos em nossos mundos tenha mudado, nada poderia apagar o amor que sinto por você. Sempre estive lá todos esses anos, apesar de eu nunca ter falado as palavras até agora. Então, no caso de ter alguma dúvida, eu te amo, Frankie. Talvez, no fim, isso seja tudo que eu realmente tenha a te dar. Talvez não necessariamente me torne o melhor no papel. Se me escolher, só vou precisar te amar mais, te amar com mais força, para meu amor por você compensar todo o resto. Não vai ser difícil para mim, porque sinto que não há um limite para o quanto te amo.

Apesar de, aparentemente, ela estar sem palavras, lágrimas se formaram em seus olhos.

— Não precisa falar nada — eu disse. — Eu só precisava que você soubesse.

Parecia que Frankie queria falar alguma coisa, mas as coisas ficaram quietas por bastante tempo.

— Victor disse que parte do seu objetivo de viajar era me dar um tempo para entender tudo. Mas estou mais confusa e com medo do que nunca — ela finalmente admitiu.

Meu coração quase parou naquele instante.

— Espere... ele realmente disse que iria *te dar tempo*? Pensei que ele tivesse apenas viajado a trabalho. Ele realmente está *esperando* que algo aconteça entre nós enquanto está fora?

— Falou que não quer saber o que acontecer esta semana, mas espera que, no fim, eu o escolha.

Senti um vazio preencher minha mente.

— Tipo “não pergunte, não conte”? Puta merda. — Minha voz ficou mais alta. — Ele pensa que estamos *transando* enquanto ele está viajando?

— Não sei se ele realmente pensa assim. Mas acho que pode imaginar que algo aconteceu. Não significa que ele não se importaria. Acho que ficaria devastado se acreditasse que passamos do limite. Mas tive essa sensação de que ele quase esperava que algo acontecesse entre nós. Porém não significa

que não tem problema. Não faria isso enquanto estou tecnicamente ainda com ele.

Eu não sabia o que fazer com essa informação. Senti que perdera a oportunidade que nem sabia que tinha. Isso me deixou furioso.

— Espera, deixa eu entender direito isso. Ele te deu um vale para explorar as coisas comigo? Então, basicamente, estamos *sentados* aqui conversando quando você poderia estar *sentada* na minha cara?

Frankie pareceu atordoada.

— Hum...

Estava começando a me descontrolar um pouco. Minha raiva aumentou quando percebi outra coisa.

— Quer saber? O fato de ele também ter mencionado querer se casar com você antes de partir significa que ele pensa que a possibilidade de algo durar entre nós é nula. Será que ele está esperando que você possa simplesmente transar comigo e me esquecer, depois se casar com ele?

— Não sei. — A voz dela foi basicamente um choramingo.

— Qualquer homem que deixa você sair da vista dele tempo suficiente para testar as águas alheias é muito burro. Ele está esperando que uma boa transa possa ser do que você precisa para me esquecer? Talvez devêssemos testar.

Ela engoliu em seco.

— Testar?

— É. Me dê uma noite. Vamos para o meu quarto agora mesmo fazer a porra de um sexo gostoso, suado e incrível. Será o melhor da sua vida.

Sua respiração acelerou.

— Tenho quase certeza de que não facilitaria minha decisão.

— Bom, *eu* tenho quase certeza de que *não* haveria mais o que decidir se isso acontecesse. Acho que você fica assustada pra caramba porque tem medo de me querer ainda mais do que já quer. — Coloquei a mão em seu joelho, fazendo-a se encolher. — Quer saber o que falou para mim na noite em que estava bêbada anos atrás?

— O quê?

— Falou que queria que eu pudesse te foder tão forte que me sentiria por

dias. Pode ter sido o álcool, mas tive a impressão de que, talvez, sempre tenha sido uma das suas fantasias. Você gosta que seja bruto? É assim que prefere? — Ergui a voz. — Ele te dá o que você quer?

Caralho. Eu estava demonstrando minha raiva e precisava parar. Apesar do meu ódio, o sangue ainda percorria meu pau só de pensar em transar com ela.

A novidade de que Victor basicamente lhe dera permissão para ficar comigo tinha me possuído. Mas não era isso que estava mais me chateando. Eu estava bravo porque ela escolheu não se aproveitar disso, não assumir o risco. Isso me dizia que, ela percebendo ou não, provavelmente planejava ficar com ele. As coisas não estavam realmente a meu favor como eu esperava. Na verdade, poderia já tê-la perdido. De repente, a necessidade de proteger meu coração de ser despedaçado pareceu mais forte do que nunca.

Me levantei.

— Desculpe. Era para ser uma noite relaxante e sossegada, e fodi com tudo. Está tarde. Quero que fique com minha cama lá em cima. Vou dormir aqui embaixo.

— Está bravo comigo.

— Não estou bravo com você. Não fez nada de errado. Está tentando fazer a coisa certa. Só estou bravo com a vida, em geral, e tentando me impedir de falar mais coisa esta noite de que possa me arrepender.

Seus olhos estavam brilhando.

— Se arrependeu de falar que me ama?

Sim.

Ignorei sua pergunta.

— Boa noite, Frankie.



Francesca

Não via Mack desde quando ele me deixou para pegar meu carro na escola nas primeiras horas da manhã daquela sexta-feira. Ele continuara agindo com cautela durante todo o caminho.

Também não tinha enviado mensagem nem ligado desde então. Ficou claro que minha admissão de ter escolhido não me aproveitar totalmente do aparente passe livre que Victor havia me dado realmente o irritou.

Agora, era sábado, e eu teria que não apenas encará-lo, mas também encontrar Torrie no festival de inverno. Meu estômago revirava só de pensar nisso.

Enquanto estava sentada sozinha na cozinha tomando café da manhã, a última coisa que esperava era que a porta se abrisse de repente. Uma corrente gelada de ar invadiu o cômodo quando Victor entrou. Não era para ele voltar até a noite de domingo.

— Francesca... — ele disse simplesmente.

Coloquei minha caneca na mesa e me levantei.

— O que está fazendo de volta?

— Não conseguia mais ficar longe, peguei um voo mais cedo para casa. — Ele me abraçou.

— Como foi Oxford? — perguntei, meu coração ainda martelando pela surpresa da chegada dele.

— Foi ótimo. Querem que eu volte nos próximos meses. — Ele parou e analisou minha expressão. Fingindo um sorriso, ele disse: — Parece surpresa em me ver.

— Um pouco. Não estava esperando te ver hoje. Tenho o festival de inverno na escola. Vou trabalhar de voluntária o dia todo. Não vamos ficar juntos.

— Bom, vou com você. Ficarei feliz em ajudar.

Colocando a mão em minhas costas, ele me puxou para perto e me deu um beijo suave na testa. Quando recuou para me olhar nos olhos, a preocupação estava estampada em todo o seu rosto.

Respondi à pergunta que parecia que ele estava me fazendo em silêncio.

— Nada aconteceu, Victor.

Ele cerrou os dentes.

— Não precisava explicar.

— Mas estava me olhando como se precisasse saber.

— Bom, você sabe me interpretar. Eu *estava* preocupado. — Ele respirou fundo. — Não precisamos falar disso agora. Não quero te atrasar.

Algo parecia bem diferente entre nós. Não conseguia identificar o que era, mas, de repente, pareceu estranho estar parada na minha própria cozinha. Por mais que dissesse a mim mesma que estava confusa na semana anterior, parecia que algo tinha mudado. Meu tempo com Mack afetou mais meus sentimentos do que eu pensei que afetaria.

Victor acariciou meu braço gentilmente.

— Tenho tempo para um banho rápido ou te encontro lá?

O fato de ele ir comigo me deixava nervosa, mas não poderia falar para ele não ir.

Olhei para o relógio.

— Você tem uns quinze minutos. Te espero para irmos juntos.

Ele me deu um beijo na bochecha.

— Serei rápido.

O pânico começou a se formar. Victor ficaria cara a cara com Mack. E eu ainda não conseguia entender por que as coisas, de repente, ficaram tão diferentes. Também estava com uma tremenda dor no peito.

Aproveitando o tempo que Victor estava no banho, peguei o celular e liguei para minha mãe. Ela era a única pessoa para quem tinha me aberto sobre meu dilema. A última vez em que nos falamos foi no almoço de sexta,

no mesmo dia que Mack me levou depois de deixarmos as coisas desagradáveis. Então ela estava totalmente informada.

— Que cedo. Aconteceu alguma coisa? — minha mãe atendeu.

— Não tenho muito tempo. Preciso do seu conselho como nunca precisei.

— O que houve?

— A merda está prestes a bater no ventilador. Victor voltou mais cedo de viagem. Vai comigo ao festival de inverno hoje. Mack estará lá como voluntário. Estou surtando.

— Você fala que está confusa, Francesca, mas está surtando porque sabe que Victor tem motivo para estar desconfortável. Essa situação é tão óbvia para mim, querida, e não consigo entender por que você não consegue enxergar. Desde quando aquele homem voltou à sua vida, você não pensa em outra coisa. Sei que valoriza o tempo que passou com Victor, mas está claro, para mim, que seu coração não está mais nisso. Está com Mack.

— Então por que dói tanto? Quando estou com Mack, é como se meu coração doesse.

— Você presume que essa dor seja um mau sinal. Às vezes, o amor se expressa como dor. Está com medo. Só isso. Não quer se magoar de novo. Mas seus sentimentos são mais fortes por Mack. Não há como competir com isso. Por isso que dói.

Definitivamente, não tinha olhado por esse ponto de vista, mas sabia que ela tinha razão. O que meu coração queria — o que ele desejava — não era a escolha mais segura, mas a indiscutível.

— Não quero magoar Victor.

— Querida, você já está fazendo isso. O homem foi mais cedo para casa porque sabe que está te perdendo. Não enxerga isso?

Ela tinha razão.

Os canos lá em cima fizeram barulho, indicando que Victor tinha fechado a água.

— Merda. Tenho que ir. Ele vai descer a qualquer minuto.

— Boa sorte hoje.

— Obrigada, mãe.

Vou precisar.



Mack era um astro do rock.

Quem via pensava que estavam aguardando para encontrar alguém famoso. A fila para seu tanque de mergulho era quilométrica.

Victor e eu estávamos trabalhando em uma das barracas de salgado no canto oposto do ginásio enorme. Mack já tinha sido colocado no tanque de mergulho quando chegamos, então não nos vira. O alívio me inundou. Eu estava fora do radar por enquanto.

O festival de inverno era o maior evento de arrecadação de fundos da escola, com barracas de artesanato, jogos, leilões e comida caseira. Feito em um ginásio gigante, era uma época do ano em que pais, professores, padres, freiras e todos os alunos se reuniam sob o mesmo teto.

Lorelai parou ao lado da mesa e sussurrou no meu ouvido.

— Parece que Papai Mack é a atração principal. Até algumas freiras estão entrando na onda.

Olhei para ela na tentativa de alertá-la a ficar quieta antes que Victor ouvisse.

De longe, conseguia ver a camiseta branca molhada de Mack grudada em seu abdome conforme ele passava a mão pelo cabelo encharcado. Seu corpo musculoso estava obscenamente gostoso na roupa molhada. Fiz meu melhor para não olhar por muito tempo naquela direção.

Victor não tinha falado nada, mas, enfim, se virou para mim.

— É ele ali no tanque, certo?

Assenti.

— É. — Apesar de estar tentando soar calma e indiferente, meus nervos estavam à flor da pele. Tinha certeza de que meu rosto estava vermelho.

Victor estava me observando, e eu realmente não sabia como lidar com isso.

— Parece que a fila está diminuindo. Se importa se eu tentar? — perguntou.

— O quê?

— Quero jogá-lo na água. Quando vou ter outra oportunidade? — Ele se levantou sem esperar minha aprovação.

Ah, não.

Meu coração estava batendo descontrolado quando corri atrás de Victor. Mack ainda não tinha nos visto enquanto continuava batendo palmas e atrapalhando as pessoas da fila — na maioria mulheres, claro — que estavam tentando acertar o alvo.

Quando Mack percebeu que Victor e eu estávamos entre a multidão, sua expressão mudou drasticamente. Seus olhos encontraram os de Victor, e seu corpo ficou rígido.

Quando finalmente chegou a vez de Victor, Mack não estava mais brincando. A tensão preencheu o ar conforme seus olhos arderam nos meus antes de encarar o olhar incendiado de Victor. Deve ter passado trinta segundos, mas pareceu uma eternidade. O corpo de Mack permaneceu imóvel conforme ele estava apenas ali sentado, esperando o que ele sabia muito bem que viria.

Victor pegou a bola e, com um movimento repentino e ágil, lançou na direção do alvo, acertando em cheio na primeira tentativa. Fiquei surpresa pela engenhoca não ter quebrado com o impacto. Mack caiu na água.

Quando saiu, parecia ainda mais irritado do que antes. Todo o barulho no ginásio pareceu ter sumido. Pelo menos essa era minha percepção conforme meus ouvidos latejavam mais alto a cada segundo que eu ficava ali avaliando a reação de Mack. Ele encarou Victor com olhos perfurantes.

Victor se virou para mim.

— Vai ficar bem cuidando sozinha da barraca se eu for para casa dormir um pouco? De repente, parece que estou com *jet lag*. — Ele não comentou o que tinha acabado de fazer; não precisava.

Engoli em seco, mal conseguindo falar.

— Sem problema.

Ele foi embora sem falar mais nada. Optei por deixá-lo ir porque sabia que não poderia falar nada que melhorasse a situação, principalmente dada a descoberta que fiz naquela manhã.

Parecia que meu coração estava se despedaçando quando olhei para Mack, que ainda estava me encarando. A próxima mulher da fila já estava se

preparando para mandá-lo para a água, porém ele não estava prestando atenção. Ficou somente olhando para mim, como se quisesse falar alguma coisa.

— Desculpe — falei sem emitir som, sem realmente saber por que estava me desculpando. Antes de ele conseguir responder, seu corpo caiu na água; alguém tinha conseguido acertar o alvo.

Foi então que vi Jonah sentado sozinho no canto de um banco ali perto.

Mack tinha mencionado que Torrie iria ao evento e me perguntei onde ela estava. A maior parte das crianças estava correndo pelo ginásio, brincando umas com as outras, enquanto os pais se misturavam nas variadas barraquinhas. Contudo, como era típico, Jonah tinha se separado da multidão. Eu queria falar com ele, mas percebi que precisava voltar à minha barraquinha de salgados.

Um tempo depois, vi alguns meninos rodeando Jonah. Apesar de não conseguir ouvir o que estavam dizendo, parecia que estavam tentando criar problema. Quando vi um deles segurar os cachos de Jonah e puxar seu cabelo, voei do meu assento. Antes de conseguir chegar neles, vi Mack correndo até seu filho. Ele deve ter notado o que estava acontecendo do tanque e pulou de lá. Quando as crianças o viram chegar, saíram correndo em disparada.

Ele se ajoelhou, colocando as palmas no rosto de Jonah. As mãos de Mack estavam tremendo.

— Você está bem, filho?

Percebendo que alguns espectadores começaram a se reunir, ele pegou Jonah pela mão.

— Venha. — Ele o levou por um corredor até uma sala vazia. Eu os segui, mas fiquei na porta para lhes dar espaço. — O que aconteceu, Jonah?

O garoto fungou ao responder ao pai.

— Estavam me chamando de feio e zombando do meu cabelo. Começaram a puxar. Minha cabeça está doendo.

Mack fechou os olhos momentaneamente na tentativa de organizar os pensamentos, depois soltou o ar.

— Você tem que entender uma coisa. Aqueles meninos estavam te incomodando porque sabem que isso te afeta. Pessoas más não mudam. A

única coisa que você controla é sua reação a eles. Juro que, se não deixar que eles te magoem, ou se agir como se não ligasse, não vão mais te incomodar.

— Mas eu *ligo*.

— Eu sei. Eu sei, filho. Mas precisa tentar fingir que isso não te irrita, mesmo que irrite. Não é fácil. Sabe o que quero que faça da próxima vez que acontecer algo assim?

— O quê?

— Quero que se afaste.

— E se eles correrem atrás de mim?

— Não vão correr. Você simplesmente se afasta e finge que não liga para o que estão falando. Apenas confie em mim nisso, ok? E, se por um acaso, alguém te machucar algum dia, Jonah, eles terão que se ver comigo. Tenho um trabalho agora, e é te proteger. Não vou deixar ninguém te machucar. — Ele puxou o filho para um abraço. — Você confia em mim?

Jonah assentiu.

— Te amo, filho.

Meus ovários quase explodiram, e parecia que meu coração ia explodir. Que sensação incrível presenciar o pai amoroso que ele era. Quase invejava Jonah por ter o amor de um pai como Mack. Então, percebi que eu também sabia como era ser amada por aquele homem... de um jeito diferente. Me lembrei de que ele dissera há apenas alguns dias que me amava.

Enfim, Mack percebeu que eu estava ali em pé. De repente, me senti uma intrusa.

Dando alguns passos para dentro da sala, perguntei:

— Você está bem, Jonah?

— Estou.

Me dirigindo a Mack, falei:

— Quero que saiba que vou ligar para os pais daquelas crianças e contar o que aconteceu.

— Obrigado — ele disse sem olhar para mim.

Então uma interrupção muito desagradável aconteceu quando Clarissa McIntyre e o filho, Ethan, entraram.

Ótimo.

— Desculpem interromper. Soubemos que houve um probleminha lá fora e queríamos garantir que Jonah estivesse bem.

— Oi, Jonah — o garoto cumprimentou.

O rosto de Jonah se iluminou um pouco.

— Oi, Ethan.

Na verdade, Ethan era um bom garoto, bem tímido, e parecia ser o único amigo de Jonah. A mãe dele, por outro lado, era o oposto de tímida e não podia ser mais clara quanto às suas intenções.

Clarissa bateu os cílios para Mack.

— Como está indo, papai?

— Fiquei nervoso, saí correndo do tanque quando vi aqueles moleques mexendo com ele. — Mack apertou o ombro de Jonah. — Mas conversamos sobre ignorar esse tipo de garoto, não foi?

— Ethan teve o mesmo problema com aquele grupo de meninos. — Ela pigarreou. — Enfim, vi Kyle McDonough assumir seu lugar no tanque. Então, acho que você está fora.

— Ótimo. Não estou no clima para voltar lá.

— Mas estou meio chateada por não ter lançado nenhuma vez — Clarissa disse conforme seu olhar pairou no físico molhado de Mack, admirando-o. — Estávamos pensando se vocês queriam se juntar a nós para jantar esta noite.

Mack pareceu pensativo.

— O que acha, Jonah? Quer ir à casa de Ethan para jantar?

Jonah assentiu.

— Ok. Obrigado. Te ligo mais tarde para saber o que tenho que levar — Mack disse.

Parecia que Clarissa tinha ganhado na loteria.

— Não precisa trazer nada. Vou cozinhar um monte de coisas diferentes para nós. Venha com fome.

Mack olhou para mim antes de responder.

— Vou, sim.

Ele estava me provocando porque sabia que eu estava com ciúme. Não podia culpá-lo por estar irritado depois do que Victor fez. Mack tinha todo

direito de estar frustrado.

— Mal posso esperar. Vejo vocês mais tarde, então. — Ela olhou na minha direção, dirigindo-se a mim pela primeira vez ao sair. — Tchau, Francesca.

Assim que Clarissa e Ethan saíram, as coisas tiveram uma reviravolta dramática para pior quando Torrie apareceu na porta. Era um problema atrás do outro, e aquele parecia ser ainda pior.

Ela expressava um olhar alarmado.

— O que está acontecendo, Mack? Perguntei de você, e me disseram que tinha acontecido alguma coisa com Jonah.

— Achei que não fosse aparecer.

Ela se ajoelhou e beijou o filho.

— Sinto muito, querido. — Virando-se para Mack, ela disse: — Não achei que fosse ser chamada para ir ao escritório em um sábado. Mas estou aqui agora. — Ela deu uma olhada para seu ex. — Por que está molhado?

— Estava brincando no tanque, mas saí quando vi alguns meninos incomodando Jonah.

— O que eles estavam fazendo exatamente?

— Puxando o cabelo dele e zombando.

— Sério? Não deveria tê-lo deixado sozinho.

Ela era uma vaca com ele.

Torrie, finalmente, se dirigiu a mim.

— Srta. O'Hara.

— Olá, srta. Hightower. É bom te ver de novo.

— Viu o que aconteceu? — me perguntou.

— Vi os meninos o provocarem e puxarem seu cabelo. Mack interrompeu. Era um grupo de meninos conhecido por causar problema. Vou entrar em contato com os pais deles.

— Gostaria dos nomes e do telefone dos pais deles também — ela disse antes de se voltar para Mack. — Vou levá-lo para casa comigo um pouco.

— Ele está bem, Torrie. Precisa aprender a ser forte. Deveria ficar.

— Ele não parece bem para mim. Moro pertinho, de qualquer forma. Pode

pegá-lo mais tarde.

Mack pareceu chateado por Torrie insistir em cortar seu tempo agendado com Jonah, mas deixou o filho decidir.

— Quer ir para a casa da mamãe?

Quando o garoto assentiu, Mack disse:

— Ok... bom, é minha noite, Torrie. Temos planos para jantar com alguns amigos, então passo lá às cinco.

Me encolhi por dentro ao pensar em Mack indo à casa de Clarissa naquela noite.

— Certo — ela concordou rapidamente, depois estendeu a mão. — Vamos, querido. — Ela olhou para mim. — Bom te ver, srta. O'Hara.

Fingi um sorriso.

— Igualmente.

Quando eles saíram, Mack e eu fomos deixados sozinhos pela primeira vez.

Um longo momento de silêncio se seguiu até ele falar amargamente.

— Cadê seu namorado?

— Foi para casa.

— Foi muito engraçado o que ele fez. Bem juvenil para um velho daqueles.

— Desculpe. Não sabia que ele seria maldoso. Acho que ele finalmente se descontrolou.

— Sei como é. Na realidade, estou me sentindo assim neste mesmo instante. — Ele espremeu a camiseta no corpo para tirar a água. — O que era para ser um dia bom se transformou em um dia de merda. Cansei.

— Você precisa de uma bebida.

Sua resposta me pegou desprevenida.

— Preciso é transar, Frankie. Você se voluntaria? Se não, aposto que Clarissa aceitaria.

Isso doeu.

Ele estava bravo e tentando me irritar de propósito. Mas aceitei sem retrucar porque sentia que, de alguma forma, merecia depois daquela manhã.

Conseguia ver o que ele estava sentindo. Mais do que nunca, ele parecia magoado.

Ainda totalmente ensopado, ele se levantou de repente e saiu da sala sem se despedir. Todos os olhos pareciam estar nele conforme andou pelo ginásio e, em certo momento, saiu para o estacionamento. Observei-o entrar em sua caminhonete e sair em alta velocidade.

Fiquei ali paralisada na entrada, sem saber o que fazer. Lorelai tinha assumido a administração da barraca de salgados. O correto teria sido ficar e pensar em outra forma de ajudar. Mas eu estava muito cansada de ir contra minha própria felicidade para fazer a coisa certa.

Conforme escapei para o meu carro, resolvi que iria direto para casa a fim de encarar Victor, para falar para ele que sairia de casa. Era a decisão correta, mesmo que as coisas não dessem certo com Mack. Ter sentimentos tão intensos por outra pessoa não era justo com ele. Então, disse a mim mesma que iria para nossa casa na Beacon Hill. No entanto, a realidade era que eu estava dirigindo pela Route Nine em direção a Framingham.

Quando cheguei à casa dele, a caminhonete de Mack estava estacionada do lado de fora.

Ele está em casa.

Nervosa, bati na porta, feliz por não avistar a sra. M em lugar nenhum.

Após cerca de um minuto, ele abriu, ainda parecendo bravo pra caramba.

— O que está fazendo aqui?

Todo o nosso tempo juntos pareceu repassar na minha mente conforme olhava em seus olhos exaustos e magoados. Tudo se resumia àquele momento.

Diga alguma coisa.

— Ainda sou ela, Mack... aquela garota insegura e esquisita que simplesmente te admira. Fui apaixonada por você por muitos motivos diferentes ao longo dos anos, porém, hoje, ver você com seu filho, bem, nunca te amei tanto. Eu te *amo*. E te *entendo*. Vejo o quanto tenta. Vejo todo o amor que tem para dar.

Ele fechou os olhos rapidamente.

— É melhor você ir para casa.

Não desta vez.

— Estava perdida e assustada, mas tenho praticamente certeza de que aqui é a minha casa.

Segurando o tecido molhado da sua camiseta, fiquei de ponta de pé e pressionei os lábios nos dele. Por um breve segundo, pareceu que ele ia resistir, mas então senti sua língua deslizar para dentro da minha boca, e um gemido profundo de concessão escapou dele.

— Porra — ele murmurou nos meus lábios conforme apertou minha bunda, depois me puxou para dentro da sua casa e chutou a porta a fim de fechá-la. Eu sabia, no segundo em que a ouvi bater, que não tinha volta.

Mack bateu em alguns móveis enquanto andava de costas me beijando ainda mais forte. Desenrolou o cachecol de lã do meu pescoço e o jogou, com negligência, no chão. Recusando-nos a nos separar tempo suficiente para olhar à nossa volta, andamos cambaleando pelo corredor, praticamente com a boca grudada uma na outra até, enfim, chegarmos ao quarto dele.

As persianas estavam baixadas, mas havia luz suficiente entrando para eu conseguir enxergá-lo. Passando os dedos em seu cabelo úmido, senti o gosto de cerveja em sua respiração. Ele deve ter aberto uma garrafa no segundo em que entrou em casa, certamente sem esperar que eu o seguisse. Mas, mais do que cerveja, eu conseguia sentir o gosto dele. Pela primeira vez na vida, sentia o gosto do homem dos meus sonhos e me intoxicava com seu sabor indescritível e viciante. Sem fôlego, molhada e trêmula, nada mais importava no mundo. Me esticando o máximo que pude na ponta dos pés, me recusei a me separar para respirar conforme nos consumíamos, nossas línguas colidindo em um esforço desesperado por mais.

Ele rosnou nos meus lábios.

— É melhor você ir embora agora mesmo se tem alguma intenção de voltar para ele, porque não planejo deixar um centímetro de você sem marca. Vou te dar dez segundos para ir. — Ele começou a contar, me beijando entre cada número. — Dez... nove... oito... sete... — Baixou a boca e mordeu, gentilmente, meu pescoço. — Seis... cinco... quatro... três... dois... — Ele beijou um caminho para cima e sussurrou em minha boca: — Um.

Eu não tinha me mexido.

Mack segurou meus pulsos, travando-os às minhas costas, então me virou

de frente para a parede do quarto.

— Você sempre pertenceu a mim, não foi, Frankie? — Seu beijo não era mais gentil conforme sugava vorazmente a pele da minha nuca. O calor da sua respiração estava me deixando maluca. Meu corpo inteiro ficou mole, totalmente submisso a ele. — Eu preciso de você... agora — ele arfou no meu ouvido. — Preciso te foder forte. Por favor, não me diga para parar.

— Não vou. — Meus mamilos enrijeceram. — Não pare. Por favor.

Ele deslizou as mãos para cima por minhas laterais, depois começou a desabotoar minha blusa antes de, praticamente, arrancá-la de mim e jogá-la de lado.

Minha face foi pressionada gentilmente contra a parede conforme ele beijava, devagar, uma linha para baixo por minhas costas.

As mãos dele foram para minha cintura, onde puxaram o tecido da minha saia para baixo, o suficiente para ele ver a tatuagem em minha lombar.

Fechei os olhos e aguardei. Dez segundos pareceram um minuto.

Então, senti seus lábios beijarem carinhosamente a área da minha pele onde a flor de lótus estava tatuada. Ele segurou meus quadris e continuou a beijar minha tatuagem, passeando por mim com a língua. Ter sua boca em meu corpo estava me deixando incrivelmente molhada com um desejo urgente de senti-lo dentro de mim.

De repente, senti minha calcinha deslizando para baixo.

— Você está muito molhada — ele murmurou. — Preciso provar.

Desta vez, quando ele interrompeu sua adoração daquele lugar das minhas costas, beijou cada vez mais para baixo, depois abriu minha bunda. Sem avisar. Senti sua boca quente entre minhas pernas, debaixo de mim, devorando minha boceta por trás. Ajoelhando-se, ele continuou a se apropriar do meu corpo de um jeito que nunca vivenciei. Era seriamente como uma sinfonia de movimentos e sons: sua língua entrando e saindo de mim com precisão rítmica em sincronia com o movimento da sua boca enquanto trabalhava com a ponta dos dedos no meu clitóris. E, caralho... ele estava atingindo *todas* as notas certas. Nada nunca foi tão bom. *Nada*.

Ele me virou e olhou para cima para mim com os olhos cor de mel que refletiam o máximo da fome e do desejo. Retornando a boca ao meu clitóris inchado, ele começou a sugá-lo com um entusiasmo renovado. Seu gemido

sexy vibrava entre minhas coxas. Ninguém mais parecia ter tanto prazer em fazer oral em mim.

Conforme meus dedos alisavam com mais força seu cabelo, ele deve ter sentido que eu estava prestes a perder o controle. De repente, parou e se levantou devagar.

— Quero te sentir gozar na minha boca, mas prefiro que goze comigo dentro de você. — Colocando a testa contra a minha, ele disse: — Lembra de todas aquelas coisas que desejou que eu pudesse fazer com você? Vou fazer todos os seus desejos se tornarem realidade, se me deixar.

— Quero você há muito tempo — sussurrei, incapaz de conter o desespero na voz.

O cabelo de Mack estava bagunçado. Sua camisa ainda estava molhada de mais cedo e grudada no peito. Quando olhei para baixo e vi seu pau duro ereto dentro da calça jeans, não consegui evitar e coloquei a mão no calor da sua ereção. Ele chiou com o contato, depois retirou minha mão e me puxou em um abraço. Os músculos das minhas costas quase estalaram. Percebi, naquele instante, como Mack era forte, e só o que eu queria era sentir todo o seu peso em cima de mim, deixá-lo devastar meu corpo. Precisava desesperadamente que ele me fodesse.

Seus olhos eram penetrantes enquanto ele tirava, devagar, a camiseta molhada do seu corpo perfeito. Poderia ter assistido àquilo várias vezes.

Lambi os lábios ao ver seu peito nu esculpido. Fazia muito tempo que não o via totalmente sem camisa. Ele tinha ainda mais definição agora e um conjunto de seis quadradinhos. Até hoje, ainda sentia que não merecia aquele homem lindo.

Passando a mão para baixo em seu peito até o caminho da felicidade de pelos na base do seu abdome, sussurrei:

— Amo seu corpo.

— Ele só precisa de você agora.

Ele abriu meu sutiã pela frente, deixando-o cair. Seu peito estava subindo e descendo enquanto ele encarava meus seios antes de se inclinar para sugar meus mamilos, um por um. Ele estava sugando tão forte que eu sabia que iria doer no dia seguinte, mas não me importava. Quanto mais forte, mais doloroso, mais intenso... melhor.

Me afastei dele. Ele pensou que fosse porque estava desconfortável.

— Estou te machucando? — ele perguntou.

— Não. — Sem explicar mais nada, fiquei de joelhos.

Ele entendeu rapidinho e não hesitou em facilitar. Mack abriu o zíper do jeans e tirou seu pau lindamente grosso.

Envolvendo as mãos nele, fiquei admirando o comprimento gostoso e cheio de veias antes de envolver a língua lentamente na cabeça. Provar seu tesão salgado conforme ele latejava em minha boca provavelmente foi a maior excitação da minha vida. Circulei a língua mais rápido na cabeça, depois baixei a boca por quase todo o comprimento. Sentindo-o no fundo da garganta, gemi de propósito para ele sentir.

— Caralho. Está tentando me matar? — ele perguntou, rouco.

Comecei a devorá-lo mais rápido, passando o pré-goço por todo o seu pau com minha mão. Os sons de prazer vindo dele me fizeram querer chupá-lo totalmente até secar.

Ele baixou a cabeça, intencionalmente recebendo tudo que eu tinha para dar.

— Você é incrível nisso. Melhor foda oral da vida — ele disse antes de, de repente, puxar meu cabelo. — Mas precisa parar.

Pegando minha mão, ele me ergueu e me levou à sua cama antes de me prender e pairar sobre mim em quatro apoios. Seus lençóis de seda, que estavam cobertos pelo seu perfume, eram macios sob minha bunda nua. A ansiedade de finalmente senti-lo dentro de mim fez os músculos das minhas pernas se contraírem.

— Me fale se estiver te machucando, ok? — pediu ao abrir minhas pernas. Essas foram as últimas palavras antes de ele baixar seu corpo e, lentamente, entrar em mim. A circunferência do seu pau me esticou até ele estar inteiro dentro. O que começou quase como uma dor se transformou em algo de ritmo intenso e rápido.

— Eu te amo. — Suas palavras foram baixas no meu ouvido, quase como se pedisse perdão, considerando a força com que ele estava investindo. Eu queria mais. Em certo momento, comecei a erguer os quadris, e ele parou de se movimentar a fim de me sentir montando nele por debaixo do seu corpo. — Porra, isso é bom — ele gemeu antes de voltar a estocar forte.

Mack envolveu minhas pernas em sua cintura para poder ir ainda mais fundo enquanto me fodia. A cama estava estalando. Suas bolas batiam na minha bunda conforme ele acertava todos os ângulos corretos, dificultando não gozar. Eu não queria que acabasse. O suor estava escorrendo de nós dois enquanto nossos olhos ficavam grudados um no outro. Estávamos conectados tanto na mente quanto no corpo naquele instante. Fiquei maravilhada como o sexo com ele podia ser tão primitivo — animalesco — e ainda ser a experiência mais emocionante e carinhosa da minha vida.

Ao mesmo tempo que cravava minhas unhas em suas costas musculosas, eu sabia que nenhum outro homem me satisfaria. Nenhum outro homem *tinha* me satisfeito daquela forma. Tinha mais certeza do que nunca de que Mack era o certo para mim. Não tinha como aquele sentimento ser replicado... porque estava sendo construído há anos.

Seu ritmo se tornou mais frenético, combinando com sua respiração ofegante. Eu sabia que ele iria gozar.

— Olhe para mim, Frankie. Olhe para mim e diga quando quer que eu goze dentro de você. Vou gozar muito. Quero que sinta cada pedacinho do que faz comigo.

Quando senti que eu estava chegando ao clímax, não consegui encontrar palavras para dizer. Meus olhos simplesmente se reviraram. Mas ele soube. Seu corpo, então, se desfez em uma série de investidas poderosas conforme seu orgasmo se rompeu por nós dois, seu gozo quente se espalhando dentro de mim.

Mack xingou ao gozar.

— Oh, porra... porra... porra... isso... porra. — Pareceu durar bastante tempo, seus quadris se movendo para baixo e para cima enquanto ele saboreava o orgasmo. Em certo momento, ele caiu em cima de mim. — Desculpe o palavrão... mas, porra!

— Isso, porra! — Arfei e dei risada, tentando recuperar o fôlego. — Por favor, me diga que podemos fazer isso de novo.

— Melhor sexo de toda a minha vida. Não. Melhor momento.

— Está falando sério?

Ele sorriu.

— Estou. Juro pela minha vida. Foi o melhor. Demorou trinta anos, mas

foi o melhor momento. Sem dúvidas.

Fechando os olhos, pensei nisso.

— Meu também — confessei honestamente.

Ele me devorou com um beijo, depois disse:

— Bom saber que você não é mais alérgica a mim, Frankie Jane.

— Bom... sua injeção funcionou. — Dei risada.

Quando ele saiu devagar de mim, foi como se a força gravitacional tivesse sido interrompida de maneira não natural. Me senti vazia, querendo imediatamente ser preenchida de novo. Ele segurou meu rosto com as mãos e devorou meus lábios.

— Minha garota linda e peculiar. Mal posso acreditar que finalmente transei com você. Tem ideia do quanto sonhei com isso? — Ele me beijou demorada e fortemente de novo antes de falar. — Agora, posso morrer em paz.

— Por favor, não morra em cima de mim agora. As coisas estão ficando boas.

— Sem chance. Preciso viver para conseguir fazer isso com você de novo muito mais vezes. Está presa a mim.

De mãos entrelaçadas, ficamos ali deitados em um estado de felicidade por muitos minutos, depois um barulho alto na porta nos assustou.

Pulei.

— O que foi isso?

— Não sei. Fique aqui. — Mack vestiu a calça, depois saiu rápido do quarto.

Envolvendo meu corpo nu em seu cobertor, esperei, nervosa.

Foi quando ouvi a voz de uma mulher dizer:

— Jonah, volte para o carro agora mesmo, por favor.

Torrie.

Oh, não.

Não!

Uma onda de adrenalina me percorreu. Me levantei e comecei a vestir as roupas freneticamente. Podia sentir o gozo dele escorrendo por minha coxa

conforme me escondia no armário e ouvia cada palavra da discussão deles.

— Te falei que ia pegá-lo mais tarde.

— É, bom, ele quis voltar. De quem é aquele carro estacionado, Mack?

— Não é da sua conta. Por favor, leve Jonah de volta para sua casa, e vou pegá-lo em breve.

— Quem está aqui? Com quem está transando?

Por favor, Jesus. Faça-a ir embora.

Então, eu a ouvi falar:

— Aquele cachecol no chão parece com o da professora de Jonah.

— Torrie, você precisa ir embora.

— Cadê ela?

Passos se aproximaram. Consegui ouvir Mack tentando impedi-la freneticamente.

— Não me toque! — ela gritou.

A porta do quarto se abriu de repente, batendo na parede.

Depois, ela abriu a porta do armário. Os olhos cheios de veneno de Torrie me encararam. Meu peito subia e descia. Eu não tinha palavras. Só podia imaginar o que isso parecia para ela, já que ela não fazia ideia da nossa história.

Mack enrijeceu, esperando a reação dela. Eu sabia que deveria ter falado alguma coisa, mas as palavras não saíram.

Ela estava tremendo de raiva.

— Seu filho já não é fodido o bastante? É isso que faz com ele? Fode a professora dele? Você é um ser humano desprezível.

Apesar da seriedade daquilo, Mack permaneceu calmo.

— Não, Torrie. Tem muito mais do que pensa que sabe acontecendo aqui, e precisamos conversar sobre isso.

Ela apontou o dedo indicador para mim.

— Quanto a você, vou reportá-la para a diretoria amanhã.

Queria chorar, mas as lágrimas não apareciam.

Não.

— Você não entende — Mack disse.

— Oh, entendo muito bem, e você vai pagar por isso. Nem pense em pegar seu filho esta noite.

— Não pode fazer isso!

— Posso fazer muito mais do que isso. Acredite em mim.

Torrie saiu correndo da casa, e o próximo som que escutei foram os pneus do seu carro gritando.

Finalmente derramando as lágrimas que estivera contendo, falei:

— O que faremos agora?

— Não vou deixar que ela vá à escola. Preciso ir lá esta noite e explicar tudo.

— Vou perder meu emprego, Mack. A St. Matthew tem uma política rigorosa anticonfraternização que proíbe qualquer tipo de relacionamento entre funcionários e pais. Ela vai falar com eles, e estou ferrada. Mas, sinceramente, estou mais preocupada com Jonah descobrindo do que qualquer outra coisa.

— Também vou falar com ele. Ele já sabe que nos conhecíamos. Mas quero que saiba toda a verdade. — Ele me puxou para seu peito. Seu coração batia contra o meu quando ele falou no meu cabelo: — Vou consertar isso, Frankie. Eu juro.



A noite só piorou quando voltei para a casa de Victor. Não que eu devesse esperar o contrário, considerando que não tinha entrado em contato com ele o dia todo, e agora já era noite. Eu sabia que iria terminar com ele naquela noite e desconfiava que ele já soubesse disso. Em uma tentativa de evitar o confronto inevitável, tinha dirigido e dado voltas por horas.

Assim que entrei, ele deu uma olhada para mim e acabou com todos os planos que eu tinha de me explicar. Me sentindo uma adolescente que tinha sido pega saindo escondida de casa, eu sabia que cheirava a sexo e culpa.

— Não precisa falar, Francesca. Te conheço. Sei o que vai acontecer. Só me poupe da agonia, ok?

— Sinto muito, Victor.

Sem olhar para mim, ele disse:

— Pode ficar o quanto precisar até encontrar um novo lugar e pensar em como vai levar suas coisas. Preparei o quarto de hóspedes lá em cima para você. Há muitos quartos aqui que darão espaço a mim e a você.

— Victor.

— Por favor... realmente não tem mais nada para explicar. Não quero ouvir que você sempre vai me amar, que nunca esperava isso, que nunca quis me magoar. É o que é. Já fui magoado, e sobrevivi. Vou ficar bem. Gostaria de terminar isso com dignidade. Talvez eu possa, pelo menos, me convencer de que tive um controle sobre isso — ele me cortou.

Justo.

— Ok...

Escolhi respeitar seus desejos, não tinha energia para discutir com ele, de qualquer forma — não depois daquele dia. O fato de ele me deixar ficar em sua casa foi mais do que amável.

O sono me abandonou naquela noite. Conforme me virava e me mexia, chegou uma mensagem de texto de Mack logo depois da meia-noite. Peguei meu celular no criado-mudo.

Mack: Está acordada?

Francesca: O que aconteceu? Fiquei esperando você me dar notícias.

Mack: Desculpe. Fiquei a noite inteira na Torrie. Conteí tudo a ela.

Francesca: O que quer dizer com tudo?

Mack: Posso te ligar?

Francesca: Pode.

Meu celular tocou, e atendi.

— Oi.

— Então, fui brutalmente sincero — ele disse. — Conteí a ela que sou apaixonado por você há anos. Ela precisava saber que não arrisquei o bem-estar do meu filho por uma transa. Estou cansado de viver uma vida desonesta. Cansado pra caralho, Frankie.

— Jonah ouviu alguma coisa?

— Tenho quase certeza de que ouviu, embora estivesse no quarto jogando videogame. Preciso ter outra conversa com ele separadamente. Jurei a ela que ainda não contaria nada de você para ele.

— E agora? O que faremos?

— Onde você está?

— Estou no Victor. Ele terminou.

— *Ele terminou?*

— Eu ia contar tudo assim que cheguei. Mas ele já tinha deduzido o que eu ia falar. Sem contar que tenho quase certeza de que o que aconteceu entre nós estava estampado em todo o meu rosto. Ele me colocou em um quarto no segundo andar até eu conseguir encontrar uma casa. Parece seriamente surreal.

— Não vai ficar aí. Venha para casa. Quero que more comigo.

— Está bem tarde. E, sinceramente, acho que não é uma boa ideia por causa de Jonah. Ainda não posso morar com você.

Ele suspirou no celular.

— Acho que tem razão, mas não quero você com Victor. Vou pagar um hotel se você sair antes.

— Prometo que vai ser rápido. Vou começar a procurar um lugar amanhã.

Ele mudou de assunto.

— Olha, fiz com que ela concordasse em não denunciar à escola.

— Como fez isso?

— Ela vai tirá-lo da St. Matthew. Era isso ou ela ia te denunciar. Concordar em tirá-lo da sua escola foi o menor dos males.

Me senti muito mal por Jonah.

— Não é o melhor para ele.

— Sei disso, mas, Frankie, ele vai ficar bem. Você precisa daquele emprego, e é boa pra caramba no que faz. É a única opção no momento. Ela está brava e é capaz de causar sérios problemas para você.

— Para qual escola ele vai?

— Ainda não sei. Pode ser que fique em casa por umas duas semanas. Mas vou fazer com que seja minha prioridade encontrar uma boa escola. Não se preocupe com isso.

— Este é o pior dia da minha vida — murmurei.

— Sério? Porque ainda estou certo de que foi o melhor dia da minha.

— Como ainda pode pensar assim depois do que aconteceu?

— Porque estou livre. Não tenho mais nada a esconder. Não preciso fingir que a mulher que mais importa para mim não existe. Mas, mais importante, foi o melhor dia da minha vida porque, finalmente, fiz amor com a mulher dos meus sonhos.

— Aconteceu mesmo, não foi?

— Sim. Nada nem ninguém pode tirar isso de nós. Foi incrível pra caralho. Ainda consigo praticamente sentir seu gosto. Preciso de mais, Frankie. Estou sentado aqui na cama como uma porra de um animal com tesão. Por favor, deixe-me ir te buscar. Quero você na minha cama esta noite.

— Acredite em mim, eu quero, mas não posso. Acho que preciso encarar Victor de manhã e tentar conversar um pouco, embora ele tenha me dito que preferia não conversar.

— Ok. Concordo que deve isso a ele. Eu deveria tentar ser mais compreensivo, mas sou egoísta quando se trata de você. Jure para mim que vou te ver amanhã à noite.

— Juro.

— Sério, deveria estar muito chateado depois de tudo que aconteceu hoje, mas simplesmente não consigo. Estou delirando. Ainda consigo sentir seu cheiro nos meus lençóis. É o paraíso.

— Ainda consigo te sentir entre as minhas pernas.

— Era isso que você queria.

— Mas foi bem melhor do que eu imaginava.

— As coisas vão ficar horríveis por um tempo, Frankie, mas não há nada que possa tirar esse maldito sorriso do meu rosto.



Mack

Deveria ter previsto que ela não me deixaria sair dessa com tanta facilidade. Ser feliz sem meu mundo inteiro virar de cabeça para baixo logo depois era, aparentemente, pedir demais.

Alguns dias depois de Torrie ter flagrado Frankie e eu juntos, apareci na casa da minha ex e a vi do lado de fora com um corretor. Tinha uma placa de vinil em seu gramado da frente.

Jonah não estava na escola. Era para ele começar no sistema público na semana seguinte até conseguirmos encontrar uma escola particular adequada próxima à casa dela. Pelo menos, achei que fosse esse o plano.

— O que está havendo, Torrie? Cadê Jonah?

— A babá o levou para a Target. — Ela falou para o corretor: — Pode nos dar licença?

Assim que entramos na casa para ter privacidade, Torrie jogou a bomba.

— Vou colocar minha casa à venda.

— Por quê?

— Solicitei para ser retirada do meu contrato.

— Não entendo.

— Ok, vou desenhar para você. Minha vida tem sido miserável desde que nos mudamos para Boston. E, depois do que descobri sobre você, está ainda pior. Não quero mais ficar aqui. Então, vamos voltar para D.C.

— Quando, exatamente, ia me contar que está planejando ir embora com meu filho? — gritei, sem dar a mínima se o corretor ouvisse.

— É o melhor para ele. Ele nunca foi feliz aqui. E, sendo bem sincera,

você não me mostrou respeito quando começou a foder aquela professora, então por que deveria te consultar quanto a isto? Você claramente não está preocupado com o que é melhor para ele.

Cerrando os punhos, tentei me controlar antes de fazer alguma burrice, como quebrar a casa dela. Respirando fundo, eu disse:

— Entendi que ficou magoada porque nunca te contei sobre ela, mas não pode descontar no nosso filho.

— Estou fazendo o que é melhor para Jonah. Ele não precisa te ver com ela. Agora sei por que ficou tão animado quanto à nossa mudança para Boston. Deveria ter percebido que não tinha nada a ver conosco.

— Me ver com ela não vai perturbá-lo. Jonah sabe da minha amizade com Frankie. Vou explicar a ele apropriadamente. Ela não vai mais ser professora dele.

— Não importa. Ela é o motivo de o relacionamento dos pais dele não ter dado certo.

— Não é verdade.

— Você mesmo me disse que estava apaixonado por ela bem antes de Jonah ser concebido. Nunca tive chance. Provavelmente, estava pensando nela enquanto estávamos transando naquele momento.

Agora definitivamente não era a hora de admitir que ela tinha razão.

— Ela não é a causa do nosso relacionamento não ter dado certo, e você sabe disso. Se não fosse por Jonah, não teríamos durado tanto quanto duramos. Nós tentamos, Torrie, mas nunca iria dar certo entre nós.

— Eu tentei. Você não.

— Tentei, *sim...* por mais de sete anos.

— A crise dos sete anos. Simplesmente incrível. Uma vez você me disse que nunca realmente me amou. Agora, sei por quê. — Seu olhar era frio. — Se me der licença, preciso voltar para o corretor.

Seguindo-a para fora, gritei:

— Você não vai a lugar nenhum até negociarmos isto. Esta é uma decisão imprudente. Ao menos tem um emprego em vista?

— Vou trabalhar para seu pai de novo.

Deveria ter adivinhado.

Parei de andar.

— Contou a ele sobre isso?

— Sim. Conteí tudo.

— Não é da porra da sua conta, Torrie.

— Você é da minha conta. E eu precisava saber que tinha um cargo em vista antes de sair deste. Tive que contar a ele por que senti a necessidade de voltar para D.C. Do contrário, não faria sentido. Não preciso nem dizer que ele não está feliz.

— Por favor, não faça isso.

— Por quê? Porque você não quer deixar sua namorada? Fique aqui, então. Ninguém vai te impedir.

— Sabe que não posso morar longe de Jonah. É por isso que está fazendo isso. É por ódio de mim porque a está culpando pelo que aconteceu entre nós.

— Eu vou para casa com meu filho. Se tem algum problema com isso, sugiro que contrate um advogado.



Me sentindo totalmente vazio, dirigi até a St. Matthew. Me lembrei de que Frankie mencionou que trabalharia até tarde.

Quando apareci na sua sala, ela pareceu preocupada por me ver ali àquela hora do dia.

— O que está fazendo aqui?

— Precisava te ver.

— Está tudo bem?

— Não. Não está, não.

Ela me puxou para dentro da sala.

— Venha. Não quero que ninguém te veja. — Então, me levou para um armário de suprimentos bem ao lado da sala de aula e trancou a porta. — O que houve?

— Ela vai levá-lo de volta para Virginia.

— O quê?

— É. Vai voltar ao antigo emprego... trabalhando para o meu pai. Eles

vão embora em questão de dias.

— Pode impedi-la?

— Não. Infelizmente, não posso fazer nada legalmente para impedi-la. — Peguei as mãos dela. — Sempre soube que, um dia, isso aconteceria... que ela se mudaria de volta e que eu teria que ir, mas esperava que fosse daqui a uns dois anos, no mínimo.

O medo preencheu seus olhos.

— O que isso significa?

— Significa que também tenho que ir.

— Não entendi. Ela tomou uma atitude completamente repentina. Pensei que você tivesse dito que Jonah iria estudar na escola pública.

— Ela basicamente mentiu sobre isso, provavelmente para eu baixar a guarda. Agora, ela nem quer que ele comece a escola até voltarem para Virginia. Não vai esperar vender a casa aqui. Vai partir com ele na próxima semana.

Frankie parecia estar começando a entrar em pânico.

— E sua casa?

— Vou ter que colocá-la à venda, apesar de me doer fazer isso.

— Ah, meu Deus. — Ela apertou minhas mãos, que ainda estavam cobrindo as dela. — Como Jonah está aceitando?

— Bom, aí é que está. Ele está feliz. Jonah nunca quis morar aqui. Ele é próximo da mãe e da irmã de Torrie, e não tenho dúvida de que realmente será mais feliz lá.

Ela assentiu em silêncio. Perdida em pensamentos, Frankie olhou para baixo por um instante e disse:

— Ainda podemos fazer dar certo.

— Está falando sério?

— Virginia não é tão longe. Vamos pensar em algo.

Apertando mais suas mãos, falei:

— Não quero ficar longe de você de novo. Essa porra parece um *déjà vu*.

— É mesmo.

— Me diga o que fazer, e farei, Frankie. Me diga como podemos fazer isso

dar certo.

— Quero terminar o ano escolar aqui, mas talvez possa começar a mandar currículo nesse meio-tempo.

A esperança pareceu se erguer das cinzas dentro de mim.

— Faria isso? Realmente se mudaria por mim?

— De que outro jeito vamos ficar juntos?

Ela tinha falado como se a separação a longo prazo nem fosse uma opção. O fato de que ela não apenas se mudaria por mim, mas que me aceitaria com toda a minha bagagem me fez amá-la ainda mais. Embora devesse ter sido óbvio, era a primeira vez que realmente entendi que ela fizera sua escolha.

Ela me escolhera.

Segurei seu rosto e a beijei bem forte antes de sussurrar em seus lábios:

— Não quero te deixar.

— Estou aqui agora — ela sussurrou de volta, então envolveu os braços no meu pescoço e pressionou seu corpo no meu.

Era como se um interruptor se desligasse dentro de mim, que me fez até esquecer onde estávamos. Nos perdemos em nosso beijo. Nenhum de nós pareceu se importar por estarmos, tecnicamente, ainda em sua sala de aula, apesar de trancados no armário.

Erguendo sua saia, virei-a e abri minha calça. Meu pau estava totalmente ereto e latejando. Baixei a calcinha dela e entrei rapidamente. Me aprofundei, maravilhado em como ela estava molhada e pronta para mim.

Movimentos lentos para dentro e para fora rapidamente se tornaram rápidos e frenéticos.

Baixei as mãos para sua cintura e a fodi desesperadamente, sem saber se essa seria a última chance que eu teria de estar dentro dela por um tempo. Sua boceta envolvendo meu pau ficava ainda mais quente e mais molhada a cada investida.

Eu poderia ter gozado a qualquer momento, mas me contive porque estava bom demais. Seus choramingos baixos de prazer só me provocavam ainda mais. Também havia a adrenalina da possibilidade de sermos pegos, embora eu esperasse que não acontecesse.

Erguendo ainda mais sua saia, me concentrei na flor de lótus azul em sua

lombar, o que incitou um sentimento de posse. Meu olhar, então, viajou mais para baixo. Não tinha nada mais excitante do que aquela visão, ser capaz de me ver entrando e saindo dela.

A visão da sua excitação molhada por todo o meu pau me fez perder rapidamente o controle.

Ela mexeu a bunda mais rápido até eu conseguir sentir seu orgasmo estremecê-la contra mim.

— Merda. — Estoquei mais forte, fechando os olhos apertados conforme gozei e a preenchi com meu gozo até não restar nada.

Meus movimentos ficaram mais lentos até que pararam quando a beijei suavemente no pescoço. Meu maior desejo era simplesmente poder terminar todo dia daquele jeito. Eu sabia que demoraria um tempo para esse desejo se realizar.

Colocando minha camisa de volta para dentro, peguei uns papéis-toalha e lhe entreguei. Ela se virou para me encarar. Seu cabelo estava todo bagunçado e seu rosto, corado. Parecia totalmente satisfeita, e o fato de ter sido eu o causador disso era suficiente para me fazer querer fodê-la de novo.

Precisando provar seus lábios mais uma vez, baixei a boca até a dela.

— As próximas semanas não serão fáceis.

— Vamos superar.

— Preciso ir para Virginia, a fim de garantir que ela não vá manipular as coisas ou dar-lhe informações falsas. Sem contar que tenho que encontrar de novo um lugar para morar.

— Nós dois precisamos colocar nossa vida em ordem. Faça o que for necessário por Jonah. Ele é prioridade. Enquanto isso, vou focar em sair da casa do Victor e encontrar um apartamento para mim.

— Detesto a ideia de você ainda morar com ele. Isso me deixa louco de verdade.

— Está tudo bem. Somos educados. Não o vejo muito na verdade, já que, na maior parte do tempo, ele fica em outro andar da casa. Vou sair logo.

— Se não estivesse partindo, eu mesmo iria levar suas coisas para minha casa.

— Sou bem crescida. Consigo lidar com as coisas.

Aquelas palavras iriam voltar para assombrá-la.

Eu não conseguia evitar sentir uma coisa ruim por voltar a Virginia. Logo perceberia que tinha razão.

Não deveria ter ficado surpreso por meu pai ser a raiz de tudo isso.



Duas semanas depois, eu estava me mudando para um apartamento alugado em Alexandria, perto de D.C.

Era pequeno e gelado, mas serviria, porque eu não planejava comprar uma casa até a propriedade em Massachusetts ser vendida. O mercado imobiliário estava frio. Precisaria de paciência para voltar a se aquecer na primavera.

Uma das partes mais difíceis de sair de Boston era ter que me mudar para longe da sra. Migillicutty. Ela tinha se tornado dependente de mim para certas coisas, e eu tinha ficado dependente dos seus conselhos. Fizemos um pacto de manter contato por telefone, e prometi visitá-la quando voltasse para ver Frankie. Mas despedidas eram uma droga. Teria morado naquela casa vizinha à dela para sempre, se pudesse.

Agora, rodeado de caixas no meu novo apartamento, abri uma garrafa de cerveja e me sentei pela primeira vez em horas, depois de um longo dia de mudança.

Exausto, a última coisa que eu queria era ouvir alguém batendo na porta.

Quando abri, meu pai estava lá parado, vestido com terno e segurando um envelope grande.

— O que está fazendo aqui?

— Essa não é exatamente uma recepção calorosa, filho — ele disse ao passar por mim, entrando no meu apartamento.

— Bem, foi um longo dia. Não preciso de um interrogatório. Você deveria ter ligado antes.

— Tenho uma coisa importante para conversar com você, e não podia esperar.

— Por que não pode esperar?

Ele se sentou.

— Você sabe que tenho carinho por Torrie. Ela trabalhou extremamente duro para mim, e nunca entendi por que você escolhera abandoná-la e ao seu filho.

— Não preciso justificar nada a você. Sou um pai melhor para Jonah do que você foi para mim. Pelo menos, sou presente na vida dele. Não gosto que entre aqui e me julgue na minha própria casa.

Ele olhou em volta.

— Isso é para ser uma casa?

— É temporário.

— Torrie me contou sobre essa outra mulher... Francesca O'Hara. Me dói ver a mãe do seu filho tão chateada e se sentindo traída.

— Você não precisa saber nada sobre Frankie. Não é da sua conta.

— Frankie? — Ele franziu a testa. — Que nome engraçado. Enfim, creio que Torrie e meu neto *sejam* da minha conta. Então, preciso saber de qualquer coisa que destrua a felicidade deles. Quando alguém chega e rompe a estrutura da minha família, magoa as pessoas que são importantes para mim, importa demais para mim.

— Desde quando sua família é importante para você? Só está se envolvendo nisso para me foder porque está decepcionado por não poder mais me controlar. E Frankie não fez nada para magoar ninguém. Meu relacionamento com Torrie não teria durado. Minha felicidade com outra pessoa não é da sua conta.

— Pensa que realmente conhece essa mulher? Virou sua vida de cabeça para baixo por alguém sobre quem não sabe nada.

— Não que seja da sua conta, mas sei tudo que há para saber sobre ela. É um ser humano gentil, lindo e uma professora fenomenal. E a conheci anos antes de qualquer um de vocês descobrir sobre ela.

— E se te dissesse que tenho provas de que você não faz ideia de com quem está se envolvendo todo esse tempo?

O ódio penetrou em meus ossos.

— Do que está falando?

— Fiz uma pequena pesquisa sobre ela.

Esse era um código para uma investigação completa.

— Você não tinha direito de fazer isso.

Realmente queria machucar meu próprio pai. Suas conexões significavam que ele podia ter acesso a quase toda informação pessoal de qualquer um com muita facilidade. Mas eu sabia que ele estava blefando. Não havia absolutamente nada que ele pudesse descobrir sobre Frankie que seria uma surpresa para mim. No entanto, o fato de ele ter tentado fazer isso era, no mínimo, perturbador.

— Talvez queira dar uma olhada nisso. — Ele me entregou um envelope de arquivo.

Peguei e olhei dentro, encontrando uma série de artigos de um jornal da Filadélfia. As datas eram de 1990. Uma manchete dizia: *Freddie Higgins condenado pelo assassinato McCabe*.

— Que porra é essa? O que tem a ver com ela?

— É o álbum de família da sua namorada.

Me sentei, encarando os papéis.

— Do que está falando?

— Francesca O'Hara é filha ilegítima de Karen O'Hara e Freddie Higgins, um condenado que atualmente cumpre prisão perpétua na penitenciária da Filadélfia por assassinato.

— Frankie não sabe quem é o pai dela. Nem sabe o nome dele.

— Há uma cópia da certidão de nascimento dela aí também. Pode ver que Frederick Higgins está como pai.

— Ela nasceu em Boston, não na Filadélfia. Como sabe que é a mesma Francesca O'Hara? Provavelmente há muitas pessoas com esse nome.

— Precisa mesmo questionar minha capacidade de verificar informações, Mackenzie? Você sabe que tenho meus meios. Isso foi autenticado por inúmeras fontes. Posso te contar tudo que precisa saber sobre essa garota pela qual você abandonou sua família. Atualmente, ela mora na Cambridge Street, em Boston, frequentou a South Boston High School, formou-se na Universidade de Boston. O que mais quer saber? Vou te contar.

Cheio de pavor, agora desconfiava que poderia haver verdade nisso; só não queria acreditar.

— Ok, então, e se esse cara for realmente o pai dela? Ela não tem nada a

ver com ele. Qual é o seu objetivo? O que vai fazer?

— Não vou fazer nada se você fizer a coisa certa, se fizer o certo por sua família. Isso ficará entre nós.

— Está me chantageando?

— Se continuar a vê-la, continuar a viver a vida separadamente da sua família, isso pode vir a público... o fato de estar namorando a filha de um mafioso renomado. Ele é um assassino condenado, Mack. Essas pessoas são perigosas.

— Está mentindo. Não deixaria isso ser publicado. Não permitiria que algo assim saísse e arruinasse sua reputação preciosa.

— Você não está entendendo. Não é minha reputação que está na reta se isso sair. É a vida de Frankie. Sabe quantas pessoas Freddie Higgins deve ter irritado? Karen O'Hara teve que fugir da Pennsylvania com a família para proteger não apenas eles mesmos, mas a vida de sua filha recém-nascida. Acho que não quer arriscar que isso seja publicado. Se essas pessoas descobrirem que ele tem uma filha e souberem do seu paradeiro, ela se torna um alvo imediatamente. A família criminosa da vítima de Freddie ainda está bem ativa hoje. É uma rede criminal enorme, abrangendo o sudeste de New Jersey até o nordeste da Filadélfia. Na verdade, está maior hoje em dia do que naquela época. É só falar com qualquer um nas ruas lá, e eles sabem quem são Freddie Higgins e Timothy McCabe. Toda a informação está nesse envelope. Queria poder dizer que estou inventando, mas não estou. — Ele apontou o dedo para mim. — Ninguém vai descobrir sobre a conexão dela com Higgins se você parar de vê-la e se concentrar na sua família.

— Não é uma opção.

— Então, não vou fazer nada para proteger essa informação.

— Cara... Sempre soube que você realmente não dava a mínima para o meu bem-estar, mas, de todas as maldades que já fez ou disse, essa deve ser a pior.

— Sinto muito por ser o mensageiro das más notícias, Mackenzie. Não fui eu que trouxe isso para nossa vida. Foi você. Então, vou te deixar pensar em como vai lidar com isso.

Depois que meu pai foi embora, o pânico começou a se instalar. Sem palavras, fiquei apenas sentado na cozinha por um tempo indeterminado. Não

tinha noção do que fazer. Não podia esconder essa informação de Frankie, mas, ao mesmo tempo, sentia a necessidade de protegê-la de tudo. Não sabia se acreditava que meu pai iria, realmente, a público com isso. Poderia ter sido uma ameaça vazia, mas não tinha como ter certeza.

Por um lado, ele era vaidoso demais para deixar algo assim manchar sua reputação. Por outro, se ele não fosse a público, ainda poderia avisar pessoas perigosas quanto ao paradeiro dela.

Com exceção do dia em que descobri que Torrie estava grávida, nunca tinha me sentido tão impotente na vida. Nem podia pedir conselho a alguém, já que não queria que uma única alma soubesse daquilo.



Paralisado pelo choque, ainda estava sentado no mesmo lugar na cozinha quase uma hora depois. A única diferença era que o pouco de luz do dia que estava entrando pela janela agora foi substituído por pura escuridão.

Quando meu celular tocou, atendi, sem saber como reagir a ela.

— Oi, Frankie.

— Você está bem? — Ficava admirado como ela podia sentir que havia algo errado, embora eu só tivesse falado duas palavras.

— Essa mudança de volta tem sido mais difícil do que eu pensava. Sinto sua falta.

— Também sinto a sua. Fui visitar a sra. M hoje.

— Foi?

— Aham. Sei que não pode mais cuidar dela. Então, dei uma passada lá para ver se ela precisava de alguma coisa.

— Obrigado. Foi muito legal da sua parte. Agradeço.

— Ela mandou um beijo e um drinque virtual de rum e Coca-Cola.

Pensava que minha vida tinha sido difícil. Teria dado qualquer coisa para simplesmente voltar um ou dois meses, lamentando à sra. M sobre reconquistar Frankie. Qualquer coisa era melhor do que meu dilema atual.

— Fiquei pensando no tempo que passamos no armário de suprimentos — Frankie disse.

Fechei os olhos. Teria dado qualquer coisa para voltar àquele momento também.

— Também estive me segurando a isso — revelei. — E me segurando em mim mesmo, aliás. — Tentei brincar para ela não desconfiar que havia realmente algo errado comigo.

— Não por muito tempo. Estava pensando em ir para aí no próximo fim de semana.

Oh, merda.

— Sêrio?

— Não vai dar certo?

— Acredite em mim, quero te ver mais do que qualquer coisa. Só quero garantir que esteja preparado. Este apartamento não é muito aconchegante.

— Vai ser como nos velhos tempos. Tem um porão sujo onde podemos lavar nossas roupas?

— Na verdade, nem tenho máquina de lavar nesta casa temporária. Vou ter que ir a uma lavanderia.

— Podemos ir juntos.

Não podia falar para ela não vir.

— Não importa onde estivermos. Contanto que eu esteja com você, é só o que importa, Frankie.

— Será logo. Ok?

Depois de desligarmos, meu estômago ficou revirado. Sabia que não podia esconder a informação do pai dela. Tinha jurado para mim mesmo que iria lhe contar pessoalmente na próxima chance que tivesse. Infelizmente, aquele dia chegaria mais rápido do que eu pensava.



Francesca

Meu voo estava comprado para minha viagem de fim de semana para D.C., e eu ia ver um apartamento depois do trabalho no dia seguinte. As coisas, finalmente, estavam caminhando.

Incrivelmente, Victor e eu estávamos nos dando muito bem. Ele tinha começado a me fazer companhia de novo no café da manhã. Em geral, mantínhamos nossos caminhos separados no fim de cada dia, mas era reconfortante saber que não estávamos terminando tudo de forma horrível. Pelo menos, estávamos conversando.

Na quarta à noite, Vic e eu nos cruzamos quando ele chegou do trabalho. Eu estava na cozinha prestes a fazer chá.

— Você recebeu uma encomenda — ele disse.

— Sério? Não vi quando entrei.

— Às vezes, eles entregam mais tarde. Devem ter só deixado na porta.

— Obrigada — agradei, pegando a encomenda dele.

Junto com o envelope, havia uma carta e várias cópias de artigos de jornais. O cabeçalho da carta dizia *Do escritório do senador Michael J. Morrison*. Meu coração começou a palpitar.

Querida Francesca,

Tenho dois motivos para escrever para você. Enquanto o senador Morrison se prepara para a reeleição e a possibilidade de uma futura candidatura para presidente, é meu trabalho, como uma de suas principais conselheiras, cuidar do bem-estar da carreira dele, além do bem-estar da sua família, que também é minha família. Dado seu relacionamento inapropriado com o pai do meu filho, como prática devida, é extremamente importante que investiguemos totalmente qualquer associado ao senador Morrison ou qualquer associado à família Morrison.

Uma investigação completa em seus registros de nascimento e histórico familiar desvendou uma descoberta perturbadora em relação à identidade do seu pai. Você é filha única de Frederick Higgins, um detento que atualmente cumpre sentença de prisão perpétua por extorsão, drogas, apostas ilegais, assassinato e conspiração para cometer assassinato. Ele era membro da máfia irlandesa na Filadélfia. Sua mãe, Karen O'Hara, fugiu da Filadélfia pouco depois de você nascer. Incluído neste pacote há uma cópia da sua certidão de nascimento com o nome de Frederick Higgins como pai. Também estão inclusos os inúmeros artigos da mídia sobre o julgamento dele e a condenação subsequente.

Esta informação é problemática para mim em muitos quesitos, principalmente pelo fato de que se, um dia, sua identidade vier a público, há uma chance muito grande de você ficar em perigo. Assim, isso colocaria minha família em perigo enquanto estiver associada a Mackenzie.

Apesar de o senador Morrison não ter intenção de publicar essas notícias, não consegue controlar qual informação seus rivais políticos podem descobrir. Não precisou de muito para conseguirmos essa informação, o que pode parecer perturbador, mas é normal hoje em dia. Portanto, não demoraria para outra pessoa descobrir. Quando isso acontecer, não vai colocar apenas sua vida em perigo, mas a vida de quem amo, inclusive do meu filho. E não posso tolerar isso.

Mackenzie sabe da identidade do seu pai há vários dias. Tenho certeza de que ele também está pesando o que isso significa para o relacionamento com você a longo prazo.

Acredito que, em certo momento, ele vá chegar à conclusão correta, que será do melhor interesse do seu filho.

Faça o que quiser com esta informação. Porém, se gosta de Mackenzie ou do meu filho, espero que tome a decisão certa.

*Sinceramente,
Torrie Hightower*

Minha cabeça estava latejando muito forte, e minha visão ficou embaçada. Mal consegui identificar o som da voz de Victor.

Parecia abafado, como se estivesse falando dentro de uma caneca, embora estivesse diante de mim.

— Francesca, o que aconteceu?

Minhas mãos estavam tremendo quando entreguei a carta a ele.

Após ler e verificar os artigos, ele me puxou e me abraçou forte.

— Vai dar tudo certo.

— Não consigo respirar — eu disse, praticamente chiando.

— Tente. Tente respirar. Vamos superar isso. Vamos confirmar se é verdade. E, se for, vamos lidar com o que precisar.

Com muito medo de ver o rosto do meu suposto pai, não tinha nem conseguido olhar os artigos de jornal.

— Primeiro passo... precisamos chamar sua mãe. Só ela pode confirmar o que é verdade e o que não é.

— Não consigo encará-la agora.

— Você precisa, Francesca. Vai conseguir dormir se não o fizer?

Soltando uma respiração demorada e trêmula, respondi:

— Provavelmente não.

— Vou ligar para ela. Ok? Posso fazer isso? Não vou falar o motivo... só que precisamos que ela venha, para falar sobre uma coisa com ela.

Segurando em uma cadeira para me equilibrar, assenti.

— Sim.

Victor foi para o escritório a fim de ligar para minha mãe. Não conseguia suportar a possibilidade de que a pessoa em quem mais confiava no mundo tinha mentido para mim todos esses anos. Essa notícia era simplesmente devastadora em muitos níveis diferentes.

Depois que Victor voltou à cozinha, ele veio por trás de mim e massageou meus ombros lentamente.

— Respire fundo. Vou fazer um chá para você. Quero que beba devagar e tente clarear a mente até ela chegar aqui.

Vic foi até o fogão para ferver água e preparou duas canecas fumegantes.

Então se sentou comigo conforme bebemos o chá em silêncio enquanto esfregava minhas costas.

— Se não conseguir falar, eu falo por você, ok? — ofereceu, esticando-se e pegando minha mão.

Foi a primeira vez que lágrimas começaram a preencher meus olhos. O fato de, depois de tudo que eu tinha feito, Victor me consolar tanto me emocionava além de palavras. Não sabia o que teria feito se estivesse sozinha quando o envelope chegou. Ele estar ali para mim foi como jogarem um bote salva-vidas depois de ser jogada no mar de repente.

Quando a campainha tocou, pulei. Victor colocou a mão no meu ombro.

— Fique aqui. Vou abrir para ela.

O cabelo escuro da minha mãe parecia bagunçado pelo vento, e o nariz dela estava vermelho do frio. Estava usando seu típico batom cor-de-rosa neon. Eu sabia que ela não fazia ideia do porquê tinha sido chamada. Provavelmente estava ainda mais confusa pelo fato de Victor estar envolvido quando, supostamente, tínhamos terminado.

— O que está acontecendo? Por que estava chorando? — Ela se aproximou de mim. — Está grávida?

— Por favor, Karen, sente-se — Victor pediu.

Ele entregou à minha mãe o envelope, e o conteúdo dizia tudo.

Os lábios dela tremeram conforme ela fechou os olhos e se jogou em uma cadeira da cozinha.

— Oh, Deus — ela sussurrou, cobrindo a boca, e repetiu: — Oh, meu Deus.

Meu corpo começou a tremer.

— Então é verdade?

Ela apenas ficou assentindo por um tempo, depois finalmente disse:

— É.

Lágrimas estavam agora escorrendo por minhas bochechas em um ritmo rápido.

— Como pôde esconder isso de mim?

— Há muita coisa a ser explicada, Francesca. Mas, por favor, saiba... foi tudo para te proteger. Nem sei por onde começar.

— Pode começar do começo — chorei.

Victor colocou o braço em volta de mim para me apoiar quando minha mãe começou.

— Sei que a influenciei a acreditar que nasceu em Boston, que minha família é daqui, mas realmente cresci em Kensington, na Filadélfia. Meu avô, Patrick, era envolvido com a máfia irlandesa.

Ela esfregou os olhos e continuou.

— Quando conheci Freddie, ele era um conhecido do meu avô. Era muito mais jovem e mais bonito do que a maioria dos homens que apareciam por lá, mas era cinco anos mais velho do que eu. Eu tinha dezessete anos. Ele tinha vinte e dois. Ele realmente queria mudar, sair da máfia, mas estava envolvido demais. Era o único mundo que conhecia. Acredito que, lá no fundo, ele era uma boa pessoa, mas foi envolvido nisso sem saída. Era obrigado a fazer coisas terríveis.

Balancei a cabeça e murmurei:

— Não consigo acreditar nisso.

Ela continuou.

— A própria vida dele estaria em perigo se ele não cumprisse o que mandassem. Não era certo, mas era assim que era. Quase não contei a ele que estava grávida, mas não poderia viver com a culpa. Ele queria fazer parte da sua vida, mas, quando você nasceu, estava perigoso demais. Alguém teria nos matado... você e eu. Meus pais fizeram o que sentiram que tinham que fazer. Mudaram-se para Boston e nos levaram com eles. Tivemos sorte de ninguém ter descoberto sobre minha gravidez. Ninguém nos seguiu até Boston. Freddie não contou a ninguém sobre seu nascimento porque sabia que a colocaria em perigo. Escolhi não contar quem era seu pai para sua própria segurança. Tinha medo que se virasse contra mim algum dia e tentasse vê-lo. Embora ele esteja na cadeia, aquelas pessoas têm meios para descobrir certas coisas. Há muitos informantes na prisão. Então, contar a você era arriscado demais porque, se alguém soubesse, poderiam tentar vir atrás de você só para descontar em Freddie.

— Então, meu pai está vivo. Está na prisão. Já entrou em contato com ele?

— Não entrei, não. Está na cadeia, mas, se não estivesse, estaria morto, Francesca. Na verdade, é bom que ele esteja lá. Ainda tem gente aqui fora, até hoje, procurando se vingar de alguma forma pelo que Freddie e seus parceiros fizeram.

— Você poderia ter me contado. Eu teria seguido seu conselho e ficado longe. Mas passei toda a minha vida pensando que meu pai era um homem de negócios que simplesmente não queria nada comigo. Não é exatamente o caso.

— Eu sei. E me sinto extremamente culpada por isso. A pior parte sempre foi esconder de você. Ainda sinto que foi a única escolha que tive.

Me sentindo devastada, eu disse:

— Sinceramente, nem sei o que fazer agora. Acho que só estou em choque.

— Sempre soube que havia uma chance de você descobrir, mas nunca imaginei que fosse acontecer de forma tão terrível. Essas pessoas deveriam se envergonhar por colocarem você nessa posição. Já conversou com Mack? Ele sabe sobre esta carta?

— Só recebi isso há umas duas horas. Era para eu voar para D.C. este fim

de semana. Não sei exatamente o que ele sabe.

Victor interrompeu.

— Não quero que chegue perto de lá. Qualquer um que a colocou nesse tipo de situação é puramente maldoso. Essa mulher está te chantageando e colocando todos os envolvidos em perigo.

Me virei para minha mãe.

— Não só estou lidando com o fato de você ter escondido isso de mim todos esses anos, como não consigo acreditar que Mack sabia disso e não me contou.

— Bom, tenho certeza de que provavelmente ele não sabia como contar.

— Realmente acho que deveria considerar cancelar sua viagem — Victor aconselhou.

Olhando para um dos artigos de jornal, me permiti ver como ele era pela primeira vez. Embora a tinta fosse preta e branca, dava para ver que ele era ruivo como eu. Tínhamos o mesmo nariz rechonchudo e estrutura óssea. Não deixava dúvida.

— Eu me pareço mesmo com ele.

— Essa parte nunca foi mentira — minha mãe admitiu.

— Preciso de um tempo sozinha. Vou levar tudo isso lá para cima e ler cada palavra com privacidade.

— Por favor, me prometa que vai me ligar quando estiver pronta para conversar sobre isso de novo. Preciso que me perdoe.

Minha cabeça doía só de pensar em como fazer isso.

— Entendo por que pensou que estivesse fazendo a coisa certa. Só vou precisar de bastante tempo para absorver isso.

— Ok. — Minha mãe secou lágrimas dos seus olhos. — Entendo. Te amo, querida. Leve o tempo que precisar.

Depois de uma hora sozinha verificando todo o conteúdo do envelope, resolvi que não conseguiria encarar Mack naquele fim de semana. Não suportaria vê-lo, sabendo que ele sabia disso e não me contou. Ao mesmo tempo, uma parte de mim sentia que precisava dele mais do que nunca.

Quando meu celular tocou e vi que era ele, pensei se atendia ou não, mas finalmente atendi.

— Mack...

— Te liguei duas vezes. — Ele parecia chateado. — Por que não me ligou de volta?

— Desculpe. Não estou me sentindo bem.

— Não precisa se desculpar. Só queria ouvir sua voz, garantir que está tudo bem.

— Acho que não vou poder ir aí este fim de semana.

— Sêrio? Eu realmente precisava te ver.

— Desculpe. — Falei o mínimo de palavras porque não sabia como esconder o quanto estava magoada.

Incapaz de fingir que não estava devastada, acabei encerrando logo a ligação. Não conseguia superar o fato de que — pelo menos de acordo com Torrie — ele sabia do meu pai e ainda não tinha mencionado nada.



O resto da semana se arrastou como uma névoa. Havia passado por maus bocados na escola com meus sentimentos, mal conseguindo contê-los.

Ainda incapaz de conversar com minha mãe, fiquei a maior parte do tempo no meu quarto na casa de Victor. Ele estava sendo um verdadeiro amigo, me acompanhando nos jantares e escutando, mas sem me obrigar a falar. Havia me indicado alguns terapeutas no caso de eu precisar me consultar com alguém. Já tinha passado da hora de conversar sobre meus problemas com meu pai, mas agora parecia urgente.

No sábado à tarde, e estava enfiada no quarto quando meu celular tocou. Era Mack.

Atendi.

— Oi.

— Estou aqui fora. Pode descer ou está muito doente para sair no frio?

— Você está aqui?

— Estou. Acabei de chegar.

Ele está aqui?

— Por que não me disse que viria?

— Não queria te ouvir dizer para eu não vir. Estou sentindo que tem algo errado com você, e não tenho conseguido dormir. Precisava te ver. Ficarei aqui até amanhã à noite. Jonah está com minha irmã.

— Onde vai ficar?

— Não poderia ir para minha casa porque o corretor vai mostrá-la neste fim de semana. Então, reservei um quarto no Beacon Hill Hotel aqui perto. Pegue uma mala com suas coisas e me encontre aqui na frente.

Hesitando por um instante, percebi que não tinha como escapar de lidar com isso.

— Ok... Já vou descer.

Quase me esquecera do quanto estava com saudade dele. Mack estava apoiado em um carro estacionado na frente da casa. Estava usando uma blusa de lã azul-marinho e botas emborrachadas por debaixo da calça jeans. Seu cabelo tinha crescido um pouco, e sua barba por fazer estava maior do que o normal.

Seu beijo quente foi um contraste bem-vindo ao ar frio. Foi desesperado e firme. Ele pegou minha mão conforme andamos em silêncio para o hotel a apenas alguns quarteirões.

O quarto no hotel histórico era pequeno, mas confortável, com janelas que deixavam bastante luz entrar. Mack se sentou na beirada da cama e me puxou para perto, apoiando a cabeça na minha barriga enquanto fiquei parada em pé, diante dele.

Imediatamente, comecei a chorar. Era impossível esconder qualquer coisa dele.

Ele olhou para mim, e seus olhos se arregalaram lentamente.

— Você sabe?

Assenti, incapaz de falar.

— Eu sabia. — Ele se levantou e me puxou para ele.

Por mais que tivesse sido reconfortante ter o apoio de Victor na semana anterior, nada era melhor do que estar nos braços de Mack, mesmo que ainda não entendesse por que ele escondeu a notícia do meu pai de mim.

Ele sussurrou no meu cabelo.

— Te conheço, Frankie. Você está na porra do meu coração e, quando tem

alguma coisa te incomodando, posso literalmente sentir. Me conte como aconteceu. Como descobriu? — Ele recuou para poder olhar para mim.

Enxugando o nariz com o braço, contei.

— Foi Torrie. Ela me enviou uma carta e todos os artigos.

Ele congelou por um instante e apenas piscou repetidamente para absorver.

— Caralho. O quê?

— É. Foi uma forma terrível de descobrir.

— Desconfiei que ela estivesse envolvida, mas simplesmente não consigo acreditar que faria isso, e que ele a deixaria fazer o trabalho sujo.

— Mack, como pôde saber disso e não me contar no segundo em que descobriu?

— Fiquei perturbado — ele confessou. — Só sei há alguns dias. Estava tentando descobrir como contar de um jeito que não te magoasse... se é que era possível. Tinha planejado te contar este fim de semana quando fosse me visitar. Aí você cancelou, então tive que vir aqui. Nunca esconderia isso de você, Frankie. Precisa saber disso.

— Sei que não é culpa sua. Só não sei como lidar com isso.

— Isso é típico do meu pai. É o tipo de merda que o vi fazer com muitas pessoas a vida toda. Na época em que eu e você nos conhecemos, sempre temia que algo assim pudesse acontecer um dia, e que, se te amasse abertamente, de algum jeito, meu pai faria algo para te machucar. Recentemente, tinha me convencido de que conseguiria te proteger de qualquer coisa, mesmo que acontecesse algo. Desta vez, parei de ficar obcecado em relação a isso, escolhendo apenas curtir a vida. Baixei a guarda. Só queria amar você sem me preocupar com tudo isso. Mas, de todas as coisas que ele poderia ter feito, nunca previ essa situação.

— Minha mãe confirmou tudo. Ela nunca planejava me contar, mas é tudo verdade. Freddie Higgins é meu pai.

— Você está bem? — Ele apoiou a testa na minha. — Sei que parece uma pergunta idiota.

— Só estou em choque. Parece um sonho. Nem consigo explicar o que estou sentindo porque ainda não caiu a ficha.

— Detesto ter causado isso.

— Não foi você que causou.

— Não diretamente. Mas, se não tivesse voltado para sua vida, isso nunca teria acontecido. Nunca me perdoaria se a colocasse em perigo. O que Torrie falou para você?

Peguei bolsa e tirei o papel dobrado.

— Estou com a carta aqui.

As orelhas de Mack ficaram vermelhas conforme ele leu. Parecia que estava queimando de raiva.

— Não consigo acreditar. Simplesmente não consigo acreditar que ela te ameaçaria assim. É a porra da mãe do meu filho agindo assim. — Passando a mão no cabelo com frustração, ele olhou para o chão, depois para mim. — Juro por Deus que, se não fosse pelo meu filho, eu te levaria embora e torceria para nunca mais voltar. Só queria saber a melhor forma de lidar com isso. Realmente me sinto impotente.

— Acho que a resposta não virá de repente.

— O que fazemos enquanto isso?

— Sinceramente? Só quero que me abrace esta noite. Só isso. Não quero pensar. Só quero ficar com você.

— Posso fazer isso.

Mack fechou as cortinas, bloqueando a maior parte da luz, e puxou os cobertores antes de tirar a camisa. Conforme me envolveu em seus braços, me aconcheguei em seu corpo quente. Por alguns instantes, consegui esquecer a semana anterior.

Seu coração estava martelando em minhas costas. Eu sabia que sua cabeça estava acelerada.

Ele finalmente falou.

— Todos esses anos, você pensou que seu pai não a queria. Ele só era fodido.

— Estou feliz por saber a verdade. Só queria saber o que fazer com ela.

— Acha que vai entrar em contato com ele um dia?

— Para ser sincera, não sei.

— Acho que é melhor não. Não vale a pena o risco.

— Acha mesmo que alguém viria atrás de mim depois de todo esse tempo?

— Não quero descobrir, Frankie. Só o pensamento de em algo acontecendo a você por causa do que meu pai fez já é incomensurável.

Ele me abraçou mais forte. Me senti minúscula nos braços de Mack.

Em certo momento, nós dois caímos no sono. Foi a primeira vez que dormimos bem em dias.



Depois de ele retornar à Virginia, durante os dias que se seguiram, as coisas mudariam de novo, e não para melhor.

Aquele período de tempo me lembrou muito de como foi anos atrás quando ele foi embora do nosso apartamento de Boston e foi para casa a fim de passar o verão, mas voltou e partiu meu coração.

De novo, Mack estava se distanciando de um jeito parecido como tinha feito naquela época. Quando o questionava, me falava que estava tentando descobrir qual seria o melhor passo para seguir em frente.

Não pude deixar de me preocupar que ele tivesse chegado à conclusão de que era mais seguro para todo mundo se seguissemos caminhos separados.

Pela primeira vez, duvidei se conseguiríamos nos recuperar.



Francesca

Enquanto aguardava em frente à casa da sra. Migillicutty, ver a casa de Mack vazia me deixou melancólica. As janelas estavam escuras, e a placa de “vende-se” ainda estava no gramado seco, coberto de gelo. Era uma época horrível para colocar uma casa à venda, no meio do inverno, então ele não tinha recebido propostas para a propriedade.

Desejava voltar para dentro do calor daquela casa com ele. Mais do que isso, sentia falta de quando as coisas pareciam complicadas, mas, olhando agora, não eram tão complicadas quando comparadas ao presente.

Ela abriu a porta.

— Estou com a água fervendo para o chocolate quente, Frankie Jane. Vou fazer um muito bom.

— Obrigada. Acho que é exatamente do que preciso.

Batendo as botas para tirar a neve, perguntei:

— Teve notícias do Mack?

— Não, querida. Mas estou com saudade dele.

— Eu também.

— Por que pergunta? Tem algo errado?

— Estou ficando preocupada porque faz uns dois dias que ele não me liga. Não é normal dele. As mensagens de texto dele também têm sido curtas e vagas. Estou com muito medo de perdê-lo.

— Como assim, porra? — Ela serviu a água quente em duas canecas.

A sra. Migillicutty não sabia nada sobre a chantagem ou meu pai. Sentia que precisava contar tudo a ela. Na verdade, eu estava explodindo de vontade

de ouvir sua opinião porque, não somente ela era direta, mas sempre parecia ter bom senso.

— Consegue guardar um segredo? É meio que uma longa história, mas preciso mesmo tirar esse peso de mim.

Ela apontou para sua barriga arredondada.

— Está vendo essa barriga? Tenho certeza de que está cheia de segredos. Bom, talvez esteja cheia de cookies, mas, de qualquer forma, guardar segredo é o que faço de melhor.

Eu confiava nela. Já que não me consultara com um profissional, ela provavelmente era a melhor opção. Precisava de alguém imparcial com quem conversar que fosse bem distante da equação. Nos quarenta minutos seguintes, contei tudo que acontecera desde que Mack voltou para Virginia.

— Uau, que malandra — ela comentou, referindo-se a Torrie. — Gostaria de quebrar o pescoço dela.

Suspirei.

— É.

— Não se preocupe. Karma é bem mais vadia do que essa vaca consegue ser.

Sua boca suja sempre me fazia rir.

Ela percebeu minha diversão.

— O que foi?

— Nada. Sua aparência nem sempre combina com sua boca. Só não espero que fale certas coisas, mas já deveria conhecê-la agora.

— Mack falava a mesma coisa. O que há com vocês?

— Obrigada por me fazer rir.

Ela suspirou, e sua expressão ficou séria.

— Ok. Vamos tentar resolver isso. Qual é a raiz dos seus medos agora?

Parei para realmente pensar por um instante, mexendo meu chocolate quente.

— Para ser sincera, não dou a mínima para aquela vadia ou qualquer coisa que ela ou o pai dele tenham feito para tentar me magoar. Estou preocupada com Mack e Jonah. Também estou preocupada que ele decida que é mais seguro se distanciar de mim, mesmo que não seja o que o coração dele

queira. Mas, mais do que qualquer coisa, o que está me incomodando é minha própria dúvida, aquela vozinha interior que está me dizendo que eles ficariam melhor sem mim.

— Bobagem. Mack não estava vivendo até você voltar à vida dele. Me recuso a aceitar que vocês dois deixem o medo governar seus mundos. — Ela adicionou um pouco mais de licor de menta ao meu chocolate quente. — Qual foi a última coisa que ele te disse?

— Que precisava de um tempo para pensar em uma solução.

Ela soprou sua bebida antes de dar um gole.

— Ok. Tem que confiar que ele sabe o que está fazendo. Não vejo como ele pode estar pensando em uma vida longe de você. Ele vai dar um jeito.

— Bom, Jonah realmente tem que ser a prioridade dele. E se ele sentir que ficar comigo poderia potencialmente colocar o filho em perigo?

— Acha mesmo que aquele senador vai fazer alguma coisa para colocar a vida do neto em perigo? Ele não vai a público com isso, Frankie.

— Mas, como Torrie declarou na carta, e se outra pessoa, um rival político, descobrir meu passado?

— As pessoas só vão atrás de quem lhes dá motivo para tal. Se não quer ter que se preocupar com isso, então deve manter as coisas discretas até isso passar.

— Você fala fingir não estar com Mack? Sair escondido?

— O que tiver que fazer. Mas vou dizer uma coisa. Não acredito que aquele político corrupto ou a bruxa nojenta vão fazer qualquer coisa para colocar aquele menininho no caminho do perigo. Se você e Mack ficarem juntos, significa que você ficará perto de Jonah, e eles sabem disso. Estão tentando te assustar para longe dele.

— Espero que seja só isso. Espero mesmo que tenha razão.

— Como eu costumava falar para Mack... Eu *sempre* tenho razão.



Por mais que minha tarde com a sra. M tivesse servido para me confortar um pouco, a dúvida sempre se instalava mais quando eu ficava sozinha à noite. A distância física e agora emocional de Mack estava surtindo efeito.

Algo tinha mudado desde sua volta à Virginia, e eu estava com medo de insistir para obter respostas. Estava com medo da verdade. Cada vez mais, parecia que ele tinha decidido que não valia a pena o risco de ficarmos juntos. Parecia que ele estava me afastando com ações porque não tinha coragem de falar o que estava pensando.

Tinha assinado um contrato de aluguel para um novo apartamento em Brookline, mas só poderia me mudar em algumas semanas. Victor nunca me fez sentir que eu estava ficando demais em sua casa. Parte de mim sentia que secretamente ele esperava que meu relacionamento com Mack não se recuperasse disso.

Quando pensava em manter Vic por perto como uma rede de segurança, tinha que me lembrar de como era injusto até mesmo pensar nisso. Porém, com Mack mantendo distância, era fácil ver por que minha mente estava seguindo por essa direção. Eu estava em uma encruzilhada sem noção de direção.

Meu estado de confusão foi rompido em grande estilo certa tarde depois da escola, quando bateram na porta da minha sala de aula. Estava corrigindo trabalhos, mas me levantei para abrir, esperando ver que Lorelai tinha voltado porque esquecera alguma coisa.

Em vez disso, havia duas mulheres muito bem vestidas diante de mim. Uma parecia uns trinta anos mais velha do que a outra, mas também era impressionante. Não as reconheci como sendo parentes de nenhum dos meus alunos.

— Posso ajudá-las?

— Você é Francesca O'Hara? — a mulher mais jovem perguntou.

— Sim.

— Sou Michaela Morrison, irmã de Mackenzie. E esta é minha mãe, Vivienne.

Oh, meu Deus.

Michaela tinha os mesmos olhos cor de mel e estrutura corporal de Mack. E ambos se pareciam com a mãe.

— Uau. Oh, minha nossa. Entrem. Por favor. — Levei-as para uma das carteiras de aluno, onde nos sentamos.

— Você parece bem nervosa. Por favor, não fique — Michaela pediu.

Vivienne parecia melancólica.

— Não viemos para lhe causar problema. Primeiro, tenho que me desculpar imensamente pelo que aconteceu recentemente. Mackenzie me informou da carta que você recebeu e da informação que foi investigada sobre seu pai. Foi muito lamentável, e sinto terrivelmente pelas atitudes do meu marido.

Realmente era um momento bem inoportuno para me descontrolar. No entanto, uma lágrima apareceu e escorreu por minha bochecha.

A irmã de Mack se esticou e colocou a mão no meu braço.

— Desculpe se estamos te magoando.

— Não. Não é isso. Só é muito bom conhecer vocês. Não sabia o que esperar quando se tratava de vocês duas. Na verdade, estou um pouco aliviada.

— Já passou do tempo de nos conhecermos — a irmã dele disse.

— Eu sei.

— Uma vez, meu irmão me contou sobre você, quando Jonah tinha uns três anos. Era véspera de Natal. Mack e eu estávamos sentados ao lado da árvore conversando. Perguntei a ele se planejava se casar com Torrie, e ele foi sincero comigo. Me disse que não conseguiria dar esse último passo porque ainda estava apaixonado por outra pessoa. E foi quando me contou a história inteira de como tinha te conhecido e como deixara as coisas com você em Boston. Nunca vou me esquecer do olhar de carinho e arrependimento nos olhos dele. Nunca tinha visto esse lado de Mack. Partiu meu coração.

— É mesmo?

— É. Me lembro de pensar que era tão romântico e trágico ao mesmo tempo. E pensei muito em você depois disso, embora não a conhecesse, porque me sentia muito mal por meu irmão. Na época, tinha acabado de conhecer meu agora noivo, e me lembro de desejar muito que Mackenzie conseguisse encontrar a mesma felicidade que eu havia encontrado.

— Temo que pedir desculpas em nome do meu marido é só parte do motivo pelo qual precisamos viajar até aqui para vê-la — Vivienne interrompeu.

Meu estômago revirou.

— Eu sabia que havia algo errado. Ele não se abre comigo.

— Aconteceu uma coisa.

Minha pulsação acelerou.

— Ele está bem?

— Fisicamente, está bem, sim. Desculpe se te assustei.

— O que está havendo?

— Meu irmão e eu nos acostumamos com o jeito torto do meu pai nossa vida toda. Mas, quando descobri sobre o que meu pai tinha feito com você, decidi que isso deveria acabar.

Meu coração estava martelando de medo. Eu não fazia ideia de por que mais elas poderiam ter ido até ali para me contar.

Ela continuou.

— Comecei a investigar meu pai. Uma das coisas que fiz foi invadir seu escritório particular. Há muito tempo, eu o tinha visto abrir um cofre. Ele não percebeu que memorizei a combinação. Nunca pensei que realmente a usaria algum dia. — Michaela segurou a mão da mãe para confortá-la. — Então, usei a senha para abri-lo. Estava pensando que, talvez, encontraria algo que pudesse usar para chantageá-lo da mesma maneira que ele fez com você, só que minha única condição seria que ele deixasse meu irmão em paz. Nunca esperei encontrar o que encontrei.

Vivienne fechou os olhos e pareceu estar se preparando para o que viria em seguida.

Michaela respirou fundo, depois disse:

— Encontrei fotos de Torrie... e um vídeo em um pen drive.

— De Torrie?

— É. Fotos nuas... e uma gravação de sexo.

Não consegui me conter.

— O quê? Nua?

— Eu sei. É um choque. Aparentemente, meu pai teve um caso com ela por anos.

— No fundo, acho que eu sabia que Michael me traía em algum momento

do nosso casamento. Mas o nível de traição que isso trouxe à nossa família é além da compreensão — a mãe de Mack finalmente falou.

— Vocês o confrontaram?

— Confrontamos os dois. Eles não negaram. Disseram que aconteceu há muito tempo.

— Mack sabe?

— Sabe. Depois de minha mãe e eu confrontarmos meu pai e Torrie, fomos até Mack e lhe contamos tudo. Ele, basicamente, entrou em choque. Está tendo muita dificuldade em aceitar. Desistira de boa parte da sua vida por aquela mulher, só para ser queimado da pior forma. Sem contar ser traído assim pelo próprio pai.

Por algum motivo, ainda não tinha caído minha ficha, porém, quando o pensamento entrou em minha consciência, me atingiu como uma tonelada de tijolos.

Oh, não.

Não.

Não.

Não.

— Há uma chance de... — Eu nem conseguia dizer as palavras.

— De Jonah ser filho do meu pai? Acreditamos que há, sim. Mas ainda não sabemos.

Oh, meu Deus.

— Há quanto tempo Mack sabe de tudo isso?

— Contamos a ele quando chegou em casa da última visita que fez a você, aquela em que ficamos com Jonah.

Isso explicava o comportamento bizarro logo depois de ele ter ido embora.

— Ele tem agido estranho comigo — eu disse. — Pensei que tivesse a ver com minha situação. Obviamente, ele escolheu não me contar nada disso.

— Como pode imaginar, ele não está lidando bem com isso. Saber que há uma possibilidade de Jonah ser do nosso pai está lhe causando muita angústia mental. Ele também nos bloqueou. De certa forma, me sinto horrível por ter descoberto isso, mas acho que é melhor saber do que ficar no escuro em

relação a algo tão significativa.

Me virei para a mãe de Mack.

— Como está lidando com isso?

A voz dela era quase inaudível.

— Creio que não muito bem.

— Por quanto tempo vão ficar na cidade?

Michaela olhou para o celular a fim de verificar a hora.

— Vamos voltar para D.C. em algumas horas. O objetivo desta viagem era te conhecer e te falar como sentimos muito por tudo que aconteceu, mas, mais importante, para te contar tudo que está acontecendo agora.



Mack

Não tem nada mais difícil do que tentar manter a expressão de coragem diante do seu filho quando parece que seu mundo está desabando à sua volta.

— Quer mais molho?

Jonah assentiu. Ergui a concha, servindo o molho em seu espaguete e nas almôndegas congeladas. Antes, eu já era um péssimo cozinheiro, mas, com tudo que aconteceu ultimamente, a cozinha por ali estava ainda pior do que o normal.

Ele enrolou o macarrão no garfo. Odiava que agora eu encarava obcecadamente seu rosto sempre que tinha chance, procurando sinais do meu pai. Ele era *meu* filho, e nada mudaria isso.

Me perguntei se Jonah pensava no porquê eu estava deixando a barba crescer. Também me perguntei se ele conseguia, de alguma maneira, sentir a dor que estava constantemente espremendo meu coração.

Para piorar, eu não suportava olhar para Torrie. Eu ficava no carro quando ia buscá-lo ou levá-lo de volta. Desde o dia em que minha mãe e minha irmã jogaram a bomba, Torrie e eu mal nos falamos. Durante uma conversa que aconteceu enquanto Jonah estava na escola, eu tinha exigido que ela jogasse limpo se meu pai poderia, tecnicamente, ser pai biológico de Jonah. Quando ela admitiu que era uma possibilidade, fiquei muito nervoso. Ela se desculpava continuamente, usando a idade da época e sua ingenuidade como desculpas, acusando meu pai de ser um sedutor. Enfatizou que o caso foi breve e que tinha terminado há anos. Até tentou me culpar, dizendo que se sentiu vulnerável aos encantos dele porque eu não lhe dava atenção.

Além de quebrar algumas coisas da casa dela, fiz inúmeras ameaças vazias

que sabia que nunca cumpriria. Pedir custódia integral era uma delas. Não era uma opção porque Jonah amava demais a mãe, apesar dos defeitos dela. Por mais cruel que agora eu sabia que ela era, não queria colocar meu filho sob outra transição enorme; não teria sido justo.

Meu filho.

Quanto ao meu pai, não conseguia confrontá-lo por medo de querer destruí-lo. Nunca conseguiria encostar um dedo em Torrie apesar da minha raiva; no entanto, a ideia de machucar meu pai não parecia tão impossível. Então, fiquei longe para o meu próprio bem.

Ele não tinha entrado em contato comigo desde que tudo veio à tona. Não me surpreendia; ele era um puta de um covarde. E, para ser sincero, não havia nada a dizer que teria mudado essa situação ou melhorado.

Eu estava cansado dele. Não importava se nunca mais falasse com ele enquanto eu vivesse.

Quando Jonah colocou o garfo no prato, perguntei:

— Não está com fome?

— Não muita. — Ele encarou o nada e, de repente, disse: — Mamãe tem chorado bastante.

Eu não sabia o que responder. O que queria dizer era “Ótimo”, mas não seria exatamente o certo a se fazer.

— Sinto muito ouvir isso. — *Não sentia.* A única coisa pela qual sentia muito era por Jonah ter que testemunhar aquilo. — Ela te contou por que está chateada?

— Disse para eu não me preocupar.

— É isso mesmo. Às vezes, as pessoas ficam tristes e choram, mas sempre passa. Vai ficar tudo bem. — Detestava não ter a energia nem para fingir que me importava com o motivo de sua mãe estar chorando. Minha vontade era simplesmente de parar de falar no assunto o mais rápido possível, para ele não conseguir sentir nada da minha parte. Contar a verdade a ele não era uma opção.

Eu sabia que Torrie não tinha intenção de confirmar a paternidade de Jonah, a menos que eu a obrigasse de alguma forma. Ainda não sabia o que eu queria, frequentemente em dúvida entre exigir um exame de sangue para minha paz de espírito e nunca querer saber.

Minha mente estava uma confusão só, interceptada, com frequência, por cenas de cabelo vermelho, cenas de luz, cenas de Frankie. Nem conseguia começar a imaginar o que ela estava pensando quanto à minha ausência virtual da sua vida. Não conseguia pensar em dar a notícia a ela, explicar que o fato de eu ter partido seu coração todos aqueles anos atrás pode ter sido em vão.

Então, tinha a questão da segurança dela. Eu estava muito mais indignado com as palhaçadas do meu pai agora. E se ele ainda estivesse planejando causar problema para ela? Provavelmente agora estava mais bravo e desiludido comigo depois de ser descoberto seu caso com Torrie. Eu simplesmente não sabia o que fazer. Parecia egoísmo trazer Frankie à confusão que minha vida estava no momento. Nos instantes mais sombrios, eu tinha me convencido de que ela ficaria melhor com aquele velho, que poderia cuidar dela e mantê-la escondida e segura, longe da minha família fodida.

Naquela noite, quando cheguei à casa de Torrie, Jonah finalmente questionou minhas atitudes.

— Por que não me leva mais para dentro da casa?

— Só tem que ser assim por um tempinho. Juro que não será para sempre.

— O que a mamãe fez?

— Adultos brigam de vez em quando, ok? Tudo vai acabar bem. Eu juro. Você não precisa se preocupar. Quando as pessoas discutem, às vezes é melhor ficarem longe até o tempo passar. Mamãe e eu te amamos muito, e é só isso que precisa saber.

Abracei-o bem forte, depois o vi sair do carro e entrar em segurança na casa.

Minha mente estava acelerada na volta. Distraído, quase bati em outro carro na faixa oposta. Foi para me acordar. Pensei em todos os arrependimentos que teria tido se minha vida tivesse acabado bem ali. Foi um lembrete necessário da minha vontade de superar esse momento sombrio. Só precisava de ajuda.

De volta ao meu apartamento gelado e vazio, peguei uma cerveja e me sentei no chão da cozinha com as costas contra a geladeira. Não tinha mais energia para me mover daquele lugar. Eram local e momento aleatórios para

chegar ao fundo do poço, porém sentia que realmente era isso; estava na pior.

— Por favor.

Nem tinha certeza, primeiramente, de com quem estava falando. Deveria ser com Deus.

— Por favor — sussurrei de novo.

Provava que eu realmente acreditava que alguém estava ouvindo, apesar de nunca ter ensinado de verdade a Jonah sobre religião. A St. Matthew era uma escola católica, mas meu filho não tinha realmente crescido com nenhum tipo de fé, pois meus pais me levavam à igreja quando era criança. Embora não soubesse como Deus se parecia, apenas senti uma presença espiritual naquele instante. Então, continuei implorando para essa força maior me guiar. Orei para Deus me ajudar a descobrir os próximos passos, como seguir em frente com minha vida. Era a primeira vez na vida que reconhecia uma crença verdadeira.

Fui dormir, naquela noite, jurando deixar tudo nas mãos de Deus, porque parecia que as minhas não eram capazes mais de lidar com essa situação. Eu tinha chegado ao fundo do poço, e não havia como subir.



Na manhã seguinte, ainda estava usando as mesmas roupas do dia anterior. A única coisa que tinha mudado era que minha barba crescera ainda mais.

Uma batida na porta me assustou. Era cedo demais para lidar com alguém. Melhor que não fosse meu pai.

Quando abri a porta, pisquei algumas vezes para me certificar de que não estava tendo uma alucinação. Tudo era possível, devido à minha privação de sono ultimamente.

Frankie estava ali parada com uma mala gigantesca.

Parecia chocada ao meu ver daquele jeito.

— O que é isso, Mack...

Piscando repetidamente, perguntei:

— Frankie?

Ainda não conseguia acreditar que ela estava ali.

Soltando sua mala, ela pulou em meus braços. Até eu realmente segurá-la, não tinha percebido o quanto precisava dela. Com a distância entre nós, tinha, de alguma forma, me convencido de que conseguiria viver sem ela. Mas, agora, sentia que estava respirando de novo pela primeira vez em semanas.

O que ela disse em seguida realmente tirou meu chão.

— Eu sei, Mack.

— O quê?

— Sei da descoberta que sua irmã fez. Sua mãe e Michaela foram me ver em Boston. Estavam preocupadas com você e me contaram tudo. Não precisamos falar sobre isso agora. Só queria que soubesse que eu sei e que não precisa contar de novo. Não me deve nenhuma explicação. Estou aqui para fazer o que sei de melhor, porque te amo muito.

Simplesmente desabei em seus braços, chorando como um bebê pela primeira vez desde que Jonah nasceu. Como um dia pensei que conseguiria passar por isso sem ela estava além do meu entendimento. Deus tinha me enviado exatamente o que eu precisava: ela.

Assim que me acalmei, sequei os olhos e perguntei:

— Quanto tempo pode ficar?

— Quanto tempo quer que eu fique?

— Para sempre — eu disse sem hesitar. — Não *quero* você para sempre. Eu *preciso* de você para sempre.

— Então, ficarei aqui.

— E seu emprego?

— Tirei uma licença. Não sei se vou voltar um dia.

— E... ele?

— As coisas realmente acabaram com Victor há muito tempo. A única diferença agora é que finalmente fui embora. Era o certo a fazer. Mesmo antes de você e eu nos relacionarmos, meu coração já era seu. Só tinha muito medo de admitir. Victor é esperto. Acho que ele nunca teve esperança de verdade de uma reconciliação, mesmo quando as coisas pareciam ruins entre mim e você nas últimas semanas. Desde quando ele descobriu sobre você, pôde ver como fiquei consumida. Depois de sua mãe e irmã virem me ver, fiquei um lixo. Disse a Victor, naquela noite, que planejava partir para

Virginia assim que colocasse minhas coisas em ordem.

— E as coisas com seu pai?

— O que tem? Preciso aceitar. Mas me sinto muito distante de tudo, para ser sincera. Não o conheço e provavelmente nunca vou conhecê-lo. Não tem nada a ver conosco... com exceção das ameaças do seu pai e de Torrie. Enfim, acho que tenho um plano para resolver essa situação. Mas não quero falar disso agora. Não quero falar de nada triste hoje. Só quero ficar com você, te fazer sentir forte de novo para podermos ter a energia para lidar com tudo isso.

Fiquei passando os dedos no cabelo comprido dela.

— Não consigo acreditar que realmente está aqui. Ontem à noite, depois de deixar Jonah, me senti impotente. Orei pela primeira vez que me lembro e pedi a Deus que me ajudasse. Ele me enviou você. Tenho quase certeza de que foi mais do que eu esperava.

Frankie ficou emocionada.

— Quando nos conhecemos, você viu algo em mim que outras pessoas não viam. Foi o primeiro homem que entrou na minha vida e me fez sentir especial. A vida atrapalhou nossos planos. Mas quero compensar. Quem disse que não podemos? Quando você foi embora de Boston anos atrás, era para voltar para mim. Não era nossa hora, mas não significa que ainda não seja para ficarmos juntos. Então, essa sou eu voltando para você. Vamos pensar que esse é o momento que era para ter acontecido há anos, o início de um novo começo.

— Você faz parecer tão simples.

— Por que não pode ser? Não vamos deixar o medo governar nossa vida. Vamos resolver tudo com o tempo.

Me rendi à vontade urgente de pegá-la no colo.

— Contanto que esteja comigo, sinto que consigo lidar com qualquer coisa.

Ela envolveu as pernas na minha cintura.

— Só precisamos viver um dia de cada vez. E hoje... temos somente uma missão.

— Qual é?

— Fazer você tomar banho e se barbear.

— Está dizendo que estou um monstro?

— Estou dizendo que, se eu tivesse chegado dois dias mais tarde, dormiria com o Chewbacca.

Minha risada reverberou pelo apartamento quando a coloquei no chão.

— Deus, é bom rir de novo.

— Quando foi a última vez?

Deslizei as mãos lentamente por suas costas.

— Foi com você.

Frankie pegou minha mão. Levei-a ao banheiro e abri a torneira. Ela tirou todas as minhas roupas, depois tirou as dela, até ambos estarmos totalmente nus.

Ela se sentou à minha frente na pequena banheira que estava cheia até o topo de espuma e, gentilmente, fez minha barba. Fechei os olhos, muito grato por tê-la comigo. Quando ela finalizou, eu a ergui no meu pau conforme ela montou em mim. Transamos dentro da água até nós dois gozarmos. Se a noite anterior foi o inferno, aquela era minha luz depois da escuridão.

Percebi que aquela não era a garota ingênua pela qual me apaixonei. Ela era minha mulher cuidando de mim, assumindo o controle da minha vida quando eu estava totalmente perdido. Tinha pedido a Deus para me ajudar, e Ele me enviou meu anjo.

Olhando para o teto do banheiro, agradei a Ele em silêncio.

Você foi ótimo.



Frankie e eu ficamos enfiados no meu apartamento por alguns dias. Eu estava, lentamente, melhorando com uma determinação renovada de deixar minha vida — nossa vida — em ordem.

Finalmente acabamos nos aventurando a ir às compras para o apartamento. Esvaziamos a loja de coisas de casa, comprando abajur, travesseiros, velas, quadros e outros itens.

Depois de passar uma tarde inteira decorando o lugar, meu apartamento

gelado estava finalmente parecendo um lar. Percebi que nunca foi tão terrível; só tinha parecido que era porque estava vazio, um reflexo de como eu estava me sentindo. De repente, tornou-se um lugar aconchegante e convidativo. Também queria batizar todos os cômodos com ela da pior maneira.

Naquela noite, levamos nossa roupa suja à lavanderia no fim da rua, no primeiro andar de uma pequena galeria.

Ambos estávamos lado a lado com os braços cruzados, observando as roupas voarem pela secadora. Estava escuro lá fora, e tínhamos sorte de ter o lugar inteiro só para nós.

— Depois de todos esses anos... como viemos parar aqui, lavando roupa juntos de novo? — perguntei.

— É incrível, não é? Tanto tempo se passou, tanta coisa mudou, e aqui estamos. Na mesma situação.

— Só que, naquela época, subiríamos para nossos quartos separados, e eu teria que me masturbar para esquecer toda a minha frustração sexual. Hoje à noite, posso te levar para casa e fazer o que quiser com você. Prefiro a Lavanderia 2.0.

— Eu queria muito você naquela época — ela confessou.

— Pensar nisso me deixa maluco. Estou ficando com tesão só de pensar em como era querer você e sentir que nunca a teria. Era insuportável, às vezes. Você parecia tão inexperiente e inocente naquela época. Lembro de apenas querer te colocar em cima da máquina de lavar, envolver suas pernas em mim, e te foder até você não conseguir mais falar.

— Ou andar. — Ela deu uma piscadinha.

— Também. — Me movi para sugar seu lábio inferior, soltando-o devagar. — Mas éramos bons demais. Nunca nos rendemos ao nosso sentimento.

— Eu te queria tanto que costumava ficar excitada só de estar perto de você, de conversar com você, de ouvir sua voz. Qualquer contato me deixava molhada. Poderíamos só estar conversando no porão, e minha calcinha ficava molhada.

Caramba.

— Estou feliz por não saber disso naquela época. — Pressionando minha ereção nela, eu disse: — Mas me conte mais.

— Na verdade, tenho uma confissão. Acho que vai gostar.

— Vai exigir que abandonemos nossas roupas para ir para o carro?

— Talvez.

— Espero que sim. — Beijei-a, depois falei baixo em seu ouvido: — Diga o que ia falar.

Ela mordeu o lábio.

— Uma vez... roubei uma cueca sua e a vesti. Me masturbei nela até gozar.

— Está me zoando?

— Não.

— Isso é excitante pra caralho. O que mais você fez, sua safadinha?

— Me tocava em sua cama quando você ia para D.C.

— Não brinca? Podia jurar que sentia seu cheiro nos meus lençóis às vezes.

— É. Era eu. Me excitava só com seu cheiro. Fingia que estava comigo, e gozava, muitas vezes, em certos dias, me revirando em seus lençóis.

— Está me matando agora. Me conte mais.

— Uma vez, estávamos assistindo TV, e você dormiu ao meu lado. Seu ombro mal estava tocando o meu. Mas comecei a massagear meu clitóris bem ao seu lado enquanto dormia.

— Puta merda. E eu não fazia ideia. Porra, você era uma masturbadora crônica naquela época.

Suas bochechas ficaram rosadas.

— Era.

— Perdi tudo isso. Preciso corrigir. Quero viver essa fantasia da boxer.

— Talvez depois.

Olhando em volta antes de colocar as mãos na bunda dela e apertar forte, eu disse:

— Não. Acho que não pode esperar.

Os olhos de Frankie praticamente saltaram.

— Aqui?

Beijei seu pescoço, depois peguei uma cueca minha que estava no cesto de

roupas já dobradas.

— É. Quero que coloque minha boxer, quero te assistir ficar com tesão ao meu lado. Só que não estarei dormindo como um idiota. Vou observar cada segundo enquanto bato uma e gozo junto com você.

— E onde faremos isso aqui?

— Somos muito bons em transar em armários de suprimento. Aquele ali está aberto. O cara que está trabalhando está ocupado demais jogando no celular. Não vai ver que estamos lá dentro.

Ela ficou horrorizada.

— Não consigo.

— Vamos fazer assim, se tiver fechadura, a gente faz. Se não tiver, esperamos até chegar em casa.

Fui até lá para verificar e descobri que tinha fechadura. Com um sorriso pateta, fiz um sinal de joia para ela.

Voltando para ela, sorri.

— Bingo!

— Ele está bem ali. Não consigo.

Coçando o queixo, eu disse:

— Espere um pouco.

Ela me observou ir até o atendente e ter uma breve conversa com ele.

— O que acabou de fazer? — ela perguntou quando retornei.

— Dei uma nota de cinquenta para ele. Concordeu em deixar-nos subir para o apartamento dele.

— Você é louco.

— Estou ajudando a economia.

— Está ajudando a economia me observando masturbar em sua cueca na cama de um estranho?

— Falei para ele que estamos separados há oito anos e precisava de um lugar para ficarmos sozinhos e podermos transar pela primeira vez.

— Ele pensa que ainda não transamos?

— É só um pequeno detalhe. Pensei que ele iria aceitar melhor se falasse isso.

Peguei uma toalha antes de levá-la por uma escadaria íngreme ao apartamento do estranho. Entramos por uma cozinha antiga até encontrarmos o quarto. Estendi uma toalha na cama, sabendo que a faria sentir-se melhor.

— Tire sua calça — demandei, e joguei, brincando, a cueca cinza para ela.
— Me mostre como costumava se excitar com isso.

Lentamente, ela tirou a calcinha, mostrando a boceta que eu tinha raspado na noite anterior. Minha boca salivou quando ela vestiu minha cueca por suas coxas esguias.

— Deite-se na cama.

Frankie jogou a cabeça para trás e fechou os olhos assim que deslizou dois dedos pela virilha e começou a movê-los em movimentos pequenos e circulares. Querendo apenas observar por alguns minutos, fingi ser um espectador assistindo a algo que não era para testemunhar. Tinha tirado minha camisa, mas simplesmente fiquei ali com a calça ainda cobrindo minha ereção. Minhas mãos estavam na cintura enquanto me obrigava especificamente a resistir ao desejo de interferir. A recompensa seria muito maior assim.

Quando comecei a ver a umidade aparecendo no tecido da cueca que ela estava usando, foi impossível me conter. Tirando o cinto, deixei a calça cair no chão e saí de dentro dela, andando devagar até Frankie.

Ela rebolou conforme continuava a se excitar. Parado na beirada da cama, comecei a acariciar meu pau liso a apenas centímetros dela, meu olhar fixo no movimento dos seus dedos e os choramings baixos de prazer saindo da sua boca.

Conforme ela me observava me excitar, lambia os lábios e se massageava ainda mais rápido. Sentindo que eu ia gozar, soltei meu pau e fui até os pés da cama antes de engatinhar até ela. A única coisa melhor do que vê-la se dando prazer em minha cueca era poder tirá-la por suas pernas e provar o fruto do seu tesão.

Minha língua trabalhou enquanto minha boca devorou seu clitóris inchado. Com a toalha debaixo do seu corpo, ela puxou meu cabelo a fim de guiar meu rosto até ela.

Gemi em sua pele.

— Tire sua blusa, porque, depois de você gozar na minha cara, quero

gozar em seus peitos.

Depois de ela fazer rapidamente o que pedi, segurou mais firme em meu cabelo e empurrou os quadris em minha boca enquanto chegava ao clímax. Minha língua circulou sua protuberância deliciosa, aproveitando cada gota dela.

Esperei que sua respiração se acalmasse, depois parei acima dela. Curtindo a visão dos seus olhos brilhantes por um instante, sorri, depois baixei a boca até a dela, bem excitado por saber que ela poderia sentir o próprio gosto em minha língua.

Precisando gozar, coloquei meu pau entre seus lindos seios em forma de gota e comecei a fodê-los. Ela apertou os peitos no meu pau conforme eu escorregava para a frente e para trás. Podia sentir que ela estava ficando ansiosa para sair do apartamento estranho, então gozei, lançando meu gozo quente em toda a sua pele cremosa. Ela estava coberta por meu gozo quando abaixei o peito até o dela e a beijei com toda a minha força.

Fizemos nosso melhor para esconder a prova antes de vestir as roupas de volta.

Quando aparecemos de novo lá embaixo, o atendente da lavanderia assentiu para nós. Respondi com um sorriso grato. Era muito bom me sentir humano de novo.

Puxando Frankie em um beijo, eu disse:

— Obrigado por me trazer de volta à Terra. Estava começando a ser sugado para um lugar muito ruim. Tinha me esquecido de como a vida pode ser maravilhosa quando se tem a pessoa que ama ao seu lado, mesmo que esteja passando por dificuldades. Sei que não lidamos com a pior parte ainda, mas você conseguiu me fazer esquecer tudo por alguns dias. E eu realmente precisava me recarregar para resolver tudo.

— Vim para ficar, sabe... para os dias bons e os ruins.

— O fato de estar disposta a assumir esse risco comigo apesar de tudo que aconteceu significa tudo.

— Vamos consertar isso — prometeu, segurando meu rosto e coçando a barba por fazer. — Está pronto para ouvir meu plano sobre como lidar com seu pai?

Minha linda mulher tinha um olhar muito determinado no rosto. Eu estava

curioso para saber o que ela tinha criado em sua cabecinha linda.

— Estou.

— Vamos dar a ele um pouco do seu próprio veneno, e precisamos que todos estejam envolvidos. — Ela parecia muito confiante ao pegar uma camisa da pilha de roupa suja e cheirar.

— Você acabou de cheirar minha camisa suja?

— Talvez. — Ela sorriu impiedosamente.

Algumas coisas nunca mudam, e eu era muito grato por isso naquele momento.



Francesca

— Está pronto? — perguntei.

— O mais pronto que consigo.

Mack e eu estávamos parados diante do prédio do escritório do seu pai em D.C. Tínhamos requisitado uma reunião urgente de família, que também incluía Torrie.

Torrie foi a última a chegar. A mãe de Mack, Vivienne, e a irmã, Michaela, mantiveram distância e nem olharam na direção dela.

— Parece que estamos todos aqui — Mack disse. — É melhor entrarmos.

Michael Morrison estava sentado atrás de sua grande mesa de madeira e girou a cadeira para nos encarar. Estava esperando uma reunião com Mack e eu, mas não esperava ver sua esposa, filha e Torrie.

— O que é isso... uma intervenção?

— É a última reunião que você vai precisar ter comigo — Mack respondeu.

O pai de Mack tinha a pele mais clara que o filho; Mack, definitivamente, se parecia mais com a mãe.

Ele se virou para mim.

— É bom conhecê-la, srta. O'Hara.

— Diria que é um prazer conhecê-lo também, mas desculpe, vai precisar de muito mais do que um dia para isso acontecer, senhor.

— Estou feliz que finalmente resolveu falar comigo, filho. Posso imaginar o que esteve pensando.

Mack colocou o braço em volta de mim.

— Só estou aqui por causa dela. Não quero ouvir o que você tem a dizer, suas desculpas. Não estou aqui para falar sobre as imagens horríveis que minha mãe teve que ver. Só estou aqui para falar para você como as coisas estão conosco... com todos nós.

— Está bem.

— Acho que não há por que discutir que sua prioridade sempre foi sua reputação... a percepção pública. Isso nunca vai mudar. Se tem uma coisa que aprendi na vida foi que não se pode mudar as pessoas. Você é egoísta. Pega tudo que quer independente do que significa para os outros.

Ele não disse nada conforme a atenção de Mack se voltou para Torrie.

— Torrie, não sei muito bem o que pensar de você. Jonah disse que você tem chorado. Obviamente, está um pouco arrependida. Acho que não é uma pessoa horrível lá no fundo nem acredito que seja totalmente culpada pelo que aconteceu. Tem certa razão quando diz que nunca lhe dei o carinho de que precisava. Estava apaixonado por outra pessoa, e acho que não fiz um trabalho muito bom ao esconder o fato de que meu coração não era seu. Nesse meio-tempo, você caiu no feitiço de um homem poderoso, mas corrupto, que, por sinal, é meu pai. Ele te manipulou. Já que não posso me desconectar de você porque é mãe do meu filho, quero tentar aprender a te perdoar, contanto que chegemos a um acordo hoje.

Com lágrimas se formando nos olhos, Torrie simplesmente assentiu.

— Só vou deixar uma coisa muito clara. Não quero ter que fazer um teste de paternidade. Jonah é meu filho. Sou o único pai que ele conhece. Não quero que ele duvide do meu amor por ele. Se, um dia, eu resolver contar a ele sobre a possibilidade de seu avô ser, na verdade, seu pai, vai ser, idealmente, quando ele for bem mais velho, a menos que me obrigue a fazer isso antes.

Mack realmente não tinha intenção de obrigar Jonah a fazer um teste, mas queríamos que o pai dele acreditasse que ele tinha. Então, estávamos contando que essa ameaça funcionasse.

— O que isso significa? — seu pai perguntou.

Michaela interrompeu.

— Tenho o vídeo e as fotos nuas de Torrie. Vou à imprensa com eles se você não concordar com nossos termos. Sua carreira política vai acabar. A

imprensa terá um dia inteiro para divulgar que o fato de você ter tido um caso ardente com a namorada do seu filho e que poderia ser o pai do seu próprio neto.

Sem parecer muito surpreso com a ameaça, Michael perguntou:

— Quais são seus termos?

— Primeiro, dê à mamãe o que ela pedir no divórcio — Michaela disse.

Vivienne falou pela primeira vez.

— Aliás, vou entrar com o divórcio. — Aparentemente, ela ainda não tinha anunciado isso.

Michaela segurou a mão da mãe conforme continuou.

— Ela fica com a casa da família, e você garante que tudo será resolvido o mais rápido e discretamente possível.

Michael bateu de leve a caneta na mesa.

— Suponho que tenha mais coisa.

— Tem, sim — Mack confirmou. — A informação que você descobriu sobre o pai biológico de Frankie será apagada. Fará tudo em seu poder para protegê-la e para manter essa informação o mais privada possível, e, em troca, protege Jonah porque Frankie vai morar conosco. Assim mantém nós três fora de suas estratégias políticas. Não queremos ter relação com nada disso.

Torrie falou pela primeira vez.

— O que exatamente quer dizer quando fala que Jonah vai morar com você? Não vai tirá-lo de mim.

— Nada vai mudar em nossos termos da custódia durante a semana, mas não quero mais que ele fique com babás durante o dia. Vou pegá-lo na escola e deixá-lo comigo até você chegar em casa do trabalho.

Ela não concordava com isso.

— Tem mais alguma condição? — seu pai perguntou.

— Tem. Você fica longe do meu filho e aceita que não tenho intenção de questionar meu papel como pai dele.

Michael assentiu uma vez, depois perguntou:

— Acabamos?

— Tem mais uma coisa — a irmã de Mack disse. — Você vai fazer terapia. Não sei como vai fazer para manter isso em particular, mas descubra um jeito. Você é narcisista e precisa de ajuda.

Depois de um bom tempo que pareceu uma eternidade, o político rígido esfregou os olhos e se pronunciou:

— Concordo com esses termos.

— Ótimo — Michaela disse. — Espero que consiga se curar. De verdade. Sua carreira vai acabar um dia, e aí o que vai sobrar para você? Nós e mamãe temos um ao outro, e o que você vai ter?

Todos aguardaram com a respiração presa sua resposta até ele finalmente falar:

— Espero ter o perdão de vocês algum dia.

— Vai depender de suas atitudes daqui para a frente — ela disse.

Ele olhou nos olhos da filha.

— Entendido.

Mack se cansara. Levantou-se da cadeira.

— Adeus, pai.

Eu o segui até lá fora.

Ele tinha parado logo que saiu. O vento estava soprando seu cabelo.

Cheguei por trás dele e perguntei:

— Você está bem?

— Estou. Me sinto incrivelmente livre. — Ele sorriu. — Bem-vinda à minha família maluca.

— Ei, está esquecendo que venho de uma linhagem maluca também, aparentemente. Então, vou me encaixar.

— Que bom. Talvez, juntos, a gente consiga acabar com essa maluquice.
— Mack me deu um selinho.

A visão das pernas longas de Torrie se aproximando de nós interrompeu nosso momento. Nós dois nos viramos para encará-la.

Ela pigarreou.

— Só queria dizer que sinto muito pelo jeito que tudo acabou.

— Acabou tudo de um jeito ótimo, na verdade — Mack disse. — Não

poderia estar mais feliz com como as coisas se resolveram.

Ela se direcionou a mim.

— Acho que o que estou tentando dizer é que sinto muito pelo que fiz com você com a carta. Entendo agora como é estar do outro lado da chantagem, e não é divertido. Estava desesperada quando enviei aquela correspondência a você. Sei que tenho muito trabalho e, apesar de não esperar que me perdoe, só preciso que saiba que sinto muito por qualquer dor que tenha lhe causado.

Olhando para Mack, ela disse:

— Por favor, entre em casa quando for deixar Jonah a partir de agora. É tudo que peço. Quero que ele acredite que as coisas vão ficar bem, mesmo que tenhamos um longo caminho a percorrer. Sei que pensa que sou extremamente cruel, mas me importo de verdade com a percepção do meu filho em relação à situação.

Estranhamente, acreditei nela.

— Posso fazer isso... por ele — Mack prometeu.

— E não vou lhe causar problema, Francesca. Se vai conviver com Jonah, então temos que, pelo menos, ser cordiais, mesmo que você e Mack me odeiem lá no fundo. Realmente quero que ele veja que estamos nos dando bem, mesmo que seja uma ilusão.

Mack nem tentou discutir com a opinião dela sobre a odiarmos. Ele apenas disse:

— Tenha um bom dia, Torrie.



Torrie cumpriu sua palavra. Mack e eu pegaríamos Jonah todos os dias na escola e o levaríamos para nosso apartamento até ela chegar do trabalho.

Conforme procurava emprego de professora na região, comecei a pensar que, talvez, meu tempo fosse melhor aproveitado ajudando a cuidar de Jonah para Mack poder se concentrar no trabalho e não precisar contratar ninguém para ajudar. Embora Jonah ficasse na escola a maior parte do dia, ficar sem trabalhar possibilitava que eu o buscasse na escola todas as tardes. Ele detestava o ônibus, e não o obrigávamos a pegá-lo.

Desde que me mudei, nós notamos que os comportamentos de Jonah

pioraram. Ele parecia mais arredio e ansioso, o que era estranho, já que provavelmente nunca teve tanta atenção.

Eu sempre via muito de mim nele, quando era mais jovem, mas, certa tarde, descobri algo que realmente provava o quanto isso era verdade.

Limpendo seu quarto enquanto ele estava na escola, certo dia, vi um caderno escondido debaixo da cama. Abri e encontrei as mesmas duas frases escritas repetidamente com a letra de Jonah.

Não vou matar meu pai.

Sou uma boa pessoa.

Primeiro, fiquei sem saber o que pensar. Estava com medo de contar para Mack e com mais medo da reação de Jonah se descobrisse o que eu tinha visto. Resolvi que iria levar Jonah para passear depois da escola para podermos falar sobre isso antes de contar ao pai dele. Achava que Mack não iria lidar muito bem com isso. Ele era forte, mas, quando se tratava do filho, ficava muito preocupado e se sentia impotente com frequência.

Naquela tarde, Jonah estava sentado em silêncio no banco de trás da minha Toyota RAV4. Ele estava olhando para fora pela janela enquanto eu dirigia até um parquinho perto do apartamento.

Quando chegamos, pedi que ele se juntasse a mim em um banco de onde dava para ver os brinquedos de madeira. O sol estava brilhando em seus olhos cor de mel.

— Então, encontrei uma coisa no seu quarto hoje e, antes de te mostrar, quero que saiba que não contei ao seu pai. Isso é só entre mim e você por enquanto. Também quero que saiba que pode me contar absolutamente qualquer coisa, e nunca vou te julgar. Às vezes, é bom ter alguém para conversar além dos nossos pais, alguém para quem possa se abrir. Quero ser essa pessoa para você, Jonah. Ok?

O medo preencheu seus olhos conforme peguei o caderno da minha bolsa.

— Encontrei este caderno no seu quarto. — Quando ele começou a tremer, peguei sua mão. — Vai ficar tudo bem, mas quero que me conte por que escreveu essas duas frases repetidamente.

Uma lágrima escorreu por sua bochecha. Isso era doloroso, mas eu sabia que precisava ser feito.

— Está tudo bem. Leve o tempo que precisar. Só quero te ajudar.

Ele finalmente olhou para mim e disse:

— Por favor, não conte para o meu pai. Por favor.

— Seu pai te ama, Jonah. Não há nada que você possa dizer, fazer ou pensar que vá mudar isso.

Depois de um bom tempo, ele admitiu:

— Tenho uns pensamentos assustadores. Não consigo fazer parar. — Ele fechou os olhos fortemente para impedir mais lágrimas.

— Há quanto tempo acontece isso?

— Muito tempo.

— Desde quando conheço você?

Ele assentiu que sim.

— Me conte sobre eles.

— Às vezes, consigo me ver machucando meu pai, às vezes, é minha mãe, mas, principalmente, meu pai.

— Você sabe que pensamentos são apenas pensamentos, certo? Não significam nada.

— Odeio eles. Fico com medo. — O olhar de medo em seu rosto era palpável.

Uma luz se apagou em minha mente. Isso soava bizarramente familiar.

— Quando tem esses pensamentos... o que você faz?

— Tenho que pensar muito neles até me sentir melhor... até saber que não vou fazer isso. Depois, eles voltam piores, e tenho que fazer a mesma coisa. Nunca acaba.

— Jonah... sei que vai soar estranho, mas acho que era nosso destino nos conhecermos, que era para eu entrar na sua vida.

— Por quê?

— Isso se parece muito com o que costumava acontecer comigo quando tinha sua idade. É chamado de TOC.

— TOC?

Tive que parar e pensar em como explicar melhor. Apesar de não ser médica e não poder diagnosticá-lo, desconfiava que Jonah sofresse de um caso bem ruim de pensamentos intrusos, mais conhecido como TOC Puro —

exatamente a mesma coisa que sofri por anos. Ele estava desenvolvendo rituais infinitos para amenizar seu medo.

— Quando eu era mais jovem, costumava ter visões nas quais eu esfaqueava minha avó. Ela que cuidava de mim enquanto minha mãe trabalhava. No fundo, eu sabia que nunca faria isso, mas os pensamentos me assustavam. Quanto mais me assustavam, mais reapareciam.

— Você nunca machucou sua avó?

— Não. Não machuquei. Mas sabe de uma coisa? Esses pensamentos... costumam se concentrar nas pessoas que você mais ama. Então, se está pensando isso em relação ao seu pai, provavelmente é por isso.

— Como faz para parar?

— Esse é o problema. Não pode realmente fazê-los parar. Tem que aceitar que são apenas pensamentos. Enquanto te assustarem e você focar neles, sempre estarão aí. Mas, se reconhecê-los pelo que são... somente besteiras que sua imaginação inventa... em certo momento, vão parar de te incomodar.

— O que faço quando tiver um?

— Você para e fala “Ok, aqui estão os pensamentos de novo. Sei que são apenas pensamentos. Vou deixá-los ficarem aí e vou brincar de alguma coisa que gosto ou comer um lanche”.

— Parece bem difícil.

— É... no começo. Mas precisa de tempo e prática. Vou te ajudar, ok? Mas precisa me deixar contar para seu pai.

De repente, ele colocou a mãozinha no meu joelho.

— Não, não pode!

— Juro que ele vai compreender. O plano de saúde pode pagar um médico especial que vai te ajudar a entender que o que tem é TOC e não significa que seja ruim. O médico vai fazer exercícios com você que vão te ajudar a lidar com isso.

— Foi isso que você fez?

— Foi. Consultei um especialista que me ajudou. Ele ajudava, todos os dias, pessoas com os mesmos pensamentos assustadores que nós temos. E juro para você, Jonah, vai melhorar. Dá para aprender a conviver com isso. Nunca deve se envergonhar de me contar qualquer coisa, ok?

Depois de uma longa pausa, ele disse:

— Ok, Frankie Quatro Olhos.

Quando ele sorriu, meu coração aqueceu. Eu conhecia a dor e o sofrimento pelos quais ele deve ter passado ao guardar isso para si mesmo. Do jeito que ele me olhava e pelo TOC, Jonah realmente me lembrava de mim mesma mais nova. Não seria professora, sentia que meu lugar naquele momento era ajudar aquele garotinho a lidar com sua própria cabeça.

Eu não tinha dúvida de que era exatamente isso que eu precisava fazer.



Mack

Levamos Jonah a um profissional que diagnosticou, oficialmente, que ele tem Transtorno Obsessivo Compulsivo. O médico descreveu como um transtorno mental que se alimenta da insegurança.

Aparentemente, meu filho sofria disso nos últimos dois anos. O TOC, em conjunto com sua ansiedade generalizada, tinha tornado a vida dele um inferno.

Não tínhamos como saber sobre os pensamentos assustadores dentro da sua cabeça. Se não fosse por Frankie, provavelmente não teríamos descoberto tudo. Sempre soube que a presença dela na minha vida era uma bênção, mas nunca poderia agradecê-la pelo que fez pelo meu filho. Embora ele ainda sofresse de TOC, não se sentia mais constrangido.

Finalmente, minha casa em Massachusetts foi vendida. Tínhamos acabado de sair do apartamento e mudado para uma casa novinha na cidade de Alexandria. Rodeados por caixas, nossa vida parecia um caos. Mas, apesar da bagunça, nunca me sentira tão em paz.

Frankie estava se trocando para nossa primeira noite fora desde a mudança. Ela estava se olhando inteira no espelho e não fazia ideia de que eu a observava. Ela se virou para olhar a bunda no vestido, e tudo que consegui pensar foi em como mal podia esperar para ver aquele corpo lindo grávido com meu filho um dia. Ter essa experiência com ela seria como passar por isso pela primeira vez, já que vivi em negação até o nascimento de Jonah. Mal podia esperar para viver a vida com ela e continuava grato pela segunda chance.

— Quero muito engravidar você.

Assustada, ela ficou surpresa com o som da minha voz.

— Bom, não posso dizer que alguém já me recebeu com essa frase.

— Falei isso em voz alta?

— Não era para falar?

Envolvendo os braços nela por trás, eu disse:

— Só estava pensando no quanto te amo e no quanto quero ter nosso filho um dia.

— Um dia... ou agora?

— Eu te engravidaria agora, se me deixasse.

Frankie se virou para me encarar.

— Sêrio?

— Por que isso te surpreende?

— Não sei. Nunca falamos disso. Acho que sempre presumi que quisesse se concentrar em Jonah por um tempo.

— Sempre vai ser assim, não vai? Não há nada que eu queira mais no mundo do que fazer um ser humaninho com você. Acho que um filho seria exatamente a cola de que esta família destruída precisa agora. Um irmão também pode dar a Jonah algo positivo no que focar. Mas não espero que concorde com isso até estar pronta, independente se for no ano que vem ou daqui a cinco anos. Só estava pensando alto. — Beije-a na testa. — Você parece chocada.

— Na verdade... isso pode parecer loucura, mas, ultimamente, estive pensando no quanto quero um bebê com você também. Estava com medo de te contar o quanto eu queria, porque achava que era muito cedo.

— Nunca tenha medo de me pedir o que quer. As chances são de eu querer ainda mais, principalmente se for te fazer feliz. E especialmente se o processo para chegar lá envolver bastante sexo com você. — Enganchei o dedo sob a alça do seu vestido. — Então, devemos começar, não é?

— Não está meio ao contrário? — Ela deu risada.

— Como assim?

— Não deveríamos ficar noivos primeiro ou algo assim?

— Oh... claro. — Minha cabeça começou a latejar quando enfiei a mão no bolso de trás. — Espere um pouco. — Tirei a caixinha de veludo que estivera

carregando comigo todos os dias há semanas.

— Isso é o que acho que é?

— É, Frankie. Não vou tirar um pingente daqui. Seria uma merda.

Seus olhos se arregalaram.

— Ia me pedir em casamento esta noite?

— Não sabia. Estive carregando isso todos os dias no caso de o momento certo aparecer.

— Agora? Agora é o momento certo?

— Você acabou de me dizer que vai me deixar te engravidar. Diria que o momento certo, provavelmente, foi há um ano. Estou atrasado.

Ela cobriu a boca em choque.

— Oh, meu Deus. Isso está mesmo acontecendo?

Apoiando um joelho no chão, olhei para ela.

— Frankie Jane... obrigado por me dar alegria. Você foi a primeira pessoa que me trouxe à vida. A verdadeira alegria me abandonou quando ficamos separados. Mas está de volta. Quer se casar comigo e me deixar te engravidar... o que quer que venha primeiro?

Ela gesticulou, empolgada.

— Sim!!

Depois de colocar o diamante de um quilate e meio em seu dedo, ela olhou para a mão e balançou a cabeça, parecendo não acreditar.

— Parte um e parte dois são bem diferentes, não são?

Entrelaçando seus dedos nos meus, perguntei:

— Do que está falando?

— Sinto que nosso relacionamento pode ser dividido em duas partes. Nossa época na faculdade é, tipo, a parte um. Foi divertido e sobre autodescoberta. Foi até inocente... com exceção do fato de você ter namorada. A parte dois tem sido desafiadora. Tivemos que nos reaproximar para encontrar essa antiga conexão de novo, mas também tivemos que lidar com novos obstáculos.

— Você escolheu o caminho mais difícil quando me escolheu. Isso é certeza.

— Às vezes, quanto mais difícil o caminho, melhor é o destino. A parte dois está muito mais difícil, porém as recompensas são maiores do que eu poderia imaginar. Mais fácil nem sempre é melhor. Escolheria a parte dois com você e Jonah sempre.

De repente, peguei-a no colo e a carreguei até a cama.

— O que vai fazer? — Ela deu risada.

— Gostaria de começar a parte três.



Um Ano Depois

Eu não conseguia dormir por nada. A empolgação do que iria acontecer no dia seguinte estava me mantendo acordado. Impulsivamente, peguei uma caneta e papel do meu criado-mudo e comecei a escrever algo em que estivera pensando há um tempo.

Querido Freddie,

Você não me conhece, e nem vou te contar meu nome. Mas me senti obrigado a escrever para você por muito tempo.

Sei que você sabe que tem uma filha. O que provavelmente não sabe é o tipo de pessoa que ela é ou o que ela se tornou. Sua filha é um ser humano lindo e a mulher que amo. Deve estar se perguntando como alguém gentil e de bom coração pode ser sua filha. Imagino que você tem tido bastante tempo ao longo dos anos para pensar em suas ações do passado, e talvez se arrependa de tudo que fez na juventude. Talvez não. Mas, de qualquer forma, estou escrevendo para te avisar que você fez uma coisa certa na vida: trouxe uma pessoa altruísta e compassiva a este mundo.

Sua filha cresceu pensando que o pai a tinha abandonado, que você não a queria. Sei que a verdade não é tão simples. Você era jovem e se envolveu em encrencas das quais nunca mais pode fugir. Ela sabe agora. Recentemente, soube da história sobre você e, embora ela tenha decidido não te conhecer, entrou em um acordo comigo. Meu filho de quase nove anos perguntou a ela, há muito tempo, se ela te perdoava. Isso foi antes de ela saber a verdade. Na época, ela disse que precisava pensar para responder. Ontem à noite, ela cumpriu essa promessa. Disse que, embora seu pai tivesse cometido alguns

erros, o perdoava e usou isso como uma lição para ensinar o perdão ao meu filho. Ela é uma pessoa melhor do que eu, porque ainda estou pensando se perdoo meu próprio pai por suas imprudências. Enfim, pensei que, talvez, saber disso pudesse te ajudar a dormir melhor à noite, independente se pensa que merece esse perdão ou não.

Estou sentado aqui escrevendo isto e me preparando para me casar com ela amanhã em uma pequena cerimônia com apenas nossos familiares e amigos mais próximos. Você não estará lá para levá-la ao altar. Em vez disso, ela andarão até mim sozinha. Foi escolha dela e representa o espírito independente e forte que ela sempre teve.

Não sei se escrever esta carta é um erro ou não. Nem sei o que me levou a escrever para você esta noite. Talvez seja porque, como pai, realmente entendo que, não importa quantas vezes fodemos com tudo, a única constante é o amor por nossos filhos.

Quero que saiba que não precisa se preocupar com o bem-estar da sua filha. Sempre cuidarei dela e ela nunca mais sentirá falta de nada, principalmente do amor de um homem.

Cuide-se, e espero que esta carta lhe traga pelo menos um pouco da paz que sua filha me trouxe.

Sinceramente, M.M.



Mack

Três anos depois

— Lembra daquelas histórias que você contava... aquelas sobre Frankie? Por que não escreve mais delas?

Amo que meu filho a chame de Frankie também.

— Acho que a vida real é mais empolgante do que qualquer aventura que a Frankie Quatro Olhos pudesse viver. Frankie Quatro Olhos se casou com Mackenzie Magic, e eles viveram felizes para sempre. Fim.

— Você podia procurar as histórias e ler para Joy quando ela conseguir entender — Jonah disse.

— Boa ideia. Talvez possamos trazê-las de volta quando ela tiver idade para compreender.

Apesar da minha empolgação quanto aos planos de engravidar Frankie, demoramos um tempo para conceber. Fiquei com medo de não conseguirmos. Mas nosso pequeno milagre nasceu depois de pouco mais de dois anos após nos casarmos.

Sempre sonhara em ter uma filha com a mesma cor de cabelo da mãe. Mas acabou que minha linda menininha se parecia exatamente comigo. Porém, tinha o nariz rechonchudo de Frankie. Eu dava risada ao ver o nariz fofo da minha esposa em um ser humaninho que se parecia comigo, com exceção disso. Era nossa própria versão de troca de rosto.

Joy Elena tinha acabado de fazer um ano e estava começando a andar. Jonah estava segurando as mãos da irmã e estava em pé atrás dela para garantir que ela não caísse. Ter uma irmãzinha de quem cuidar e para

proteger tinha dado ao meu filho um novo propósito e ajudava a distrair sua cabeça. Jonah ainda sofria com sua desordem de ansiedade, mas tinha feito muito progresso nos últimos anos.

Eu tivera a ideia de Joy¹ por motivos óbvios. Sempre agradeceria Frankie por trazer Joy à minha vida, e ter nossa filha com o nome de Joy dava um novo significado a isso. Seu nome do meio, Elena, era por causa da sra. Migillicutty, que tinha falecido de repente próximo de quando Joy nasceu. Minha antiga vizinha tinha escolhido que suas cinzas fossem distribuídas entre as muitas pessoas de quem ela gostava. Um tempo depois da sua morte, recebemos uma carta da sua família dizendo que éramos uns dos escolhidos para essas cinzas. Quando a pequena urna foi entregue em nossa casa, ficou claro que, até em sua morte, a sra. M conseguia nos fazer rir. Havia um bilhete incluso dizendo *Me coloque em algum lugar perto do bar. Só não me confunda com sal e coloque na margarita*. Resolvemos manter suas cinzas em uma garrafa do seu rum preferido em um local especial.

Naquela noite em particular, eu estava nas nuvens. Tinha minha esposa, meu filho e minha filha comigo. Estávamos comemorando o primeiro aniversário de Joy. Mais cedo, tínhamos assistido a ela enfiar a mãozinha gordinha repetidamente em seu bolo especial, fazendo uma enorme sujeira.

Frankie estava amando ser uma mãe que fica em casa. Embora nunca tivesse voltado a dar aula em tempo integral, ela dava plantão durante as tardes e planejava voltar à graduação em certo momento para se tornar terapeuta de TOC.

Ainda estávamos afastados do meu pai, que tinha sido reeleito. Apesar da sua carreira política ser um sucesso, sua vida pessoal permanecia uma confusão enquanto nós continuávamos vivendo nossa vida separada dele. Até onde eu sabia, ele tinha cumprido todas as suas promessas, inclusive consultando discretamente um terapeuta. Torrie ainda trabalhava para ele, mas, em geral, meu relacionamento com ela tinha se tornado amistoso, mas distante. Depois da intervenção no escritório do meu pai, nunca mais veio à tona a questão da paternidade de Jonah.

Joy se aproximou de mim com suas pernas cambaleantes. Jonah estava bem atrás dela a cada passo, guiando a irmã direto para os meus braços. Peguei minha filha no colo e beijei suas bochechas gordinhas e rosadas que ainda tinham um cheiro doce. Ela me ensinara que eu tinha uma capacidade

ainda maior de amar do que achava possível.

Frankie sentou-se no sofá ao nosso lado e olhou para minha mãe.

— Você percebeu que Joy tem os mesmos dedos grudados de Jonah?

— Está falando dos pés diferentes? — minha mãe perguntou.

— É. Só os dois dedos, mas são os mesmos. — Frankie ergueu o pé da nossa filha. — Olhe o jeito como esses dois dedos são unidos. Os de Jonah são iguaizinhos.

— Exatamente como os da avó — minha mãe comentou.

— Está falando... de você? — perguntei. — Você tem os dedos assim?

Minha mãe apontou para os pés.

— Tenho, sim.

Meus olhos se arregalaram.

— Como eu nunca soube disso?

— Não sei. Talvez eu nunca tenha comentado ou você simplesmente não se importava em olhar para o pé da sua mãe. É genético, sabe. Minha mãe e minha irmã também têm. Muitos dos Mackenzie tinham. Pode pular uma geração, que foi onde você foi poupado, Mack.

Meu mundo pareceu parar naquele instante enquanto processava o que ela acabara de me contar.

— Quer dizer que meus filhos herdaram esses dedos unidos de você? Joy herdou de você? E Jonah... Jonah... herdou de você também? Então, é uma característica dos Mackenzie, não dos Morrison. Entende aonde quero chegar?

Minha mãe sorriu.

— Não acredito que nunca pensamos nisso antes. Nunca percebi que os dedos de Jonah eram assim. Do contrário, teria falado alguma coisa.

A expressão de Frankie se iluminou, e lágrimas começaram a se formar em seus olhos. Ela tinha entendido exatamente aonde eu queria chegar. Se aquela característica era genética e existia na família da minha mãe, então havia uma boa chance de Jonah ter herdado isso de mim. Não do meu pai. *De mim.*

Me aproximei dele e dei um beijo demorado em seu rosto. Ele foi pego totalmente de surpresa e ficou perplexo.

— Pai, o que está fazendo? Que nojo!

— Nada, filho. Nada. Não importa.

Mas importava. Importava muito — mais do que eu pensava.

Não precisávamos do maldito teste.

Ele é meu filho.

Jonah se afastou sem saber enquanto ajudava Joy a dar seus passinhos vacilantes até o outro lado da sala.

Minha esposa, que entendia a magnitude dessa descoberta, se jogou em meus braços e sussurrou:

— Parabéns, papai Mack.

Fim

¹ Joy significa “alegria” em inglês. (N.T.)



Obrigada, primeiro e mais importante, a cada leitor que continua me apoiando e falando dos meus livros. Seu entusiasmo e sua sede por minhas histórias são o que me motiva todos os dias. A todos os blogueiros literários e autores que me apoiam, eu não estaria aqui sem vocês.

À Vi. Toda vez que agradeço a você em um livro, fico mais perdida em palavras do que a vez anterior, porque você se torna cada vez mais importante para mim como amiga e parceira conforme o tempo passa. Não poderia fazer isso sem você. Estou muito feliz por termos “arriscado” nessa parceria de escrita, mas também sei que, se todos os livros desaparecessem amanhã, eu ainda teria uma amiga incrível, e que isso, para mim, vale mais do que qualquer coisa.

À Julie. Você arrasou muito este ano. Obrigada por sua amizade e por sempre me inspirar com suas maravilhosas escrita, atitude e força.

À Luna. Obrigada por seu amor e apoio todos os dias. Estou ansiosa demais para te ver este ano. Este é o ano da Luna, e mal posso esperar para comemorar com você, Mamacita!

À Erika. Nos conhecemos por causa das minhas palavras. Mas as *suas* palavras de gentileza e encorajamento diariamente significam mais para mim do que imagina. Amor e Larry para sempre.

Ao meu fã-club de Facebook, Penelope's Peeps. Amo todos vocês. Sua empolgação me motiva todos os dias.

À Queen Peep Amy. Obrigada por trabalhar como administradora de Peeps e por me apoiar desde o início. Que venham mais almoços!

À Mia. Obrigada, minha amiga, por sempre me fazer rir. Sei que vai nos trazer palavras fenomenais este ano, e mal posso esperar para mais da mamãe

de Arsen!

À minha publicitária, Dani, da InkSlinger P.R. Obrigada por tirar um peso dos meus ombros e por guiar este lançamento. É um prazer trabalhar com você.

À Elaine, de Allusion Book Formatting and Publishing. Obrigada por ser a melhor editora e formatadora que uma mulher pode pedir.

À Letitia, de RBA Designs. A melhor designer de capa que existe! Obrigada por sempre trabalhar comigo até a capa ficar exatamente do jeito que quero.

À Lisa, de TRSoR, e Milasy Mugnolo. Obrigada por seu apoio constante ao longo dos anos.

À minha agente, Kimberly Brower. Palmas para o mundo, que dá voltas. Obrigada por acreditar em mim muito antes de ser minha agente, desde quando era blogueira e eu, uma autora iniciante.

Ao meu marido. Obrigada por sempre suportar muito mais do que deveria para eu conseguir escrever. Te amo muito.

Aos melhores pais do mundo. Tenho muita sorte em ter vocês! Obrigada por tudo que sempre fizeram por mim e por sempre me apoiarem.

Às minhas melhores amigas: Allison, Angela, Tarah e Sonia. Obrigada por aguentarem essa amiga que, de repente, se transformou em uma escritora maluca.

Por último, mas não menos importante, obrigada à minha filha e ao meu filho. Mamãe ama vocês. Vocês são minha motivação e inspiração!



Penelope Ward é autora best-seller do *New York Times*, *USA Today* e número 1 no *Wall Street Journal* de treze romances. Ela foi quinze vezes best-seller do *New York Times* (chegando ao segundo lugar em três momentos diferentes). Muitos de seus livros foram traduzidos para outras línguas e podem ser encontrados em livrarias no mundo todo.

Penelope passou a maior parte de seus vinte anos como âncora de um telejornal antes de trocar para uma carreira que possibilitava ficar mais perto da família. Cresceu em Boston com cinco irmãos mais velhos. Ela vive para ler livros do gênero jovem-adulto, beber café, trocar mensagens com seu marido e, às vezes, a coautora Vi Keeland, assim como sair com suas amigas e família aos fins de semana.

Ela é a mãe orgulhosa de uma menina de 12 anos com autismo (a inspiração para a personagem Callie em *Gemini*) e de um garoto de 10 anos, e ambos são a luz da sua vida.

Penelope, o marido e os filhos moram em Rhode Island.

Fale com Penelope por e-mail em: penelopewardauthor@gmail.com

Assinatura de Newsletter: <http://bit.ly/1X725rj>

Página da autora no Facebook:

<https://www.facebook.com/penelopewardauthor>

Fã-clube do Facebook (Peça para entrar!):

<https://www.facebook.com/groups/PenelopesPeeps/>

Instagram: <https://instagram.com/PenelopeWardAuthor>

Twitter: <https://twitter.com/PenelopeAuthor>

Website: www.penelopewardauthor.com

Contents

1. [Capa](#)
2. [Copyrights](#)
3. [1](#)
4. [2](#)
5. [3](#)
6. [4](#)
7. [5](#)
8. [6](#)
9. [7](#)
10. [8](#)
11. [9](#)
12. [10](#)
13. [11](#)
14. [12](#)
15. [13](#)
16. [14](#)
17. [15](#)
18. [16](#)
19. [17](#)
20. [18](#)
21. [19](#)
22. [20](#)
23. [21](#)
24. [22](#)
25. [23](#)
26. [Epílogo](#)
27. [Agradecimentos](#)
28. [Sobre a Autora](#)